

**O modernismo de Delfim Maya.
As esculturas em folha de ferro e noutros metais em 1934**

Maria José de Barros e Cunha Maya

**Dissertação de Mestrado em História da Arte
Volume II**

Agosto 2021

Maria José de Barros e Cunha Maya

O modernismo de Delfim Maya.

As esculturas em folha de ferro e noutros metais em 1934

Volume II

Agosto 2021

ÍNDICE

VOLUME II

1. Fotografias

1.1. Índice de fotografias	1
1.2. Fotografias	11

2. Anexos

Anexo 2.1. A (in)visibilidade de Delfim Maya em Museus e outras instituições	95
Anexo 2.2. Exposições de Delfim Maya: críticas, catálogos e afins	109
Anexo 2.3. Cartas	185
2.3.1. Cartas de Delfim Maya	185
2.3.2. Cartas para Delfim Maya	194
Anexo 2.4. Outra documentação	206
Anexo 2.5. Quadros construídos	222
Quadro 1 – Exposições coletivas em que D. Maya participou	222
Quadro 2 – Exposições individuais de D. Maya	228
Quadro 3 – Artistas portugueses no <i>Salon d'Automne</i> . 1903-1935	230
Quadro 4 – Escultores dos Salões da Primavera. SNBA. 1901-1958	231
Quadro 5 – Temas da escultura dos Salões da Primavera 1901-1960	239

1. FOTOGRAFIAS

1.1. Índice de fotografias

Capítulo 1

- F.1. Delfim (em pé à direita) com seus pais e irmãos. ADM.
- F.2. Delfim (em pé à direita) com o seu pai e os dois irmãos, João e António. ADM.
- F.3. A representação de Portugal nos Concursos Hípicos Internacionais de Barcelona e Valência del Cid (1910): o Alferes Delfim Maya (em pé à esquerda) com o Capitão Domingos de Oliveira e os Tenentes Jara de Carvalho, Casal Ribeiro, António Calado e Silveira Ramos. ADM.
- F.4. Delfim Maya participando num concurso de salto de obstáculos. (anterior a 1919). ADM.
- F.5. Delfim Maya montando Mufilo, depois de vencer o Grande Prémio do Concurso Hípico Internacional de Lisboa. 1918. ADM.
- F.6. A elegância de Delfim Maya fez moda no Chiado. ADM.
- F.7. Delfim a sua mulher Augusta. ADM.
- F.8. Os 4 filhos de Delfim e Augusta: M.^a Cristina, M.^a Luísa. Francisco e Victor. ADM.
- F.9. Fotografia de Augusta com dedicatória de Delfim. ADM.
- F.10. Delfim e Augusta com cerca de 80 anos. ADM.
- F.11. Delfim Maya. Folheto Feira de Santo Isidro. 1919. (ass.). ADM.
- F.12. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. 1919. Col. part.
- F.13. A Casa de Santa Isabel, na Rua da Arrábida, 7, esquina com a Travessa da Arrábida. ADM.
- F.14. Delfim e Augusta com os 4 filhos e os 4 sobrinhos na praia das Maças. ADM.
- F.15. Preso no Forte de São Tiago, no Funchal, Delfim recebeu a visita de Augusta. 1930. ADM.
- F.16. Delfim Maya. Barco entrando no porto do Funchal. 1930. Col. part.
- F.17. Delfim em fato de trabalho no jardim do seu atelier. ADM.
- F.18. Delfim, em férias, andando de bicicleta. ADM.
- F.19. Delfim na casa de férias na Lousã, perto da casa de Carlos Reis. ADM.
- F.20. Delfim com o seu amigo Carlos Carneiro: em traje de montar e numa exposição do pintor. ADM.
- F.21. Carlos Carneiro. *Retrato de Delfim Maya*. 1934. Desenho a carvão e lápis de cera. Col. part.
- F.22. Eduardo Malta. *Retrato de Delfim Maya*. 1937. Desenho a tinta da china. Col. part.
- F.23. Jorge Colaço. *Caricatura de Delfim Maya*. Aguarela sobre papel. Col. part.
- F.24. Cotta. *Busto de Delfim Maya*. Bronze.

- F.25. Delfim Maya. Autorretratos. 1918 e 1919. Desenho a lápis de cera e desenho a carvão. Col. part.
- F.26. Delfim Maya. *Autorretrato*. 1933. Desenho a carvão. Museu José Malhoa.
- F.27. Delfim Maya. Autorretrato em caricatura. s. d. [c.1920]. Desenho a grafite sobre papel. Madrid. Col. part.
- F.28. Delfim Maya recebendo um prémio na Casa do Ribatejo. ADM.
- F.29. Delfim Maya montando a cavalo aos 62 anos. 1948. ADM.

Capítulo 2

- F.30. Pablo Picasso. *Guitarra*. 1912. Folha de metal recortada e fio de ferro.
- F.31. Julio González. *Máscara-lembrança de Pilar*. c. 1929.
- F.32. Alexander Calder. *Primavera*. 1928. Fio de ferro e madeira.
- F.33. Ruy Gameiro. *Monumento aos mortos da I Guerra Mundial*. 1934. Pedra. (Lourenço Marques) Maputo. Moçambique.
- F.34. Francisco dos Santos / Simões de Almeida (sob.) e Leopoldo de Almeida *Monumento ao Marquês de Pombal*. 1934. Lisboa.
- F.35. Barata Feyo. *Alexandre Herculano*. 1945. Lisboa.
- F.36. Francisco Franco. *Salazar*. Feira Internacional de Paris. 1937.
- F.37. Álvaro de Brée. *Monumento a João Rodrigues Cabrillo*. 1937. San Diego. Califórnia.
- F.38. Leopoldo de Almeida (esc.). *Padrão dos Descobrimentos*. Belém. Lisboa.
- F.39. Francisco Franco. *Estátua de João Gonçalves Zarco*. 1928. Bronze. Funchal, Madeira.
- F.40. Francisco Franco. *Monumento à Rainha D. Leonor*. 1935. Bronze. Caldas da Rainha.
- F.41. Francisco Franco. *Estátua equestre D. João IV*. 1940. Bronze. Vila Viçosa.
- F.42. Canto da Maia. *Adão e Eva*. 1929 (réplica em 1939). Terracota policromada. Museu do Chiado. Lisboa
- F.43. Canto da Maia. *D. Manuel, Vasco da Gama e Álvares Cabral*. Destruída
- F.44. Simões de Almeida Sobrinho. *Busto de senhora*. 1931. Gesso. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.
- F.45. Barata Feyo, *Rapariga da Nazaré*. 1943. Barro cozido. MNAC Lisboa.
- F.46. Delfim Maya. *D. Rodrigo Castro Pereira*. 1952. Bronze. MU.SA. Sintra.
- F.47. Delfim Maya. *Campino*. s. d. [c. 1944-1970]. Bronze. 120x120x115 cm. Col. part.
- F.48. Delfim Maya. *Uma vara*. s. d. Folha de ferro recortada. Museu José Malhoa.
- F.49. Delfim Maya. *Mouzinho de Albuquerque*. Bronze. Col. Exército Português.
- F.50. Delfim Maya. *Égua e poldro*. Bronze. Col. part.
- F.51. Delfim Maya. *Na volta para a final*. s. d. [c.1932]. Desenho a caneta sobre papel. Col. part.

- F.52. Delfim Maya. Cabeça de cavalo. Aguarela. Col. part.
- F.53. Delfim Maya. *No Ribatejo*. 1933. Óleo sobre tela. Col. part.
- F.54. *Jara de Carvalho em alta escola*. c. 1953. Gesso.
- F.55. Delfim Maya. *Rei D. Carlos a cavalo*. s. d. [1953]. Bronze. Fundação da Casa de Bragança.
- F.56. Delfim Maya. *A caminho da posição - peça alvejada* (pormenor) 1938. Bronze. Museu Militar de Lisboa.
- F.57. Delfim Maya. *Macotene*. c. 1941. Bronze. Maputo. Moçambique. ADM.
- F.58. Delfim Maya. *Condução de um touro*. 1944-1970. Gesso patinado. Destruída.
- F.59. Delfim Maya. *Campinos conduzindo a manada*. s. d. Desenho a carvão sobre papel. Col part.
- F.60. Delfim Maya. *Uma farpa*. s. d. Tinta da china sobre papel. Col. part.
- F.61. Jorge Vieira. *S/título*. 1960. Ferro soldado. Col. artista.
- F.62. Jorge Pé-Curto. *Touro cindido*. 2000. Bronze. Estação de Serviço de Montemor-o-Novo.
- F.63. António Canau. *Cabeça de touro*. 1999. Aço. Estação de serviço de Aveiras.
- F.64. Delfim Maya. *Depois da colhida*. 1935. Folha de ferro recortada. Col. part.
- F.65. Delfim Maya. *Combate de galos*. s. d. [1934]. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.66. Delfim Maya. *Galgo*. s. d. [1934]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. Museu do Ar. Alverca.
- F.67. Delfim Maya. *Gato*. s. d. (s. ass.). Porcelana VA. Col. part.
- F.68. Delfim Maya. *Tigre*. s. d. [1934]. (ass.). Folha de ferro recortada. Col. part.
- F.69. Delfim Maya. *Veado a coçar-se*. s. d. [1937]. Folha de ferro recortada. Col. part.
- F.70. Delfim Maya. *Discóbolo*. s. d. [1952]. Folha de latão cromado recortada e madeira. Col. part
- F.71. Delfim Maya. *Discóbolo*. s. d. [1952]. Folha de ferro recortada e madeira. Col. part
- F.72. José Neto. *Discóbolo*. 1930. Bronze. CML
- F.73. Euclides Vaz. *Discóbolo*. 1944. Gesso. Museu de Aveiro.
- F.74. Hélder Baptista. *O Atleta*. 1958. Bronze. Estádio Universitário de Lisboa.
- F.75. Laranjeira Santos. *Halterofilista*. 1958. Bronze. Estádio Universitário de Lisboa.
- F.76. Carta de D. Maya a sua prima Augusta. 1908. Aguarela. ADM.
- F.77. Delfim Maya. *S/título* [Paisagem]. 1908. Aguarela. Col. part.
- F.78. Delfim Maya. *S/ título*. [Marinha]. s.d. [1919]. Aguarela. Col. Part.
- F.79. Delfim Maya. *Rapaz a cavalo*. 1921. Desenho a tinta da china. Col. part.
- F.80. Delfim Maya. *S/ títulos*. 1919. Três caricaturas em postais. Madrid. ADM
- F.81. Delfim Maya. *Sinaia*. 1930. Aguarela. Col. part.
- F.82. Delfim Maya. *Jockey*. 1932. Bronze. Museu José Malhoa.

- F.83. François Pompon. *Touro*. Museu François Pompon. Saulieu. France.
- F.84. Autor desconhecido. [Tocador de viola]. Folha de ferro e fio de ferro. Col. part.
- F.85. Autor desconhecido. [Lenhador]. Madeira. Col. part.
- F.86. Delfim Maya. *Largada*. 1932. Bronze. Ministério da Economia.
- F.87. Delfim Maya. *Jogador de Pólo*. 1932. Barro.
- F.88. Delfim Maya. *Na reta final*. 1931. Bronze. Col. part.
- F.89. Delfim Maya. *Corridas de touros em Portugal*. 1932. Barro.
- F.90. Delfim Maya. *Uma chegada*. 1933. Óleo. Col. part.
- F.91. George Recipon. *A harmonia dominando a discórdia*. 1900. Cobre martelado. Grand Palais. Paris.

Capítulo 3

- F.92. Delfim Maya. *Varinos*. s. d. Folha de ferro recortada. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.
- F.93. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. [1934]. Folha de prata recortada e mármore. Col. part.
- F.94. Delfim Maya. *Citando para bandarilhas*. S. d. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.95. Exposição no Rio de Janeiro - uma perspetiva. 1937. ADM.
- F.96. Delfim Maya. *O Vencedor*. 1937. Folha de ferro recortada e mármore. Turf Club. Lisboa
- F.97. Eduardo Malta. *Desenho de um Gaúcho de Delfim Maya em folha de ferro recortada. 1937. Grafite sobre papel. Col. part.*
- F.98. Delfim Maya. *S/Título* (Desenho de planificação de Cañero em cavalo Ruço). s. d. [1935]. Col. part.
- F.99. Delfim Maya. *D. Antonio Cañero*. s. d. [1935]. Folha de ferro recortada e mármore. Museu José Malhoa.
- F.100. Delfim Maya. *S/Título* (Desenhos de planificações). Papel. Col. part.
- F.101. Delfim Maya. *S/Título* (Desenho de planificação de cavalo). Papel. Col. part.
- F.102. Delfim Maya. *S/Título* (Desenho de planificação de cavalo com cavaleiro). Papel. Col. part
- F.103. Delfim Maya. *S/título*. (Desenhos de planificações de gato). Papel e papel vegetal. Col. part.
- F.104. Delfim Maya. *S/título*. (Planificação de gato). Folha de cobre recortada. Col. part.
- F.105. Delfim Maya. *S/Título* (Desenho de planificação de Varina). 1934. Col. part.
- F.106. Delfim Maya. *Varina*. 1934. Folha de cobre recortada e mármore. Col. part.
- F.107. Delfim Maya. *Gaúcho*. 1937. Folha de ferro recortada e mármore. ADM
- F.108. Delfim Maya. *Gaúcho atirando o laço*. 1937. Folha de ferro recortada e mármore. ADM.

- F.109. Delfim Maya. *S/ título* (Desenhos de planificações de galo). s. d. [1934]. Papel, cartolina e papel vegetal. Col. part.
- F.110. Delfim Maya. *S/ título* (Planificação de galo). s. d. [1934]. Folha de latão recortada. Col. part.
- F.111. Delfim Maya. *S/ títulos* (Desenhos de planificações de touros). Papel e papel vegetal. Col. part.
- F.112. Delfim Maya. *S/ título* (Desenhos de planificações de Cristo). Papel e papel vegetal. ADM.
- F.113. Delfim Maya. *Crucifixo*. Folha de cobre recortada, veludo e seda. Col. part.
- F.114. Delfim Maya. *Crucifixo*. 1939. Folha de prata recortada, pau santo e mogno. Museu José Malhoa
- F. 115. Delfim Maya. *Crucifixo*. 1937. Folha de ouro recortada e pau santo. Col. part.
- F.116. Delfim Maya. *Combate de galos*. s. d. [1934]. Folha de ferro recortada e mármore. Museu José Malhoa.
- F.117. Delfim Maya. *Combate de galos*. s. d. [1934]. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.118. Delfim Maya. *S/ título* (Último desenho de planificação de Anjo da Guarda). s. d. [1938]. Papel. Col. part.
- F.119. Delfim Maya. *Anjo da guarda*. s. d. [1938]. Folha de prata recortada sobre seda. Col. part
- F.120. Delfim Maya. *S. Jorge. Portugal*. s. d. Folhas de flandres e de ferro recortadas. Col. part.
- F.121. Delfim Maya. *Par de minuete*. Folha de ferro recortada sobre placa de mármore. Col. part.
- F.122. Delfim Maya. *Crucifixo*. s. d. [1937]. Folha de ferro e madeira. Col. part.
- F.123. Delfim Maya. *Cristo mutilado*. 1937. Folhas de ouro e de prata recortadas. Col. part.
- F.124. Delfim Maya. *Pietà*. s. d. Folhas de ferro e cobre recortadas. Col. part.
- F.125. Delfim Maya. *Nossa Senhora e o Menino*. 1942. Folha de prata e ouro recortadas e pau santo. Col. part.
- F.126. Delfim Maya. *Santo António*. 1946. Folha de prata recortadas e pau santo. Col. part.
- F.127. Alexander Archipenko. *Mulher*. 1920. Folha de metal e folha de metal pintada sobre tela.
- F.128. Alexander Archipenko. *Rei Salomão*. 1963. Bronze. Universidade de Filadelfia.
- F.129. Naum Gabo. *Cabeça construída n.º1*. 1915 (reconstruída em 1985). Três componentes de madeira contraplacada. Museu Städel, Frankfurt e Maine.
- F.130. Alberto Giacometti. *Mulher de pé*. 1948. Bronze pintado. Museu de Arte Moderna. N.Y.
- F.131. Delfim Maya. *Dançando ao som da viola*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.132. Delfim Maya. *Pintor*. s. d. [1939]. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.

- F.133. Delfim Maya. *Mãos dadas*. s. d. Folha de ferro recortada. Col. part.
- F.134. C. Brancusi. *Torso de rapaz*. Madeira de ácer e latão em base de pedra. 1917-22 e 1917. Museus de Arte de Filadelfia e de Cleveland.
- F.135. Pablo Gargallo. *Pequena máscara com madeixa*. 1907. Chapa de cobre. Col. família do artista.
- F.136. Pablo Gargallo. *Máscara de homem*. c. 1911. Chapa de ferro.
- F.137. Pablo Gargallo. *Pequena bailarina espanhola*. 1927. Cartão recortado (12 peças). Museu Pablo Gargallo. Saragoça.
- F.138. Pablo Gargallo. *Pequena bailarina espanhola*. 1927. Chapa de cobre. Museu de Arte Moderna. Barcelona.
- F.139. Pablo Gargallo. *Boi*. 1930. Cartão recortado (21 peças). Museu Pablo Gargallo. Saragoça.
- F.140. Pablo Gargallo. *Boi*. 1930. Chapa de ferro. Col. part.
- F.141. Pablo Gargallo. *Galo*. 1930. Cartão recortado (18 peças). Museu Pablo Gargallo.
- F.142. Pablo Gargallo. *Galo*. 1930. Chapa de ferro. 51x41 cm. Museu Metropolitan. N.I.
- F.143. Jean e Joël Martel. *Tocador de serra musical*. 1927. Planiescultura em folha de zinco recortada.
- F.144. Pablo Picasso. *Mulher*. 1961. Folha de metal recortada, dobrada e pintada. Fundação Almine e Bernard Ruiz-Picasso para a Arte. Madrid.
- F.145. Pablo Picasso. *Cabeça de mulher*. 1962. Folha de metal recortada, dobrada e pintada e arame. Museu Nacional Picasso-Paris.
- F.146. Pablo Picasso. *Mulher do chapéu*. 1962-63. Folha de metal pintada.
- F.147. Pablo Picasso. *Mulher de braços afastados*. Museu Picasso-Paris.
- F.148. Pablo Picasso. *A cadeira*. 1961. Folha de metal recortada e pintada.
- F.149. Pablo Picasso. *O pequeno-almoço na relva*. 1962. Museu Picasso-Paris.

Capítulo 4

- F.150. Praxíteles. *Hermes e Dionísio criança*. Sec. IV a. C. Mármore.
- F.151. Eadweard Muybridge. Crono-fotografia: cavalos a correr. 1878.
- F.152. Etienne J. Marey. *Voo de gaivota*. 1887. Museu E.J. Marey e das Belas Artes. Beaune.
- F.153. U. Boccioni. *Formas únicas de continuidade no espaço*. 1913. Bronze. Museu de Arte Contemporânea. Da USP. S. Paulo.
- F.154. A. Calder. *Mobile*. 1937. Madeira, folha de metal, haste de metal, fio de ferro, fio e pintura. Galeria Nacional da Finlândia. Museu de Arte de Ateneum. Helsínquia.
- F.155. Delfim Maya. *Avião*. s. d. [1941]. Bronze. Col. part.
- F.156. Maximino Alves. *Estátua a João Ferreira do Amaral*. 1940. Bronze. Lisboa.
- F.157. Diogo de Macedo. *Fonte Monumental da Alameda D. Afonso Henriques*. 1948. Lisboa.

- F.158. Delfim Maya. *Gaúcho*. s, d, [1938]. Bronze. Museu José Malhoa.
- F.159. Delfim Maya. *Gaúcho (cangocha)*. s. d. [1938]. Bronze. Col. GNR.
- F.160. Ronald Bladen. *S/Título*. 1965. Alumínio polido. Hamburger Bahnhof.
- F.161. Delfim Maya. *Ribatejo*. 1952. Bronze. Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- F.162. Delfim Maya. *João Núncio-ferro curto*. 1945. Bronze. Fundação Eugénio de Almeida.
- F.163. Delfim Maya. *Marquês do Funchal a saltar*. 1946. Bronze. Museu Nacional do Desporto.
- F.164. Delfim Maya. *Ana Maria Cordeiro Ferreira*. 1958. Bronze. Col. part.
- F.165. Delfim Maya. *Kátia*. c.1957. Gesso patinado. Museu José Malhoa.
- F.166. Barnett Newman. *Obelisco quebrado*. 770x320x32m cm. Rothko Chapel. Houston. TX.
- F.167. Delfim Maya. *Mouzinho*. ass., s. d. [c. 1941]. Bronze. Col. GNR
- F.168. Delfim Maya. *Carga de Cavalaria*. 1960. Bronze. Baixo relevo.
- F.169. Delfim Maya. *Nuno de Oliveira*. s. d. [1957]. Gesso. Museu José Malhoa.
- F.170. Delfim Maya. *Emílio Infante*. s. d. [1968]. Bronze. Col. part.
- F.171. Delfim Maya. *Conchita em passe por alto*. s. d. Bronze. Col. part.
- F.172. Delfim Maya. *Varina*. s. d. [1937]. (ass.). Bronze. 50x20x26 cm. Col. part.
- F.173. Delfim Maya. *Varina*. s. d. [c.1934]. Bronze. Col. part.
- F.174. Delfim Maya. *Baile andaluz*. s. d. [c.1935]. Bronze. Col. part.
- F.175. Delfim Maya. *Baile andaluz*. s. d. Bronze. s. d. (ass.). 10 cm. Col. part.
- F.176. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. Bronze. Col. part
- F.177. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. Bronze. Col. part.
- F.178. Delfim Maya. *Cavalo em liberdade*. s. d. (ass.). Bronze. 11,5 cm. Col. part.
- F.179. Delfim Maya. *Gato a caçar*. s. d. [1942]. (n. ass.). Porcelana VA. Col. part.
- F.180. Delfim Maya. *Touro bravo*. s. d. [1932]. Bronze. Col. part.
- F.181. Delfim Maya. *Touro investindo no chapéu*. s. d. [1947]. Bronze. Col. part.
- F.182. Delfim Maya. *Varina*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.
- F.183. Delfim Maya. *Varina*. s. d. (n. ass.). Folha de ferro recortada. Col. Turf Club.
- F.184. Delfim Maya. *Varina*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada e pintada e mármore. Col. part.
- F.185. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.
- F.186. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.187. Delfim Maya. *Dançando ao som da viola*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.

- F.188. Delfim Maya. *Baile andaluz*. s. d. [c.1935]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 33xØ33 cm. Col. part.
- F.189. Delfim Maya. *Pares de bailarinos andaluzes*. s. d. Folha de flandres recortada e mármore. Col. part.
- F.190. Delfim Maya. *Baile andaluz*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.191. Delfim Maya. *Picador*. s. d. [1935]. Folha de ferro recortada e mármore. MNAC-MC.
- F.192. Delfim Maya. *Conchita Cintrón*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Museu Etnográfico de Vila Franca de Xira.
- F.193. Delfim Maya. *Apontamentos em ferro*. s. d. [anterior a 1956]. Folha de ferro recortada e mármore. Museu Nacional Soares dos Reis.
- F.194. Delfim Maya. *Passe de muleta*. s. d. [1948]. Folha de ferro recortada e pintada e madeira. Col. part.
- F.195. Delfim Maya. *Passe por alto*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Museu José Malhoa.
- F.196. Delfim Maya. *Espadachins*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.197. Delfim Maya. *Cavaleiros medievais*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.198. Delfim Maya. *Galgos em corrida*. s. d. [c. 1934]. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.
- F.199. Delfim Maya. *Tigre*. s.d. Folha de ferro recortada e mármore. Fundação Pedro Falcão e Yanrub.
- F.200. Delfim Maya. *Galgos*. 1935. Aguarela. Col. part.
- F.201. Delfim Maya. *S/ título*. (Estudo de Galgos). s. d. [1935]. Desenho a grafite e lápis de cor. Col. part.
- F.202. Delfim Maya. *Corrida de cavalos*. s. d. [1932]. Aguarela. Col. part.
- F.203. Delfim Maya. *Salto de obstáculo*. 1932. Aguarela. Col. part.
- F.204. Delfim Maya. *Uma vara*. 1932. Aguarela. Col. part.
- F.205. Delfim Maya. *D. Antônio Cañero*. s. d. (n. ass.). Desenho a tinta da china e aguada sobre papel. Col. part.
- F.206. Ossip Zadkine. *Tocadora de guitarra*. 1952.
- F.207. Jacques Lipchitz. *O casal*. (1928-1929)

Capítulo 5

- F.208. Medardo Rosso. *Conversação num jardim*. c. 1896. Cera sobre gesso.
- F.209. Mariano Benlliure. *Monumento aos Caçadores de Alcântara*. 1931. Bronze. Valladolid. Espanha.
- F.210. Delfim Maya. *A caminho da posição. Peça alvejada*. 1938. Bronze. Museu Militar de Lisboa.
- F. 211. Delfim Maya. *Lembrando a aldeia*. Bronze. Col. part.

- F.212. Delfim Maya. *Figuras do Mundo Português*. s. d. [1940]. Gesso pintado. Col. part.
- F.213. Delfim Maya. *Nu feminino*. 1936. Bronze. Baixo relevo. Museu José Malhoa
- F.214. Delfim Maya. *Nu feminino*. 1936. (ass.). Bronze. Baixo relevo. (ass.). Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.
- F.215. Delfim Maya. *Tronco de mulher*. s, d. [c.1936]. Bronze. Col. part.
- F.216. Delfim Maya. *Maria Cristina*. s. d. [c.1931]. (ass.). Bronze. Col. part.
- F.217. Delfim Maya. *Cabeça de criança (Victor)*. s. d. [c.1930]. (ass.). Bronze. Col. part.
- F.218. Delfim Maya. *D. Vicente da Câmara*. Bronze. Museu do Fado. Lisboa
- F.219. Delfim Maya. *Comandante Paiva Couceiro*. Bronze. Paço Ducal de Vila Viçosa. Fundação da Casa de Bragança. Vila Viçosa.
- F.220. Delfim Maya. *Busto do General Bénard Guedes*. s. d. (ass.). Bronze. Museu do Estado de Goa. Índia.
- F.221. Delfim Maya. *Busto de Agostinho Vicente Lourenço*. Bronze. Jardim Municipal de Margão. Goa. Índia.
- F.222. Delfim Maya. *Busto de Schiappa de Azevedo*. 1957. Bronze e pedra. Pico do Castelo. Porto Santo.
- F.223. Delfim Maya. *Carga de cavalaria*. 1960. (ass.). Pedra. 400x600 cm. Ex-Escola Prática de Cavalaria. Santarém.
- F.224. Delfim Maya. *João Núncio - cortesias*. 1942. Bronze. 32x20x30 cm. Fundação Eugénio de Almeida. Évora.
- F.225. Delfim Maya. *Poldro a coçar-se e Poldro deitado*. s. d. [1947]. Biscuit. Museu da Vista Alegre.
- F.226. Delfim Maya. *Cavaleiro em cortesias*. Biscuit. Museu da Vista Alegre. Ílhavo.
- F.227. Delfim Maya. *Toureio*. Biscuit. (ass.). Museu da Vista Alegre. Ílhavo.
- F.228. Delfim Maya. *Fox pelo de arame*. Porcelana vidrada e policromada. Museu da Vista Alegre. Ílhavo.
- F.229. Delfim Maya. *Corrida de cavalos-marinheiros num aquário no hipocampo da Marinha*. Reprodução no *Sempre Fixe* (1937, abril 22) de caricatura em exposição na SNBA.
- F.230. Delfim Maya. *João Maya*. 1913. Caricatura. Grafite e lápis de cor. Col. part.
- F.231. Delfim Maya. *Gioconda*. Duas caricaturas. Postais. 1919. Madrid. ADM.
- F.232. Delfim Maya. *Dr. Joaquim Manso*. 1932. Caricatura. Tinta da china. Col. part.
- F.233. Delfim Maya. *Conde de Pinhel*. s.d. [1931]. Caricatura. Tinta da china. Col. part.
- F.234. Delfim Maya. *General Vieira da Rocha*. 1931. Caricatura. Tinta da china. Col. part.
- F.235. Delfim Maya. *António Ferro*. 1931. Caricatura. Grafite e aguarela. Col. part.
- F.236. Delfim Maya. *Jorge Colaço*. 1931. Tinta da china e aguada. Col. part.
- F.237. Delfim Maya. *Conde de Calhariz*. 1919. Sanguínea. Col. part.
- F.238. Delfim Maya. *Morena dos olhos grandes*. 1933. Aguarela. Col. part.
- F.239. Delfim Maya. *Campino a cavalo*. s. d. Carvão sobre papel.

- F.240. Delfim Maya. *Mala-Posta* (séc. XIX). s. d. Desenho a tinta da china. 98x180 cm. Museu Nacional dos Coches.
- F.241. Delfim Maya. *Mouzinho de Albuquerque*. Capa da Revista da Cavalaria. 1966. Aguarela.
- F.242. Delfim Maya. Capitulares. 1940-1942.
- F.243. Delfim Maya. *S/ título*. (Estudos para a Revista da Cavalaria). Tinta da china. Col part.
- F.244. Delfim Maya. *S/ título*. Desenho para a Revista da Cavalaria. Tinta da china. Col part.
- F.245. Delfim Maya. *Hipismo*. Desenho para a Revista da Cavalaria. s. d. (ass.). Tinta da china. Col. part
- F.246. Delfim Maya. *S/ título*. Desenho para a Revista da Cavalaria. s. d. (ass.). Tinta da china. Col. part.
- F.247. Delfim Maya. *S/ título*. Aguarela para a Revista da Cavalaria. s. d. (ass.). Col. part.
- F.248. Delfim Maya. *Marechal Gomes da Costa*. Desenho a tinta da china. Museu da Presidência da República.
- F.249. Delfim Maya. *General Óscar Carmona*. Aguarela. Museu da Presidência da República.
- F.250. Delfim Maya. Capa da revista Mensagem. Manifesto de uma geração. N.º 3
- F.251. Delfim Maya. *Salto de obstáculo*. 1932. Aguarela. Col. part.
- F.252. Delfim Maya. Cartaz de corrida de touros. 1933. Aguarela. Col. part.
- F.253. Delfim Maya. Desenho a tinta da china em abat-jour. Col. part.
- F.254. Delfim Maya. Medalha 1º Concurso Nacional de bovinos. 1967. Bronze. Col. part.
- F.255. Delfim Maya. Medalha Galgos. s. d. Bronze. Col. part.
- F.256. João Duarte. Medalha comemorativa do centenário do nascimento de Delfim Maya. 1987. Bronze e plástico. Col. part.
- F.257. Delfim Maya. Motivos hípicos. s. d. Azulejos (figura avulsa). Col. part..
- F.258. Delfim Maya. Pregadeira e brincos Rosinhas d'Orleães. s. d. [1947]. Folha de prata recortada. Col. part.
- F.259. Delfim Maya. Brincos. s. d. [c.1947]. Folha de prata recortada. Col. part.
- F.260. Delfim Maya. Monogramas. s. d. [c.1960]. Fios de latão, prata e cobre. Col. part.
- F.261. Delfim Maya, numa avioneta, espalha sobre o povo das Caldas da Rainha o soneto Os Bêbedos, de Branca de Gonta Colaço, em homenagem a José Malhoa. Abril de 1934. ADM.

Capítulo 6

- F.262. Delfim Maya. *A caminho da posição - peça alvejada*. 1938. Bronze. 70x270x160 cm. Museu Militar de Lisboa.
- F.263. Delfim Maya. *A caminho da posição - peça alvejada*. 1938. Bronze. 70x270x160 cm. Museu Militar de Lisboa.

1.2. FOTOGRAFIAS¹



F.1



F.2



F.3



F.4

F.1. Delfim (em pé à direita) com seus pais e irmãos. ADM.

F.2. Delfim (em pé à direita) com o seu pai e os dois irmãos, João e António. ADM.

F.3. A representação de Portugal nos Concursos Hípicos Internacionais de Barcelona e Valência del Cid (1910): o Alferes Delfim Maya (em pé à esquerda) com o Capitão Domingos de Oliveira e os Tenentes Jara de Carvalho, Casal Ribeiro, António Calado e Silveira Ramos. ADM.

F.4. Delfim Maya participando num concurso de salto de obstáculos. (anterior a 1919). ADM.

¹ A maioria das fotografias de Delfim Maya e da sua obra aqui apresentadas são retiradas do ADM e de Maya (1998), estas últimas com autoria de Margarida Ramalho. As fotografias do catálogo *Delfim Maya* (1987) são da autoria de Mário de Oliveira; fotografias retiradas do catálogo *Delfim Maya* (2005) são da autoria de Meireles de Sousa. Quando os autores das fotografias não estão individualizados, como na revista da VA (2000, março, n.º 14) e no catálogo *Delfim Maya, escultor do movimento* (2017) não colocamos nenhum nome, ficando já nesta nota de onde foram retiradas algumas fotografias.

Algumas fotografias foram cedidas por cortesia da Cabral Moncada Leilões, sendo o autor da fotografia Vasco Cunha Monteiro.

Algumas fotografias foram feitas por nós, não estando especificamente assinaladas.

Algumas das imagens foram diretamente digitalizadas, como as dos desenhos das planificações.

Por motivos diversos, há uma ou outra fotografia em que considerámos importante assinalar a autoria, mesmo que não esteja individualizada.

Dado que muitas das fotografias de obras de outros artistas foram retiradas de livros onde a sua autoria não está individualizada, optámos por colocar apenas o nome dos livros, catálogos, arquivos e internet de onde foram retiradas:

1) livros: Ferrier (Dir.) (1992), Freira (2016), George (2014), Martel (1996), Oliveira (2001), Pereira (2001), *Qu'est-ce que la sculpture moderne?* (1986), Seuphor (1959); 2) Catálogos: *Calder-Picasso* (2019), *Jorge Vieira* (1995) e 3) *Matriznet* e internet.



F.5



F.6



F.7



F.8



F.9



F.10

F.5. Delfim Maya montando *Muflilo*, depois de vencer o Grande Prémio do Concurso Hípico Internacional de Lisboa. 1918. ADM.

F.6. A elegância de Delfim Maya fez moda no Chiado. ADM.

F.7. Delfim e a sua mulher Augusta. ADM.

F.8. Os 4 filhos de Delfim e Augusta: M.^a Cristina, M.^a Luísa, Francisco e Victor. ADM.

F.9. Fotografia de Augusta com dedicatória de Delfim. ADM.

F.10. Delfim e Augusta com cerca de 80 anos. ADM.



F.11



F.12



F.13



F.14



F.15



F.16

F.11. Delfim Maya. Folheto Feira de Santo Isidro. 1919. (ass.). ADM.

F.12. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. [c.1920]. (ass.).² Col. part.

F.13. A Casa de Santa Isabel, na Rua da Arrábida, 7, esquina com a Travessa da Arrábida. ADM.

F.14. Delfim e Augusta com os 4 filhos e os 4 sobrinhos na praia das Maças. ADM.

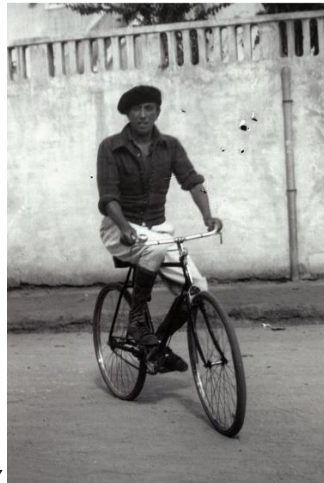
F.15. Preso no Forte de São Tiago, no Funchal, Delfim recebeu a visita de Augusta. 1930. ADM.

F.16. Delfim Maya. Barco entrando no porto do Funchal. 1930. (ass.). ADM.

² Assinatura posterior



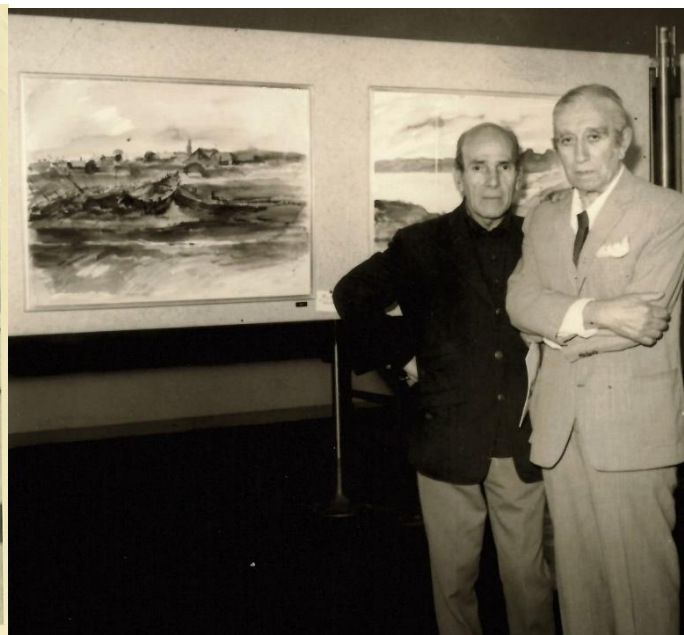
F.17



F.18



F.19



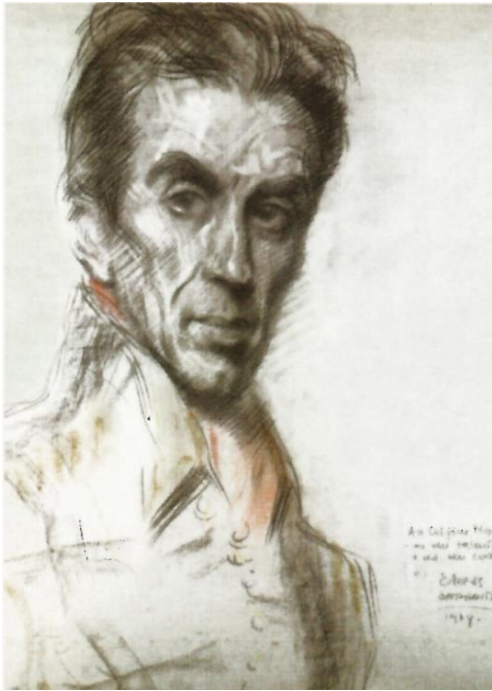
F.20

F.17. Delfim em fato de trabalho no jardim do seu atelier. ADM.

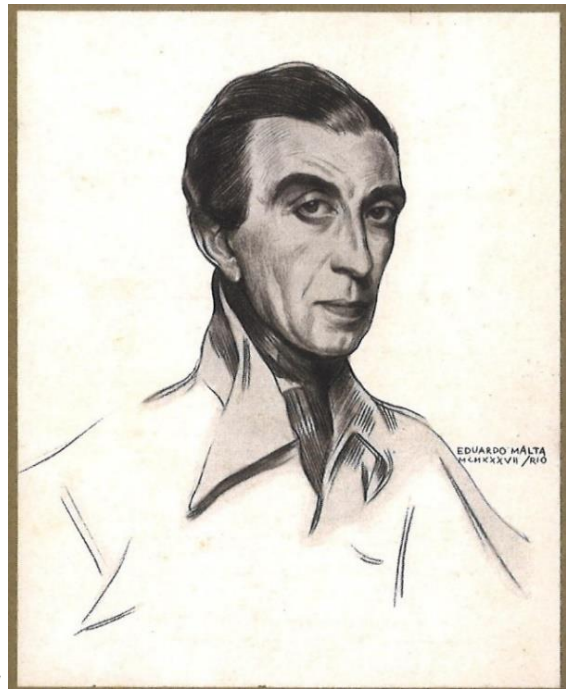
F.18. Delfim, em férias, andando de bicicleta. ADM.

F.19. Delfim de férias na Lousã, alugava uma casa perto da de Carlos Reis. ADM.

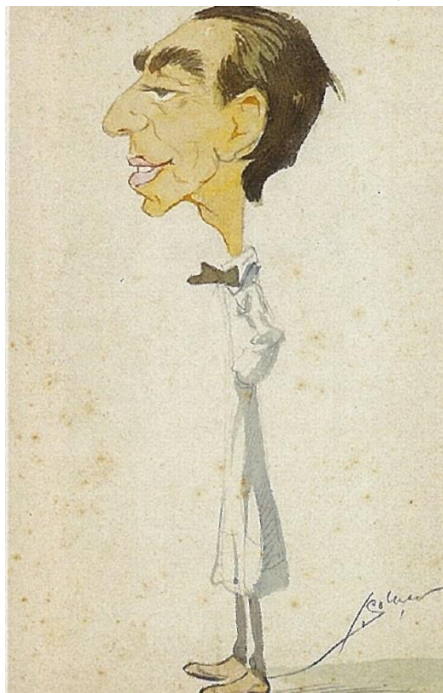
F.20. Delfim com Carlos Carneiro: em traje de montar e numa exposição do pintor. ADM.



F.21



F.22



F.23



F.24

F.21. Carlos Carneiro. *Retrato de Delfim Maya*. 1934. (ass.). Desenho a carvão e lápis de cera sobre papel. Col part³

F.22. Eduardo Malta. *Retrato de Delfim Maya*. 1937. (ass.). Col. part.

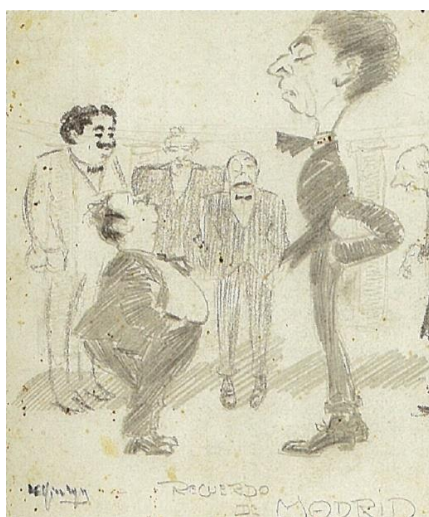
F.23. Jorge Colaço. *Caricatura de Delfim Maya*. s. d. (ass.). Aguarela sobre papel. Col. part.

F.24. Cotta. *Busto de Delfim Maya*. Bronze. ADM.

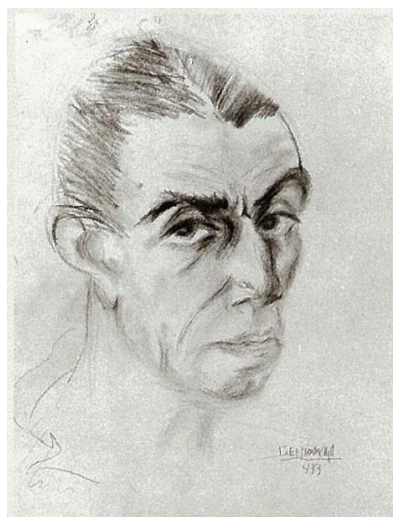
³ A dedicatória do desenho diz: “Ao Delfim Maya ao seu caráter e ao seu coração”



F.25



F.26



F.27



F.28



F.29

F.25. Delfim Maya. Autorretratos.1918 e 1919.Desenho a lápis de cera e desenho a carvão. Col. part.

F.26. Delfim Maya. *Autorretrato em caricatura*. s. d. [c.1920]. (ass.).⁴ Desenho a grafite sobre papel. Col. part.

F.27. Delfim Maya. *Autorretrato*. 1933. (ass.). Desenho a carvão sobre papel. 36x29,5 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.28. Delfim Maya recebendo um prémio na Casa do Ribatejo. ADM.

⁴ Assinatura a tinta posterior à realização do desenho.

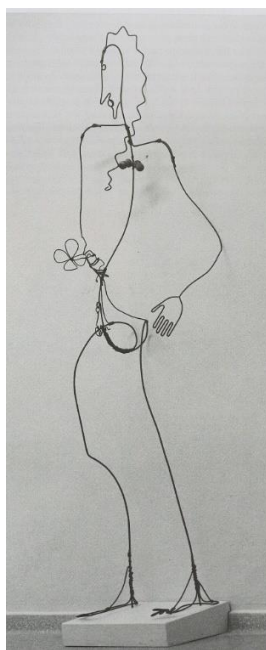
F.29. Delfim Maya montando a cavalo aos 62 anos. 1948. ADM.



F.30



F.31



F.32

F.30. Pablo Picasso. *Guitarra*. 1912. Folha de metal recortada e fio de ferro. 77,5x35x19,3 cm.

F.31. Julio González. *Máscara - lembrança de Pilar*. c. 1929.

F.32. Alexander Calder. *Primavera*. 1928. Fio de ferro e madeira. 240 cm.



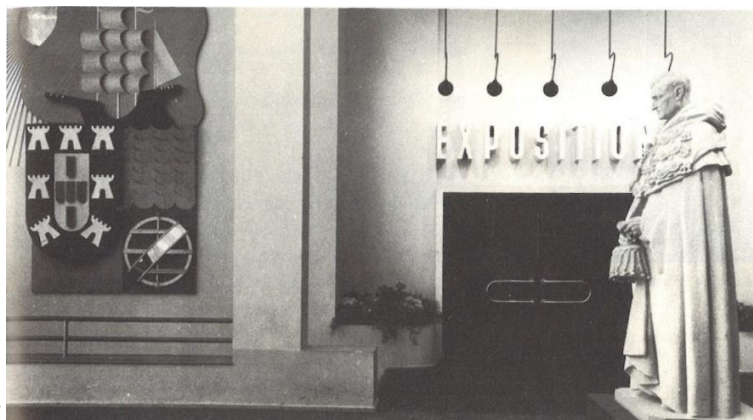
F.33



F.34



F.35



F.36



F.37



F.38

F.33. Ruy Gameiro. *Monumento aos mortos da I Guerra Mundial*. 1934. Pedra. (Lourenço Marques) Maputo. Moçambique.

F.34. Francisco dos Santos / Simões de Almeida (sob.) e Leopoldo de Almeida⁵ / Adães Bermudes e António Couto (arq.). *Monumento ao Marquês de Pombal*. 1934. Bronze. Lisboa.

F.35. Salvador Barata Feyo. *Alexandre Herculano*. 1945. Lisboa.

F.36. Francisco Franco. *Salazar*. Feira Internacional de Paris. 1937.

F.37. Álvaro de Brée. *Monumento a João Rodrigues Cabrillo*. 1937. San Diego. Califórnia⁶

F.38. Leopoldo de Almeida (esc.) / Cotinelli Telmo (arq.). *Padrão dos Descobrimentos*. 1940. Pedra (passado a pedra em 1960). Belém. Lisboa.

⁵ Francisco dos Santos faleceu em 1930, tendo a escultura sido terminada por Simões de Almeida (sob.) e Leopoldo de Almeida.

⁶ Monumento exposto na Exposição Internacional de São Francisco, 1939.



F.39



F.40



F.41



F.42



F.43



F.44



F.45

F.39. Francisco Franco. *João Gonçalves Zarco*. 1928. Bronze. Funchal, Madeira.

F.40. Francisco Franco. *Monumento à Rainha D. Leonor*. 1935. Bronze. Caldas da Rainha.

F.41. Francisco Franco. *Estátua equestre D. João IV*. 1940. Bronze. Vila Viçosa

F.42. Ernesto Canto da Maia. *Adão e Eva*. 1929 (réplica em 1939). Terracota policromada. 159x54x43 cm. MNAC-MC. Lisboa

F.43. Ernesto Canto da Maia. *D. Manuel, Vasco da Gama e Álvares Cabral*. 1940. Gesso. Destruída

F.44. Simões de Almeida Sobrinho. *Busto de senhora*. 1931. Gesso. 50x48x32 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.45. Salvador Barata Feyo. *Rapariga da Nazaré*. 1943. Barro cozido. MNAC-MC. Lisboa.



F.46



F.47



F.48



F.49



F.50

F.46. Delfim Maya. *D. Rodrigo Castro Pereira*. 1952. (ass.). Bronze. 65x80x85 cm. MU.SA. Sintra.

F.47. Delfim Maya. *Campino*. s. d. [c. 1944-1970]. (ass.). Bronze. 120x120x115 cm. Col. part. Jardim da Casa-Estúdio Carlos Relvas. Golegã.

F.48. Delfim Maya. *Uma vara*. s. d. (ass.) Folha de ferro recortada. 12x22x12 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.49. Delfim Maya. *Mouzinho de Albuquerque*. Bronze. Col. Exército português.

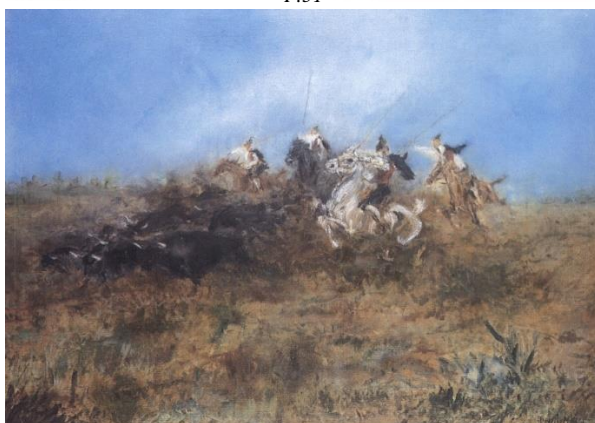
F.50. Delfim Maya. *Égua com poldro*. S. d. (ass.). Bronze. 21x28x24 cm. Col. part.



F.51



F.52



F.53



F.54



F.55

F.51. Delfim Maya. *Na volta para a final*. s. d. [c.1932]. (ass.). Desenho a caneta sobre papel. Ø 17 cm. Col. part.

F.52. Delfim Maya. *Cabeça de cavalo*. s. d. (ass.)⁷. Aguarela sobre papel. Col. part.

F.53. Delfim Maya. *No Ribatejo*. 1933. (ass.). Óleo sobre tela. 57x88 cm. Col. part.

F.54. Delfim Maya. *Jara de Carvalho em alta escola*. 1955. Gesso. ADM.

F.55. Delfim Maya. *Rei D. Carlos a cavalo*. s. d. [1953]. (ass.). Bronze. 75x62x35 cm. Fundação da Casa de Bragança. Vila Viçosa.

⁷ Assinatura a tinta posterior à realização do desenho.



F.56



F.57



F.58



F.59



F.60

F.56. Delfim Maya. *A caminho da posição – peça alvejada* (pormenor). 1938. Bronze. Museu Militar de Lisboa.

F.57. Delfim Maya. *Macontene*. c. 1941. (ass.). Bronze. (Lourenço Marques) Maputo. Moçambique. ADM.

F.58. Delfim Maya. *Condução de um touro*. 1944-1970. Gesso patinado. 120x250x250 cm. Destruída.

F.59. Delfim Maya. *Campinos conduzindo a manada*. s. d. (n. ass.). Carvão sobre papel. Col. part.

F.60. Delfim Maya. *Uma farpa*. ass. s. d. (ass.). Tinta da china sobre papel. 45x59 cm. Col. part.



F.61



F.62



F.63



F.64

F.61. Jorge Vieira. *S/ título*. 1960. Ferro soldado. 55x17x68 cm. Col. artista.

F.62. Jorge Pé-Curto. *Touro cindido*. 2000. Bronze. Estação de serviço de Montemor-o-Novo.

F.63. António Canau. *Cabeça de touro*. 1999. Aço. Estação de serviço de Aveiras. F.64. Delfim Maya. *Depois da colhida*. 1935. (ass.).
Folha de ferro recortada. 64x129x92 cm. Col. part.⁸

⁸ Por cortesia da Cabral Moncada Leilões. Foto: Vasco Cunha Monteiro.



F.66



F. 65



F.67



F.68



F.69

F.65. Delfim Maya. *Combate de galos*. s. d. [1934]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 15x30x17 cm. Col. part.

F.66. Delfim Maya. *Galgo*. s. d. [1934]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 23x30x13 cm. Museu do Ar. Alverca.

F.67. Delfim Maya. *Gato*. s. d. (s. ass.). Porcelana VA. Col. part.

F.68. Delfim Maya. *Tigre*. s. d. [1934]. (ass.). Folha de ferro recortada. 22x57x18 cm. Col. part.

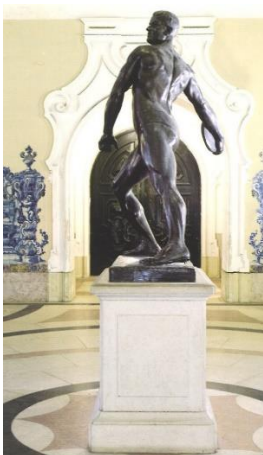
F.69. Delfim Maya. *Veado a coçar-se*. s. d. [1937]. Folha de ferro recortada. Col. part.



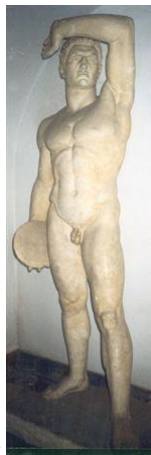
F.70



F.71



F.72



F.73



F.74



F.75

F.70. Delfim Maya. *Discóbolo*. s. d. [1952]. (ass.). Folha de latão cromado recortada e madeira. 20x21x12 cm. Col. part.

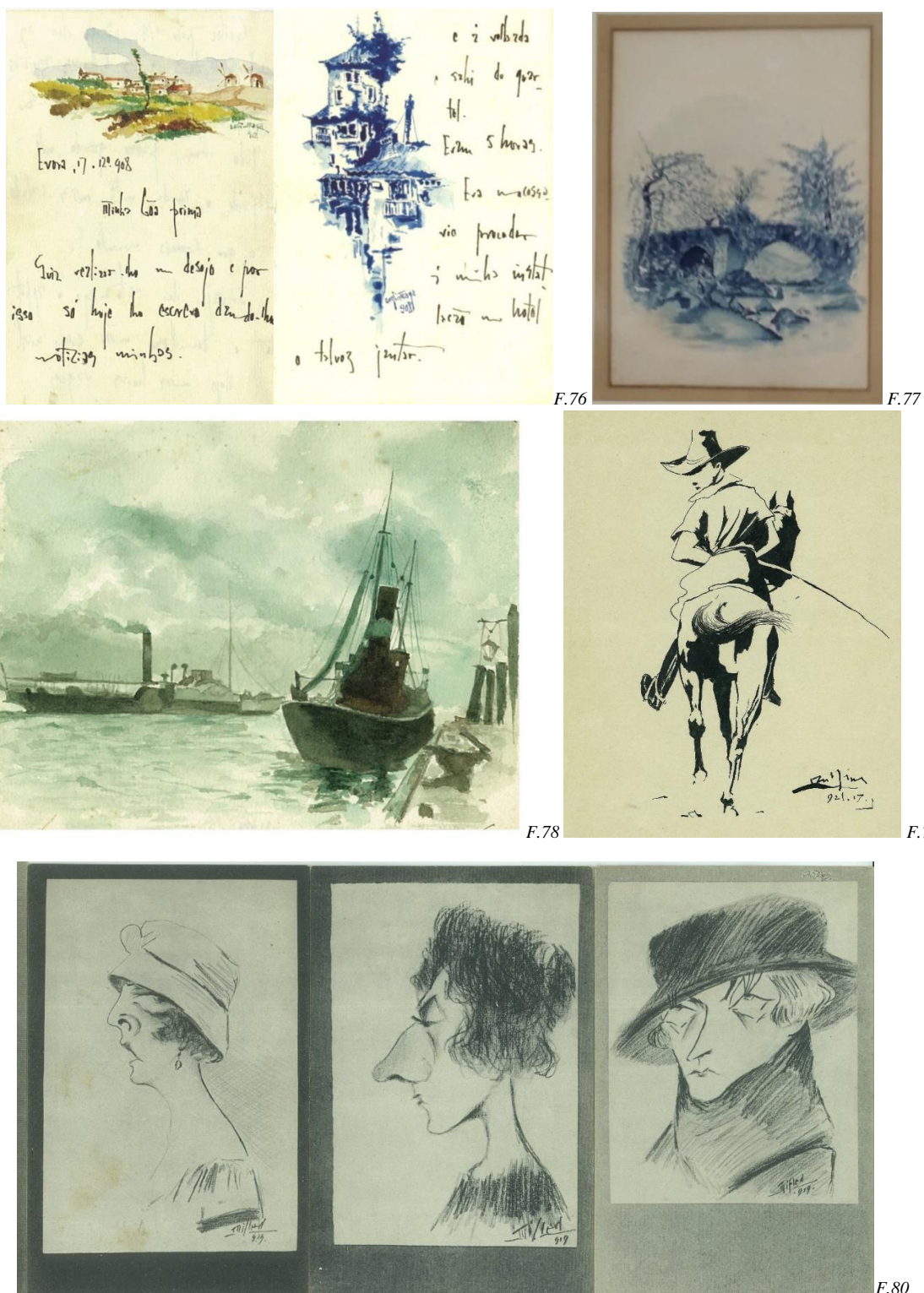
F.71. Delfim Maya. *Discóbolo*. s. d. [1952]. Folha de ferro recortada e madeira. 15x25x8 cm. Col. part.

F.72. José Neto. *Discóbolo*. 1930. Bronze. Câmara Municipal de Lisboa.

F.73. Euclides Vaz. *Discóbolo*. 1944. Gesso. Museu Regional de Aveiro.

F.74. Helder Baptista. *O Atleta*. 1958. Bronze. Estádio Universitário. Lisboa.

F.75. Laranjeira Santos. *Halterofilista*. 1958. Bronze. Estádio Universitário. Lisboa.



F.76. Carta de Delfim Maya a sua prima Augusta (sua futura mulher). 1908. ADM.

F.77. Delfim Maya. *S/título* [Paisagem]. s. d. [1908]. (n. ass.). Aguarela. Col. part.

F.78. Delfim Maya. *S/título*. [Marinha]. s. d. [1919]. (n. ass.). Aguarela. Col. part.

F.79. Delfim Maya. *Rapaz a cavalo*. 1921. (ass.). Desenho a tinta da china. Col. part.

F.80. Delfim Maya. *S/títulos*. 1919. (ass.). Tês caricaturas em postais. Madrid. ADM.⁹

⁹ Primeiras obras que conhecemos em que Delfim assina “Mifled” – “Delfim” em espelho.



F.81



F.82



F.83

F.81. Delfim Maya. *Sinaia*. 1930. (ass.). Aguarela. Col. part.

F.82. Delfim Maya. *Jockey*. 1932. (ass.). 18x23x13 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.83. François Pompon. *Touro*. s. d. Museu François Pompon. Saulieu. France.



F.84



F.85



F.86



F.87



F.89



F.88

F.84. S.A. [Tocador de viola]. s. d. (n. ass.). Folha de ferro e fio de ferro. 13x7x6 cm. Col. part.

F.85. A. [Lenhador]. s. d. (ass.). Madeira. 23x17,5x9 cm. Col. part.

F.86. Delfim Maya. *Largada*. 1932. (ass.). Bronze. 22x48x29 cm. Ministério da Economia. Lisboa.

F.87. Delfim Maya. *Jogador de Pólo*. 1932. Barro. ADM.

F.88. Delfim Maya. *Na reta final*. 1931. (ass.). Bronze. 16x31x13 cm. Col part.

F.89. Delfim Maya. *Corridas de touros em Portugal*. 1932. Barro. ADM.



F.90



F.91

F.90. Delfim Maya. *Uma chegada*. 1933. (ass.). Óleo sobre tela. 22x27 cm. Col. part.

F.91. George Recipon. *A harmonia dominando a discórdia*. 1900. Cobre martelado. Grand Palais. Paris.



F.92



F.93



F.94



F.95

F.92. Delfim Maya. *Varinos na Ribeira*. s. d. [c.1934]. (n. ass.). Folha de ferro recortada. 9x10x11 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.93. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. [1934]. (ass.). Folha de prata recortada e mármore. 27xØ22 cm. Col. part.

F.94. Delfim Maya. *Citando para bandarilhas*. s. d. [c. 1944]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 10x15x10 cm. Col. Fundação Pedro Falcão e Yanrub.

F.95. Exposição no Rio de Janeiro – uma perspectiva. 1937. ADM.



F.96

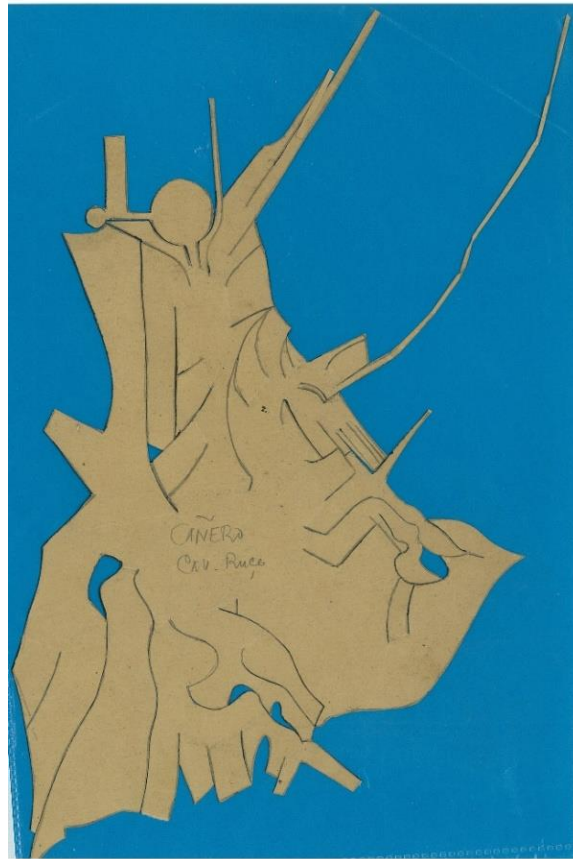
EDUARDO MALTA
OPERAÇÃO N.º 8



F.97

F.96. Delfim Maya. *O Vencedor*. 1937. Folha de ferro recortada e mármore. 45x50x27 cm. Turf Club. Lisboa

F.97. Eduardo Malta. Desenho de um Gaúcho de Delfim Maya em folha de ferro recortada. 1937. (ass.). Grafite sobre papel. Col. part.



F.98



F.99

F.98. Delfim Maya. *S/título*. (Desenho de planificação de Cañero em cavalo Ruço). s. d. [1935]. Col. part.

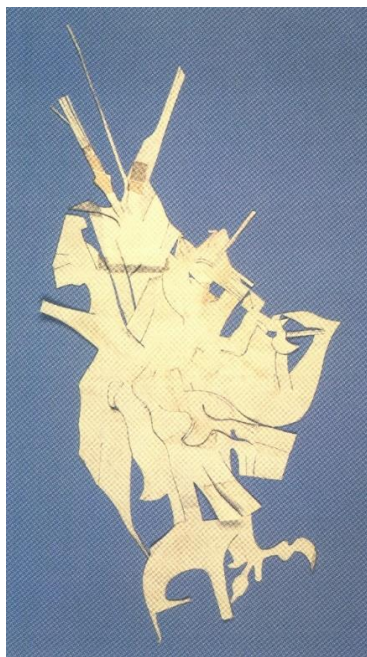
F.99. Delfim Maya. *D. Antonio Cañero*. s. d. [1935]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 20x14x12 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.



F.100



F.101

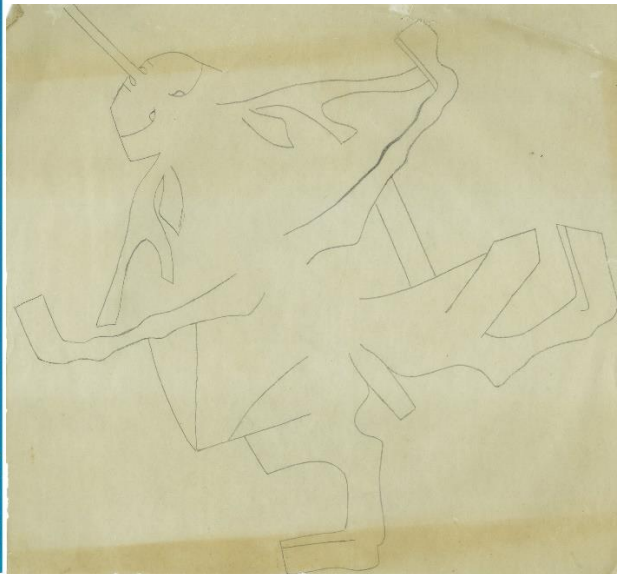
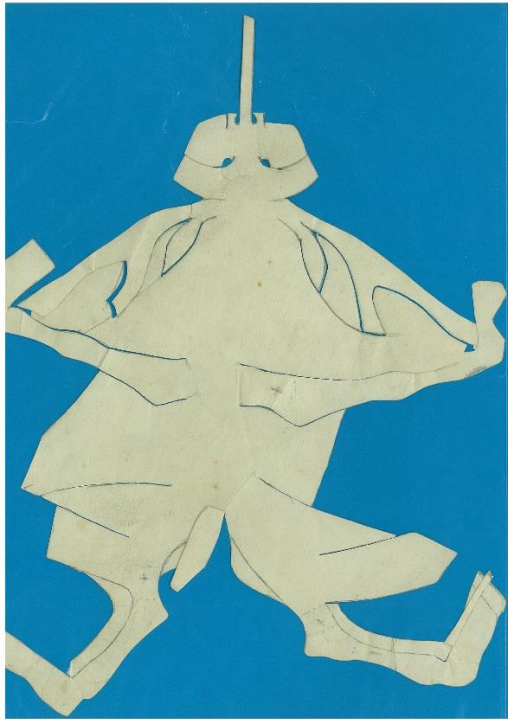


F.102

F.100. Delfim Maya. *S/ título* (Desenhos de planificações). Papel. Col. part.

F.101. Delfim Maya. *S/ título* (Desenho de planificação de cavalo). Papel. Col. part.

F.102. Delfim Maya. *S/ título* (Desenho de planificação de cavalo com cavaleiro). Papel. Col. part.



F.103.



F.104.

F.103. Delfim Maya. *S/ título*. (Desenhos de planificações de gato). Papel e papel vegetal. Col. part.

F.104. Delfim Maya. *S/ título*. (Planificação de gato). Folha de cobre recortada. Col. part.



F.105



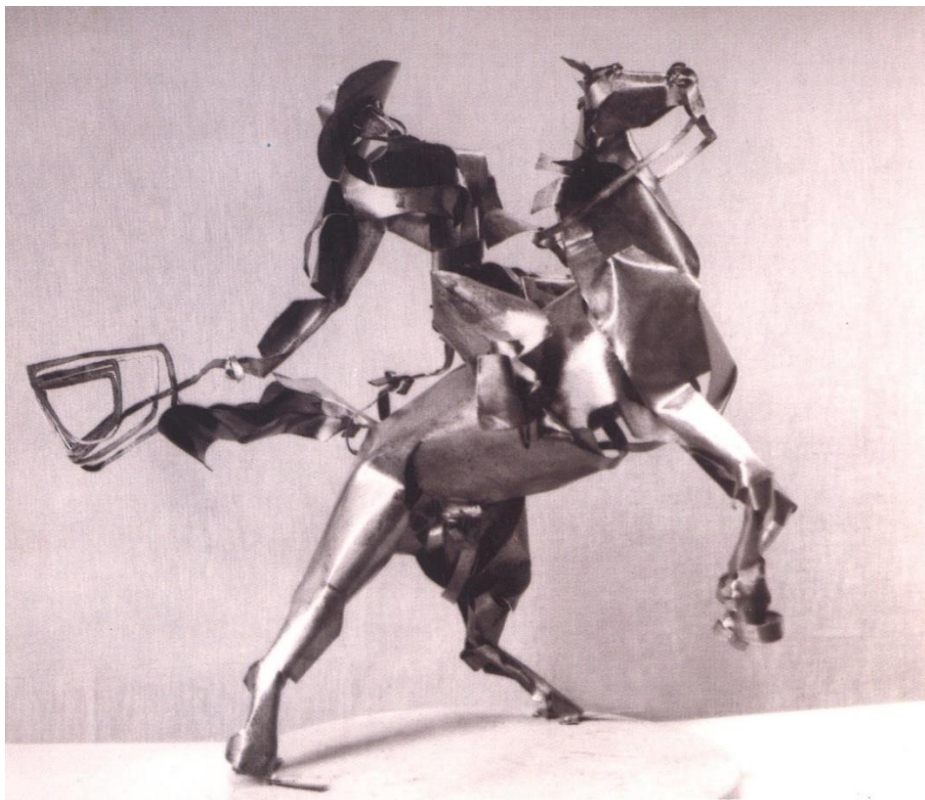
F.106

F.105. Delfim Maya. *S/Título* (Desenho de planificação de Varina). 1934. Col. part.

F.106. Delfim Maya. *Varina*. 1934. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 43x24x15 cm. Col. part.



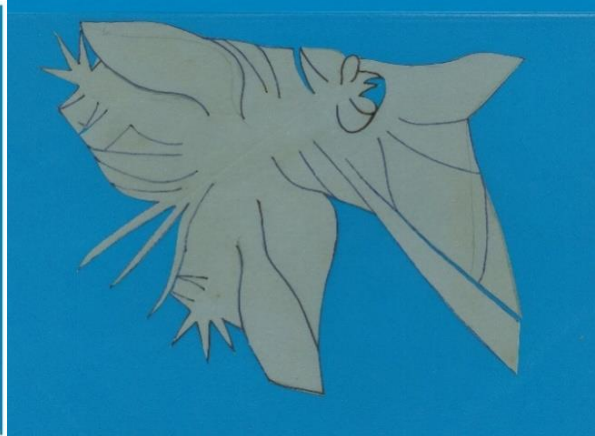
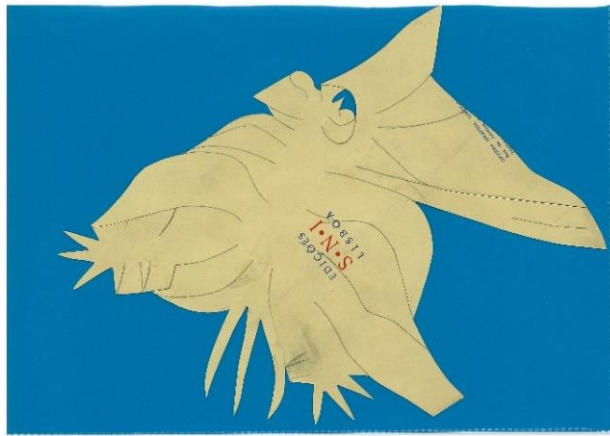
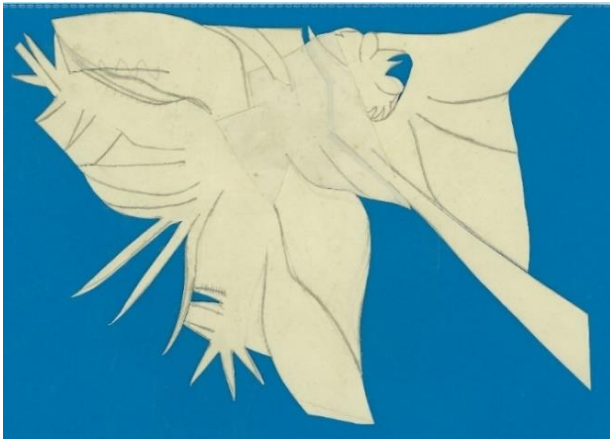
F.107



F.108

F.107. Delfim Maya. *Gaúcho*. 1937. Folha de ferro recortada e mármore. ADM

F.108. Delfim Maya. *Gaúcho atirando o laço*. 1937. Folha de ferro recortada e mármore. ADM.



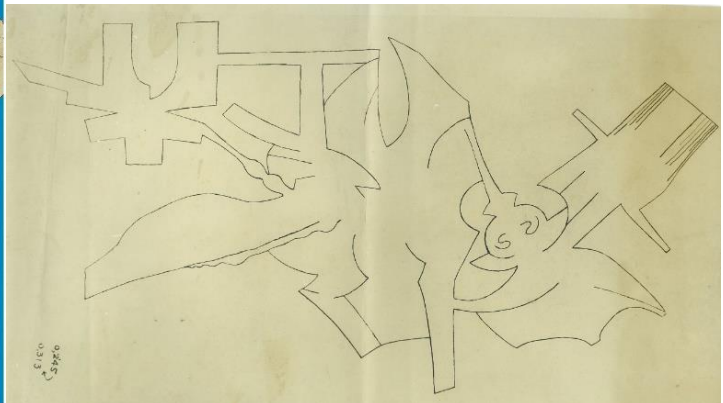
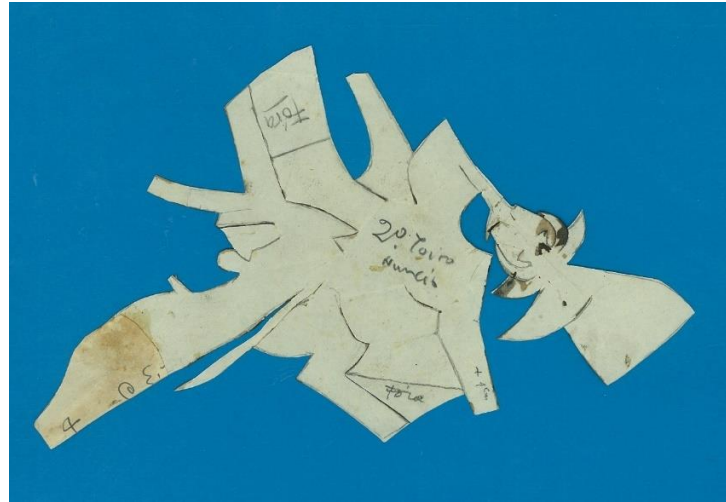
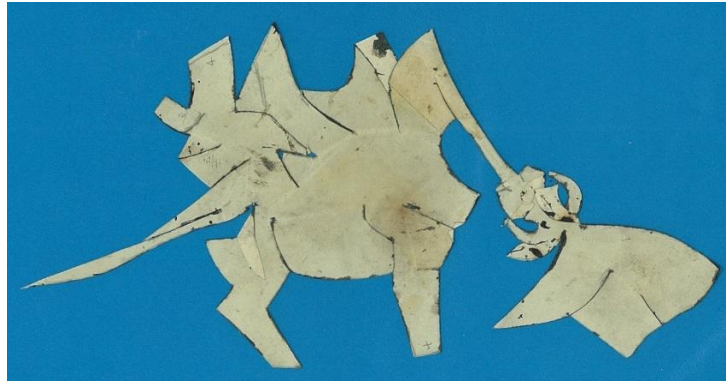
F.109



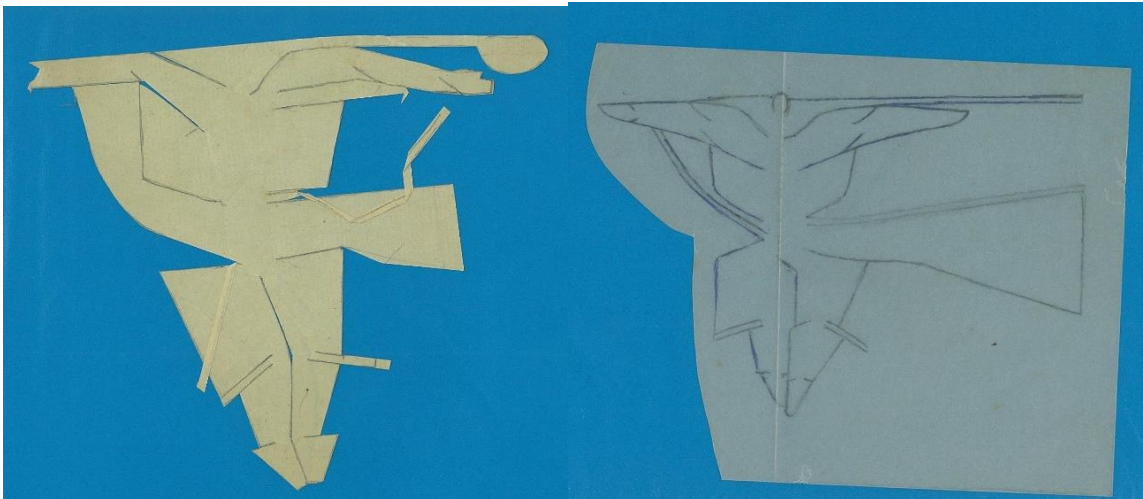
F.110

F.109. Delfim Maya. *S/ título* (Desenhos de planificações de galo). s. d. [1934]. Papel, cartolina e papel vegetal. Col. part.

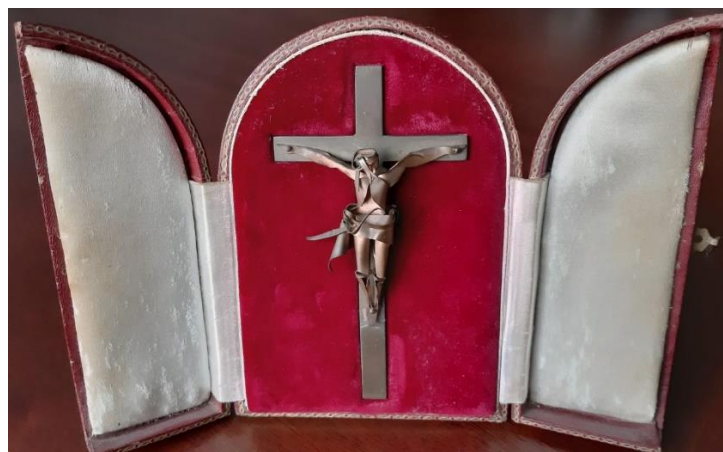
F.110. Delfim Maya. *S/ título* (Planificação de galo). s. d. [1934]. Folha de latão recortada. Col. part.



F.111. Delfim Maya. S/ títulos (Desenhos de planificações de touros). Papel e papel vegetal. Col. part.



F.112



F.113



F.114



F.115

F.112. Delfim Maya. *S/ título* (Desenhos de planificações de Cristo). Papel e papel vegetal. ADM.

F.113. Delfim Maya. *Crucifixo*. Folha de cobre recortada, veludo e seda. Col. part.

F.114. Delfim Maya. *Crucifixo*. 1939. Folha de prata recortada, pau santo e mogno. 26x19x6 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha

F.115. Delfim Maya. *Crucifixo*. 1937. (ass.). Folha de ouro recortada e pau santo. 16x9x5 cm. Col. part.



F.116



F.117

F.116. Delfim Maya. *Combate de galos*. s. d. [1934]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 15x30x6 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.117. Delfim Maya. *Combate de galos*. s. d. [1934]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 24x23x17 cm. Col. part.



F.118



F.119

F.118. Delfim Maya. *S/ título* (Último desenho de planificação de Anjo da Guarda). s. d. [1938]. Papel. Col. part.

F.119. Delfim Maya. *Anjo da guarda*. s. d. [1938]. (ass.). Folha de prata recortada sobre seda. Col. part.



F.120



F.121

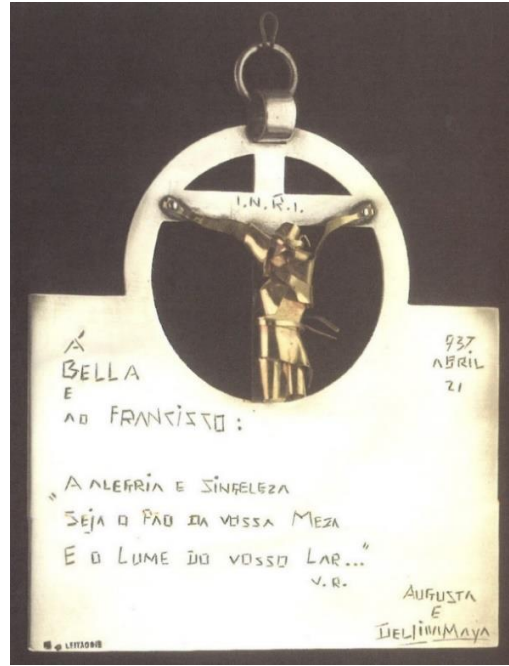
F.120. Delfim Maya. *S. Jorge*. Portugal. s. d. (n. ass.). Folhas de flandres e de ferro recortadas. 24x24x6 cm. Col. part.

F.121. Delfim Maya. *Par de minuete*. s. d. (n. ass.). Folha de ferro recortada sobre placa de mármore. 8x15 x1,7 cm. Col.part.¹⁰

¹⁰ Por cortesia da Cabral Moncada Leilões. Foto: Vasco Cunha Monteiro.



F.122



F.123



F.124



F.125



F.126

F.122. Delfim Maya. *Crucifixo*. s. d. [1937]. Folha de ferro e madeira. 25x15x5 cm. Col. part.

F.123. Delfim Maya. *Cristo mutilado*. 1937. (ass.). Folhas de ouro e de prata recortadas. (ass.). 21x15x8 cm. Col. part.

F.124. Delfim Maya. *Pietà*. s. d. (ass.). Folhas de ferro e cobre recortadas. 14x7x5 cm. Col. part.

F.125. Delfim Maya. *Nossa Senhora e o Menino*. 1942. (ass.). Folhas de prata e ouro recortadas e pau santo. 17x11x6 cm. Col. part.

F.126. Delfim Maya. *Santo António*. 1946. (ass.). Folha de prata recortada e pau santo. 19x26x6 cm. Col. part.



F.127



F.128



F.129



F.130

F.127. Alexander Archipenko. *Mulher*. 1920. Folha de metal e folha de metal pintada sobre tela.187 cm.

F.128. Alexander Archipenko. *Rei Salomão*. 1963. Bronze. Universidade de Filadelfia.

F.129. Naum Gabo. *Cabeça construída n.º1*. 1915 (reconstruída em 1985). Três componentes de madeira contraplacada. 54 cm. Museu Städel, Frankfurt e Mainz.

F.130. Alberto Giacometti. *Mulher de pé*. 1948. Bronze pintado. 166 cm. Museu de Arte Moderna. Nova Iorque.



F.131



F.132



F.133

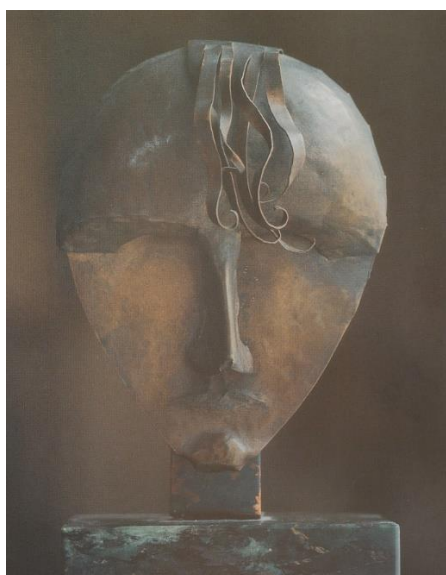
F.131. Delfim Maya. *Dançando ao som da viola*. 1940. (ass.). Folha de ferro recortada, folha de flandres e mármore. 7,5xØ19 cm. Col. part.

F.132. Delfim Maya. *Pintor*. s. d. [1939]. Folha de ferro recortada e mármore. 10x11x11 cm. Col. part.

F.133. Delfim Maya. *Mãos dadas*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada. 6x17x7 cm. Col. part



F.134



F.135



F.136

F.134. C. Brancusi. *Torso de rapaz*. Madeira de ácer e latão em base de pedra. 1917-22 e 1917. Museu de Arte de Filadelfia e de Cleveland.

F.135. Pablo Gargallo. *Pequena máscara com madeixa*. 1907. Chapa de cobre. 8x6x3 cm. Col. família do artista.

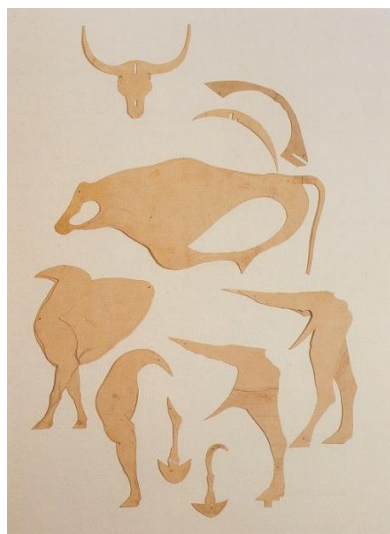
F.136. Pablo Gargallo. *Máscara de homem*. c. 1911. Chapa de ferro. 11x8,2 cm.



F.137



F.138



F.139



F.140

F.137. Pablo Gargallo. *Pequena bailarina espanhola*. 1927. Cartão recortado (12 peças). Museu Pablo Gargallo. Saragoça.

F.138. Pablo Gargallo. *Pequena bailarina espanhola*. 1927. Chapa de cobre. 37x14x11 cm. Museu de Arte Moderna. Barcelona

F.139. Pablo Gargallo. *Boi*. 1930. Cartão recortado (21 peças). Museu Pablo Gargallo. Saragoça.

F.140. Pablo Gargallo. *Boi*. 1930. Chapa de ferro. 27x39x14 cm. Col. part.



F.141



F.142



F.143

F.141. Pablo Gargallo. *Galo*. 1930. Cartão recortado (18 peças). Museu Pablo Gargallo. Saragoça.

F.142. Pablo Gargallo. *Galo*. 1930. Chapa de ferro. 51x41 cm. Museu Metropolitan. Nova Iorque.

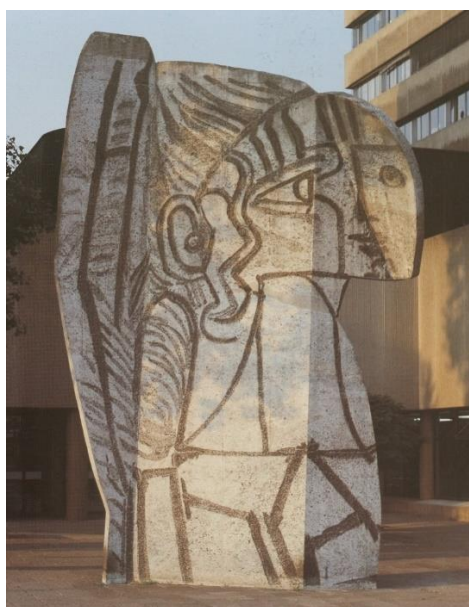
F.143. Jean e Joël Martel. *Tocador de serra musical*. 1927. Planiescultura em folha de zinco recortada.



F.144



F.145



F.146



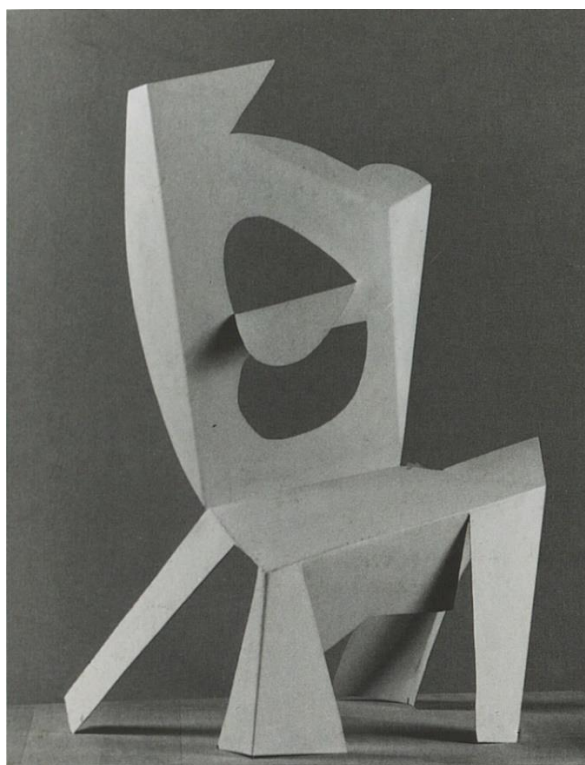
F.147

F.144. Pablo Picasso. *Mulher*. 1961. Folha de metal recortada, dobrada e pintada. 30,5x19,5x11,5 cm. Fundação Almine e Bernard Ruiz-Picasso para a Arte. Madrid.

F.145. Pablo Picasso. *Cabeça de mulher*. 1962. Folha de metal recortada, dobrada e pintada e fio de ferro. 32x24x16 cm. Museu Nacional Picasso-Paris.

F.146. Pablo Picasso. *Mulher do chapéu*. 1962-63. Folha de metal pintada. 126x73x41 cm.

F.147. Pablo Picasso. *Mulher de braços afastados*. Folha de metal pintada. Museu Picasso-Paris.



F.148



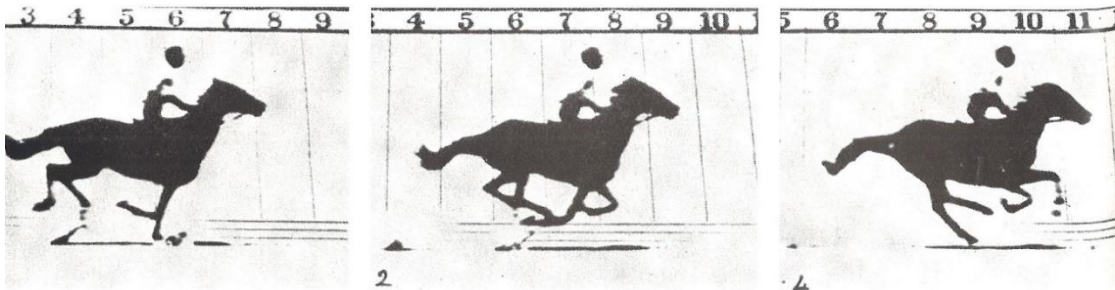
F.149

F.148. Pablo Picasso. *A cadeira*. 1961. Folha de metal recortada e pintada. 111,5x114,5x89 cm.

F.149. Pablo Picasso. *O pequeno-almoço na relva*. 1962. Cartão recortado e dobrado. Museu Picasso-Paris.



F.150



F.151



F.152

F.150. Praxíteles. *Hermes e Dionísio criança*. Sec. IV a. C. Mármore.

F.151. Eadweard Muybridge. *Crono-fotografia: cavalos a correr*. 1878.

F.152. Etienne J. Marey. *Voo de gaivota*. 1887. Museu E. J. Marey e das Belas Artes. Beaune.



F.153



F.154

F.153. U. Boccioni. *Formas únicas de continuidade no espaço*. 1913. Bronze. 112,2x88,5x40 cm. Museu de Arte Contemporânea. USP. S. Paulo.

F.154. A. Calder. *Mobile*. 1937. Madeira, folha de metal, haste de metal, fio de ferro, fio e pintura. 60x30 cm. Galeria Nacional da Finlândia. Museu de Arte de Ateneum. Helsínquia.



F.155



F.156



F.157

F.155. Delfim Maya. *Avião*. s. d. [1940]. (ass.). Bronze. 99x88x107 cm. Col. part.

F.156. Maximiano Alves. *Estátua a João Ferreira do Amaral*. 1940. Bronze. Lisboa¹¹.

F.157. Diogo de Macedo. *Fonte Monumental*. 1948. Alameda D. Afonso Henriques. Lisboa

¹¹ Esta estátua, criada em 1940 para Macau, onde Ferreira do Amaral foi governador, foi transferida para Lisboa em 1999, antes de Macau ser devolvido à China.



F.158



F.159.

F.158. Delfim Maya. *Gaúcho*. s. d. [1938]. (ass.). Bronze. 64x67x28 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.159. Delfim Maya. *Gaúcho (cangocha)*. s. d. [1938], (ass.). Bronze. 62x46x30 cm. Col. GNR. Lisboa



F.160



F.161



F.162

F.160. Ronald Bladen. *S/ título*. 1965. Alumínio polido. 284x122x53 cm cada parte. Hamburger Bahnhof. Berlim.

F.161. Delfim Maya. *Ribatejo*. 1952. (n. ass.). Bronze. 89x119x75 cm. Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

F.162. Delfim Maya. *João Nuncio - ferro curto*. 1945. (ass.). Bronze. 37x57x49 cm. Fundação Eugénio de Almeida. Évora.



F.163



F.164

F.163. Delfim Maya. *Marquês do Funchal a saltar*. 1946. (ass.). Bronze. 60x45x40 cm. Museu Nacional do Desporto. Lisboa.

F.164. Delfim Maya. *Ana Maria Cordeiro Ferreira*. 1958. (ass.). Bronze. 57x48x33 cm. Col. part.



F.165



F.166

F.165. Delfim Maya. *Kátia*. 1957. (ass.). Gesso patinado. 43x50x39 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha

F.166. Barnett Newman. *Obelisco quebrado*. 770x320x32m cm. Rothko Chapel. Houston. TX.



F.167



F.168



F.169



F.170

F.167. Delfim Maya. *Mouzinho*. s. d. [c. 1941]. (ass.). Bronze. 70x60x35 cm. Col. GNR.¹²

F.168. Delfim Maya. *Carga de Cavalaria*. 1960. (n. ass.). Bronze. Baixo relevo. Museu do Paço Ducal de Vila Viçosa.

F.169. Delfim Maya. *Nuno de Oliveira*. s. d. [1957]. (ass.). Gesso. 40x52x48 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.170. Delfim Maya. *Emílio Infante*. s. d. [1968]. (ass.). Bronze. 54x50x30 cm. Col. part.

¹² A base em madeira foi acrescentada posteriormente, não sendo da autoria de Delfim Maya.



F.171



F.172



F.173

F.171. Delfim Maya. *Conchita em passe por alto*. s. d. (ass.). Bronze. 11x15x12 cm. Col. part.

F.172. Delfim Maya. *Varina*. s. d. [1937]. (ass.). Bronze. 50x20x26 cm. Col. part.

F.173. Delfim Maya. *Varina*. s. d. [1934]. (ass.). Bronze. 45x21,5x17,5 cm. Col. part.



F.174



F.175



F.176



F.177

F.174. Delfim Maya. *Baile andaluz*. s. d. [c.1935]. (ass.). Bronze. 35x38x28 cm. Col. part.

F.175. Delfim Maya. *Baile andaluz*. s. d. Bronze. s. d. (ass.). 10 cm. Col. part.¹³

F.176. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. Bronze. Col. part.

F.177. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. Bronze. Col. part.

¹³ Por cortesia da Cabral Moncada Leilões. Foto: Vasco Cunha Monteiro.



F.178



F.179



F.180



F.181

F.178. Delfim Maya. *Cavalo em liberdade*. s. d. (ass.). Bronze. 11,5 cm. Col. part.¹⁴

F.179. Delfim Maya. *Gato a caçar*. s. d. [1942]. (n. ass.). Porcelana VA. Col. part.

F.180. Delfim Maya. *Touro bravo*. s. d. [1932]. (ass.). Bronze. 22x38x20 cm. Col. part.

F.181. Delfim Maya. *Touro investindo no chapéu*. s. d. [1947]. (ass.). Bronze. 30x42x29 cm. Col. part.

¹⁴ Por cortesia da Cabral Moncada Leilões. Autor da fotografia: Vasco Cunha Monteiro.



F.182



F.183



F.184

F.182. Delfim Maya. *Varina*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.183. Delfim Maya. *Varina*. s. d. (n. ass.). Folha de ferro recortada. 33,5x16x14,5 cm. Col. Turf Club.

F.184. Delfim Maya. *Varina*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada e pintada e mármore. 47 cm. Col. part. ¹⁵

¹⁵ Por cortesia da Cabral Moncada Leilões. Foto: Vasco Cunha Monteiro.



F.185



F.186



F.187

F.185. Delfim Maya. Bailarina espanhola. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. 28x18x12 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.186. Delfim Maya. *Bailarina espanhola*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.

F.187. Delfim Maya. *Dançando ao som da viola*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 8x11x11 cm. Col. part.



F.188



F.189



F.190

F.188. Delfim Maya. *Baile andaluz*. s. d. [c.1935]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 33xØ33 cm. Col. part.

F.189. Delfim Maya. *Pares de bailarinos andaluzes*. s. d. Folha de flandres recortada e mármore. 8,5xØ 20 cm. Col. part.

F.190. Delfim Maya. *Baile andaluz*. s. d. Folha de ferro recortada e mármore. Col. part.



F.191



F.192



F.193

F.191. Delfim Maya. *Picador*. s. d. [1935]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 39xØ50 cm. MNAC-MC. Lisboa.

F.192. Delfim Maya. *Conchita Cintrón*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 22x45x35 cm. Museu Etnográfico de Vila Franca de Xira.

F.193. Delfim Maya. *Apontamentos em ferro*. s. d. [anterior a 1956]. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 40x51x19 cm. Museu Nacional Soares dos Reis. Porto.



F.194



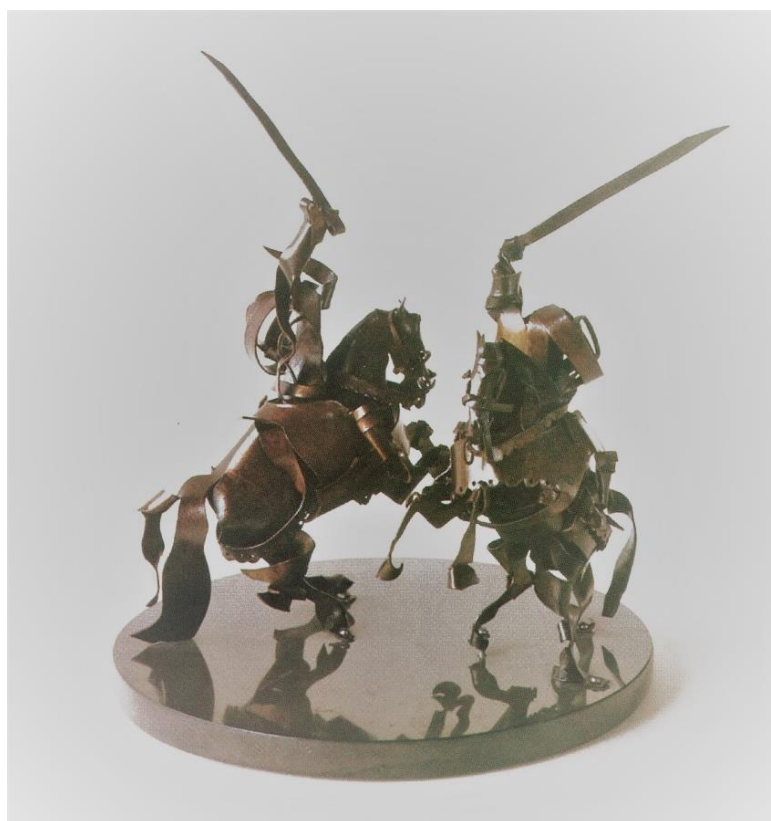
F.195

F.194 Delfim Maya. *Passe de muleta*. s. d. [1948]. (ass.). Folha de ferro recortada e pintada e madeira. 16x33x16 cm. Col. part.

F.195. Delfim Maya. *Passe por alto*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 73x115x191 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.



F.196



F.197

F.196. Delfim Maya. *Espadachins*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 14x22x7 cm. Col. part.

F.197. Delfim Maya. *Cavaleiros medievais*. s. d. (n. ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 25x20 cm. Col. part.



F.198



F.199



F.200



F.201

F.198. Delfim Maya. *Galgos em corrida*. s. d. [1934] (ass.). Folha de ferro recortada e mármore. 28x35 cm. Col. part.

F. 199. Delfim Maya. *Tigre*. s. d. (ass.). Folha de ferro recortada. 20x20x15 cm. Col. Fundação Pedro Falcão e Yanrub. Cascais.

F.200. Delfim Maya. *Galgos*. 1935. (ass.). Aguarela. 28,5x40,5 cm. Col. part.

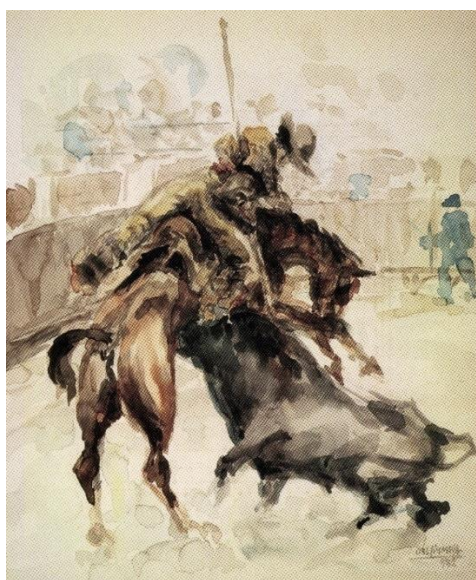
F.201. Delfim Maya. *S/ título*. (Estudo de Galgos). s. d. [1935]. (n. ass.). Desenho a grafite e lápis de cor. Col. part.



F.202



F.203



F.204



F.205

F.202. Delfim Maya. *Corrida de cavalos*. s. d. [1932]. (n. ass.). Aguarela. 15x20 cm. Col part.

F.203. Delfim Maya. *Salto de obstáculo*. 1932. (ass.). Aguarela. 31x23 cm. Col. part.

F.204. Delfim Maya. *Uma vara*. 1932. (ass.). Aguarela. 37x30 cm. Col. part.

F.205. Delfim Maya. *D. Antônio Cañero*. s. d. (n. ass.). Desenho a tinta da china e aguada sobre papel. Col. part.



F.206



F.207

F.206. Ossip Zadkine. *Tocadora de guitarra*. 1952.

F.207. Jacques Lipchitz. *O casal*. (1928-1929)



F.209



F.209

F.208. Medardo Rosso. *Conversação num jardim*. c. 1896. Cera sobre gesso. 35x66,5 cm.

F.209. Mariano Benlliure. *Monumento aos Caçadores de Alcântara*. 1931. Bronze. Valadolid. Espanha.



F.210.



F. 211.

F.210. Delfim Maya. *A caminho da posição - peça alvejada*.1938. (ass.). Bronze. 70x270x160 cm. Museu Militar de Lisboa.¹⁶

F. 211. Delfim Maya. *Lembrando a aldeia*. Bronze. Col. part.

¹⁶ Fotografia da autoria de Margarida Ramalho. In Maya (1998), p. 89.



F.212. Delfim Maya. *Figuras do Mundo Português*. s. d. [1940]. (n. ass.). Gesso pintado. Col. part.



F.213.



F.214



F.215

F.213. Delfim Maya. *Nu feminino*. s. d. [c. 1932]. (ass.). Bronze. 48x13x17 cm. Col. part.

F.214. Delfim Maya. *Nu feminino*. 1936. (ass.). Bronze. Baixo relevo. (ass.) Ø33x6 cm. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

F.215. Delfim Maya. *Tronco de mulher*. s. d. [c.1936]. Bronze. (ass.). 22x69x20 cm. Col. part.



F.216.



F.217.



F.218.



F.219



F.220

F.216. Delfim Maya. *Maria Cristina*. s. d. [c.1931], (ass.). Bronze. 33x27x25 cm. Col. part.

F.217. Delfim Maya. *Cabeça de criança (Victor)*. s. d. [c.1930], (ass.). Bronze. 22x17x12 cm. Col. part.

F.218. Delfim Maya. *D. Vicente da Câmara*. 1955. (ass.). Bronze. 22x17x12 cm. Museu do Fado. Lisboa

F.219. Delfim Maya. *Comandante Paiva Couceiro*. s. d. [c. 1950]. (n. ass.). Bronze. 46x35x30 cm. Paço Ducal de Vila Viçosa. Fundação da Casa de Bragança. Vila Viçosa.

F.220. Delfim Maya. *Busto do General Bénard Guedes*. s. d. (ass.). Bronze. 65x63x32,5 cm. Museu do Estado de Goa. Índia.



F.221



F.222



F.223.

F.221. Delfim Maya. *Busto de Agostinho Vicente Lourenço*. (ass.). Bronze e pedra. Jardim Municipal de Margão. Goa. Índia.

F.222. Delfim Maya. *Busto de Schiappa de Azevedo*. 1957. (ass.). Bronze e pedra. Pico do Castelo. Porto Santo.

F.223. Delfim Maya. *Carga de cavalaria*. 1960. (ass.). Pedra. 400x600 cm. Ex-Escola Prática de Cavalaria. Santarém.



F.224



F.225



F.226



F.227.



F.228.

F.224. Delfim Maya, *João Núncio - cortesias*. 1942. Bronze. 32x20x30 cm. Fundação Eugénio de Almeida. Évora.

F.225. Delfim Maya. *Poldro a coçar-se e Poldro deitado*. s. d. [1947]. (ass.). Biscuit. 10x18x17 cm e 10x15x13 cm. Museu da Vista Alegre. Ílhavo.

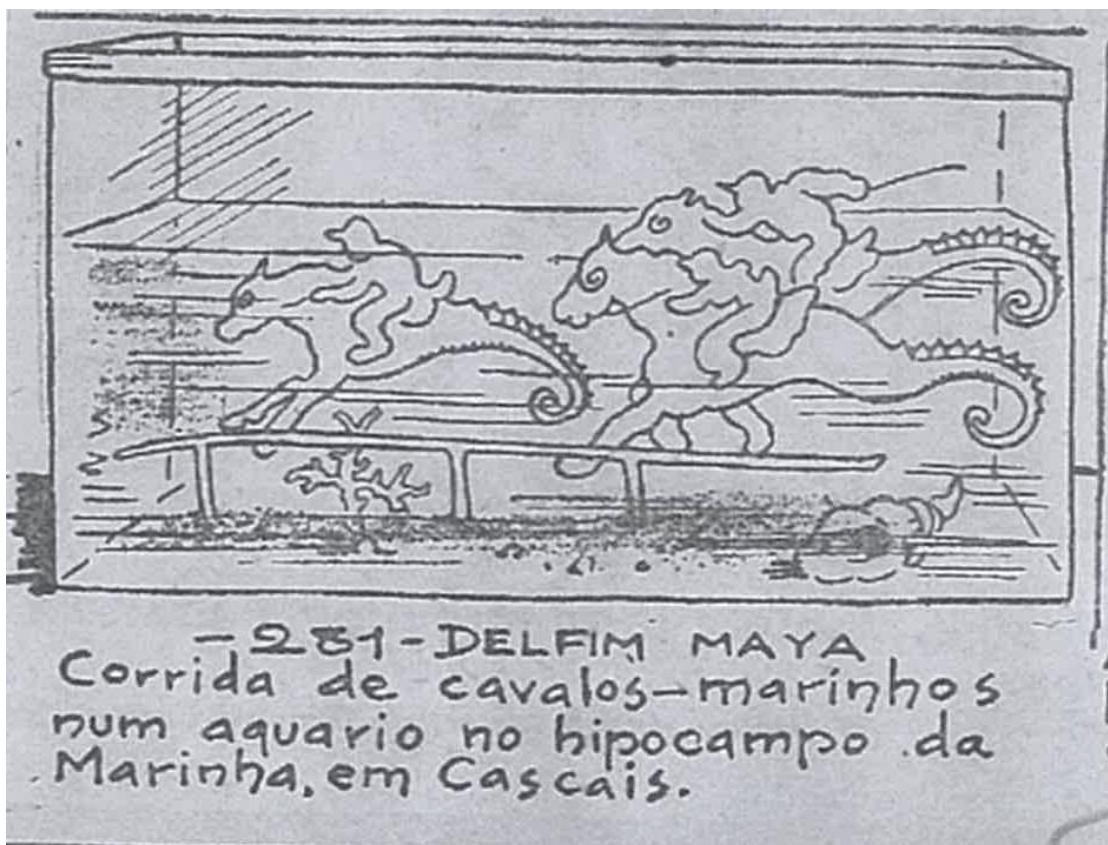
F.226. Delfim Maya. *Cavaleiro em cortesias*. Biscuit. Museu da Vista Alegre. Ílhavo.¹⁷

F.227. Delfim Maya. *Toureio*. Biscuit. (ass.) 24x46x19 cm. Museu da Vista Alegre. Ílhavo.¹⁸

F.228. Delfim Maya. *Fox pelo de arame*. Porcelana vidrada e policromada. Museu da Vista Alegre. Ílhavo.

¹⁷ Por cortesia da Cabral Moncada Leilões. Foto: Vasco Cunha Monteiro.

¹⁸ *Idem*



F.229



F.230

F.229. Delfim Maya. *Corrida de cavalos-marinhos num aquário no hipocampo da Marinha*. Reprodução no *Sempre Fixe* (1937, abril 22) de caricatura em exposição na SNBA.

F.230. Delfim Maya. *João Maya*. 1913. (ass.). Caricatura. Grafite e lápis de cor. Col. part.



F.231



F.232

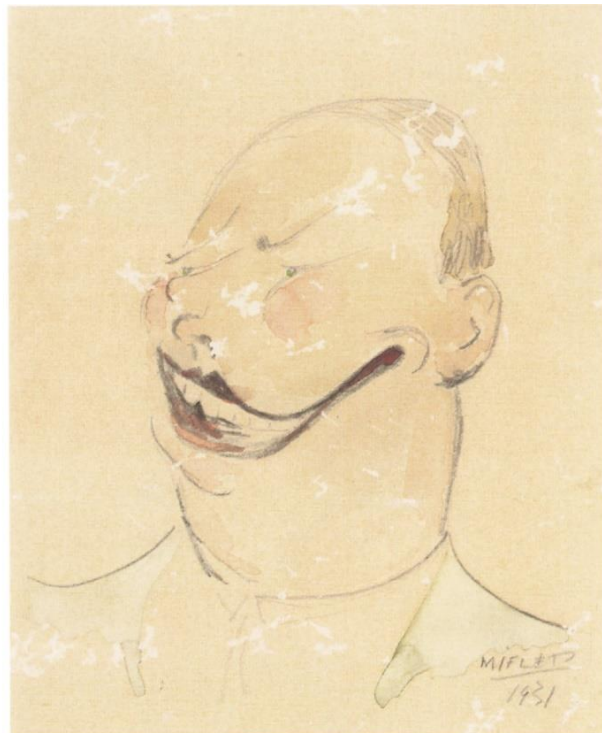
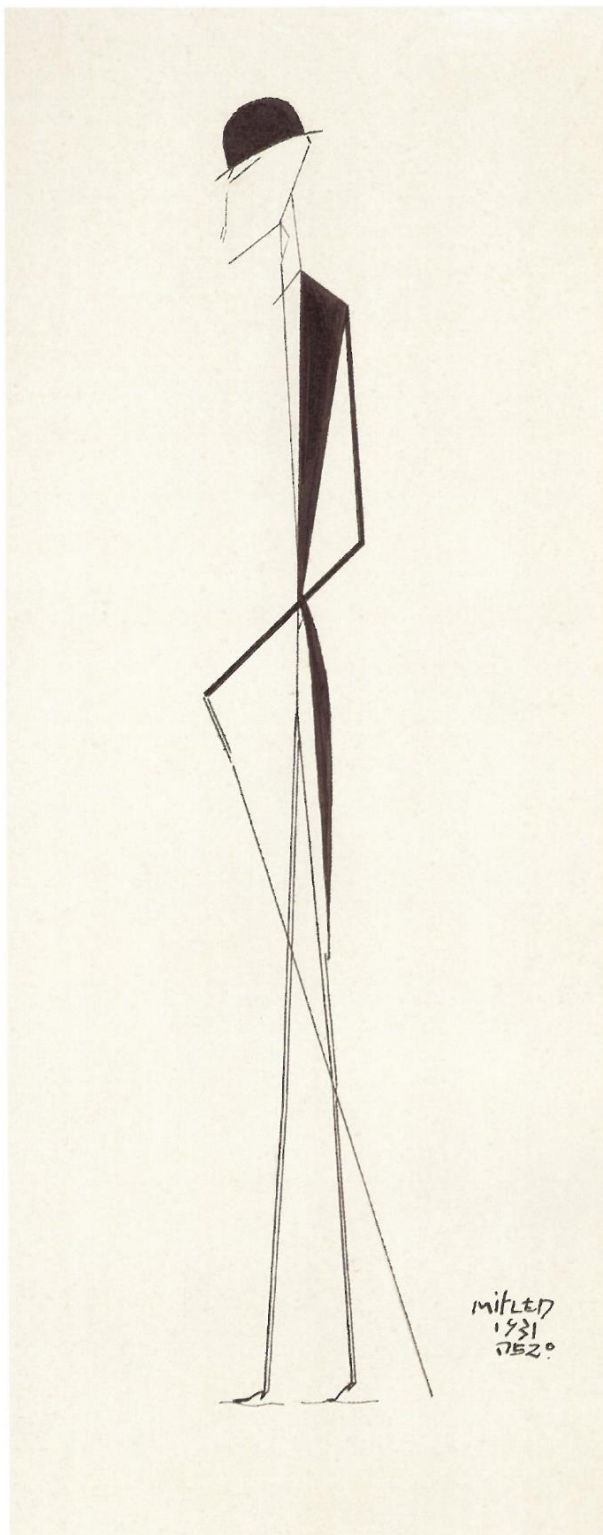


F.233

F.231. Delfim Maya. *Gioconda*. Duas caricaturas. Postais. 1919. (ass.). Madrid. ADM.

F.232. Delfim Maya. *Dr. Joaquim Manso*. 1932. (ass.). Caricatura. Tinta da china. Col. part.

F.233. Delfim Maya. *Conde de Pinhel*. S.d. [1931]. (ass.). Caricatura. Tinta da china. Col. part.



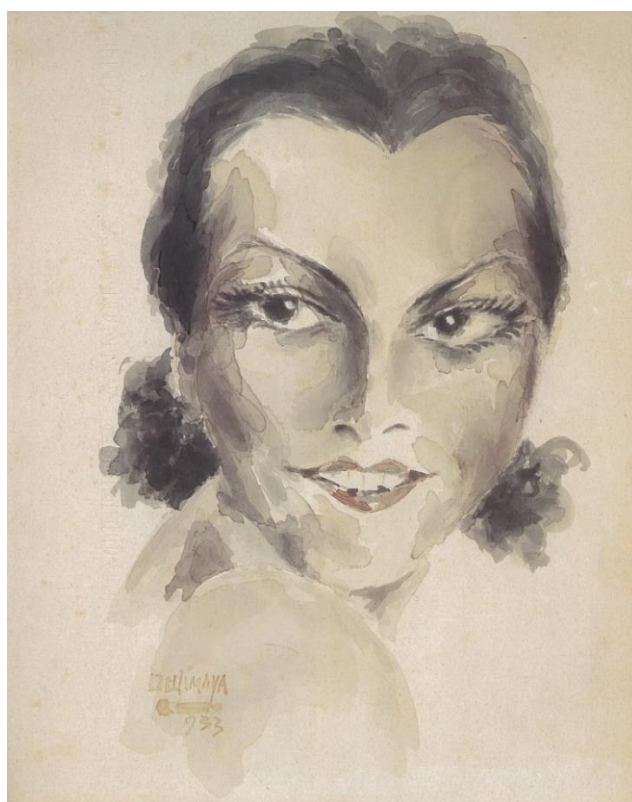
F.234. Delfim Maya. *General Vieira da Rocha*. 1931. (ass.). Caricatura. Tinta da china. Col. part.

F.235. Delfim Maya. *António Ferro*. 1931. (ass.). Caricatura. Grafite e aguarela. Col. part.

F.236. Delfim Maya. *Jorge Colaço*. 1931. (ass.). Tinta da china e aguada. Col. part.



F.237



F.238

F.237. Delfim Maya. *Conde de Calhariz*. 1919. (ass.). Sanguínea. Col. part.

F.238. Delfim Maya. *Morena dos olhos grandes*. 1933. (ass.). Aguarela. 26x20 cm. Col. part.



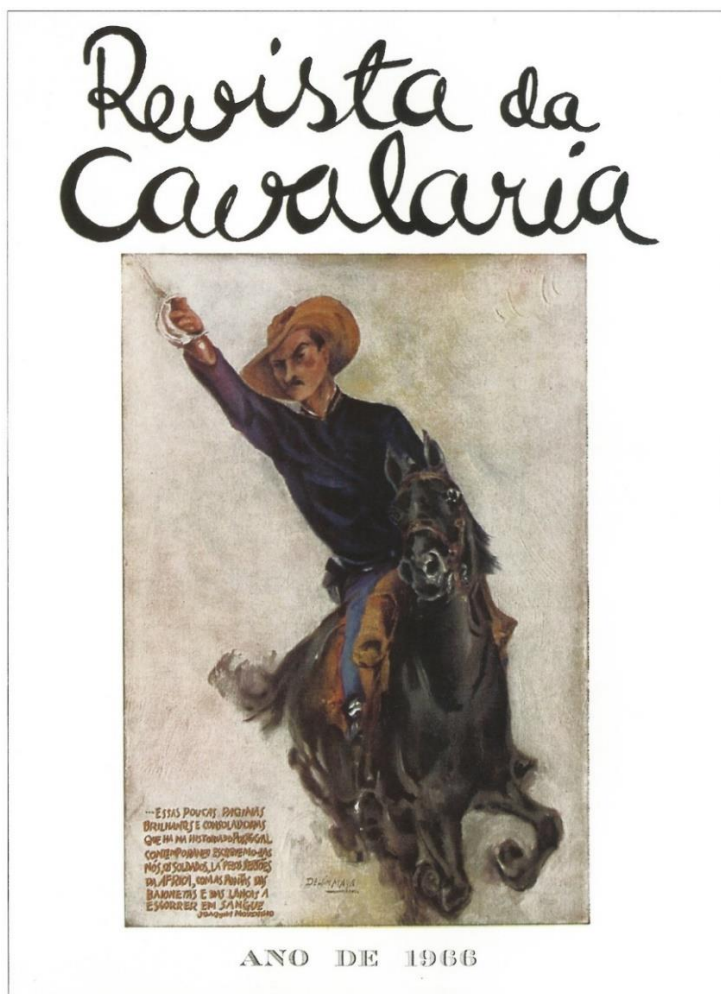
F.239



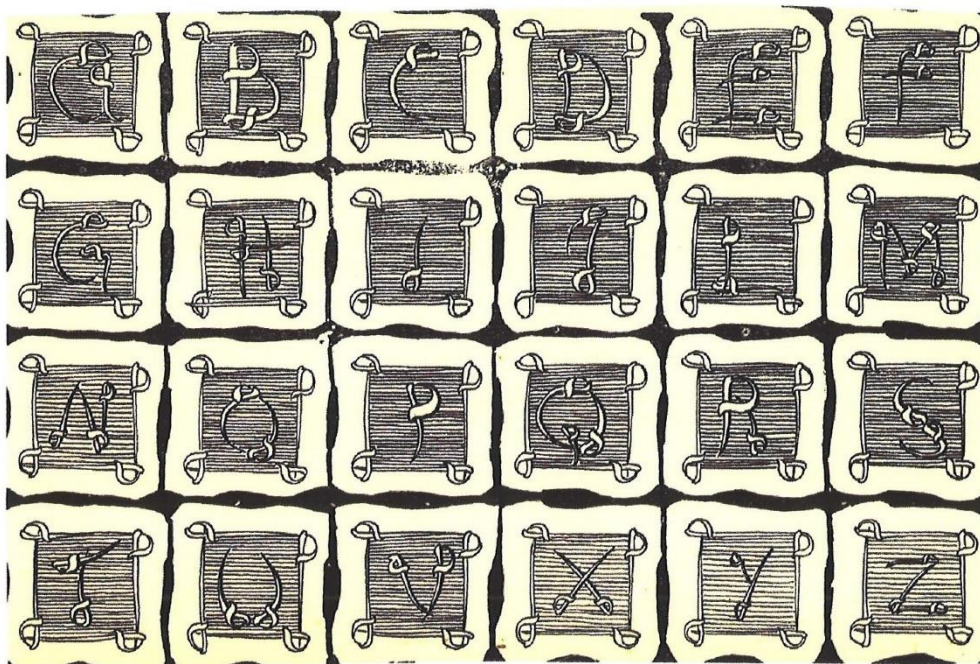
F.240

F.239. Delfim Maya. *Campino a cavalo*. s. d. (n. ass.). Carvão sobre papel.

F.240. Delfim Maya. *Mala-Posta* (séc. XIX). s. d. (ass.). Desenho a tinta da china. 98x180 cm. Museu Nacional dos Coches.



F.241



F.242

F.241. Delfim Maya. *Mouzinho de Albuquerque*. Capa da Revista da Cavalaria. 1966. (ass.). Aguarela.

F.242. Delfim Maya. *Capitulares*. 1940-1942. Revista da Cavalaria



F.243



F.244

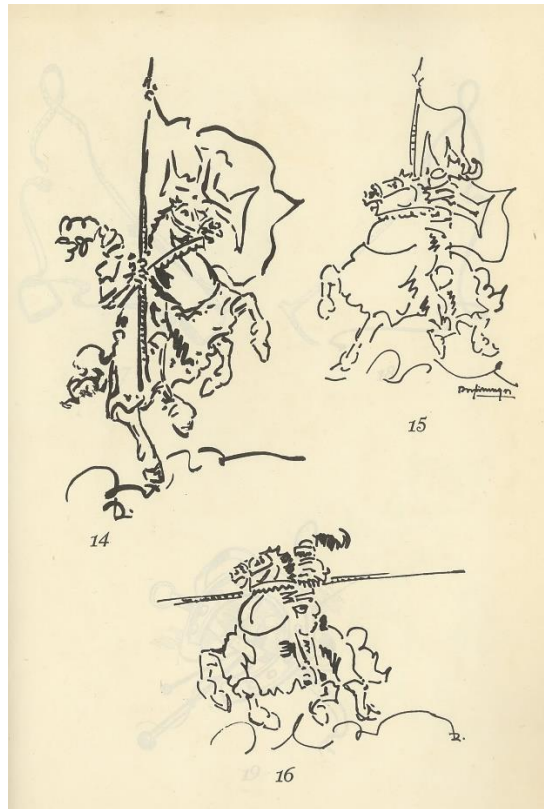


F.245

F.243. Delfim Maya. *S/ título*. (Estudos para a Revista da Cavalaria). s. d. (ass.). Tinta da china. Col part.

F.244. Delfim Maya. *S/ título*. Desenho para a Revista da Cavalaria. s. d. (ass.). Tinta da china. Col. part.

F.245. Delfim Maya. *Hipismo*. Desenho para a Revista da Cavalaria. s. d. (ass.). Tinta da china. Col. part.



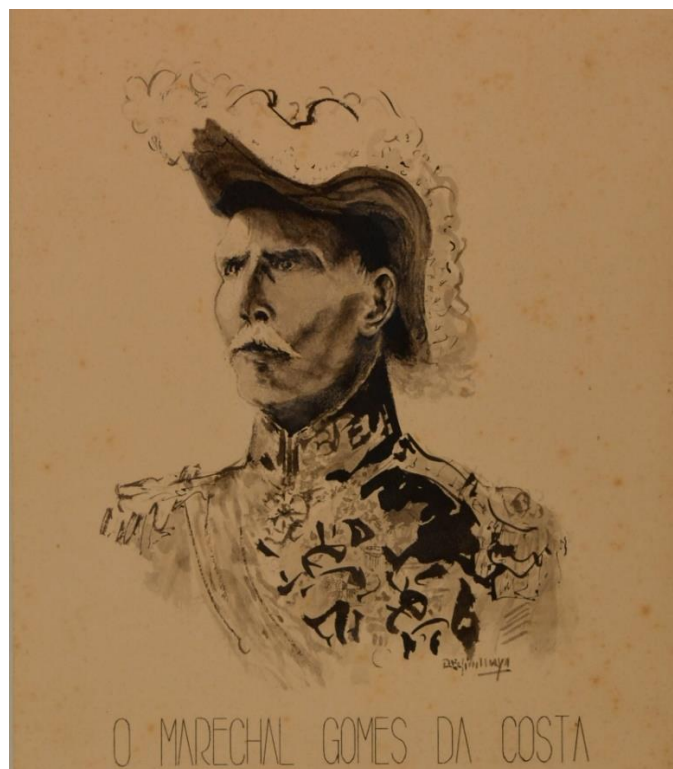
F.246



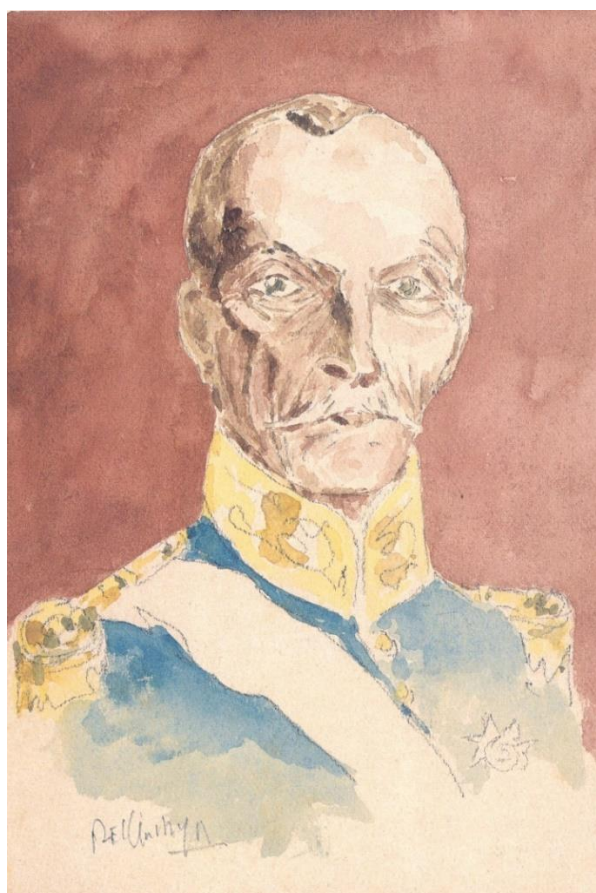
F.247

F.246. Delfim Maya. *S/ título*. Desenho para a Revista da Cavalaria. s. d. (ass.). Tinta da china. Col. part.

F.247. Delfim Maya. *S/ título*. Aguarela para a Revista da Cavalaria. s. d. (ass.). Col. part.



F.248



F.249

F.248. Delfim Maya. *Marechal Gomes da Costa*. (ass.). Desenho a tinta da china. Museu da Presidência da República.

F.249. Delfim Maya. *General Óscar Carmona*. (ass.). Aguarela. Museu da Presidência da República



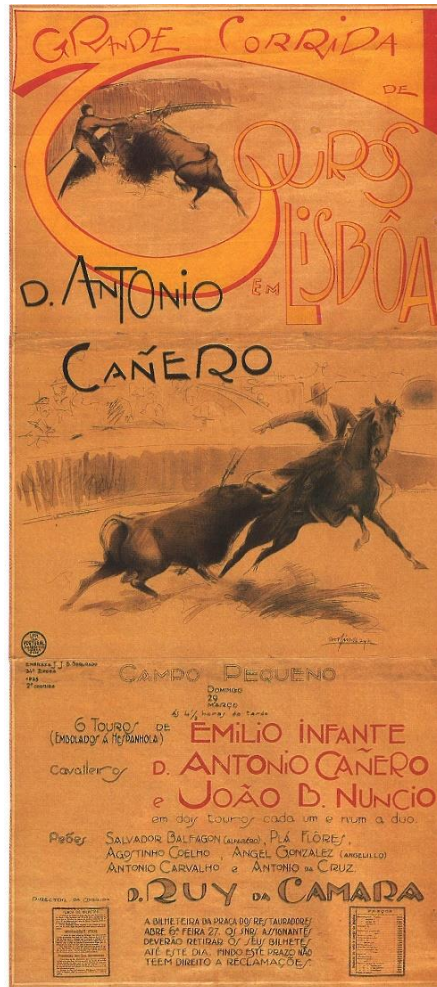
F.250



F.251

F.250. Delfim Maya. Capa da revista *Mensagem*. *Manifesto de uma geração*. N.º 3. 1938. (ass.).

F.251. Delfim Maya. *Salto de obstáculo*. 1932. (ass.). Aguarela. Col. part.



F.252



F.253

F.252. Delfim Maya. Cartaz de corrida de touros. 1933. (ass.). Aguarela. Col. part.

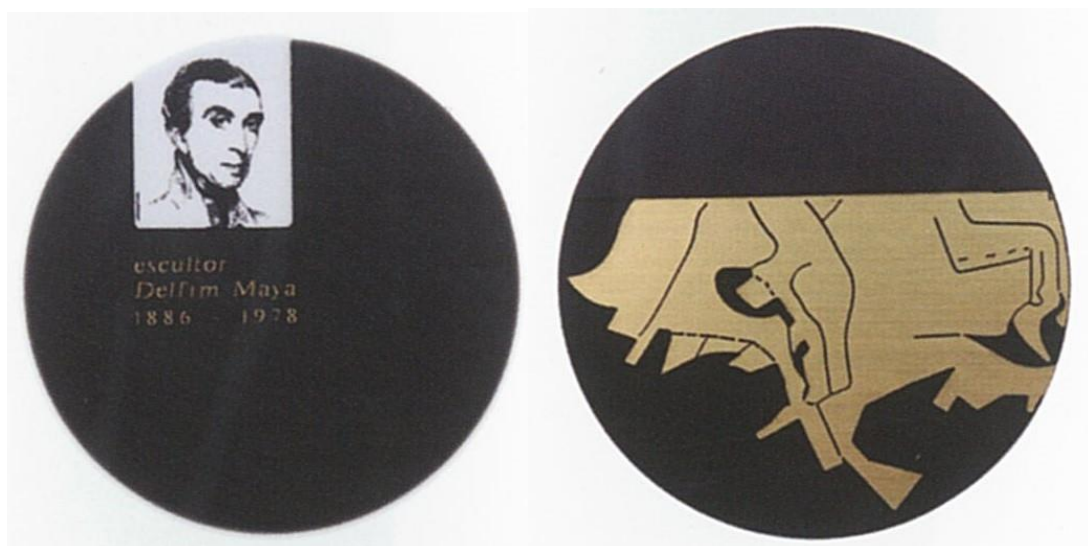
F.253. Delfim Maya. Desenho a tinta da china em abat-jour.



F.254



F.255

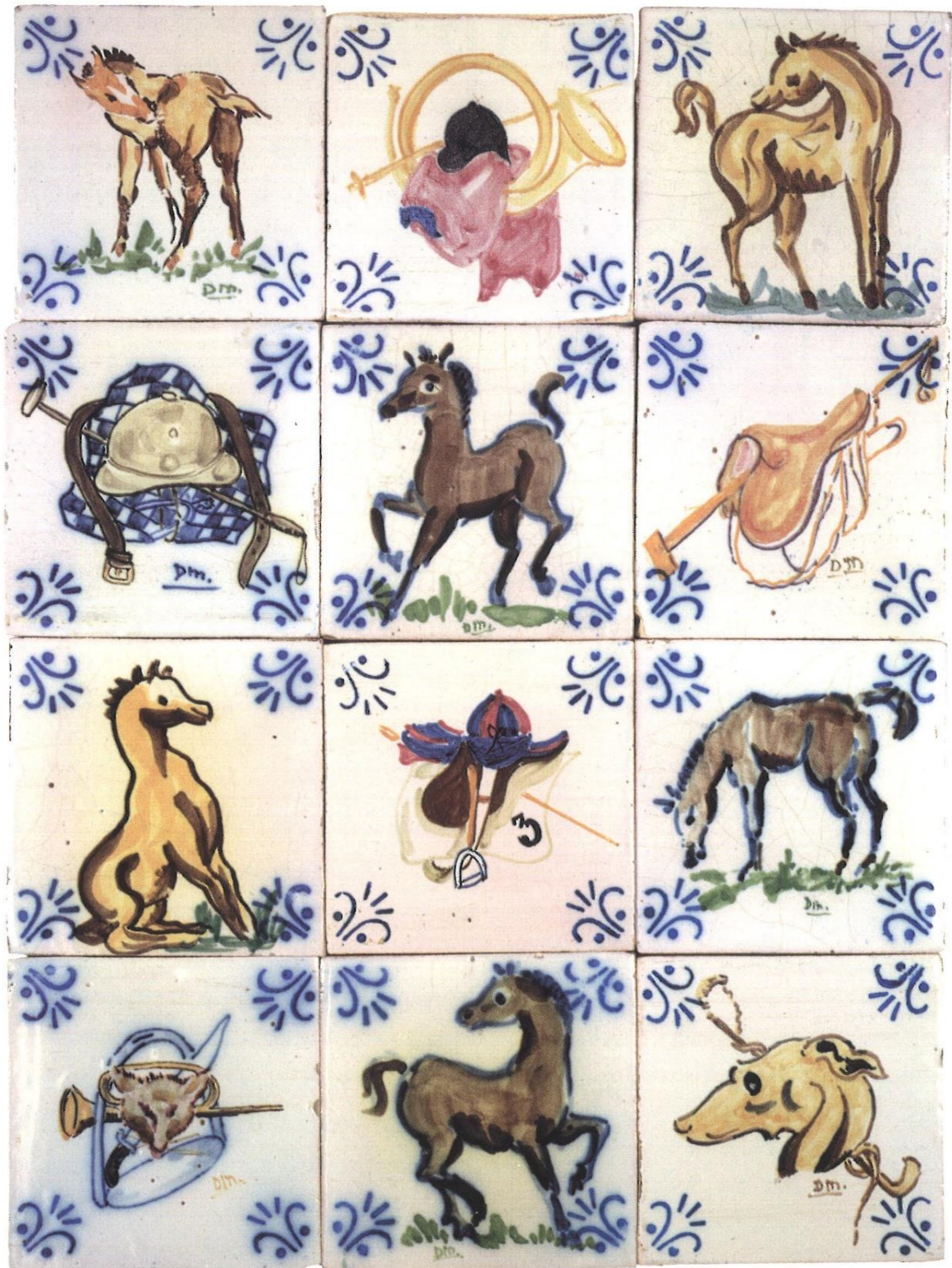


F.256

F.254. Delfim Maya. Medalha 1º Concurso Nacional de bovinos. 1967. Bronze. Col. part.

F.255. Delfim Maya. Medalha Galgos. s. d.. Bronze. Col. part.

F.256. João Duarte. Medalha comemorativa do centenário do nascimento de Delfim Maya. 1987. Bronze e plástico. Col. part.



F.257. Delfim Maya. Motivos hípicos. s. d. Azulejos (figura avulsa). (ass.). 10x10 cm. Col. part.



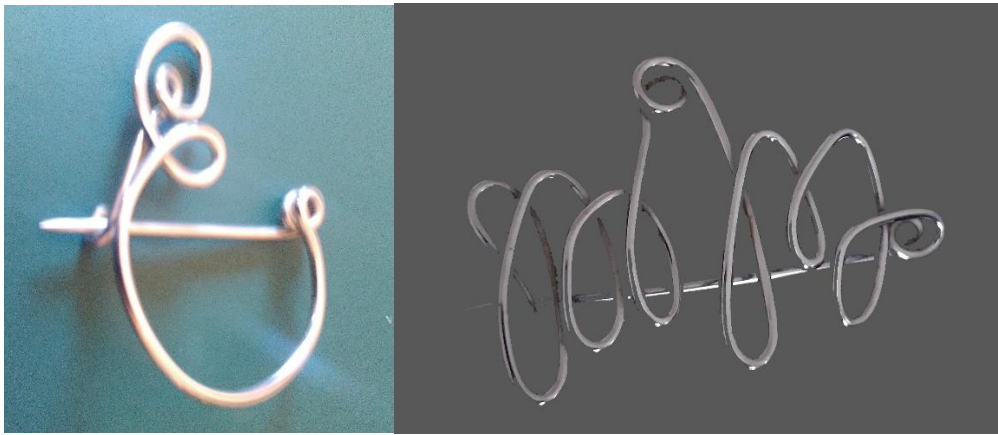
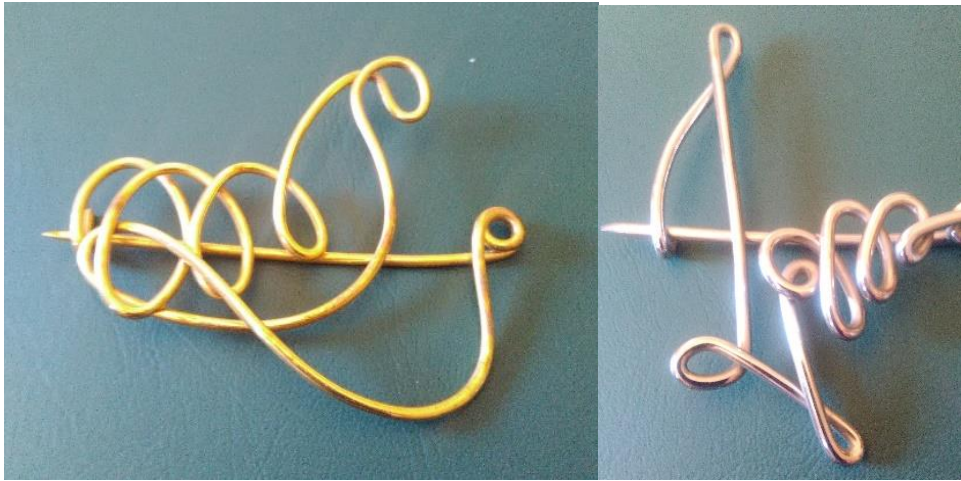
F.258



F.259

F.258. Delfim Maya. *Pregadeira e brincos Rosinhas d'Orleães*. s. d. [1947]. (n. ass.). Folha de prata recortada. Col. part.

F.259. *Delfim Maya. Brincos*. s. d. [c.1947]. (n. ass.). Folha de prata recortada. Col. part.



F.260. Delfim Maya. Monogramas. s. d. [c.1960]. (n. ass.). Fios de latão, prata e cobre. Col. part.



F.261. Delfim Maya, numa avioneta, espalhando sobre o povo das Caldas da Rainha o soneto *Os Bêbedos*, de Branca de Gonta Colaço, em homenagem a José Malhoa. 27 de abril de 1934. ADM.



CASTRO ALVES MATA
Peça de artilharia
e ser transportada
para posição de fogo
Sociedade dos Escultores
Ata da 555ª Sessão
175 e 140 sala

F.262



F.263

F.262. Delfim Maya. *A caminho da posição - peça alvejada*. 1938. (ass.). Bronze. 70x270x160 cm. Museu Militar de Lisboa.¹⁹

F.263. Delfim Maya. *A caminho da posição - peça alvejada*. 1938. (ass.). Bronze. 70x270x160 cm. Museu Militar de Lisboa.²⁰

¹⁹ Fotografia da autoria de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra, reproduzida no livro de José-Augusto França, *Museu Militar. Pintura e Escultura*, pp. 28 e 29.

²⁰ Fotografia da autoria de Francisco Amaral.

ANEXO 2.1

A (in) visibilidade de Delfim Maya em coleções dos museus e em outras instituições

Como dissemos anteriormente, pensamos que a invisibilidade de Delfim Maya na historiografia portuguesa é a grande responsável pela invisibilidade que a obra deste escultor tem tido ao longo do tempo em alguns Museus, sobretudo no Museu José Malhoa, no MNAC-MC e no Museu Nacional Soares dos Reis, que possuem obras suas – havendo, no entanto, outros Museus onde alguma obra de Delfim Maya está integrada na coleção permanente ou tem a rotatividade normal das peças dos Museus.

Para uma melhor sistematização e localização das obras de Delfim Maya, elencam-se seguidamente os museus que contam nos seus acervos com trabalhos da autoria do escultor, bem como diversos dados que consideramos relevantes sobre os mesmos, alguns dos quais pensamos que se relacionam com a falta de reconhecimento deste artista.

Organizamos a listagem dos museus onde a obra de Delfim Maya pode ser vista pelo público, colocando primeiro os museus sob tutela da DGPC-Direção Geral do Património Cultural/Ministério da Cultura e o Museu da Presidência da República, seguindo-se os Museus tutelados pelo Exército, os museus tutelados pelas autarquias e os museus tutelados por entidades privadas; como segundo critério, colocamos os museus por ordem alfabética em qualquer dos grupos acima referidos. Por fim, colocamos os museus no estrangeiro, onde temos conhecimento de que existe alguma obra de Delfim Maya.

Seguidamente, assinalamos também as obras que se encontram em instituições, ainda que não estejam acessíveis ao público.

Museu José Malhoa. Caldas da Rainha.

Como refere Paulo Henriques, “O Museu José Malhoa foi durante várias décadas, a par do Museu Nacional de Arte Contemporânea/Museu do Chiado, em Lisboa, o único Museu exclusivamente dedicado à produção contemporânea”.²¹

Talvez por isso, em 1934, Delfim Maya doou ao Museu José Malhoa uma escultura a pedido do então fundador e Diretor, Dr. António Montês, que solicitou a um conjunto de artistas a doação de

²¹ Henriques (1996), p. 107.

uma obra para a abertura do Museu. (F.82) O escultor escolheu doar *Jockey*²², em bronze, – escultura que participou no *Salon d’Automne*, em Paris, em 1932. Esta escultura deve ter estado exposta até 1976²³, não tendo nós informação de quando foi colocada nas reservas. Esta doação iniciou uma relação privilegiada com o Museu José Malhoa, que possui atualmente cerca de 30 obras deste escultor, das quais apenas uma foi comprada – *Passe por alto* (s. d., anterior a 1965) (F.195) – tendo todas as outras sido doadas ao longo dos anos.

Em 1978, foram doadas 11 esculturas pela viúva e filhos de Delfim Maya após a morte deste, sabendo que ele tinha encetado diligências para fazer esta doação ao Museu e cumprindo, assim, a sua vontade²⁴. A carta de doação tinha como condição a exposição em permanência das obras doadas, o que nunca aconteceu – pelo que o Museu tem incumprido o contrato de doação que assinou²⁵. Entre estas obras há três esculturas em gesso, *Kátia* (1957), *Nuno de Oliveira* (1957) e *Picador* (1957), sendo as restantes em folha de ferro e de prata recortadas: em folha de ferro: *Varinos na Ribeira* (1934), *D. Antônio Cañero* (1935), *Combate de galos* (1934), *Passe por alto* (s. d.), *Uma farpa* (1944) e *Uma vara* (s. d.); em folha de prata: *Piropo* (1944] e *Passe de Minuete* (1944). (F.165, F.169, F.92, F.99, F.116, F.48)

Em 1989, foram doadas mais 20 esculturas por dois filhos de Delfim Maya, Victor Maya e Maria Luísa Maya de Campos Andrada, na sequência da promessa da então Diretora do Museu, Dr.^a Matilde Tomás do Couto, de criar uma Sala Delfim Maya (à semelhança da Sala Eduardo Malta, então existente) se tivesse um número de obras suficiente, que o permitisse²⁶. A promessa feita foi sendo adiada com a justificação de que só seria possível concretizá-la depois de realizadas as obras de que o Museu necessitava – e que foram sendo sucessivamente proteladas, só tendo terminado em 2008. Nessa altura, as orientações museológicas tinham sido alteradas, tornando mais dinâmicas as formas de expor, pelo que a Sala Delfim Maya nunca foi feita²⁷.

²² Durante muitos anos, esta escultura foi indevidamente renomeada na Ficha de Inventário como “Cavalo em corrida”, nome que também constava na *Matriznet*; verificámos que essa situação foi recentemente corrigida, na consulta que fizemos à *Matriznet* a 20 de julho de 2020.

²³ Em 1976, Delfim Maya preparou a doação ao Museu de 11 esculturas; se ele tivesse verificado que a primeira obra doada não se encontrava em exposição, seguramente não teria doado mais nenhuma. Entretanto adoeceu e depois faleceu, pelo que não efetivou a doação, que pretendia fazer.

²⁴ A doação foi efetuada pela sua viúva e filhos, depois da morte do escultor (que morreu sem testamento), o que poderiam não ter feito. Assim, foram os herdeiros do escultor que assinaram a carta de doação, pelo que, em termos legais, a doação é feita por eles e não pelo próprio autor, como durante muitos anos foi escrito nas Fichas de Inventário das obras. Cf. Anexo 2.3.2 (1976 e 1978).

²⁵ A carta de doação foi assinada pelos doadores e pelo Dr. João Saavedra, por parte do Museu José Malhoa.

²⁶ Esta promessa foi feita para calar os protestos de Victor Maya, filho e herdeiro do escultor, pelo facto de a condição imposta pela carta de doação de 1978 não estar a ser cumprida e a obra de Delfim Maya se encontrar praticamente toda nas reservas do Museu.

²⁷ O facto de não ser feita a prometida Sala Delfim Maya, não impediria uma maior visibilidade da obra de Delfim Maya, retirando algumas esculturas das reservas, o que não foi feito. A Sala Eduardo Malta desapareceu nessa altura.

As obras doadas nesta ocasião foram as seguintes: *Autorretrato* (1933), desenho a carvão; esculturas em folha de ferro: *Bailarina espanhola* (s. d.), *Varina* (s. d.), *Touro* (s. d.), *Depois da faena* (s. d.), *Veado a saltar* (s. d.); em folha de prata: *Crucifixo* (1939); esculturas em bronze: *Gaúcho* (1938), *Ao estribo* (s. d.), *Nu* (1936), *Gato sentado* (s. d.), *Máscara do Comandante Paiva Couceiro* (s. d.); esculturas em gesso: *Carga de cavalaria*²⁸ (c. 1960), *Busto do General Bénard Guedes* (s. d.), *Busto de Ten-Cor. Silveira Ramos* (s. d.), *Cabeça de rapariga* (1950), *Cabeça do Dr. João Paes de Vasconcelos* (s. d.), *Cabeça do Comandante Soares de Oliveira* (s. d.), *Cabeça de D. Fernando de Mascarenhas* (s. d.); escultura em barro: *Cabeça de criança* (1931). (F27, F.185, F.184, F.114, F.214,.220 e F.217)

Ao contrário do estipulado na carta de doação de 1978, assinada pelo Dr. João Saavedra, por parte do Museu, e da promessa da Dr.^a Matilde Tomás do Couto, as cerca de 30 esculturas de Delfim Maya permaneceram nas reservas do Museu José Malhoa durante mais de 40 anos – sendo este um efeito da invisibilidade do escultor a nível da historiografia, que contribuiu e reforçou essa mesma invisibilidade.

Durante esses anos, foi exposta isoladamente alguma escultura de pequena dimensão (p. ex. *Varinos na Ribeira*, de 9 cm de altura), que, de tempos a tempos, era substituída por outra mais ou menos do mesmo tamanho e nas mesmas condições²⁹, ficando guardadas nas reservas as obras de maior dimensão, em gesso, em bronze ou em folha de ferro recortada, que teriam visibilidade mesmo se expostas sozinhas.

Também a opção museológica de colocar na parede as tabelas identificadoras das esculturas que se encontram no meio da sala dificulta o reconhecimento dos seus autores³⁰, pelo que Delfim Maya tem sido, ao longo do tempo, praticamente invisível neste museu, que é o que mais obras possui deste autor.

A invisibilidade ao longo de mais de 40 anos da obra de Delfim Maya teve ainda como consequência a não valorização da mesma – o que se refletiu também num menor cuidado na manutenção das esculturas. Assim, encontramos em grave estado de degradação uma das

²⁸ Estudo para o baixo-relevo da fachada da ex-Escola Prática de Cavalaria de Santarém.

²⁹ As esculturas de pequena dimensão de Delfim Maya deveriam ter sido expostas em grupo para poderem ser notadas, uma vez que uma pequena escultura isolada facilmente passava despercebida.

³⁰ Obrigar o público a ter de procurar numa parede a tabela identificadora de uma escultura é desincentivador e dificulta a identificação da obra, quando seria fácil colocar cada tabela no plinto de suporte da escultura. Esta forma de identificação foi-nos justificada pelo respeito devido aos direitos de autor dos arquitetos que organizaram a exposição permanente – mas parece-nos inaceitável que um Museu/Direção Regional de Cultura do Centro, que negociam em nome do Estado, não acautelem os interesses deste e não possam optar posteriormente por outras orientações museográficas que se revelem mais facilitadoras do contacto com o público.

esculturas em gesso doada em 1978, *Kátia*³¹, que representa uma égua a saltar um obstáculo, e que corre o risco de se partir e se perder definitivamente – o corpo da égua encontra-se completamente no ar, no dinamismo do salto, estando apenas ligada ao obstáculo por um varão em ferro, que se encontra a descoberto (já sem estar recoberto de gesso) e com ferrugem.

Sempre foi dito aos herdeiros de Delfim Maya que *Kátia* foi mantida nas reservas, não sendo exposta, por causa da sua enorme fragilidade³²; mas perguntamo-nos se não estaria em melhor estado se tivesse sido exibida dentro de uma vitrine, com a humidade mais bem controlada, impedindo a constituição da ferrugem que está à vista, ou se, uma vez que se encontrava nas reservas, tivesse sido colocado um suporte debaixo da barriga da égua, para que o peso do animal não recaísse todo sobre o único varão de ferro que o suporta.³³

Numa reunião em setembro de 2017 entre a então Diretora Regional de Cultura do Centro, Dr.^a Celeste Amaro, e os herdeiros do escultor³⁴, ficou acordado que a carta de doação de 1978 – nunca cumprida pelo Museu – seria substituída por um protocolo adequado às possibilidades reais de exposição e aos novos conceitos de museologia. Ficou ainda acordado que seria prioritário restaurar e passar a bronze a escultura *Kátia*, por causa do risco de destruição. Todavia, até este ano de 2021, a degradação desta escultura tem prosseguido, não tendo sequer ainda sido restaurada, que é o primeiro passo indispensável para ser passada a bronze³⁵.

Este acordo devia ter sido firmado num protocolo, a ser assinado pouco tempo depois, o que não aconteceu apesar do empenho dos herdeiros de Delfim Maya.

³¹ Esta obra, já referida no capítulo 5, foi objeto de um estudo aprofundado, que constituiu o trabalho final para a disciplina de “Inventariação e Conservação de Coleções”, em junho de 2019, lecionada pela Prof.^a Doutora Ângela Ferraz, no âmbito deste Mestrado, estudo que foi entregue nessa altura ao Diretor do Museu José Malhoa, Dr. Carlos Coutinho, e em fevereiro de 2020, à atual Diretora Regional de Cultura do Centro, Dr.^a Suzana Menezes.

³² Em mais de 40 anos, *Kátia* só esteve exposta por três vezes, duas delas no próprio Museu: a primeira, quando da sua doação, em 1978, a segunda, para participar na *Exposição Comemorativa do Centenário do Escultor Delfim Maya*, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em 1987, e a terceira vez, em 2017, na *Exposição comemorativa dos 130 anos do escultor no Museu Malhoa*. Uma vez que a Ficha de Inventário, datada de 1999, regista que a escultura se encontrava em boas condições, só podemos inferir que a degradação da peça se acentuou depois desta data, possivelmente quando da deslocação das obras do Museu José Malhoa, entre 2006 e 2008, por causa das obras do Museu, tendo sido armazenadas noutra local, não sabemos em que condições.

³³ Este suporte adicional foi por nós sugerido em 2017, só tendo sido colocado de forma eficaz em 2019.

³⁴ Os herdeiros de um autor já falecido têm o direito moral de “assegurar a genuidade e integridade desta [obra], opondo-se à sua destruição, a toda e qualquer mutilação, deformação ou outra modificação da mesma”. Este direito é “inalienável, irrenunciável e imprescritível” e é independente dos direitos de carácter patrimonial. Lei n.º 16/2008, § 56, 1) e § 56, 2).

³⁵ Dada a fragilidade desta escultura e a consequente dificuldade de a movimentar, até final de 2018 foram feitos estudos para a peça poder ser digitalizada, criando uma escultura em 3D, que seria passada a bronze; todavia, a forte textura da obra não possibilita uma digitalização de qualidade, pelo menos a um preço interessante. Neste contexto, os herdeiros de Delfim Maya propuseram um restauro a realizar no próprio Museu, bem como fazer o molde de gesso também no Museu, possibilitando a passagem a bronze sem que a obra se deslocasse, o que o Diretor do Museu considerou ser possível de realizar.

Entretanto, *Katia* foi o centro da Fase três do projeto "Delfim Maya: preservação, conservação, restauro e divulgação das obras em papel e esculturas de um artista esquecido", da autoria da conservadora-restauradora Dr.^a Leonor Loureiro, que ganhou o *Projeto Trama*³⁶ em 2018. Na sequência deste projeto, a Diretora Regional de Cultura do Centro comprometeu-se publicamente a restaurar a escultura *Kátia*³⁷, passando-a a bronze, como a única forma de a preservar. Todavia, o tempo foi passando e a Dr.^a Celeste Amaro foi substituída no cargo em janeiro de 2019, pelo que o protocolo não chegou a ser assinado, continuando o Museu até à presente data³⁸ em incumprimento para com os herdeiros do escultor.

Apesar disso, o acordo teve algum efeito positivo, pois ficou estipulado que seria integrado na exposição permanente um núcleo significativo da obra de Delfim Maya, devidamente identificada no plinto de suporte, o que foi realizado a partir de fevereiro de 2018.³⁹

A atual Diretora Regional da Cultura do Centro, Dr.^a Suzana Menezes⁴⁰, apesar da compreensão que demonstrou para com a urgência da passagem a bronze da escultura, referiu-nos a falta de financiamento para tal⁴¹, pelo que não é possível prever durante quanto mais tempo se vai manter a presente situação de contínua degradação. Esperamos que a passagem a bronze se possa fazer antes de a obra se partir e perder irremediavelmente, altura em que, naturalmente, será desincorporada por abate à coleção.

A escultura em gesso *Nuno de Oliveira* também necessita de restauro, pois apresenta fissuras, não correndo, no entanto, o risco de se partir, por não ser estruturalmente tão frágil quanto a escultura atrás referida.

³⁶ Projeto Ibérico que une as Associações de Conservadores -restauradores de Portugal e Espanha. Em 2018, Ano Europeu do Património, o tema deste projeto foi «A Conservação e Restauro como Valor» Loureiro, L. (2018). Concurso Projeto Trama. Disponível em: <https://tramaproject.com/wp-content/uploads/PROJECTO-TRAMA-candidatura-Leonor-LOUREIRO-web.pdf> Consultado em 10/09/2019.

³⁷ Ver *Diário de Notícias* (2018, fevereiro 5), baseado em informações emanadas pela DRCC, cujo título é inequívoco: “Projeto Delfim Maya vence projeto ‘Trama’ e garante restauro da obra do escultor”. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/projeto-delfim-maya-vence-projeto-trama-e-garante-restauro-da-obra-do-escultor-9099200.html>

³⁸ Até junho de 2021 a situação mantinha-se igual.

³⁹ Todavia, até junho de 2021, a Folha de Sala ainda não tinha sido atualizada, mantendo-se o nome de artistas cujas obras foram retiradas nessa altura e continuando o nome do escultor Delfim Maya a não figurar na mesma.

⁴⁰ A Dr.^a Suzana Menezes entrou em funções como Diretora Regional de Cultura do Centro a 1/1/2019.

⁴¹ A alegada falta de dinheiro reflete as opções feitas pelo Ministério da Cultura, que em 2019 comprou 21 obras de arte contemporânea, no valor de cerca de 300 mil euros, e em 2020 adquiriu 65 novas obras de arte contemporânea no valor de 500 mil euros, estando previsto que em 2021 este valor aumente para 650 mil euros. Cf. “Obras de Arte Contemporânea Adquiridas em 2019” no âmbito da Comissão para a Aquisição de Arte Contemporânea (2019). Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=obras-de-arte-contemporanea-adquiridas-em-2019-no-ambito-da-comissao-para-a-aquisicao-de-arte-contemporanea> (consultado em 25 de julho de 2020) e em “Estado compra 65 novas obras de arte e aumenta valor para aquisições em 2021”. Disponível em: <https://tvi24.iol.pt/politica/colecao/estado-compra-65-novas-obras-de-arte-e-aumenta-valor-para-aquisicoes-em-2021> Consultado em 26/05/2021.

Passe por alto, escultura em folha de ferro adquirida pelo Museu, e que esteve cerca de 40 anos nas reservas⁴², precisa igualmente de restauro, uma vez que o touro, que originalmente se sustinha somente nas duas patas traseiras, avançando no salto para a capa do toureiro, já descaiu sob o seu próprio peso, assentando agora também sobre uma das patas da frente⁴³.

Em 2017, algumas esculturas de ferro estavam com ferrugem, tendo perdido o brilho da goma laca dada pelo artista e que visava sobretudo a proteção da escultura – ainda que também tivesse um efeito estético – necessitando, assim, de intervenção de conservação e restauro⁴⁴.

Pelo acima exposto, o Museu não cumpriu com a legislação a que está obrigado pela Lei-Quadro dos Museus Portugueses, que estipula que uma das funções do Museu é a “conservação”⁴⁵, devendo o museu garantir “as condições adequadas e promover as medidas preventivas necessárias à conservação dos bens culturais nele incorporados”⁴⁶.

Considerando as “normas de conservação”, a Lei fala em “conservação preventiva”, cujas normas e procedimentos devem ser elaborados por cada museu, que definirá “os princípios e as prioridades da conservação preventiva e da avaliação de riscos, bem como estabelecem os respetivos procedimentos, de acordo com normas técnicas emanadas pelo Instituto Português de Museus e pelo Instituto Português de Conservação e Restauro”⁴⁷.

Todavia, temos consciência de que neste caso, como noutros, é a hierarquia central do Estado que não fornece aos Museus sob a sua alçada os recursos materiais e humanos necessários para que estes possam cumprir as normas a que estão obrigados por lei. Assim, a situação presente é, acima de tudo, da responsabilidade do Estado e não do Museu que, sem recursos, se vê impossibilitado de cumprir a lei⁴⁸.

Recentemente, e por insistência dos herdeiros de Delfim Maya, foram corrigidas e completadas as Fichas de Inventário das obras de Delfim Maya, que continham vários erros e faltas de informação.

⁴² Esta escultura também participou nas exposições atrás referidas em 1987 e 2017, encontrando-se exposta desde esse ano.

⁴³ Quando a obra não estiver exposta, deverá ser colocado um suporte sob as patas dianteiras para manter o salto original do touro, conservando toda a beleza e o dinamismo da obra

⁴⁴ Também as esculturas em folha de prata estão enegrecidas pela oxidação da prata. Todavia, nestas, só vale a pena limpá-las, devolvendo-lhes o brilho da prata se esta for preservada com algum verniz ou resina, que proteja a prata do contacto com o ar, que inevitavelmente voltará a oxidá-la, não sendo possível estar a limpar periodicamente estas esculturas sob o perigo de as danificar.

⁴⁵ Lei 47 de 2004, de 19 de agosto, §7, d)

⁴⁶ *Ibid.*, (§27, 2). A conservação preventiva torna-se, assim, uma das responsabilidades fundamentais dos Museus, para prolongar a vida dos bens incorporados, evitando o recurso a uma intervenção curativa.

⁴⁷ *Ibid.* §28, 1) e 2) Há ainda outros artigos desta Lei que dizem respeito à conservação preventiva, como os Art. 32º a 38º, compreendidos na Secção VI, que tem como objeto a segurança dos bens.

⁴⁸ Congratulamo-nos com a postura do Diretor do Museu José Malhoa, Dr. Carlos Coutinho, pela forma disponível e transparente com que colaborou nesta investigação, numa moderna atitude de funcionário público que vela pelos bens confiados à sua guarda.

A partir de 2019, o público pode ver uma planificação de *D. Antônio Cañero* junto da escultura em folha de ferro recortada com o mesmo nome e a planificação de um galo junto da escultura em folha de ferro recortada *Combate de Galos*⁴⁹, o que permite perceber o processo de construção da escultura, que passa da bidimensionalidade do desenho para a tridimensionalidade da escultura, como vimos no capítulo 4.

Museu Nacional de Arte Moderna - Museu do Chiado. Lisboa.

O MNAC-MC possui uma obra de Delfim Maya, *O Picador* (c. 1935), escultura em folha de ferro recortada, adquirida pelo Estado em 1964. (F.191)

Esta escultura esteve presente na exposição coletiva *Os Anos 40 na arte portuguesa*⁵⁰ (1982) e na *Exposição Comemorativa do Centenário do Escultor Delfim Maya* (1987), ambas promovidas pela Fundação Calouste Gulbenkian. Foi-nos dito que a obra esteve exposta noutra(s) ocasião(s)⁵¹, encontrando-se atualmente nas reservas do Museu.

A escultura não é referida nem na *MatrizNet*⁵² nem na excelente monografia do Museu do Chiado⁵³. Neste livro, no capítulo sobre *Modernismo na Escultura*, aparecem obras de Francisco Franco, Canto da Maia, Diogo de Macedo, Leopoldo de Almeida, Barata Feyo, António de Azevedo e Raúl Xavier; o texto termina dizendo que “infelizmente, fora da coleção que aqui se seleciona, pouco mais haverá a referir na produção da época”⁵⁴, fechando a possibilidade de (re)descobrir outros escultores interessantes (mesmo que existam no acervo do MNAC-MC, como é o caso de Delfim Maya), como se a investigação da escultura deste período estivesse esgotada. Temos conhecimento de que em 1997, a folha de ferro estava coberta de ferrugem, necessitando de intervenção de conservação e restauro.

Museu Nacional dos Coches, Lisboa

Foi doado no início de 2021 a este Museu um desenho a tinta da china, representando uma *Mala-Posta* do Séc. XIX, puxada por duas parelhas de cavalos. (F.240) A obra encontra-se em exposição.

⁴⁹ Estas planificações foram emprestadas ao Museu pelos herdeiros de Delfim Maya, na condição de ficarem expostas ao pé das esculturas a que deram origem.

⁵⁰ *Os anos 40 na arte portuguesa* (1982), vol. 2, p. 72.

⁵¹ Disso nos deu conhecimento o Dr. Pedro Lapa, que foi Diretor do MNAC-MC. A escultura pode ter estado em exposição outras vezes, mas a Ficha técnica é muito sucinta e nada diz a este respeito.

⁵² *MatrizNet*, consultada a 20 de julho de 2020.

⁵³ Silva, R. H., Lapa, P. & Silveira, M.ª A. (coord.), (1994).

⁵⁴ *Ibid.*, p. 259.

Museu Nacional do Desporto. Lisboa.

No Museu Nacional do Desporto encontra-se uma escultura em bronze, *Marquês do Funchal a saltar*, de 1946. (F.163) A obra foi aí depositada pelos herdeiros de Domingos de Sousa Coutinho, Marquês do Funchal.⁵⁵

A escultura manteve-se em exposição permanente, desde a sua entrada no Museu, em 2015, até finais de 2018, encontrando-se atualmente em reserva.

Quando exposta, a obra estava devidamente identificada no plinto de suporte.

No Salão da Primavera, em 1946, o título da obra era mais extenso: *Ex.mo Senhor Marquês do Funchal, montado em Merle Blanc, na Prova de Barras em Nice*.

A escultura fez parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, da exposição *Delfim Maya*, na Livraria-Galeria Municipal Verney, em Oeiras, em 2005, da exposição *Desporto - Património – Memória e Objetos do Desporto*, em 2015, e da *Exposição Delfim Maya-Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, em 2017⁵⁶.

Museu Nacional Soares dos Reis. Porto.

O Museu Nacional Soares dos Reis possui uma escultura em folha de ferro recortada: *Apontamentos em ferro* (c. 1956), que representa várias cenas de toureio (F.193) Foi adquirida por Barata Feyo, na altura Diretor do Museu⁵⁷.

Na *MatrizNet* é referido que esta obra foi exibida em 2002, na Casa do Infante, no Porto, numa exposição intitulada *No tempo das touradas – de esplêndida corrida a tradição repudiada*.

Pensamos que essa terá sido, talvez, a única exposição em que esta obra foi vista pelo público⁵⁸, uma vez que: 1) em 1987, quando da *Exposição do centenário do nascimento do escultor Delfim Maya na Fundação Calouste Gulbenkian*, esta escultura não era do conhecimento dos organizadores da exposição; 2) em 1997, quando fomos fotografar esta obra para o livro *Delfim Maya*, foi-nos dito informalmente que nunca tinha sido exposta “por falta de enquadramento”; 3)

⁵⁵ Nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, o Marquês do Funchal, Domingos de Sousa Coutinho, na qualidade de chefe de equipa, ganhou a medalha de bronze na prova de obstáculos por equipa, juntamente Ten. José Beltrão e Ten. Mena e Silva. Montava *Merle Blanc*.

⁵⁶ Cf. *Catálogo Delfim Maya. Escultor do movimento* (2017), p. 132.

⁵⁷ Barata Feyo escolheu esta obra em 1956, quando foi ao atelier de Delfim Maya. Temos disso conhecimento através de uma carta a Carlos Carneiro, datada de 29/04/1956. ADM. Cf. Capítulo 2. Na *Matriznet* está escrito que a compra se realizou em 1956, através do Fundo João Chagas, pelo que seria interessante apurar se as duas informações são contraditórias, ou se se complementam.

⁵⁸ Nunca obtivemos nenhuma resposta às várias tentativas de contacto, entre 2016 e 2020, com a anterior Diretora do Museu, Dr.ª Maria João Vasconcelos, para obter mais informações sobre esta obra.

a escultura não foi emprestada em 2017 ao Museu Municipal de Vila Franca de Xira para integrar a exposição comemorativa dos 130 anos do nascimento de Delfim Maya⁵⁹.

Quando a vimos, em 1997, a folha de ferro estava coberta de ferrugem, necessitando de intervenção de conservação e restauro.

Apontamentos em ferro aparece na *MatrizNet* com o nome de *Tourada*.⁶⁰

Museu da Presidência da República. Lisboa.

Foram doados em 2021 a este Museu dois retratos, representando o Marechal Gomes da Costa (desenho a tinta da china) e o General Óscar Carmona (c. 1940, aquarela) (F.248 e F.249), respetivamente segundo e terceiro Presidentes da República da Ditadura Nacional.

Os retratos fizeram parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, e da *Exposição Delfim Maya. Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, em 2017

Museu do Ar. Alverca.

O Museu do Ar, que é tutelado pela Força Aérea Portuguesa, possui uma obra de Delfim Maya: *Galgo* (1934), em folha de ferro recortada. (F.66)

Esta obra deu nome a uma esquadrilha de aviões de caça.

A obra encontra-se em exposição permanente, devidamente identificada.

A escultura fez parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, e da *Exposição Delfim Maya-Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, em 2017.

Museu Militar de Elvas.

O Museu Militar de Elvas, que é tutelado pelo Exército, possui um painel de azulejo da autoria de Delfim Maya, que representa Mouzinho de Albuquerque, e que se encontra fixado no muro da Parada.

⁵⁹ A Diretora do Museu também não respondeu ao pedido de empréstimo feito pelo Museu Municipal de Vila Franca de Xira, para integrar esta exposição. Em fevereiro de 2021, foi nomeado o Dr. António Ponte como novo Diretor do Museu Soares dos Reis.

⁶⁰ Só agora descobrimos o nome da obra dado por Delfim Maya, através de uma carta deste, pelo que o nome da obra deverá ser corrigido.

Museu Militar de Lisboa.

O Museu Militar de Lisboa, tutelado pelo Exército, possui uma obra de Delfim Maya, *A caminho da posição – peça alvejada* (1938). Este é um conjunto escultórico de grandes dimensões, em bronze, que pode ser apreciado no centro da Sala da Grande Guerra deste Museu, onde está bem exposto e bem identificado o seu autor. (F.210 e F.263) A tabela de identificação, colocada no suporte da obra, é muito completa, dizendo que a obra foi fundida pelo processo de cera perdida na Fundação Abreu, considerada na época uma das melhores fundições de cera perdida da Europa. A obra, ainda em gesso, esteve patente na *Exposição Histórico-Militar*, em 1938, já em bronze, na Exposição no SPN em 1941 e na exposição *Delfim Maya. Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa em 2017⁶¹.

Esta escultura foi analisada no capítulo 6 desta investigação.

Museu do Fado. Lisboa.

O Museu do Fado, que é tutelado pela EGEAC- Câmara Municipal de Lisboa, possui um pequeno busto em bronze representando *D. Vicente da Câmara* (1955). A escultura foi doada pela família do fadista. (F.218)

A obra encontra-se exposta e devidamente identificada.

A escultura fez parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987.

MU.SA-Museu das Artes de Sintra.

No Museu das Artes de Sintra, que é tutelado pela Câmara Municipal de Sintra, pode ser vista uma obra em bronze da autoria de Delfim Maya representando *D. Rodrigo de Castro Pereira*. (1952).

A obra encontra-se em exposição permanente. (F.46)

Quando foi exposta no Salão de Primavera da SNBA, em 1953, tinha um nome mais extenso: *O Decano dos cavaleiros em pista – Eng.º D. Rodrigo de Castro Pereira*.

A escultura fez parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987.

⁶¹ Pela sua dimensão e peso a obra não pode sair do Museu Militar de Lisboa para integrar outras exposições. A Exposição *Delfim Maya. Escultor Ibérico*, realizada no Museu Militar de Lisboa, teve um artigo no catálogo da Exposição *Delfim Maya. Escultor do movimento*, elaborado pela C.M. Vila F. Xira. As exposições coincidiram no tempo.

Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

O Museu Municipal de Vila Franca de Xira, que é tutelado pela respetiva Câmara, possui quatro obras da autoria de Delfim Maya:

1. *Conchita Cintrón*. Folha de ferro recortada e mármore (s. d).⁶² Proveniente do Museu Etnográfico de V. F. X. através de um contrato de comodato, encontra-se em depósito no Museu Municipal. (F.192)
2. *Em plena lezíria (Ribatejo)*. Bronze (1952).⁶³(F.161)
3. *Touro de lide* (1952). Bronze. Adquirida por subscrição pública em 1952.⁶⁴
4. *João Núncio – cortesias* (1942). Bronze. Proveniente do Museu Etnográfico de V. F. X. através de um contrato de comodato, encontra-se em depósito no Museu Municipal.

Para além de outras alturas em que estiveram expostas, estas obras puderam ser vistas na *Exposição Comemorativa do Centenário de Delfim Maya*, no Celeiro da Patriarcal, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1987, e na exposição comemorativa dos 130 anos do nascimento do escultor, intitulada *Delfim Maya. Escultor do movimento*, no Museu Municipal, em 2017. A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira fez um catálogo desta última exposição, que incluiu ainda dois textos, cada um sobre as exposições realizadas no âmbito destas comemorações no Museu José Malhoa e no Museu Militar de Lisboa.

Fundação Eugénio de Almeida. Évora.

A Fundação Eugénio de Almeida possui duas esculturas em bronze de Delfim Maya:

1. *João Núncio – ferro curto*. Bronze. (F.162)
2. *João Núncio – cortesias* (1942). Bronze. (F.224)

As obras foram adquiridas por Vasco Vilalva para a Fundação que criou.

Encontram-se em exposição permanente, devidamente identificadas.

As esculturas fizeram parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, e da *Exposição Delfim Maya-Escultor do Movimento*, no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, em 2017.

⁶² Catálogo *Delfim Maya. Escultor do movimento* (2017). P. 54.

⁶³ *Ibid.*, p. 53.

⁶⁴ Cf. *Ibid.*, p. 61.

Museu do Paço Ducal de Vila Viçosa – Fundação da Casa de Bragança

O Museu do Paço Ducal de Vila Viçosa, que pertence à Fundação da Casa de Bragança, possui três esculturas da autoria de Delfim Maya e um baixo-relevo:

1. *Comandante Paiva Couceiro* (c. 1950), em bronze, atualmente nas reservas; (F.219)
2. *O Rei D. Carlos a cavalo* (1953), em bronze, adquirido pela Fundação da Casa de Bragança em 1954, que se encontra exposta na Coleção de Armaria; (F.55)
3. *Varina*, em pedra, que se encontra atualmente nas reservas.
4. *Carga de Cavalaria*, oferecida pelo autor em 1977, que é um estudo para o baixo relevo existente na ex-Escola Prática de Cavalaria de Santarém. Encontra-se em exposição na Coleção de Armaria (F.168).

O busto do *Comandante Paiva Couceiro* e o *Rei D. Carlos a cavalo* fizeram parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987. A última escultura esteve ainda na *Exposição Delfim Maya-Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, em 2017.

Museu da Vista Alegre. Ílhavo.

O Museu da Vista Alegre possui várias obras de Delfim Maya. Depois da remodelação do Museu, em 2016, encontram-se expostas quatro obras:

1. *Poldro em Pé*⁶⁵ – porcelana vidrada
2. *Poldro a coçar-se* – porcelana vidrada (F.225)
3. *Toureio – biscuit*. (F.227)
4. *Fox pelo de arame* – porcelana vidrada e policromada (F.228)

O Museu possui ainda outras obras de Delfim Maya, que se encontram atualmente nas reservas:

5. *Poldro sentado – biscuit*
6. *Poldro deitado – biscuit* (F.225)
7. *Cavaleiro em cortesias – biscuit*. (F.226)
8. *Tourada – biscuit*.
9. *Touro – biscuit*.
10. *Gato* – porcelana vidrada, (F.67)
11. *Gato a caçar* – porcelana vidrada, (F.179)

⁶⁵ O conjunto dos quatro poldros ainda hoje é comercializado pela *Vista Alegre*.

A relação de Delfim Maya com a Vista Alegre fez-se através de Francisco Quintela e Henrique Constâncio – antigos colegas da Academia Militar, com quem partilhava as convicções monárquicas e que encontrava no Chiado –, que o apresentaram a João Pinto Basto, então administrador da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre.

Algumas destas esculturas fizeram parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, e da *Exposição Delfim Maya-Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, em 2017.

Museu Taurino de Córdoba, Espanha

O Museu Taurino de Córdoba possui duas obras em bronze de Delfim Maya, oferecidas pelo toureiro cordovês D. Antônio Cañero ao Museu da sua cidade:

1. *Bandarilhas* (1931)⁶⁶.
2. *Cañero a cavalo citando o touro* (1932)⁶⁷.

Quando, na década de 1990, visitámos o Museu, as obras estavam expostas e devidamente identificadas.

Museu do Estado de Goa, Índia

Temos conhecimento de que em 2009, o *Busto do General Bénard Guedes* em bronze, se encontrava exposto no Museu de Goa, devidamente identificado. (F.220)

Ministério da Economia, Lisboa

O Ministério da Economia possui uma escultura de Delfim Maya, *Largada* (1932), em bronze. (F.86)

Esta escultura fez parte da *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, e da *Exposição Delfim Maya-Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, em 2017.

⁶⁶Cf. Maya (1998), p. 120.

⁶⁷Cf. Maya (1998), p. 117.

Quartel da GNR, Lisboa

O Quartel da GNR possui nas suas instalações no Largo do Carmo, duas esculturas de Delfim Maya: *Patrulha da GNR de cavalaria* (s. d.) e *Patrulha da GNR de infantaria* (s. d.).

Só tivemos conhecimento destas esculturas em 2005, tendo feito parte da exposição organizada nesse ano na Livraria-Galeria Municipal Verney, tutelada pela Câmara Municipal de Oeiras. *Patrulha da GNR de cavalaria* fez ainda parte da Exposição *Delfim Maya-Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, em 2017.

4º Esquadrão de Cavalaria da G.N.R., Quartel da Unidade de Segurança e Honras de Estado. Lisboa

O Quartel da GNR possui nas suas duas esculturas de Delfim Maya, *Gaúcho (cangocha)* (1938) e *Mouzinho de Albuquerque*, ambas em bronze. (F.159 e F.167)

Ambas as esculturas estiveram presentes na *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, e da Exposição *Delfim Maya-Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, em 2017.

Turf Club. Lisboa

O Turf Club é um clube privado que possui várias esculturas em folha de ferro recortada, das quais se destaca *O Vencedor* e a *Varina*. (F.96 e F.183)

Estas esculturas estiveram expostas na *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987, e nas Exposições *Delfim Maya-Escultor Ibérico*, no Museu Militar de Lisboa, e *Delfim Maya Escultor do Movimento*, no Museu Municipal de V.F.X., em 2017.

Real Clube Tauromáquico Português. Lisboa

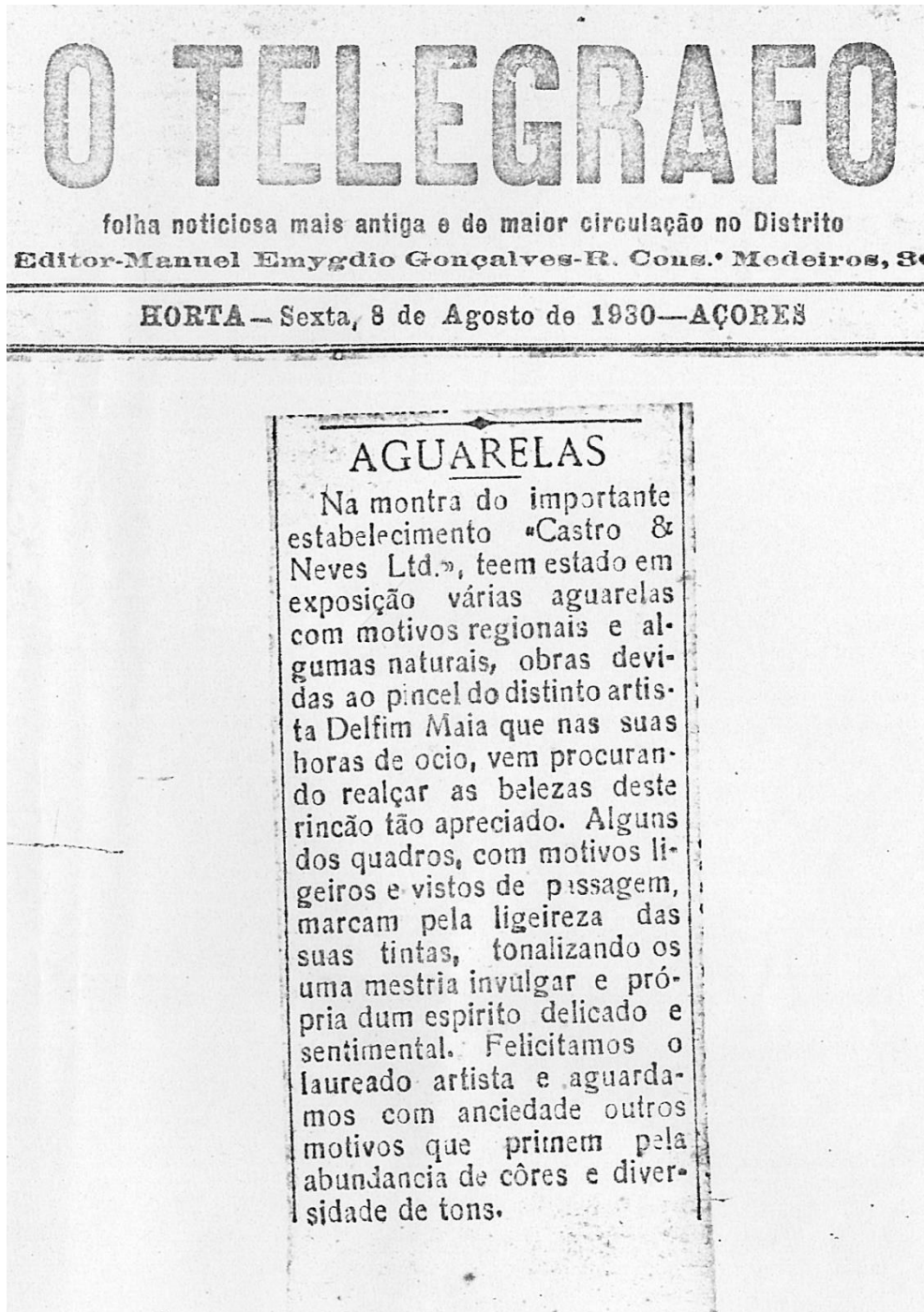
O Real Clube Tauromáquico Português possui duas esculturas de Delfim Maya, em bronze, ambas de 1932: *Vara rija* e *Colhida do Picador*.

Colhida do Picador participou da exposição organizada pela Livraria-Galeria Municipal Verney, em Oeiras, em 2005. Esta escultura esteve presente na *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento do Escultor Delfim Maya*, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1987.

ANEXO 2.2

EXPOSIÇÕES DE DELFIM MAYA: CATÁLOGOS E CRÍTICAS⁶⁸

- 1930 (agosto 8). Aguarelas. *O Telégrafo*



⁶⁸ Os catálogos e críticas a exposições são colocadas por ordem cronológica, por isso, a data do ano é o que aparece em primeiro lugar.

• 1931. Exposição *Do Movimento no Barro*. Apontamentos de Delfim Maya. Mifled.

Catálogo e preçário

**Do MOVIMENTO
NO BARRO**
APONTAMENTOS DE
DELFIN MAYA. MIFLED.

UMA VARA

CAVALLO FURADO

3 DO TOUREIO

4 DE ANTONIO

6 CAÑERO

“DEJALO”

TRIPAS DE FÓRA

POBRE CAVALLO

CORTEZIAS

LEMBRANDO A ALDEIA

LUCTA FINAL

JOCKEY

NO JOGO DO POLO

OS BICHANOS

EXPOSIÇÃO NO STAND DA
SOCIEDADE PORTUGUEZA
DE AUTOMOVEIS
AVENIDA DA LIBERDADE, 71
ABERTA DE 21 A 31 DE DEZEMBRO DE 1931

PREÇARIO

BARRO

1	_____	950\$000	9	_____	200\$000
2	_____	750\$000	10	_____	250\$000
3	_____	550\$000	11	_____	500\$000
4	_____	250\$000	12	_____	250\$000
5	_____	250\$000	13	_____	500\$000
6	_____	500\$000	14	_____	250\$000
7	_____	750\$000	15	_____	100\$000
8	_____	25\$000			

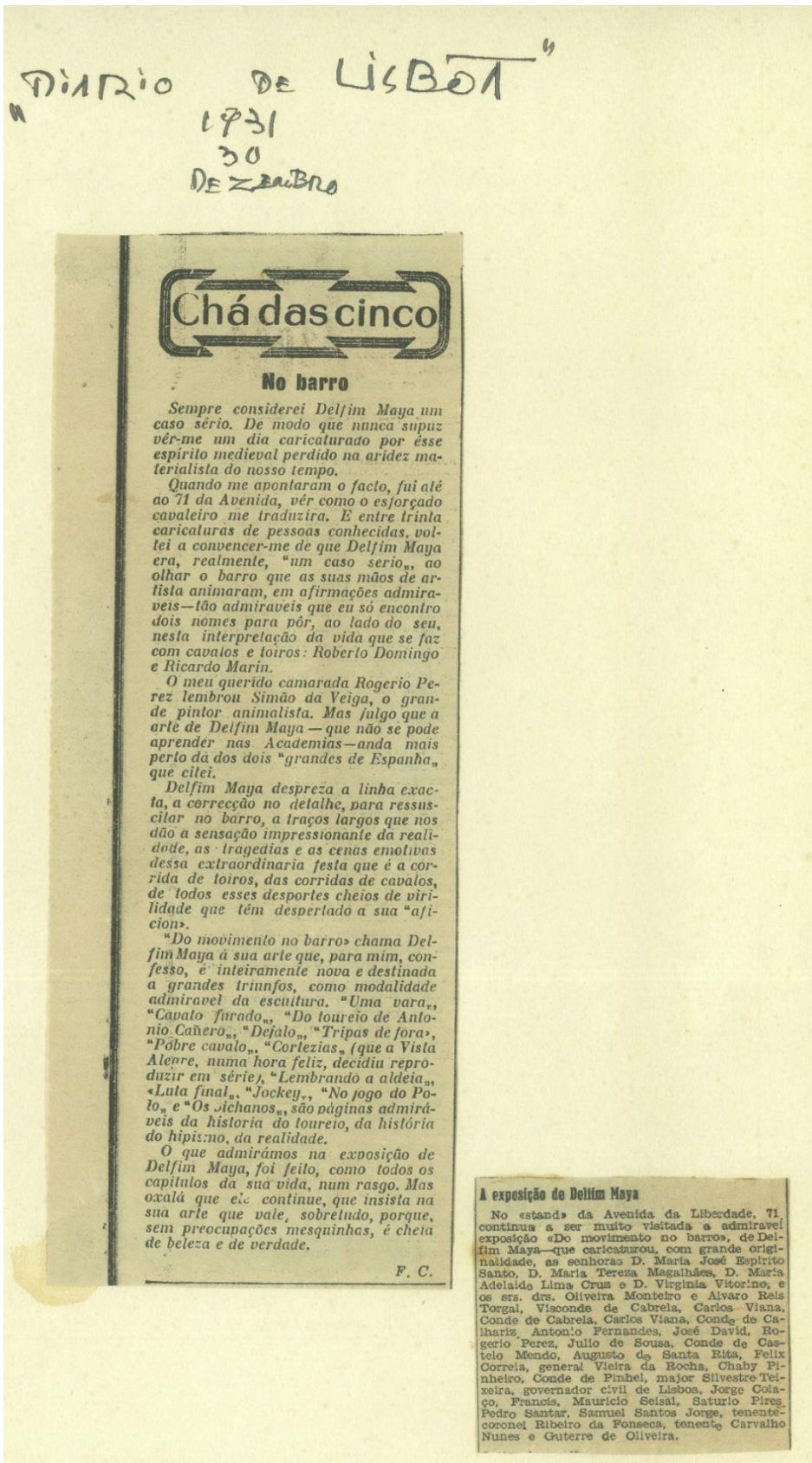
AGUARELLAS E DESENHOS

16	D. ANTONIO CAÑERO	100\$000	19	C. ARAUJO	500\$000
17	NA BAHIA DO FUNCHAL	750\$000	20	CALDEIRAS ACCESAS	125\$000
18	DESCARGA DE CARVÃO	250\$000	21	NO TEJO	100\$000

CARICATURAS

22	Ex. ^{tas} SENHORAS	D. MARIA JOSÉ ESPIRITO SANTO	200\$000
23		D. MARIA THEREZA MAGALHÃES	250\$000
24		D. MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ	100\$000
25		D. VIRGINIA VICTORINO	150\$000
26	Ex. ^{tas} SENHORES	DR. OLIVEIRA MONTEIRO	150\$000
27		DR. ALVARO REIS TORGAL	
28		VISCONDE DE CABRELLA	25\$000
29		CARLOS VIANNA	25\$000
30		CONDE DE CALHARIZ	50\$000
31		ANTONIO FERNANDES	100\$000
32		JOSÉ DAVID	250\$000
33		ROGERIO PERES	25\$000
34		JULIO DE SOUZA	50\$000
35		CONDE DE CASTELLO MENDO	100\$000
36		AUGUSTO DE SANTA RITA	50\$000
37		FELIX CORREIA	25\$000
38		GENERAL VIEIRA DA ROCHA	100\$000
39		CHABY	50\$000
40		CONDE DE PINHEL	75\$000
41		MAJOR SILVESTRE TEIXEIRA	50\$000
42		GOVERNADOR CIVIL	150\$000
43		JORGE COLLAÇO	
44	FRANCIS		50\$000
45		MAURICIO SEISAL	50\$000
46		SATURIO PIRES	25\$000
47		PEDRO SANTAR	50\$000
48		SAMUEL SANTOS JORGE	250\$000
49		CONDE DE PINHEL	50\$000
50		TEN. CORONEL RIBEIRO DA FONSECA	100\$000
51		TENENTE CARVALHO NUNES	100\$000
52		GUTYERRES D'OLIVEIRA	25\$000
53		D. DIOGO INFANTE D'AFFONSECA PASSANHA	1.000\$000

- 1931 (dezembro 30). No barro. *Diário de Lisboa*.



- 1931 (Dezembro, 21). Vida artística. *Diário de Lisboa*.
- 1931 (Dezembro, 22). Uma exposição de barros artísticos” *O Século*.
- 1931. Dezembro 30). A exposição de Delfim Maya”. *Diário de Lisboa*



1932 (maio). Exposição Do Movimento. Apontamentos no barro. Salão Bobone.

Catálogo e cartão da exposição.

DO MOVIMENTO

2.ª Exposição de Delfim Maya

.....

APONTAMENTOS NO BARRO

1 A Partida	<i>EXCOMMENDAS</i>
2 A Maneira de Simão da Veiga	<i>C. & E. XAS</i>
3 Jogador de Polo	
4 Quêda de Picador "Os Quites"	
5	
6 Saltos d'Obstaculos	
7	
8 Vara Rija	<i>CLUB TAUROQUÍPTICO</i>

OLEOS

HIPISMO	TOIROS
9 Corrida de Cavallos. . . 500\$	15 Uma Vara. 125\$
× 10 Tarde de Stetle. . . 350\$	16 D. Antonio Cañero . . 350\$
11 Salto da Ribeira . . . 850\$	× 17 Os Quites. 250\$
12 Sol de Portugal . . . 1.200\$	× 18 Mancha. 150\$
× 13 Hoga Azul, Alturas . 150\$	<i>- CARLOS GRANELLAS -</i>
× 14 Um Irlandêz 100\$	<i>- FRANCISCO CABRAL METELO -</i>
<i>SEBASTIÃO ROMBAL</i>	
<i>LOPO</i>	

AGUARELLA

19 O Carvalho Araujo. . 500\$	23 Estudo para retrato . . \$
20 A Caminho dos Açores 200\$	× 24 Estudos para <i>VISCONDESSA IAC.</i> 50\$
21 "Carvoeiro". Funchal . 300\$	× 25 Um Friso. <i>ALCOBRIA.</i> . 50\$
22 Marinheiros 50\$	× 26 Corridas <i>GUILHERME CARVALHO.</i> 150\$
	<i>27 CAVALLOS MEMORIA ou LILLIBAIT</i>

CRITICA

28 A Quaresma já lá vá e não acabou 'inda o Entrudo. . . 250\$
27 "1859" ou a Idade dos Tremós Altissimos 100\$

Maio 1932 Salão Bobone
.....

1932
MAIO
9

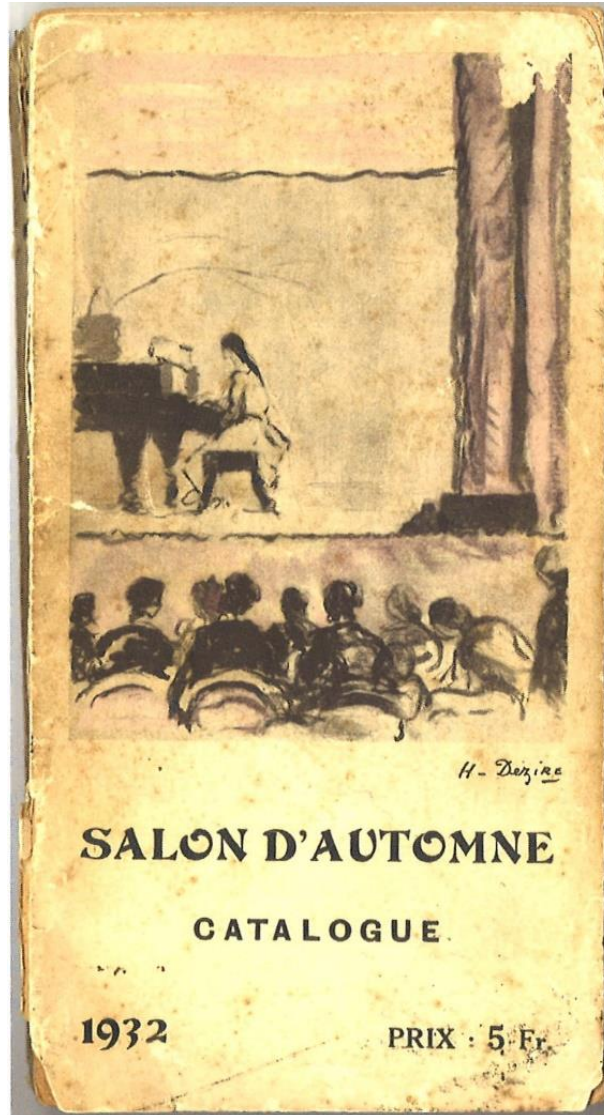
2.ª
EXPOSIÇÃO DE BARROS
DELFIN MAYA
SALÃO BOBONE
RUA SERPA PINTO

T. ARRABIDA, 2
LISBOA

- 1932 (outubro). Exposição no Salon d'Automne. Paris.

Catálogo do *Salon d'Automne*. 1932

Cartão de expositor de Delfim Maya



- 1932 (novembro/dezembro). Sculptures, dessins et aquareles de Delfim Maya. Casa de Portugal. Paris.

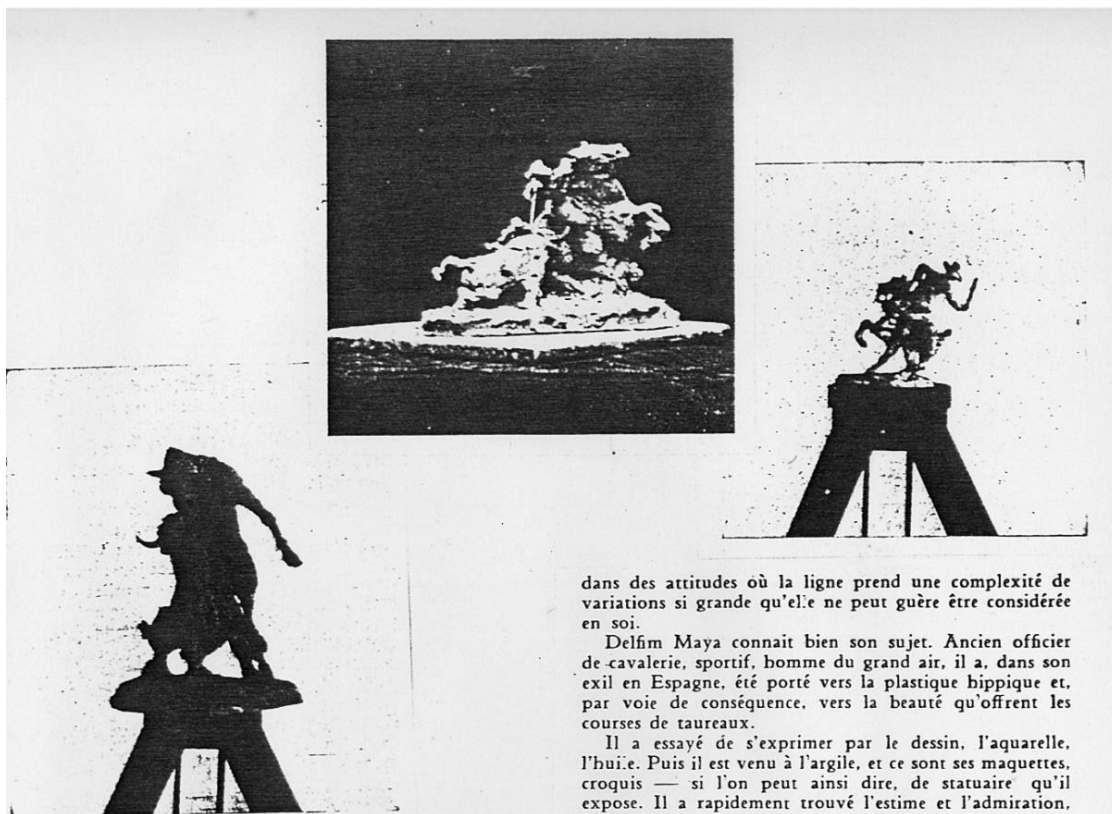
Catálogo



- Porta da Casa de Portugal. 7 Rue Scribe (perto da *Opéra*)



- 1932 (setembro 30). *La Revue Moderne des Arts et de la Vie*.



Delfim Maya.

Dans les essais statuaire de Delfim Maya, la dominante est ce sens inné du mouvement et de la vie qui donne aux productions de l'artiste un caractère tout à fait spécial.

Il ne faut pas trop chercher ici la pureté de la ligne. La ligne n'est considérée par Delfim Maya que comme composante du mouvement, et le sculpteur ne cherche que la résultante.

C'est en somme de l'impressionnisme en sculpture.

L'artiste ne traite d'ailleurs que des sujets essentiellement mouvants, les chevaux, les taureaux, et toujours

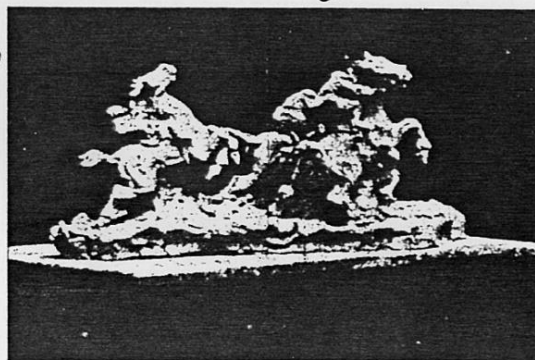
dans des attitudes où la ligne prend une complexité de variations si grande qu'elle ne peut guère être considérée en soi.

Delfim Maya connaît bien son sujet. Ancien officier de cavalerie, sportif, homme du grand air, il a, dans son exil en Espagne, été porté vers la plastique hippique et, par voie de conséquence, vers la beauté qu'offrent les courses de taureaux.

Il a essayé de s'exprimer par le dessin, l'aquarelle, l'huile. Puis il est venu à l'argile, et ce sont ses maquettes, croquis — si l'on peut ainsi dire, de statuaire qu'il expose. Il a rapidement trouvé l'estime et l'admiration, à cause de sa spontanéité, de sa sincérité et de la qualité profonde de son œuvre.

Sans doute, j'aimerais que ce mouvement qu'il exprime avec tant de verve laissât à la forme plus d'importance, et qu'en somme Delfim Maya serrât de plus près son modèle, en élagant de ses œuvres quelques détails inutiles, en étant moins flou. Ces croquis contiennent en puissance des œuvres de valeur. L'artiste se doit de les faire sortir, et il le peut, bien certainement. L'exemple de Pompon lui sera d'une remarquable utilité.

Quoi qu'il en soit, Delfim Maya avec son envoi à Lisbonne, *Nas hastes do touro*, se révèle statuaire de qualité, digne de son art et capable de réalisations supérieures.



QUELQUES STATUETTES DE DELFIM MAYA

"La Revue Moderne"
des Arts et de la Vie

n° 18 de 30 de Set^o de 1932

- 1932 (dezembro, 4). Um artista português em Paris. *Diário de Notícias*.
- 1932 (dezembro, 7). Um scupteur português à Paris, Delfim Maya. *L'Echo de Paris*.

CASA DE PORTUGAL
7, Rue Scribe - PARIS

"SALON DE LECTURE"
"Diário Notícias"
8-12-32

UM ARTISTA PORTUGUÊS EM PARIS
PARIS, 4 de Dezembro—Na Sala de Conferências da Casa de Portugal estão expostos como o «Diário de Notícias» em telegrama anunciou, alguns trabalhos (esculturas, de



Um dos bronzes expostos

senhos e aguarelas) do sr. Delfim Maia, antigo capitão de cavalaria (título que o artista reivindica, não sei se com ironia se com orgulho, nos bilhetes de convite para a sua exposição). Nesses trabalhos reproduzem-se alguns aspectos de corridas de touros em Portugal e em Espanha, de corridas de cavalos, etc.

O certo é que esse antigo capitão de cavalaria revela-se um excelente artista, consa-



Outro bronze da exposição

grado já nos salons de Paris, digno de todas as admirações e de todas as homenagens. O seu estilo, afinar-se-á talvez, com o andar do tempo, sobretudo no sentido sório-social. Mas já hoje ele nos permite apreciar as mais belas qualidades de observação, de composição, de movimento, uma força de vida intensa, que anima essas obras cheias de carácter e que, espiritualmente, as inunda de Sol.

Ignoro tudo das circunstâncias que levaram esse antigo oficial a abandonar a carreira, das armas e a consagrarse, com uma paixão que é evidente, ao culto da beleza plástica, em algumas das suas mais ardentes e originais expressões: mas posso afirmar que, nessa nova forma da sua actividade, o sr. Delfim Maia toma um lugar de destaque entre os que, no estrangeiro, melhor sabem honrar o seu país.—J. G.

Paulo Osório

L'ECHO DE PARIS

MERCREDI 7 DECEMBRE 1932.

Un sculpteur portugais à Paris
DELFIN MAYA

M. Delfim Maya est un sculpteur portugais qui expose pour la première fois ses œuvres à Paris, à la Casa de Portugal, 7, rue Scribe.

Cet ancien officier de cavalerie est autre chose qu'un amateur. Ses sculptures figuraient avec succès dans nos meilleurs salons. M. Delfim Maya semble s'être intéressé surtout aux chevaux.

Il a le sens du mouvement. Quelques-uns de ses petits bronzes sont d'une vie



étonnante. M. Delfim Maya possède en même temps le goût des masses et de l'équilibre. Et l'on pourrait de ces petits sujets tirer des ensembles à grande échelle, sans que l'œuvre ne perde rien de ses qualités. Il est peu de sculpteur à qui l'on pourrait adresser le même compliment.

On retrouvera la même observation algide et juste dans les aquarelles de M. Delfim Maya toutes vibrantes de couleur et de mouvement.

❖

Parmi les nombreuses personnalités qui sont venues visiter l'exposition de M. Delfim Maya nous avons noté :

Ministre du Portugal, Ambassadeur du Brésil, Mme Olga de Moraes Sarmento, Maréchal Franchet d'Esperey, Ambassadeur d'Espagne, Consul d'Espagne, Consul du Portugal, M. Fernand Gregh, Princesse Marguerite de Broglie, Princesse de Fancigny-Lucinge, Mme de Lima Santos, comte d'Obidos, M. Engenheiro Antonio Branco Cabral, M. Muscat d'Orsay, Duc de Cadaval, Mme Gabrielle Réval, MM. L. Reynés, Paulo Osório, J. de Souza Pinto, Maurice Wey, Mme Marcelino Mesquita, M. René Richard, commandant França, lieutenant-colonel Abreu Campos, sculpteur Saint Marceau, Mlle Geneviève Gregh, M. Paul Bartel, Mlle Lulu O'Kelly, Mlle Christiane Hufte, MM. José van Rosentak, Clément Morro, M. et Mme Giraud, M. l'abbé Rupert.

G. M.

- 1932 (novembro). Portugueses no estrangeiro.
- 1932 (novembro, 29). *The Chicago Tribune*.

CASA DE PORTUGAL

7, Rue Scribe - PARIS

" SALON DE LECTURE "

VITOR FALCÃO

PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

PARIS, 10.—O Salão de Outono admitiu uma obra do escultor português Delfim Maya, representando um «Jockey» em bronze, fundido em Lisboa. A «Revue Moderne des Arts» insere, a este respeito, um artigo elogioso para este artista português, que brevemente realizará uma exposição na «Casa do Portugal».—Especial.

M N° 7

5

LE COURRIER DE LA PRESSE
" LIT TOUT "
" RENSEIGNE sur TOUT "

ce qui est publié dans les Journaux et Publications de toute nature
 et en fournit les Extraits sur tous Sujets et Personnalités

Ch. DEMOGEOT, Directeur
 21, Boulevard Montmartre, PARIS (2^e)

Extrait de :

Adresse: **THE CHICAGO TRIBUNE** 20

Date: **5, Rue Lamartine,** NOVEMBER

PARIS. 193

Signé : Mrs. Holbert and Mrs. Charles J. Warren,
 Lincoln, who prepared the costumes for
 the pageant.

Delfim Maya, former cavalry officer,
 is exposing drawings and aquarelles at
 the Casa de Portugal, 7 Rue Scribe. The
 exposition under the title of "Du Cheval
 et des Taureaux," will remain open till
 December 13.

- 1932 (dezembro). Art Exhibits abundant for Christmas Shoppers. *Chicago Sunday Tribune*.

CHICAGO SUNDAY TRIBUNE.

ART EXHIBITS ABUNDANT FOR CHRISTMAS SHOPPERS

BY B. J. KOSPOTH.

The Paris art season, in these weeks before Christmas, is again in full swing, with no visible signs of depression, at least in so far as the volume of production is concerned. Both Right and Left Bank galleries are valiantly staging shows of known and unknown artists, and the



RUINED WALLS OF ANTIBES

By R. S. Wright.

crisis does not appear to have affected the interest of the art-loving public.

One of the most interesting exhibitions at present is the show of etchings by Redmond Stephens Wright, which opened yesterday at the Galerie Marcel Guiot, 4 Rue Volney, and will remain on view until Christmas Eve. Wright, who is not yet 30 years old, is a Chicagoan who is regarded by competent critics as one of the most promising American etchers of the younger generation. He is no stranger to Paris, having studied here six years ago and shown his work at four

Salons des Artistes Français, receiving an honorable mention at that of 1931.

Wright's etchings vary in subject from French and Dutch landscapes to evocations of Chicago and New York streets and the plains of New Mexico, and some of the best are devoted to scenes of Western ranch life and the lassoing of broncos and cattle. As Camille Mauclair, noted Paris art critic, observes in his preface to Wright's catalogue, etching is "a very secret art, an art of reflection, of thought, of synthesis, where mediocrity is quickly discernible, whereas artifices on a canvas often succeed in disguising it." Wright's etchings are frank and decisive, and composed with that sure feeling for the values of black and white which eludes the painter who only turns to the copper occasionally for diversion.

Plates like *Wacker Drive, Chicago, Grasse, Three Pine Ridge, Colorado, The Bronco and Hog Tied*, to mention but a few of the 60 etchings displayed, bear testimony to Wright's versatility of interest and technical virtuosity. This is his first one-man show in Paris and it should prove one of the outstanding events of the season. The vernissage yesterday was attended by numerous prominent French and American art connoisseurs, who were unanimous in their appreciation of his work.

Another American artist Frank A. Brown, who is well known in Paris, is exhibiting paintings and watercolors of Spain and Northern Africa at the charming little gallery of the Spanish National

Tourist Office, 12, Boulevard de la Madeleine. Brown has long specialized in Spanish and North African subjects, and his pictures of Spanish gypsies and Moroccan dancing girls, Sevillian street scenes and Tunisian markets are full of life and color. His work is remarkable for its luminosity and harmony of color and composition.

A group of very interesting French artists is exhibiting at the Palais de Marbre, 77 Avenue des Champs-Élysées. Their show is called *Le Salon du Billet de Mille*, because each picture is sold for 1,000 francs. Most of these painters are War veterans. Among many excellent works in this exhibition, Jodelet's *Ballet Girls* deserves mention as an attractive canvas.

At Leonce Rosenberg's, 19 Rue de La Baume, Francis Picabia, noted Franco-Spanish painter, is showing some of his most recent works, which reveal this artist's unceasing pursuit of new paths. Picabia is one of the most disputed painters of our time, and his canvases are always a subject of much controversy, but his sincerity is above suspicion and he has the honor of being a perpetual pioneer.

Other shows this week include an exhibition of paintings, watercolors and engravings by Marie Vilon at the Galerie Bernier, recent works by Pierre Ladureau at the Galerie Druet, 20 Rue Royale, canvases by Paul Mack, court painter of the Shah of Persia, at Bernheim Jeune, 83 Faubourg Saint-Honoré, and sculpture, drawings and watercolors by Delfin Maya at the Casa de Portugal, 7 Rue Scribe.

An important exhibition of decorative art is on view at the Musée Galliera, 10 Avenue Pierre-Ier-de-Serbie, comprising a particularly interesting retrospective show of Toiles de Jouy, which will fascinate connoisseurs.

- 1932 (dezembro, 9). More famous pictures to be sold. *The Daily Mail*.
- 1932 (dezembro, 10). Salons et expositions. *Le Petit Parisien*.
- 1932 (dezembro, 11). *The Chicago Tribune*.

CASA DE PORTUGAL
7, Rue Scribe - PARIS

" SALON DE LECTURE "

THE DAILY MAIL, FRIDAY, DECEMBER 9, 1932.

IN THE WORLD OF ART: : : : MORE FAMOUS PICTURES TO BE SOLD

Paris Exhibitions.

Paris art exhibitions are numerous this week and a selection must be made from them. At the Casa de Portugal, 7, Rue Scribe, a Portuguese sculptor, Delfim Maya, is showing some remarkable bronzes. This artist, who is an ex-officer, excels in his interpretation of all sports in which the horse predominates. He gives a wonderful impression of force and movement. A very original artist he deserves to be known.

The works by F. Florit, exhibited at the Paris-Est Salons, (near the Gare de l'Est) are well worthy of a visit. He shows us many interesting aspects of the

LE PETIT PARISIEN
10-12-32

SALONS ET EXPOSITIONS

à la Casa du Portugal (7, rue Scribe), les impressions à la cire-perdue de l'animalier Delfini Maya; chez Georges Petit, les souvenirs ibériques de Maurice Herry; dans les salons de Paris-Est, les toiles grassement brossées que F. Florit a rapportées des Baléares et d'Auvergne, etc.

VANDERPYL.

M N° 11

LE COURRIER DE LA PRESSE
"LIT TOUT"
"RENSEIGNE sur TOUT"

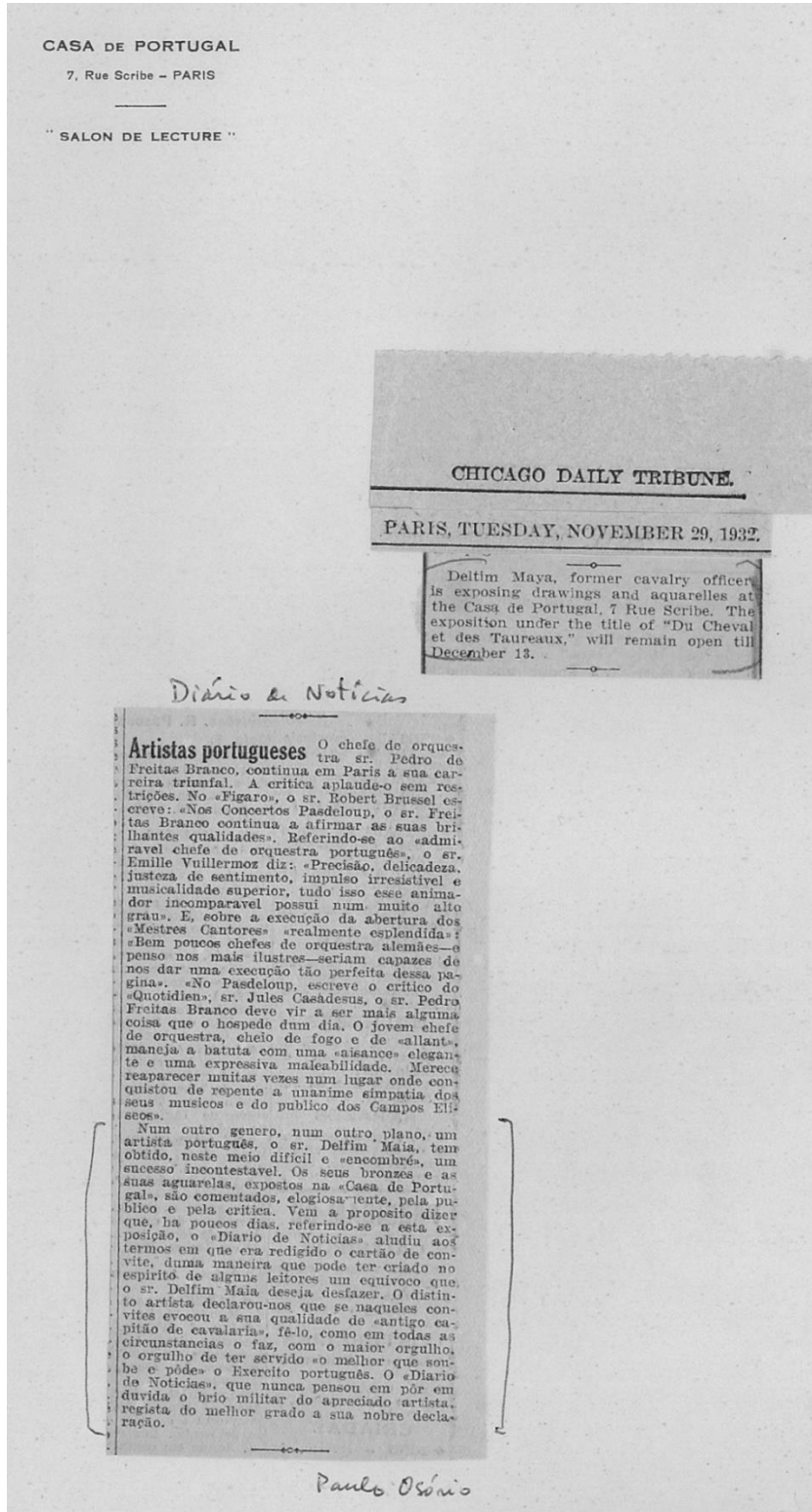
ce qui est publié dans les Journaux et Publications de toute nature et on fournit les Extraits sur tous Sujets et Personnalités

Ch. DEMOGEOT, Directeur
21, Boulevard Montmartre, PARIS (2^e)

Extrait de : CHICAGO TRIBUNE
Adresse : 5, Rue Lamartine, PARIS
Date : 11 Décembre 1932

Other shows this week include an exhibition of paintings, watercolors and engravings by Marie Viton at the Galerie Bernier, recent works by Pierre Ladureau at the Galerie Druet, 20 Rue Royale, the Shah of Persia, at Bernheim Jeune, 83 Faubourg Saint-Honoré, and sculpture, drawings and watercolors by Delfim Maya at the Casa de Portugal, 7 Rue Scribe.

- 1932 (novembro, 29). *Chicago Daily Tribune*.
- 1932 (novembro). Artistas portugueses. *Diário de Notícias*



• 1932 (dezembro 16). Delfim Maya expôs em Paris.

16-12-1932



Delfim Maia
expôs em Paris

Delfim Maia, antigo oficial do exercito e cavaleiro, escolheu para a sua arte os motivos predilectos da sua vida, e assim, soube ou quiz esquecer nos seus cavalos, nos seus touros e nas suas corridas o motivo plástico das formas. para se entregar por completo ao impressionismo do seu movimento.

E o que é curioso nesta característica especial da arte de Delfim Maia é o estado primitivo desse impressionismo, diferente do impressionismo escola de boa memoria, não na sua forma interpretativa mas no seu proprio desconhecimento. Quere isto dizer, pouco mais ou menos que esta atitude estetica do escultor e pintor não provém dum raciocinado preconceito mas sim duma natural necessidade de expressão que encontra assim a sua forma. É isto, qualidade ou defeito, leva o, ou melhor, leva a sua louvavel sinceridade a deixar em esboceto tudo quanto saí das suas mãos vigorosas e espontâneas.

Por isso ainda, têm as suas esculturas, que dispensam o pormenor, uma mais equilibrada firmeza. Na pintura, uma necessidade de bonito (defeituosa necessidade esta!) leva-o, depois de tratar com sinceridade o motivo dos seus quadros, a rodeá-lo duma cenografia onde não é extranho certo «chiqué» de côres e de eleitos.

Interessam portanto em Delfim Maia os seus esboços de escultura, esboços em que o artista, mais assente, ha-de encontrar o motivo plástico e verdadeiro da sua obra.

Nasceram-me estas considerações feitas de côr, sobre o que me lembra da sua exposição do inverno passado, agora que pelos jornais tive conhecimento da sua exposição em Paris, que, mercê das suas qualidades, teve um agradável acolhimento.

E, não pelo que valha, mas pelo que interessa uma opinião de uma revista estrangeira sobre um artista português, recorto da *Revue Moerne*:

«Nos ensaios escultóricos de Delfim Maia a nota dominante é um sentido inato do movimento e da vida que dá ás produções do artista um caracter absolutamente espe-

cial. Não será necessário ir á procura da pureza da linha. A linha não é considerada por Delfim Maia senão como componente do movimento. O escultor não procura senão a resultante. E, em resumo, impressionismo em escultura.

O artista não trata, de resto, senão de motivos essencialmente movimentados — cavalos, touros, e sempre nas atitudes em que a linha adquire uma complexidade de variações tão grandes que não pode de forma alguma ser considerada em si mesmo».

Mais adiante:

«Os seus «croquis» têm em potência, obras de valor. O artista deve fazê-las aparecer e certamente bem o poderá. O exemplo de Pompon, deve ser-lhe duma notavel utilidade. Mesmo assim, Delfim Maia, com o seu «Nas astes do touro» revela-se um escultor de qualidade, digno da sua arte e capaz de realizações superiores».

C.

- 1932 (dezembro 30). O ex-capitão Delfim Maia, Escultor. *Arquivo Nacional*.

Ano I — N.º 51

Lisboa, 30 de Dezembro de 1932

PREÇO 1500

DIRECTOR
ROCHA MARTINS

EDITOR
AMÉRICO
DE OLIVEIRA

ARQUIVO NACIONAL

EDIÇÕES
«A B C»
Redacção e administração: — RUA DO ALECRIM, 65.
Impressão: — RUA DA LUTA, 1-C 1-D
TELEFONE 21276

(Arquivo de História Antiga e de Crónicas Contemporâneas)

O ex-capitão Delfim Maia, ESCULTOR

QUEM nos diria que o ex-capitão Delfim Maia, notável cavaleiro, homem dos grandes lances dos concursos hípicas, se tornaria num escultor tão seguro da sua arte, que a pretende fazer triunfar em Paris?

O cavaleiro deu preferência aos assuntos que mais se coadunam com a sua observação: o cavalo, o toiro, o cavaleiro e o picador, e em movimento, acção, vibrabilidade, se tal palavra se pode aplicar aos bronzes que êle trabalhou, parece ter sido tão completo, tão cheio de valor artístico, que o aplaudiram nos Salões de Paris, da capital do mundo, sem cuja consagração não há artistas notáveis. A insistência de accentuar nos seus bilhetes, a qualidade de oficial de cavalaria, demonstra a enorme saúde que êsse soldado-artista nutre pela farda, sempre nobremente por êle honrada.

Como devem os jornais e os seus correspondentes ignorar os motivos que levaram Delfim Maia a deixar o exército, vamos narrá-los rapidamente, porque êles são de molde a melhor cimentar a vida do escultor e pintor cuja obra Paris aprecia neste momento.

Foi êle um dos mais decididos combatentes do Monsanto cujo fim, como se sabe, consistia no derrubamento da república e na restauração monárquica.

Distinguiu-se em concursos hípicas, ao lado dos melhores cavaleiros, ganhara nome e subira a sua reputação, e era tão grande a sua fama de bom cavaleiro como a de nobilíssimo carácter.

Não era homem para faltar ao que lhe impunha o seu crédito, mas nessa hora, a qual hoje podemos recordar sem retaliações nem ruins prejuízos, êle queria, também, mais alguma coisa de que um simples acampamento de regimentos, sob a bandeira azul e branca, no topo de um outeiro, ameaçando a capital e arriscado a um cerco de populares armados e de algumas forças fiéis à república. Entre elas figuravam artilharia e estando presentes tantos chefes, alguns ilustres por suas campanhas, nenhum viu o perigo.

O moço capitão impunha, ainda no quartel de lan-

ceiros, uma acção imediata; após a proclamação da monarquia no Pôrto restava realizá-la em Lisboa; falava na prisão do presidente da República, Canto e Castro, que uma Câmara elegera à pressa, após a morte de Sidónio Pais. Juntamente com o chefe de estado deviam ser capturados todos os ministros.

Não se julgue, porém que desejava dar o golpe, arbitrariamente, num lance de tenentes excitados. Pretendia fazer tudo aquilo, disciplinadamente, por ordem dos comandantes. Dirigira-se aos regimentos de infantaria 5 e ao 16 e recebeu a grata nova de quem tentasse o acto não seria por eles hostilizado.

Hesitara-se porém, e, embora Álvaro de Mendonça, comandante de cavalaria 4 e ex-ministro da guerra, achasse que o Monsanto era uma péssima posição, para lá se avançara, indo com os seus soldados o ardente e entusiasta Delfim Maia, hoje pintor e escultor.

Poder-se-ia vencer. Desde que o governo armara os civis isso representava alguma coisa de vantajoso para os monárquicos em relação a baterias de artilharia do Corpo de Tropas cujos oficiais, à excepção de dois, declararam em documento público, retirar o seu apoio ao governo.

Mas nem assim se venceu. Delfim Maia, como oficial de cavalaria, bateu-se bravamente, cumpriu o seu dever.

Julgado e abatido ao efectivo do exército a sua vida passara a ser a cruciante existência dos pobres. Deu lições de equitação; trabalhou para sustentar a família e, decerto, entre sofrimentos que não confessava, seguindo o seu caminho honrado, foi-se entregando à arte que hoje o torna ilustre.

O cavalo, o cavaleiro, o toiro, essas figuras de movimento, em que passa alguma coisa de superior, encheram as retinas cansadas de cubismos e futurismos dos parisienses dos meios artísticos e dos salões onde foram contempladas, com aplauso, as obras do antigo capitão de cavalaria que encontrou no trabalho o refúgio apetecido, após a sua saída do regimento onde fôra um dos mais distintos oficiais.

E eis resumidamente a vida política do escultor



Um dos trabalhos de Delfim Maia

- 1933 (janeiro 30). L'exposition de Delfim Maya à la Casa de Portugal. *La Revue Moderne des Arts et de la Vie.*

L'EXPOSITION DE DELFIM MAYA
A LA CASA DE PORTUGAL

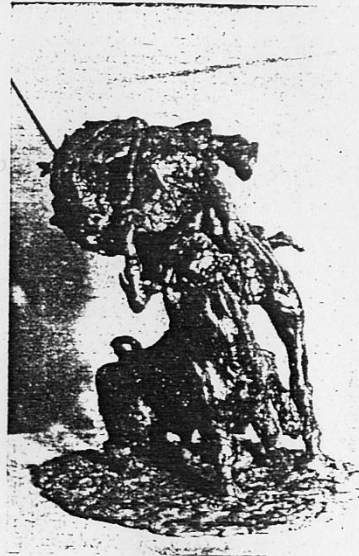
Aquarelliste et sculpteur, mais surtout le chanteur enthousiaste du mouvement effréné de la vie dans ses manifestations les plus intenses, tel nous paraît Delfim Maya, d'après l'Exposition particulière qu'il vient de réaliser à la Casa de Portugal, à Paris.

Cet ancien Capitaine de cavalerie est resté fidèle à ses amours premières; tous les tableaux, toutes les statuette ou presque qu'il nous conviait à admirer sont inspirés par la plus noble conquête de l'homme, soit qu'il s'agisse de courses de chevaux, soit encore qu'il s'agisse de corridas où, aux yeux de l'artiste, elle tient un rôle essentiel.

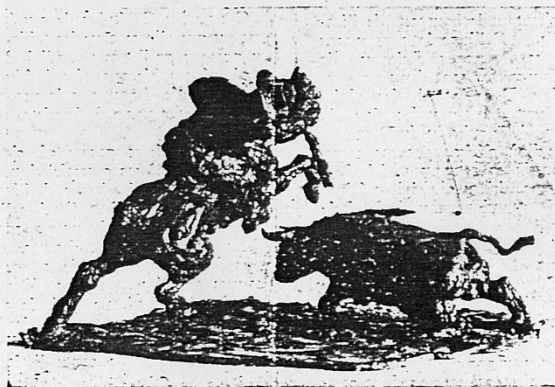
Dans les deux genres où s'exerce son activité, on retrouve les mêmes caractéristiques de son talent: sacrifier tout, même la forme, à l'impression de vitesse ou de dynamisme. Ce but, l'artiste l'atteint complètement d'une manière extrêmement suggestive. Ses chevaux cabrés, ses taureaux bondissants, ont un élan magnifique et ce fréuissement semble ressortir mieux encore des bronzes que des aquarelles. Dans celles-ci en effet, la sensation de la vitesse et de la course folle est obtenue au détriment de la netteté du dessin, de sorte que ce que l'œuvre a gagné en puissance elle le perd en élégance ou en finesse. Cette contradiction est moins apparente dans les statues, dont le souvenir durable qui reste en notre esprit n'est fait que de force, et d'évocation fidèle du rythme.

A côté de ces études si précieusement originales, les petites statuette d'animaux en terre cuite, une silhouette spirituellement observée d'un soldat charmant ses loisirs en jouant de la guitare, permettent d'apprécier la sensibilité d'un esprit aux tendances artistiques très variées, ainsi que la souplesse d'une inspiration qui trouve à s'exercer aussi heureusement dans l'interprétation de sujets fort divers.

C. HESSET.



« EN PÉRIL », SCULPTURE DE DELFIM MAYA



« EL REJONEADOR », SCULPTURE DE DELFIM MAYA

"La Revue Moderne"
des Arts et de la Vie

n° 2 de 30 de janeiro de 1933

• 1933. Exposição no *Salon Hipique*. Paris. *La Revue Moderne des Arts et de la Vie*

"La Revue Moderne des Arts et de la vie"

1933

— 17. —

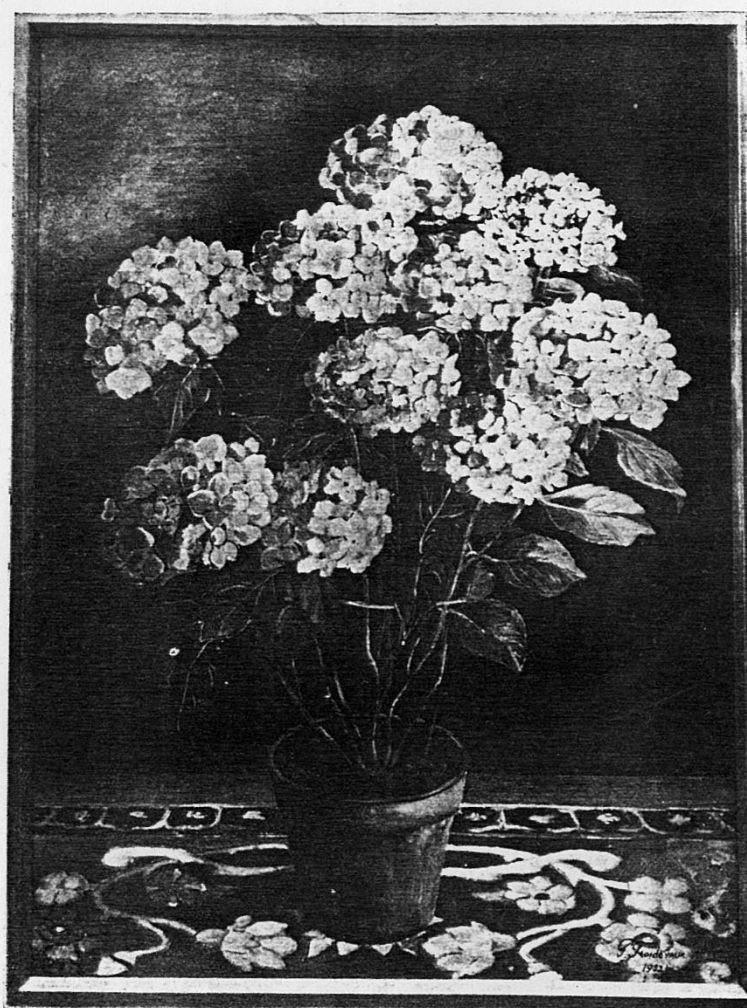
trouvent réunis dans ce cadre sportif et artistique, et ne seraient pas connus sans cette occasion.

C'est ainsi que C. de la Verteville, grand ami du cheval, comme cavalier et comme artiste, a rendu hommage à la plus belle conquête de l'homme en le dessinant, en le peignant, avec un talent qui dépasse la moyenne, et fait de l'auteur un animalier intéressant.

Formé seul, et d'inspiration libre, respectueux de la tradition, C. de la Verteville s'exprime simplement, et en serrant la vérité d'aussi près que possible. L'art pour lui est dans la sincérité.

Delfim Maya.

Ce nom n'est pas inconnu pour les lecteurs de notre



« HORTENSIAS », DE PAUL FROIDEVAUX

C. de la Verteville aimant le cheval aime aussi le chien, le beau chien de meute, son compagnon de course en forêt et en pleine. Et il lui donne aussi une place de choix dans ses tableaux.

Venu tout récemment à la peinture à l'huile — et tardivement — C. de la Verteville y cherche avant tout une distraction et une occasion de fixer le souvenir de ce qu'il a vu.

Revue, car, à diverses reprises, il a déjà été cité tant l'année dernière que cette année-ci.

J'ai dit, lors du dernier Salon d'Automne, que Delfim Maya faisait de l'impressionnisme en sculpture, et je ne puis que le répéter encore.

Ce robuste artiste a un talent extrêmement personnel et puissamment original.

Ses œuvres sont empreintes d'un mouvement et d'une vie endiablés!

Mais c'est en vain qu'on y chercherait la pureté des lignes: Delfim Maya n'en a cure. Telles qu'elles se présentent, elles apparaissent à première vue comme des ébauches d'atelier. Mais une étude plus approfondie permet d'y découvrir de vigoureuses attitudes composant un ensemble plastique homogène.

Cette année, Delfim Maya nous a présenté au Salon Hippique une peinture intitulée: *Une arrivée*.

C'est l'arrivée d'une course de chevaux, où nous retrouvons toutes les brillantes qualités de l'artiste, avec les défauts que nous avons déjà signalés chez le sculpteur...

Son tableau est plein de vie et d'allant, mais il est brossé en quelques coups de pinceau et sa spontanéité laisse la forme au second plan.

Tableaux comme sculptures donnent l'impression de magnifiques ébauches!

Je sais bien que ce procédé est voulu par l'artiste et qu'il est une des faces de sa personnalité.

Mais je persiste à dire qu'un si vigoureux talent, si

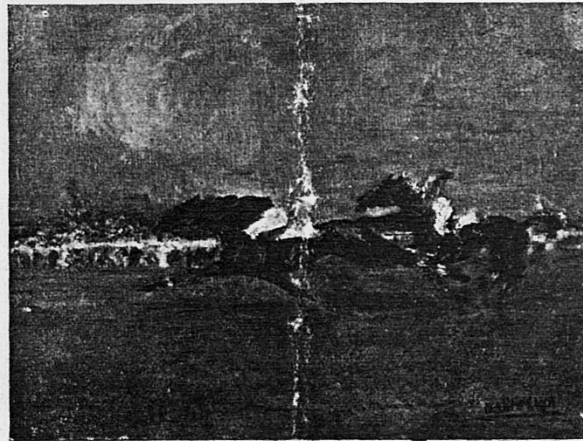
chacun de ses envois successifs, une technique plus soignée, un trait plus affermi, des couleurs d'un ensemble plus harmonieux. Je ne saurais trop l'en féliciter car le désir de traduire avant tout une impression sans souci de plagier la nature, ne doit pas pourtant à mon avis dégager le peintre de tout effort vers une correction nécessaire.

A ce point de vue, Zicca a réalisé de très louables progrès, et ceci permet aujourd'hui de rendre un très juste hommage à son beau talent de magicien de la lumière.

Gustave Medecin.

L'ensemble de l'œuvre de Gustave Médecin dont j'ai pu apprécier au Salon des Beaux Arts de Nice trois peintures à l'huile remarquables par la puissance de leur composition et par l'évocation harmonieuse de l'ambiance méditerranéenne, se distingue par la diversité des techniques employées avec un égal succès, ainsi que par la variété des sujets.

Pendant dix ans, il se consacra exclusivement à



« UNE ARRIVÉE », PEINTURE DE DELFIM MAYA

plein de fine observation, si débordant de vie, si hardi de conception, gagnerait encore davantage à serrer de plus près ses modèles et à élaguer de ses œuvres les surcharges qui les empâtent.

Zicca.

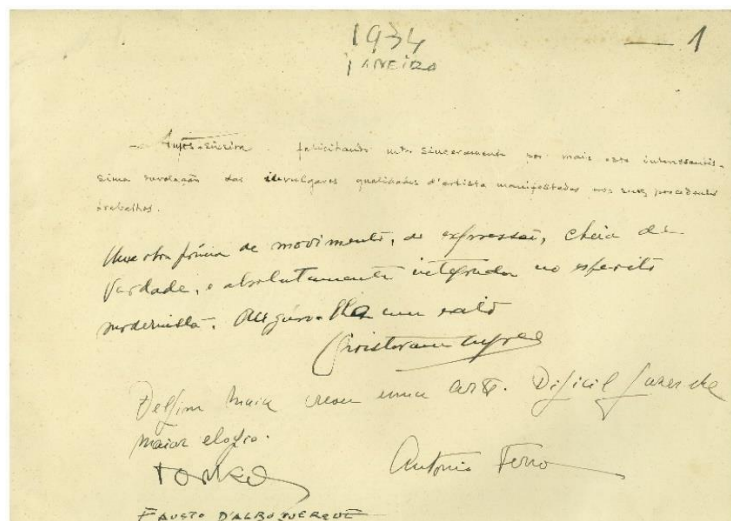
Le talent du peintre Zicca nous ramène aux périodes les plus marquantes de l'impressionnisme, sans que pourtant le respect de cette tradition efface chez lui les effets d'un tempérament très personnel. Et où un artiste étudiant le plein air, poussant ses travaux fort loin dans l'étude des couleurs, trouverait-il des sujets plus brillants que sur les côtes méditerranéennes, à l'atmosphère si pure? Celui-ci pourtant s'attarda, parfois à d'autres tableaux que les paysages; sa participation l'an dernier au Salon d'Autun nous avait fait estimer l'interprète des fleurs les plus fraîches, aux coloris les plus éclatants.

Il revient cette fois au Salon des Beaux Arts de Lyon, aux œuvres de plein air, avec une évocation lumineuse du *Port de Saint-Tropez*. J'ai eu plaisir à constater, dans

l'aquarelle, connaissant alors auprès des amateurs régionaux une très enviable renommée. Il fut ensuite obligé à cause d'une faiblesse de la vue, de se reposer pendant plusieurs années; depuis cinq ans le dessin, la peinture à l'huile sont ses passe-temps favoris.

Comme dessinateur, comme caricaturiste aussi, il collabore à divers journaux méridionaux, apportant à ce genre de précieuses qualités d'analyse psychologique et d'observation. Comme peintre, il s'attache parfois à extérioriser sa personnalité par l'interprétation au moyen d'un très petit nombre de couleurs, des féeries de l'atmosphère provençale. Grâce à cette sobriété voulue, il parvient alors à se composer une facture moderne et originale. Parfois aussi il adopte un style plus classique, car de sa formation autodidacte il a conservé le privilège d'une indépendance totale à l'égard des diverses écoles. Sa manière est changeante, au gré de sa fantaisie, et surtout en correspondance étroite avec le genre du sujet qu'il a choisi. Ce n'est pas là le moindre intérêt de ses travaux.

- 1934. Delfim Maya mostra, pela primeira vez, esculturas em folha de prata recortada a amigos e artistas, que reuniu em sua casa.
- 1934 (janeiro, 6). Nos Salões. *Diário da Manhã*.
- Livro de Honra, onde se podem ler os elogios de Anjos Teixeira, Cristovam Ayres e António Ferro



• 1934 (fevereiro, 1). As esculturas em prata de Delfim Maya. *Ilustração*

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEPHONE: -
2 05 35

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

PROPRIEDA-
DE DA LI-
VRARIA
BERTRAND
S. A. R. L. RUA
GARRETT, 73
E 75 - LISBOA

N.º 195 - 9.º ANO

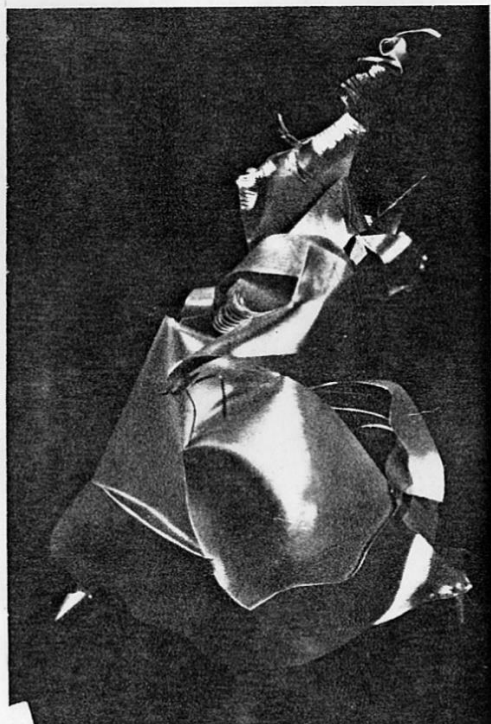
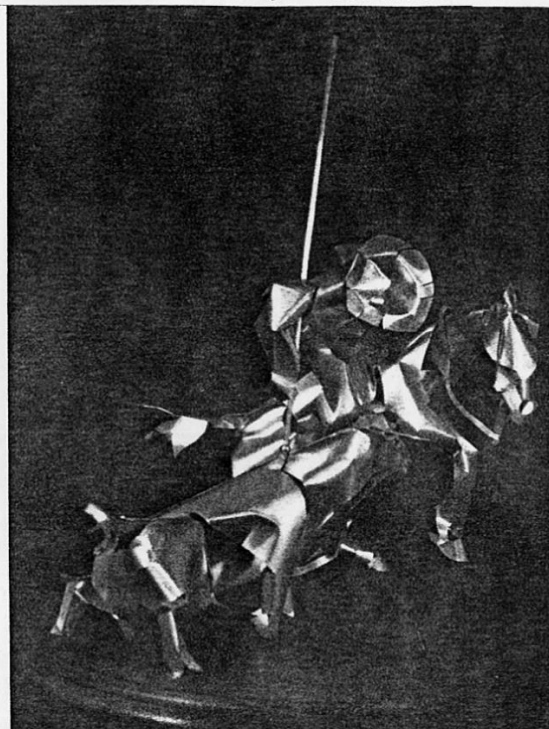
Director ARTHUR BRANDÃO

1 - FEVEREIRO - 1934

As esculturas em prata de Delfim Maya

Há três semanas que o público estaciona em massa ante as montras da Joalheria Leirão e admira com invulgar interesse as originais esculturas em prata que representam figuras e animais — picadores e toureiros, varinas e bailarinas, touros, cavalos, cães, gatos e figres, tudo com graça, movimento e expressão própria. O processo é novo entre nós — mesmo lá fóra, que sabemos — e o original artista chama-se Delfim Maya e merece a nossa admiração. Antigo oficial do exército e cavaleiro famoso, começou Delfim Maya por desenhar aspectos de concursos hípicas — cavaleiros e cavalos, em saltos ágeis, em corrida animada, certos os movimentos e certa a anatomia. Dominando os segredos do hipismo e conhecendo bem os do toureio, desenhou Delfim Maya cartazes tauromáquicos que surpreenderam, pela sua verdade e originalidade, os próprios espanhóis, mestres no desenho de aspectos tauromáquicos, com touros e cavalos.

António Canero, grande amigo de Delfim Maya, deve a este artista português o melhor cartaz da sua arte, tão nova como a do seu amigo pintor. E quando Delfim Maya se resolveu a fazer em Lisboa a sua primeira exposição de desenhos e esculturas, foi António Canero o primeiro interessado em adquirir barros, que reproduziam aspectos do seu toureio e revelavam



a nova faceta do artista português. Foi esta faceta — a escultura máscula e vibrante de touros e cavalos — que deu a Delfim Maya o seu segundo êxito internacional. Depois de ter triunfado em Espanha, resolveu expôr em Paris os seus primeiros bronzes e, sem pedidos nem apresentações, viu um deles admitido no "Salon", e elogiado na imprensa francesa.

Agora surge Delfim Maya com o novo processo que o público consagrou antes que a crítica, estacionando em massa ante a joalheria, que pôs as suas oficinas e as suas montras à disposição da arte original do originalíssimo artista, e é bem digno de especial referência este acolhimento, dado pelos acreditados joalheiros, como primeira e desinteressada consagração da obra de Delfim Maya.

Cortando com certa tesoura as lâminas de prata, e dando-lhe geito com suas mágicas mãos, dá-nos em modernismo, e com magnífica verdade, figuras e grupos de excelente arte e de grande sentido decorativo, obras prodigiosas que pronto desaparecerão das montras, se é que em Portugal ainda há pessoas de gosto que saibam bem empregar o seu dinheiro.

Sem preocupações de fazer crítica de arte, posso, porém, dirigir-me aos "aficionados" para lhes afirmar que os touros e os toureiros de Delfim Maya igualam em verdade as esculturas de Benliure e, na sua nova modalidade da lâmina recortada, não creio que haja em todo o mundo quem ainda tivesse igualado o modernista português, que o público acaba de consagrar em sincera e espontânea apoteose, que não têm a movê-la o elogio vulgar nem o réclamo banal. Resolva-se Delfim Maya a ir a Londres, como já foi a Paris, e os bons colecionadores ingleses disputarão os seus cavalos e os seus touros, como disputaram os "apuntes" de Ricardo Marin, gravados em prata, na mesma prata que o nosso patricio utiliza em lâminas, dando-lhe expressão, movimento e verdade, com originalidade, com modernismo.

Rogério Pérez.

(Fotos Horácio Costas)

13

- 1934 (janeiro, 5) As exposições de pintura de Delfim Maya e de Maria Eduarda Lapa. *Diário de Lisboa*.



- 1934 (fevereiro 14). El Caballero se hizo artista. ABC

ABC

A B C. MIERCOLES 14 DE FEBRERO DE 1934. EDICION DE LA TARDE.

ABC en Lisboa.

El caballero se hizo artista.

Delfin Maya es uno de esos hombres de la Edad Media que, por capricho del destino, vinieron al mundo en esta época materialista. Oficial de Caballería, unió siempre a sus cualidades poco vulgares de jinete, que en muchos concursos hispánicos conoció el triunfo, dotes morales menos frecuentes aún.

Fiel a su Rey cuando en 1910 la amenaza del desorden político y social llevó a gran parte de la guarnición militar de Lisboa a proclamar la Monarquía, después de haber sido asesinado por un demagogo el presidente Sidonio Paes, el bravo capitán se batió heroicamente en Monsanto. Vencido, destituido del Ejército y llevado al presidio de Funchal (isla de Madera), huyó con otros, en un pequeño barco que, como el velero fantasma de los evadidos de Villa

Cisneros, anduvo perdido por el Océano, hasta que encontró la hospitalaria tierra española.

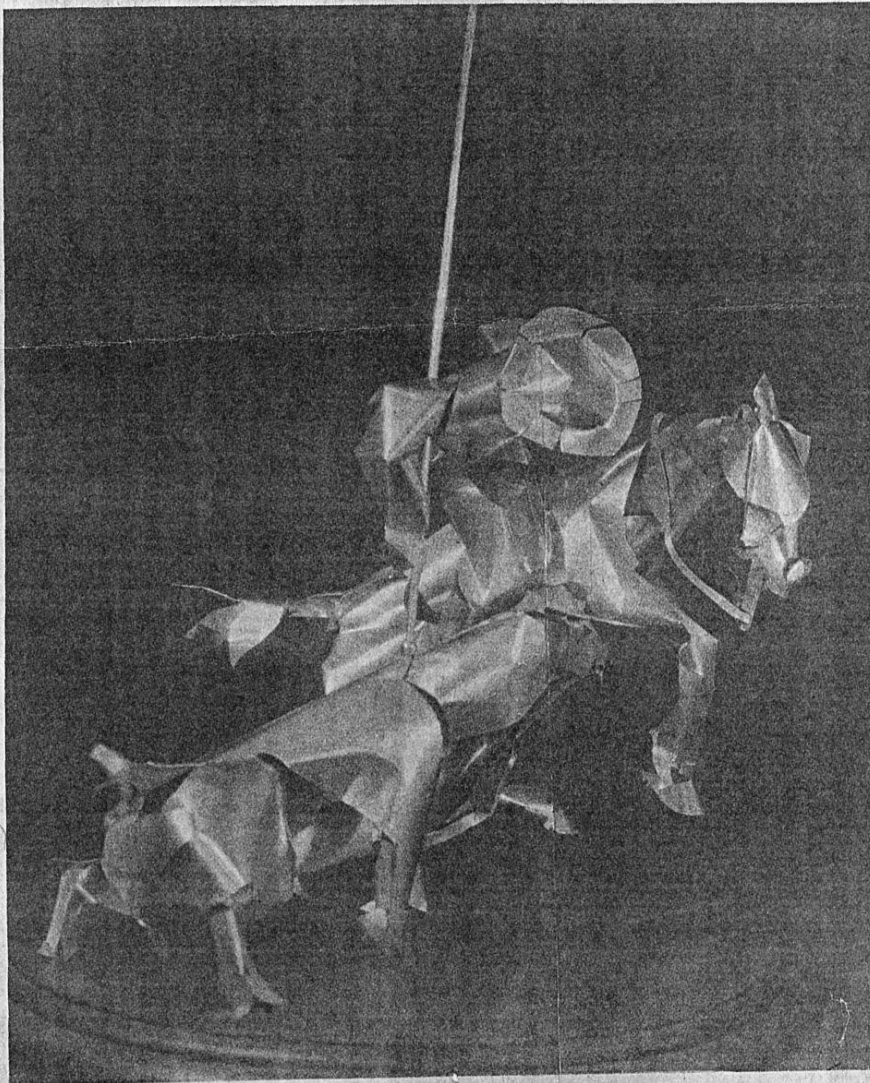
En Madrid fué gran amigo y compañero de D. Antonio Cañero, y con él compitió en varios concursos lípicos. Y fué en España donde su afición a la fiesta de toros, unida a su pasión por la Caballería, engendró las primicias de su futuro y admirable arte.

Cuando Cañero toreó triunfalmente en Lisboa, Delfin Maya dibujó los carteles de propaganda. Y, entusiasmado con el arte, siguió haciendo caricaturas y apuntes, predominando en sus asuntos los aspectos vibrantes y fuertes de la fiesta brava.

Más tarde empezó Delfin Maya a trabajar el barro y creó una escultura con motivos toreros, que recuerda el arte pictórico



La "bailaora" eleva su brazo envuelto en los flecos del mantón.



de Marín, Domingo y Casero. Muchos de sus trabajos fueron después pasados a la porcelana y al bronce, y algunos de éstos pasaron a exhibirse en el Salón de París.

Ahora nos da Delfin Maya la "escultura con hoja de plata". El artista coge la lámina, la recorta y la dobla con sus manos admirables, y ahí está la obra impresionante de verdad: el toro, el caballo, el picador, la bailaora...

Muchos son los animales que Delfin Maya nos presenta; pero en la plata, como en sus barro, lo que más impresiona son los motivos verdaderamente peninsulares.

Todas las figuras tienen expresión, observación anatómica, vibración. Y por eso la afición se entusiasma ante la nueva y admirable faceta de este caballero medieval que, insatisfecho de no poder derrochar heroísmo y sacrificio, en luchas por su patria y por su ideal, se retira a la torre señera del Arte, lejos del murmullo perturbador del materialismo imperante...

FELIX CORREIA

El picador, el caballo y el toro forman un armónico grupo, que tiene además la emoción de todas las suertes de varas. (Fotos Correia.)

- 1934. *Do Movimento. Apontamentos de Delfim Maya. Exposição no Atelier do pintor Carlos Carneiro. Porto.*

Catálogo

DO MOVIMENTO
APONTAMENTOS DE **DELFIN MAYA**

	EM BRONZE	EM BARRO	EM FERRO	EM PRATA
DE TOIROS	1. UMA VARA 2. VARA RIJA 3. DEPOIS DA ESTOCADA 4. UMA «VERONICA» 5. QUEDA APARATOSA 6. «PASE POR ALTO»	15. POBRE CAVALLO!	15. BOA VARA	19. NO «TERCIO» DAS VARAS 20. UM «NATURAL» 21. TOIRO NA PASTAGEM
DE CAVALLLOS	7. CLÉMATITE 8. JOGANDO O POLO 9. JOCKEY 10. LUGTA FINAL 11. A PARTIDA 12. SALTO DE SÉBE			
D'OUTROS ANIMAES			16. GALGO EM CORRIDA 17. COMBATE DE GALLOS	22. O PERÚ 23. O GATO D'ALFAMA 24. GATO SENTADO 25. TIGRE 26. FOX 27. VEADO PASTANDO 28. VEADO
DA VIDA		14. CANTANDO ...	18. A VARINA	29. BILADEIRA

EXPOSIÇÃO NO ATELIER DO PINTOR **CARLOS CARNEIRO**
RUA ANTONIO CARNEIRO (AO BOMFIM)
DE 10 A 17 DE DEZEMBRO DE 1934

- 1934 (dezembro, 11). *A exposição de Delfim Maya. Jornal de Notícias.*

Jornal de Notícias Terça-feira, 11 de Dezembro de 1934

ARTE PLASTICA
A exposição Delfim Maya



Um trecho da exposição de bronzes, ferros e pratas, de Delfim Maya, ontem inaugurada no «atelier» de Carlos Carneiro. No medalhão: o expositor.

- **1935. Exposições em Espanha: Madrid e Sevilha**
Catálogo e salas da Exposição no Círculo de Belas Artes.

**APUNTES DE
DELFIN MAYA**

EN BRONCE		PTAS.
1 - Una buena vara		2.000
2 - Caída aparatosa		1.500
3 - Media verónica		1.300
4 - Pase ayudado por alto		1.200
EN PLATA		
5 - Una vara		1.250
6 - Un natural		500
7 - El Toro		300
8 - Tigre		350
9 - Ciervo		80
10 - Ciervo pastando		100
11 - Gato		100
12 - Gato		75
13 - Fox		50
14 - El Pavo		125
15 - Pelea de gallos		500
EN HIERRO		
16 - Saliendo del chiquero		300
17 - D. Antonio Cañero		1.500
18 - En el tercio de varas		1.200
19 - Galgo		200
20 - Vendedora de pescado		250
21 - Bailaora		250

El VOCAL DE PINTURA
del
Círculo de Bellas Artes
Saluda

a su distinguido amigo Don Delfin Maya, y se complace en manifestarle que puede disponer de los tres salones para exponer sus obras, en la forma convenida, desde el 24 del actual al siete de junio próximo, rogándole le acuse recibo

FRANCISCO LLORENS

aprovecha gustoso esta ocasión para reiterarle el testimonio de su consideración más distinguida.
Madrid 18 de mayo de 1935.

- 1935 (maio 22). Exposiciones de Tovar, Domenech y Delfin Maya. *El Debate*.
- 1935 (maio 27). Las obras escultóricas del artista portugués Delfim Maya. *La Nación*.

EL DEBATE
22/5/1935

Vera haciendo un resumen del curso. Tal
lis: -
gú puí
fue mi
en soc
ra col
neñol
fac jo.

Exposiciones de Tovar, Domenech y Delfin Maya

El viernes 24, a las seis y media de la tarde, se inaugurarán, en los salones del Círculo de Bellas Artes, las Exposiciones de obras de los artistas don Manuel Tovar, de una copia del "Apostolado del Greco", de la Sacristía de la Catedral de Toledo, de Esteban Domenech, y de las esculturas en hierro, plata y bronce del portugués Delfin Maya.

La promoción de médi...

27/5/1935

LA NACION

NOTAS DE ARTE

Las obras escultóricas del artista portugués Delfim Moya

Estos días ha alcanzado un lisonjero éxito la crítica y de público la exposición de obras escultóricas en el Círculo de Bellas Artes del artista portugués Delfim Maya.

Este escultor demuestra, expresada en su obra, una personalidad singular, técnica nueva y, sobre todo, un vigoroso dinamismo. Son temas predilectos del artista lusitano precisamente aquellos que requieren una fuerza y movimiento grandes en la realidad y raramente interpreta figuras en reposo. Este dato dice elocuentemente de aquel temperamento excepcional y naturalmente propicio a la expresión escultórica. Delfim Maya trata con vigor y gracia suma los motivos de tauromaquia, equitación y danza. Particularmente de la fiesta de España—tan bella como nacional—Maya presenta copiosos momentos que revelan una intensa emoción.

El artista ha recibido en estos días muchas felicitaciones.

ARTES PLASTICAS

Del arte inca a Tovar, pasando por el Greco

(Viene de la página 1.)

causa? Acertijos son éstos que al artista no tienen por qué preocuparle; lo que al artista le incumbe es constatar que puede una figurilla tener la cabeza grande, el modelado monstruoso y ser artística. Así sucesivamente...

En el Círculo de Bellas Artes

Ayer el Círculo de Bellas Artes dedicó a la memoria de Manolo Tovar una exposición de caricaturas personales de este simpático autor, buen amigo de todos. Gente de teatro y de letras quedan allí, todos ellos parecidísimos, y con el estilo peculiar del autor, que supo no quedar anticuado y mantener su atractivo sin adoptar las esquematizaciones sumarias de la caricatura moderna, esquematizaciones que dan, cuando son buenas, todo su vigor humorístico a la caricatura, pero que, cuando son mediocres—cosa que ocurre a menudo—, implican sistematización innecesaria.

Todos hemos visto con agrado la exposición de Tovar y hemos dedicado a su memoria un recuerdo afectuoso.

Aparte de la exposición mencionada, fueron ayer inauguradas en el Círculo tres exposiciones más de tres—¿lo decimos?—"chiflados", cada uno por su estilo y salvando las distancias, que es considerable entre ellos.

Esteban Doménech es el primer chiflado; el chiflado quijotesco de Toledo. Veinte años en Toledo él, que es cubano de nacimiento—y de acento, y de cordialidad—, ha convivido en Toledo con el más alto jerarca y con el menestral más humilde; se ha subido a todos los andamios para ver de cerca la pincelada más alta del Henzo más junto al techo de la iglesia más elevada y ha bajado a los sótanos de clausura para hulisnear allí los Henzos escondidos... "Chico, dos Rubens allí... pero indubitados!". "Subí al andamio y ¡muchacho!, el Henzo al descubierto, rojizo, y allí el Greco, con un poquillo de aceite había restregado un azul puro y vibraba, desde abajo, muchacho, ¡en un violeta!".

Pues este quijotesco D. Esteban se ha propuesto nada menos que copiarse a su tamaño los apóstoles del Greco de la catedral de Toledo.

Y ahí están, fulgurando...

El otro expositor, Delfim Maya, es un distinguido artista portugués a quien le ha dado la chifladura por ejecutar figuras escultóricas—por lo general, escenas de toros—e interpretadas, después, en chapa recortada y doblada a mano o a alicata. La chifladura—si lo es—es ventajosa porque la chapa da a las figuras un estilo, una expresión, un picante de ingenio, ausente en las esculturas modeladas en barro o en bronce; pero creemos que es chifladura porque cada figura—un toro, un caballo caído, un picador, Cañero rejoneando—está realizada en una sola hoja, en una pieza, sin la menor soldadura; solamente a fuerza de cortes y dobleces y abollados... Y nos parece chifladura, del género "ahora, más difícil", añadir dificultades a la obra de arte, cuando ya el hacer arte—con una pieza o con varias—es harto hazafioso y suficiente.

El tercer expositor es de otra clase. Este se ha dedicado a copiar el "Quijote" en letra gótica, con orias en color "todas distintas" y con ilustraciones—igualmente en color—, todas de su mano. Lleva cuatro años de labor y... le quedan diez o doce.

"Lo más peregrino del caso—nos ha dicho el propio autor—es que yo me he dedicado a esto como a usted se le pueda ocurrir mañana montar en bicicleta. ¿Usted sabe montar en bicicleta? ¿No? Pues mi caso es lo mismo..."

Nosotros hemos estado por jurarle que no se nos ocurrirá nunca probar el fruto de la bicicleta prohibida; pero ¡vaya usted a saber lo que nos reservará a cada cual el día de mañana!... Vayámonos a dormir, y ¡mañana veremos!...

EXPOSIÇÃO EM
MADRID

- 1936 (julho 20). Exposição de Delfim Maya e de seu filho. *O Século*.
- 1936 (julho 21). Exposição de óleos e esculturas de Delfim Maya e Francisco Maya. *Diário de Lisboa*.



- 1936 (agosto 1). Óleos e esculturas por Delfim Maya e Francisco Maya. *Renascença*.

RENASCENÇA
1 - AGOSTO 1936

renascença
12

Quinzena Artística

Impressões e notas

Oleos e esculturas por Delfim Maia e Francisco Maia

Fomos numa das últimas tardes até à Sala da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde Delfim Maia e seu filho Francisco estão realizando uma curiosa e opulenta exposição.

Aparece-nos o antigo oficial de cavalaria com numerosos trabalhos, duma técnica que se impõe ao primeiro relance, executados em lâminas de ferro, recortadas. Além destes, dá-nos mais uma preciosa colecção de esculturas de prata, onde se revela, em tóda a pujança, a sua arte superior de animalista. Ficou-nos ainda na lembrança certa bailarina modelada, com mestria, em gesso. De gesso também uma «cabeça» magistral, destinada ao túmulo de Silveira Ramos.

Deixamos para o fim do relato, propositamente, um friso de óleos admirável, que representa cavalos em pleno movimento; e os grupos, de bronze, que fixam scenas de toureio, impressionantes de sugestão e de verdade.

Com Delfim Maia expõe, como dissemos, seu filho que, embora traindo a naturalmente sentida influência do Artista, nos evidencia uma vincante personalidade. Tem luz, tem movimento, tem notável sentido da «atitude» dos «motivos». Salientamos, da sua produção, as «marinhas», que se nos afiguraram ser de molde a ficar na galeria das obras deste pintor — um dos pintores *sérios* de amanhã.

ADELAIDE FÉLIX

- 1936 (agosto 16). Delfim Maia e o movimento particular das suas esculturas. *O Diabo*.

"O DIABO"
— 16 AGOSTO 1936

Delfim Maia

e o movimento particular das suas esculturas

por Nogueira de Brito

AS esculturas de Delfim Maia constituem, principalmente, uma exposição que se impõe pelo movimento das figuras. Não é uma exposição estática, puramente exemplificativa de aspectos e de expressão fiel de coisas. Se na pintura se impõe, cada vez mais, um flagrante dinamismo que nos dá a ideia da «vida», na escultura ainda mais, porventura, tal se deve revelar. Há, especialmente, assuntos que não se compadecem com essa mórbida estagnação, género de «morrinha» estética que adormenta os tipos e os inutiliza impiedosamente. Dir-se-ia, em certos casos, que um sopro de aniquilamento de vida passou pela obra, amarrando-a a uma tepidez doentia bem imprópria e dispare da vibração que é sempre a característica de que existe, «existindo» de facto!

Ora Delfim Maia que trouxe à acuidade e ao sensibilismo do seu cinzel a expressão ruidosa e viril da sua vida de cavaleiro, conseguiu fazer palpitar toda, ou quasi toda a sua obra escultórica. E, em geral, o que o seu escôpro modelou saiu sinceramente arfante, simpaticamente inquieto. Cavalos e cavaleiros mostra-os nobres de movimento, lestos de atitude hipicamente insinuantes e briosos. E, digo a Delfim Maia, com a franqueza com que sempre o faço, que nesse campo está bem, porque viveu a haustos sofrêgos esse ambiente tão afeiçoado à nossa vida de lusos, desde a investida rude do primeiro rei Afonso domador de moirama e de castelos até aos torneios floridos, onde se irmanavam gente patricia e plebe, aquela no desfastio do ócio das suas estirpes, esta no frenesi heróico da aventura traduzida em pugnas e correrias a bem e a mal, mas sempre cheias de crepitação de nervos e até de destoantes malfícios guerreiros.

Nem o mecanismo, cada vez, mais triunfador e múltiplo, logrou apoucar a singela admiração pelo que no redondel

pode passar vivacissimamente, recordando velha cavalaria e estremecendo corações na contemplação do garbo e no fusilar do perigo. Somos assim, mais de que qualquer outro povo, portugueses e espanhóis, pela nossa ancestralidade embebida no azougue poderoso de arabismos ainda a pulsar-nos no sangue. Delfim Maia assim sente. Trata-se, por tu, com as velhas e apuradas raças e no constante emprego da sua bravura hípica apreendeu segredos a outros vedados, dulcificou a sensibilidade em convivência que muita gente ignora. O escultor é, pois, o cavaleiro, e o cavaleiro de fina educação plástica pôde dar o escultor. É só isto (o que não quer dizer seja pouco) a exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes onde se adivinha, não raramente, o ranger de freios, o tropear nervoso de aprimoradas raças, esse galopar rítmico de exemplares genealógicamente ilustres, a «birra» clássica de animais estouvados e o terno e carinhoso meneio de caudas roçagantes. É toda «movimento» esta exposição do Delfim Maia. Cavalos que se empinam, cavaleiros que se «seguram» rijamente, olhos que crepitam nuns e noutros, a vertigem da correria, o arquejar de arcaboijos fortes, quando a velocidade amortece.

Quando Delfim Maia volta a sua atenção, para outro lado, se não falha, amortece com certeza, nas suas possibilidades de artista interessante que é o domar cavalos e o domar o cinzel. Francisco Maia que o acompanha nos seus quadros anda a olhar outros horizontes, a palmilhar outros terrenos. Não deixa de interessar também, mas perdem-se a sua vontade e as suas faculdades naquele vibrar de corpos de que Delfim Maia é arguto animador. A exposição que me merece, sem sombra de favor, estas minhas apressadas linhas, na vida de arte da Lisboa árida de manifestações de arte, é das que se arrumam com prazer no canhenho dos acontecimentos que entreteem o espirito e delicias os olhos.

- 1937 (janeiro 15). Novos e interessantes trabalhos do escultor Delfim Maya. *Diário de Lisboa.*

DIÁRIO DE LISBOA
1937
Janeiro
15

15-1-1937

Novos e interessantes trabalhos do escultor Delfim Maya

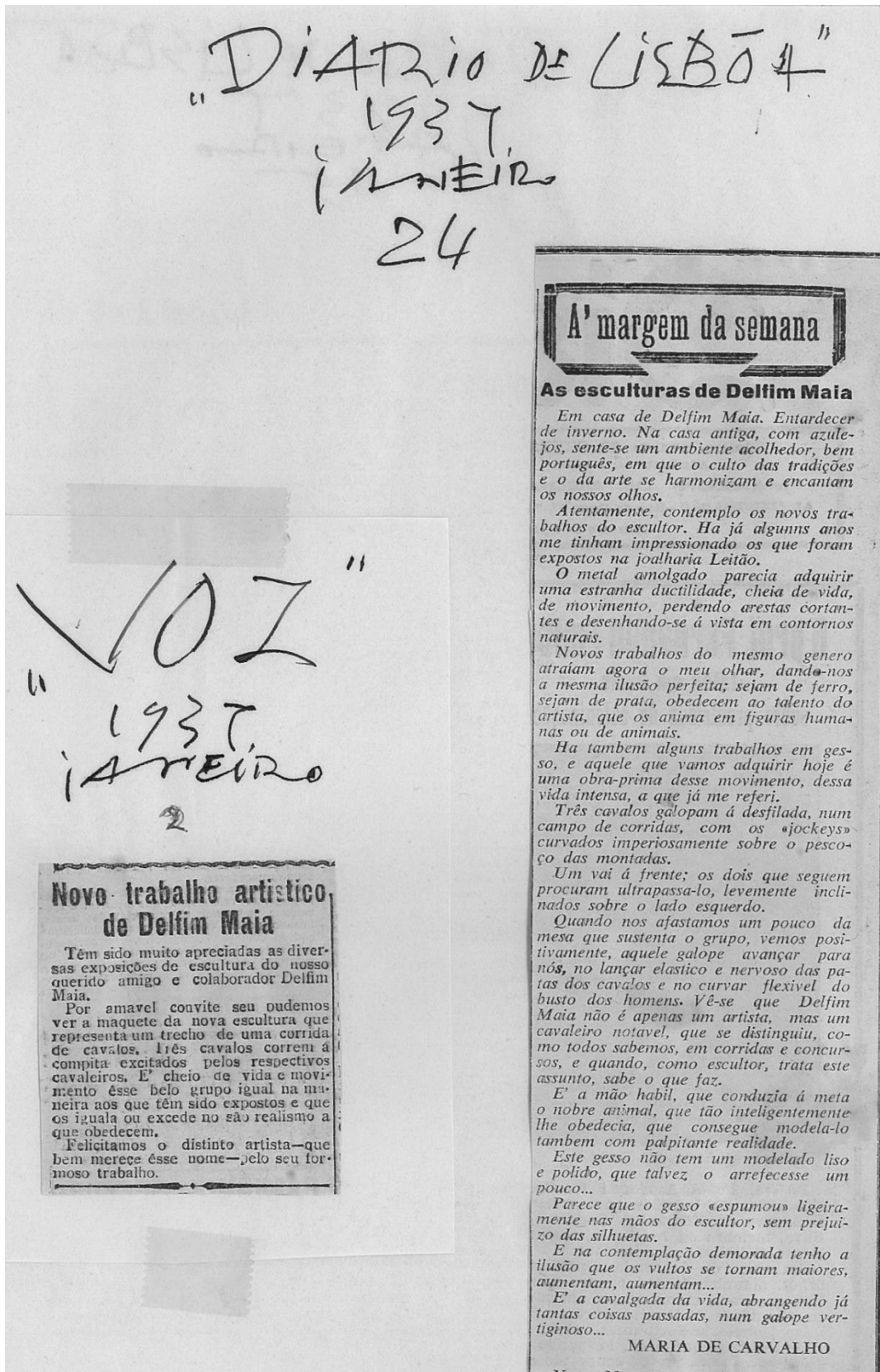
O escultor sr. Delfim Maya reuniu os seus amigos e alguns artistas e jornalistas para lhes mostrar os seus últimos trabalhos, sempre vibrantes e originais: esculturas em gesso e em laminas recortadas, estas ultimas de sua absoluta criação, representando figuras gracios de bailarinas e peixeras e, animados tambem de movimento proprio, cavalos de corrida, três no momento de correrem—admiravel friso em gesso—e outro em folha recortada. Todos os trabalhos do original artista mereceram os melhores elogios das pessoas que neles puderam admirar o talento do seu autor, animalista vigoroso que domina a anatomia dos seus modelos e constantemente denuncia a sua qualidade de antigo official de cavalaria e concursista premiado em grandes certames hipicos em Portugal e no estrangeiro.

Os cavalos que Delfim Maya nos dá em gesso e em bronze, ou em laminas recortadas, não são copia de modelos de «atelier». O artista baseia-se sempre no conhecimento directo de animais que monta, ao ar livre, em pleno movimento.

Cavalo de corrida

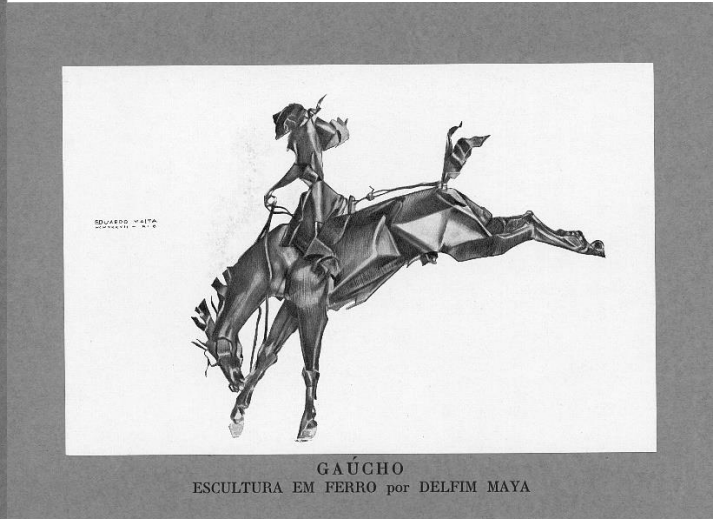
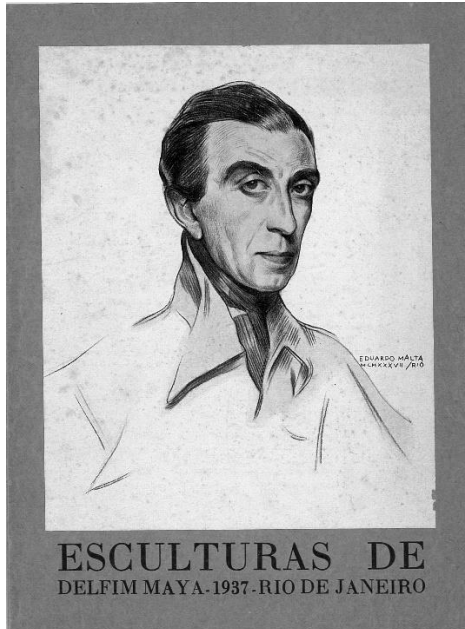
Um aspecto de cavalos em plena corrida

- 1937 (janeiro 2). Novo trabalho artístico de Delfim Maya. *A Voz*.
- 1937 (janeiro 24). As esculturas de Delfim Maia. *Diário de Lisboa*.



- 1937. Exposição na Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, Rio de Janeiro. Brasil.

Catálogo



ESCULTURAS

EM PRATA:

1 e 2 DAS CORRIDAS DE TOIROS EM HES-
PANHA — 3 COMBATE DE GALOS — 4 PERU'
— 5 O GATO — 6 O FOX PELLO D'ARAME
7 e 8 VEADOS — 9 a 11 CRUCIFIXOS.

EM FERRO:

12 a 14 GAÚCHOS — 15 O CAMPINO — 16
O JOCKEY — 17 e 18 BAILE ANDALUZ
— 19 DAS CORRIDAS DE TOIROS — 20 A
VARINA — 21 O TIGRE — 22 O PERU' —
23 O FOX PELLO D'ARAME — 24 O GATO
— 25 COMBATE DE GALLOS — 26 O GALGO
EM CORRIDA.

ESCULPTURAS DE DELFIM MAYA

EM PRATA:

Reis:

1 - DOS TOIROS EM HESPAÑA: UM NATURAL		2.500\$000
2	UMA VARA	3.000\$000
3 - COMBATE DE GALLOS		2.500\$000
4 - O PERU	VENDIDO	850\$000
5 - O GATO	VENDIDO	500\$000
6 - O FOX PELLO D'ARAME	VENDIDO	250\$000
7 e 8 - VEADOS, CADA	VENDIDOS	450\$000
9	VENDIDO	400\$000
10 } CRUCIFIXOS	VENDIDO	650\$000
11 }	VENDIDO	500\$000

EM FERRO:

12 - GAUCHOS		3.500\$000
13 - GAUCHOS		4.000\$000
14	VENDIDO	5.000\$000
15 - O CAMPINO		3.500\$000
16 - O JOCKEY		5.000\$000
17 - BAILE ANDALUZ		2.000\$000
18 - BAILE ANDALUZ		2.000\$000
19 - VARA RIJA		4.000\$000
20 - A VARINA	VENDIDO	750\$000
21 - O TIGRE	VENDIDO	850\$000
22 - O PERU		300\$000
23 - O FOX PELLO D'ARAME		200\$000
24 - O GATO		250\$000
25 - O COMBATE DE GALLOS		1.000\$000
26 - GALGO EM CORRIDA		750\$000

Convite



ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

DELFIN MAYA, PORTUGUEZ, ESCULTOR DE TOIROS BRAVOS E DE CAVALLOS, CONVIDA V. EXCIA. E SUA EXMA. FAMÍLIA A ASSISTIREM A' ABERTURA DA EXPOSIÇÃO, QUE REALISA NA SALA D'ESTA ASSOCIAÇÃO, NO PALACE HOTEL, DE 16 A 30 DO CORRENTE.

RIO DE JANEIRO — MCMXXXVII — OUTUBRO

USI

- 1937 (outubro, 2). A arte singular de Delfim Maya. *O Paiz*.

O PAIZ
Rio de Janeiro

2 OUT. 1937

A arte singular de Delfim Maya

Fui ver a exposição do artista português Delfim Maia no "Palácio". E tive uma agradável surpresa numa época em que as artes plásticas oferecem quasi sempre surpresas desagradáveis...

Vi-lhe a vitrina de trabalhos e fiquei conhecendo um Delfim de nome e que pôde ser rei no seu genero.

Arte pessoal. "Impressiva". Nova. Original e fundamentalmente sua. Não é moderno, nem antigo: é novo, porque toda a belleza é sempre uma novidade... Não imita, nem decalca, nem tampouco faz arte para agradar, ou para vender. Fal-a por si e para si, sem ser senão Delfim de si proprio.

E' bem possivel que nem todos o compreendam, ou o apreciem. Mas nisso é que reside o merito esthetico de quem o tenha déveras. Basta que haja satisfeito a mim plenamente. Prescindindo de saber si ha outros, muitos ou poucos, que estejam de accordo commigo.

Delfim Maya é simples, incisivo, directo, sem meios termos ou redundancias. E' escultor? E' e não é, ao mesmo tempo. Não sei se me faço entender. E, por isso, vou explicando logo... E' um escultor... sem escultura. Não entenderam? Tornarei a explicar: esculpe quasi em symbolo, dando da figura o justo relevo, a "indicação" necessaria, para desenhar e recortar o todo, sem que olvide o essencial da linha e do volume "sugerido". Animalista em prata e ferro, como si servisse de pedaços de papel, de cartões á maneira do desenho animado do cinema, sendo, é claro, um "movimento estático" de representação symbolica. Mas que vida! Que riqueza intencional tem a sua dinamica pre-figurada nos motivos dessa "zoo-esthetica" *sui-generis*!

Sente-se-lhe nos recortes, que formam o conjunto visado, o todo sem corpo completo, sem ser cheio ou recheado, mas apenas o traço esquelético, o *factes* de um "avésso" anatomico, como si estivesse em plano, num corte seccional pela cirurgia... do compendio que o exhibe. Mas o volume está verticalmente es-

quissado com toda a sua integral realidade schematica e sem sacrificio de sua graça sobrenatural, de sua vida em "cortex" inherente.

Basta que exemplifique entre tres de seus "recortes" de anatomista da silhueta, quer a da nossa especie, nem sempre totalmente racional... quer dos animaes nem sempre obtusamente irracionais, e mais inteligentes, ás vezes, que muitos homens que falam de cadeira ou como papagaios... E vou, sem mais preambulos, á prova experimental desse realista... de symbolos: o "Gaúcho", magistral; o "Baile Andaluz", com toda a alegria do "salero"; e "O Jockey", que parece está na pista, correndo, tal a vertigem do cavalleiro que monta e do cavallo que dispara!

E por que Delfim Maya assim trabalha, vive e dá, num golpe certo, todo o valor especifico de sua arte de escultor... sem escultura?

Porque, antes de fazer a sua arte admiravel, foi official do Exercito Portuguez, de arma de cavallaria, e campeão em concursos hyppicos, sem temor de touros bravos e de mulheres bonitas... A sua sciencia de monteiro-mór, de toureiro, por simples gosto de luta, e sem instinto sanguinario de matar, deu-lhe a autoridades para applicar na arte plastica, a "zoo-metria", processo absolutamente seu, exclusivamente delfinesco e mayal.

Nos meus recentes tres annos e mezes de Europa, visitando os seus melhores museus e as suas exposições mais importantes, em nenhuma parte encontrei algo que se eguale ao seu caso. Daí a sua novidade, a sua arte personalissima e inconfundivel.

Comprar os seus trabalhos esplendidos equivale a duas provas: a de bom gosto, como amador do-Bello, e a de boa indole, sendo dispensavel o titulo de socio da Sociedade Protectora dos Animaes...

Mas isso é arte? — Indagará, por certo, muita gente incredula e modesta... de intelligencia?

Eu dir-lhe-ei: sim, e da boa Arte com o risco, o recorte, o relampago da Vida!

SAUL DE NAVARRO.

- 1937 (outubro, 13). Bellissima exposição de escultura portuguesa. Vanguarda.



LIX
JORNAL

RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES, 176
TEL. 43-5422

Vanguarda

Rio de Janeiro

13 OUT. 1937

Bellissima exposição de escultura portuguesa

970

UMA LINDA APECIAÇÃO DE EDUARDO MALTA

Delphim Maya, o conhecido esculptor português, vai inaugurar a sua exposição no próximo sabbado, dia 16, ás 17 horas, no salão da Associação dos Artistas Brasileiros. Eduardo Malta, é pintor luso universalmente applaudido, assim se expressa, numa chronica, sobre Delphim Maya:

"O verdadeiro artista é um ser anormal, um ser que trouxe para o mundo maneiras novas de sentir e de expressão. E só é intrinsecamente artista aquelle que descobre para os outros imprevistas visões... Os demais, os que seguem numa escola fielmente, seja ella academica ou modernista, por mais valor mostrado, nunca se poderão chamar "artista"... Serão apenas bons ou maus pintores, esculptores, músicos, escriptores... Tem uma profissão... mas uma profissão murada e com tectos. Mais tarde ou mais cedo só ancorarão no mundo, para sempre, os que trazem algo de novo, algo de incorruptivel... Delphim Maya, antigo official do Exército português, forte ganhador de concursos hippicos internacionais, bravo amigo de touros bravos, arredado por politica da sua profissão inicial, vêmol-o hoje esculpir, talvez saudosamente, os motivos dynamicos que antes o cercava. Só um homem conhecedor profundo e amante dos animaes, attento sempre ás suas vidas, poderia, esculpindo, dar tanta intenção perspicaz aos movimentos instantaneos, quasi imperceptiveis, e ás sensações mais reconditas dos seus modelos... E que difficuldade dar isso tudo em forma deshumanizada, os corpos talhados em chapa de ferro, ouro ou prata, intelligente e sentidamente revirados, retorcidos e moldados á força de nervosa inspiração... Esta esculptura "verdadeiramente impressionista", não será num instante comprehendida pela medocridade normal da maior parte da gente... Mas olhem attentamente. Que vitalidade, que dynamismo petrificado, que graça de movimentos conseguidos duma maneira nunca vista! Gargallo apresentou em Paris ha meia duzia de annos algumas esculpturas como estas de volume simulados... Mas de tão fantasiosa e pouco sentidas essas esculpturas, apenas lembravam decorativos e abstractos manirancos. A esculptura de Delphim Maya, ao contrario dessa, é inherentemente humana, como se pudessemos espalmar um corpo, secal-o, tirar-lhe tudo o que nelle existisse de inexpressivo, e depois o modelassemos novamente, numa synthese de expressão e movimento... Como já disse, para se ser artista é necessario ser-se igual a si proprio... Ora Delphim Maya é completamente Delphim Maya. Poderia ser apenas esculptor, um grande esculptor, e não ser artista... Ser artista está para além da normalidade, é ter-se já uma pequenina parcela de Deus, um pouco de criador e muito de

- 1937 (outubro 17). Exposição Delfim Maya. *O Globo*.

LIX
JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-5422

O GLOBO

Rio de Janeiro

17 de Outubro de 1937



EXPOSIÇÃO DELPHIM MAYA. — Está inaugurada no Palace Hotel uma exposição do escultor Delphim Maya. Os trabalhos ali expostos pelo artista luso são os mais variados e trazem a marca bizarra e inconfundível de sua personalidade. Citariamos, por exemplo, os cavallos e touros gravados no marmore com impressionante expressão de vida. A' inauguração da exposição compareceram figuras destacadas do nosso meio artistico, vendo-se, na gravura acima, um grupo admirando o trabalho de Delphim Maya.

- 1937 (outubro, 17). Delfim Maia – Escultor do movimento. *Diário Portuense*. Rio de Janeiro.

Delfim Maia - Escultor do movimento

Souto da Casa

Delfim Maia escupi o movimento.

A sua exposição, ontem inaugurada no salão dos Artistas Brasileiros, obriga a mirar e a remirar os motivos expostos e a voltar ao princípio, quando se chega ao fim.

Por não serem facilmente compreendidos?

Não.

Os trabalhos do nervoso escultor são tão simples que uma criança os ha-de forçosamente compreender. Compreender e amar.

E amar, nas crianças, é desejar. Ora, eu senti-me criança a desejar tudo quanto saiu das mãos do artista, que o é, de facto, não por "picassoadas" mais ou menos snobes, mas por um direito sagrado e divino de vocação equilibrada.

Delfim Maia realizou, com suas mãos fotográficas, instantâneos de "écran".

Nunca tínhamos visto, na matéria-prima de que se faz escultura, coisa que se parecesse com o movi-



O ESCULTOR DELFIM MAIA
(Desenho de Eduardo Malta)

"DIÁRIO PORTUENSE"

DO RIO DE JANEIRO

17/outº/1937

mento relâmpago, esse movimento que nos chega ao cérebro sem quasi nos tocar na inteligência ou, pelo menos, na razão.

O que êlo fixa são momer os, esses momentos perdidos na vertigem louca das praças de touros e das galopadas ribatejanas ou paú-chas.

Mas são esses momentos perdidos, pela distância a que ficam de um acto reflectido em nós, por trabalho lento e racional de consciência, que empolgam as multidões das touradas, em urros de entusiasmo.

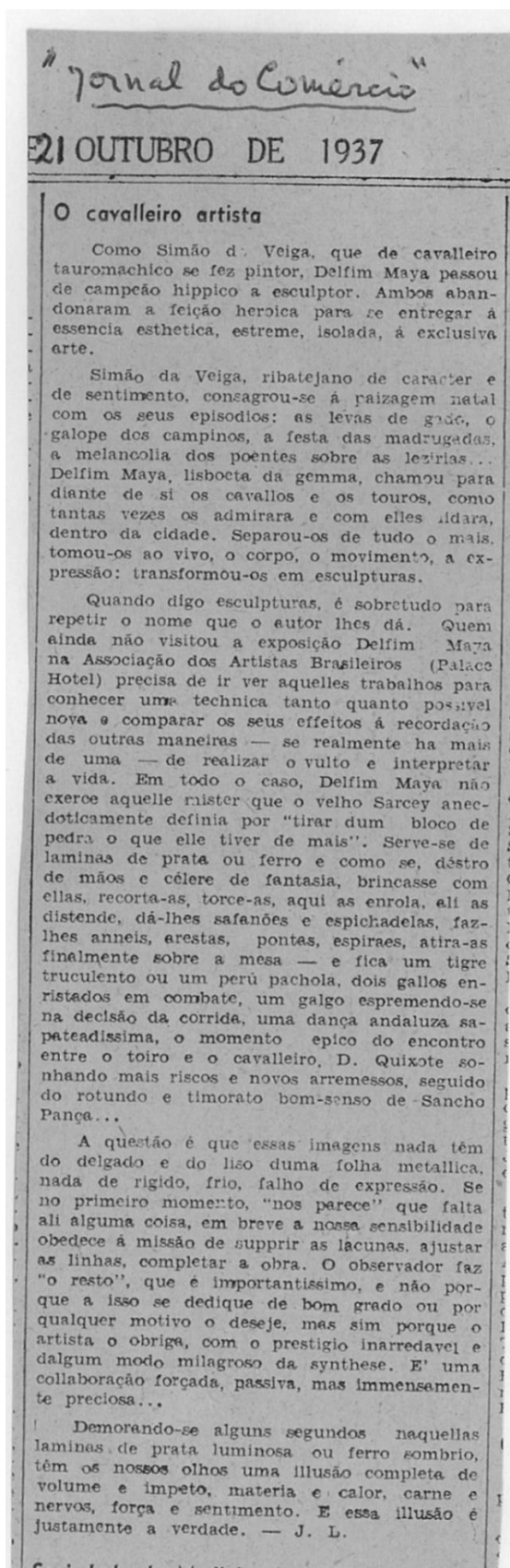
O difficil estava aqui.

E Delfim Maia tornou-o fácil, por dom de suas mãos e milagre da sua sensibilidade que não é de facto, comum, porque é dinâmica, antes de ser emotiva.

Isto é: Delfim Maia não realiza arte na contemplação, como poeta, mas realiza-a, e plenamente o consegue, numa vibração constante que é nervo, cérebro, acção, vertigem, quasi delirio.

Tudo isto, porém, não prejudica a forma que é um elemento muito sério, o mais sério mesmo para se aquilatar d' honestidade de um artista, embora isto pese aos camaradeladores, mais ou menos bolchevisados, que andam por aí, num trabalho infernal de destruição. Este Sabater da prata e do ferro é Delfim Maia, não direi, como o grande Eduardo Malta, igual a Delfim Maia, mas maior do que êle esse Delfim Maia taciturno; não o de cara esculpida em ferro, mas aquele que realizou uma arte que, consigo, ficará para todo o sempre.

- 1937 (outubro 21). O cavalleiro artista. *Jornal do Comércio*.



- 1937 (outubro 24). Associação dos artistas brasileiros. *Diário Carioca*.

"Diário Carioca" de 24-10-37

NOTAS DE ARTE

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

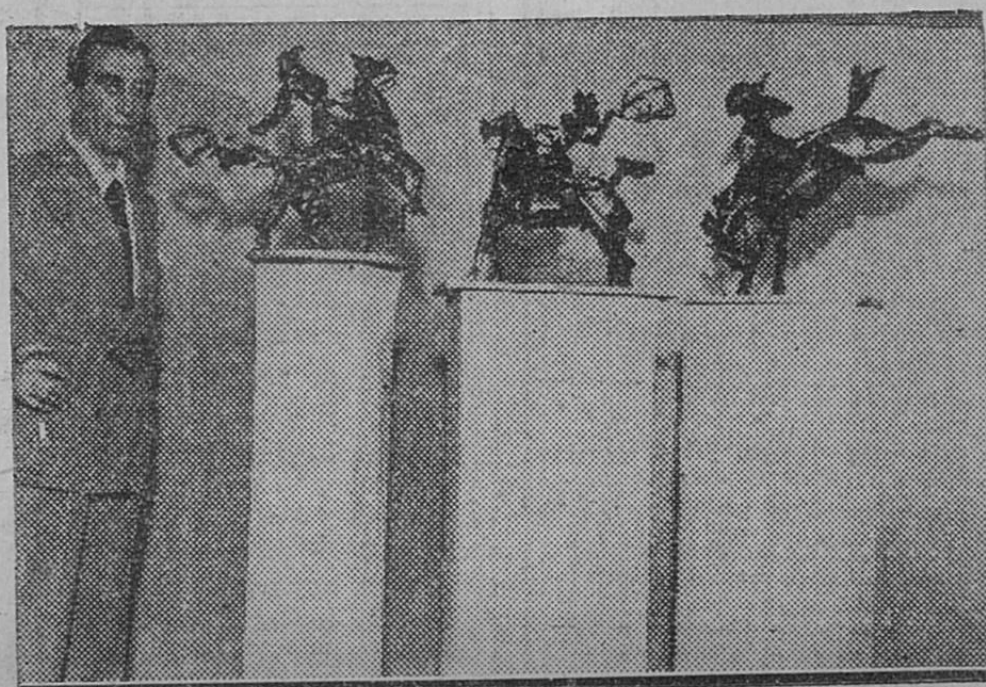
A presente estação de Artes Plásticas na Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, reúne o Salão Photo-graphico Pintorial, a que concorrem os srs. dr. Luiz Paulino Soares de Souza, Fernando Guerra Duval, Moacyr Alves, Djalma Gaudio, Euclides Barbosa e Nicolau Barbeito Corrê-dêra; á uma interessante collecção de desenhos de Vella Victoria Zuccotti, artista portenha, presentemente entre nós; e, por fim o notavel escultor portuguez sr. Delfim Maya, cujos trabalhos originalissimos deram margem a largos comentarios dos criticos e da imprensa. O salão da Associação dos Artistas Brasileiros, está aberto, diariamente, nos dias uteis, das 16 ás 19 horas. Essa

D. E. 24

- 1937 (outubro 29). Delphim Maya e a sua esplendida mostra de arte. *A Noite*.

"A Noite" - 29/out-1937

Delphim Maya e sua esplendida mostra de arte



Delphim Maia ao lado de alguns dos seus trabalhos expostos no Palace Hotel

Encerra-se amanhã a exposição de arte de Delphim Maya, artista português que se encontra nesta capital e cujos trabalhos têm merecido carinhosa atenção de entendidos e leigos.

Official do Exército, exímio cavaleiro, o artista apresenta nesta mostra entre outros motivos formosos, admiráveis esculturas de cavallos, que surpreendem pela fidelidade das linhas plasticas e pelo calor de uma inspiração generosa, cuja sensibilidade attinge as formas mais subtis e primorosas da expressão em arte. Afecionando laminas metallicas, e, portanto, sem contar para suas criações com a solidez e a plasticidade da materia pri-

ma compacta. Delphim Maya vence miraculosamente as dificuldades por elle proprio eleitas, imprimindo ás figuras uma intensidade singularissima de movimento e nellas mantendo, apesar da tendencia modernista de sua arte, impressões classicas de fidelidade anatomica. Raros artistas, entre os que lidam o material commum de escultura, terão attingido, como esse creador original, tão perfeita bizzaria interpretativa e tão vigorosa e tão rica expressão de realidade.

Delphim Maya conta-se entre os privilegiados da arte e as palavras mais vivas de louvor jámais excederão a simples valia do seu merito de artista.

- 1937 (outubro). Delfim Maya e a sua exposição. *A Feira*.

Delfim Maya e sua exposição

D. LEONOR POSADA

(especial para "A Feira")

Deus, na sua infinita bondade, põe em cada alma, em cada anseio uma centêlha de sua eterna luz. Assim, a humanidade tem para distingui-la dos demais seres, essa manifestação radiosa do seu Eu interior e que se chama inteligência ou genio.

Mas, para os artistas, foi Deus ainda maior na sua doação: aumentou-lhes o brilho da centêlha, deu-lhes um facho de sua própria divindade, por isso que eles são super-homens, creadores de outras tantas belezas e de vidas, tantas lhes advêm, pelo sonho e pela imaginação, da incomparável dádiva divina...

Essas idéas tivê-as quando mara-

vilhada, empolgada, eu vinha de admirar os trabalhos de escultura de Delfim Maya, expostos no salão nobre do Palace Hotel.

E conclui o quanto de prodigalidade teve o Creator dos sóes para com o bizarro artista português.

Novamente, já com o escalpelo da minha análise, estudei, investiguei, analisei a realização de Delfim Maya, dobrando lâminas de ferro, em lugar de esculpi-las e dando em resultado, com todas as cuidadosas minúcias, êsses trabalhos, na concretização feliz da belêsa viva de sua imaginação.

E não me foi possível separar dentre êles o mais belo, o mais



Gaúcho, escultura em ferro de Delfim Maya
perfeito. Todos, um na pujança desenvolva de cavalo e cavaleiro — gaúcho audaz e intemerato — outros, na evocação de uma corrida (continúa na 4ª. pagina)

de toiros, ou na graça estonteante de um par dansando, desfilaram pela minha mente, vívidos, estupendos, maravilhosos.

E eu imaginei Delfim Maya em seu atelier, ante seu altar de trabalho, olhos enevoados por um sonho brilhante a corporificar, mãos nervosas, ageis, abelhas da belêsa, obreiras do encantamento, riscando, afeiçoando, batendo, castigando, domando enfim, o metal precioso, para no-lo dar depois, submisso, fiel, na reprodução do sonho de seu incomparavel artista.

E foi suavemente então que lhe repeti o nome... Delfim Maya, escultor bizarro, eu te admiro. Pódes, para felicidade tua, dispor das tuas emoções, a teu talante, e transformá-las, concretizá-las para o en-

canto dos mortais.
O que é informe torna-se, ao bafejo de teu anseio e ao contáctio de tuas mãos, de peregrina belêsa.

Pobres dos que sonham e dos que sofrem, pelo destino, apenas, de sofrer e de sonhar...

*Que pera!
Tanto desejo abafado, tanto anseio insatisfeito, tanta dor contida...*

Si pudessem ser plasmados, si lhes fosse dado tornarem-se realizações — ó sonhar inconcebível! — dariam aos olhos deslumbrados de muita gente a impressão palpitar-te de uma miraculosa chuva de estrêlas...

- 1937 (novembro, 4). Um escultor portuguez em visita a S. Paulo. *Diário da Noite*. S. Paulo.
- 1937 (novembro, 4). Delfim Maya” *Arte e Artisti*. S. Paulo.

6961



LUX
JORNAL

SUCCURSAL EM
SÃO PAULO
ED. MARTINELLI - 24°
TEL. 2-1740

DIARIO DA NOITE

S. PAULO

4. NOV. 1937



Um escultor portuguez em visita a São Paulo

Delphim Maya, que cultivava uma arte singular, vai expor nesta Capital

Visitou, hoje, a nossa redacção, o escultor portuguez Delphim Maya, que acaba de chegar do Rio de Janeiro, onde expoz original mostra de arte moderna, no Palace Hotel.

O nosso visitante informou-nos que veio a São Paulo conhecer o meio artistico da Paulicéa, pretendendo, tambem, expôr seus trabalhos numa exposição collectiva, que brevemente será inaugurada no Hotel Esplanada.

A singularidade dos trabalhos de Delphim Maya consiste principalmente no material que emprega: laminas metallicas. A dificuldade em modelar essa materia prima, aliás plenamente docil á habilidade do escultor, consiste nos côrtes e dobraduras, que devem ser exactos, pois o minimo erro prejudicaria o caracter artistico do trabalho.

Essa dificuldade foi completamente dominada por Delphim Maya, revelando apurado golpe de vista e grande conhecimento de anatomia.

A vida, o movimento das estatuetas, cavallos, touros, cavalleiros, baiarinas, denotam grande subtiléza artistica, assegurando ao autor indiscutivel exito em todas as mostras em que figuram taes trabalhos.

Pelo merito incommum que revela, o escultor portuguez encontrará entre nós grande numero de admiradores.

ARTE E ARTISTI

Delphim Maya

Proveniente da Rio dove una esposizione delle sue opere ha suscitato vivissimo interesse per la perfezione plastica che le caratterizza, è giunto a S. Paulo lo scultore portoghese Delfim Maya, dalla stampa carioca unanimemente giudicato artista d'eccezionale valore.

Egli, probabilmente, inaugurerà tra qualche giorno all'Esplanada Hotel la mostra dei suoi lavori fra i quali figurano ammirevoli tizzarrie artistiche dato che si tratta di concezioni plasmate in metallo riproducenti persone ed animali con sorprendente vivezza d'espressione.

- 1937 (novembro, 5). Delphim Maya. *Fanfulla*. S. Paulo.
- 1937 (novembro, 9). Vae expor seus trabalhos em São Paulo o escultor portuguez Delphim Maya. *Folha da Noite*. São Paulo.

Folha da Noite

9/11/1937

Vae expôr seus trabalhos em São Paulo o escultor portuguez Delphim Maya

O artista que ora nos visita vem precedido de elogiosos commentarios — Encerrada a mostra de São Paulo, Delphim Maya regressará a Portugal

Está em São Paulo, onde veio expor seus trabalhos, o escultor portuguez Delphim Maya, que recentemente percorreu toda a Europa em excursão artística.

Aquella artista portuguez acaba de

sencia de mais de 2 annos.

O artista portuguez chegou a São Paulo precedido dos mais elogiosos commentarios, constituindo a exposição de seus trabalhos no Rio de Janeiro um grande successo.

da actividade do artista. Se modela uma figura, o escultor ha de realizar cortes impeccaveis e dobraduras de exactidão exemplar, pois, se falhar, mesmo em minimo, terá o trabalho todo prejudicado. Mas, dotado de co-



"FANFULLA"

5/Nov 2/1937

ARTE E ARTISTI

Delphim Maya

Proveniente da Rio dove una esposizione delle sue opere ha suscitato vivissimo interesse per la perfezione plastica che le caratterizza, è giunto a S. Paulo lo scultore portoghese Delfim Maya, dalla stampa carioca unanimemente giudicato artista d'eccezionale valore.

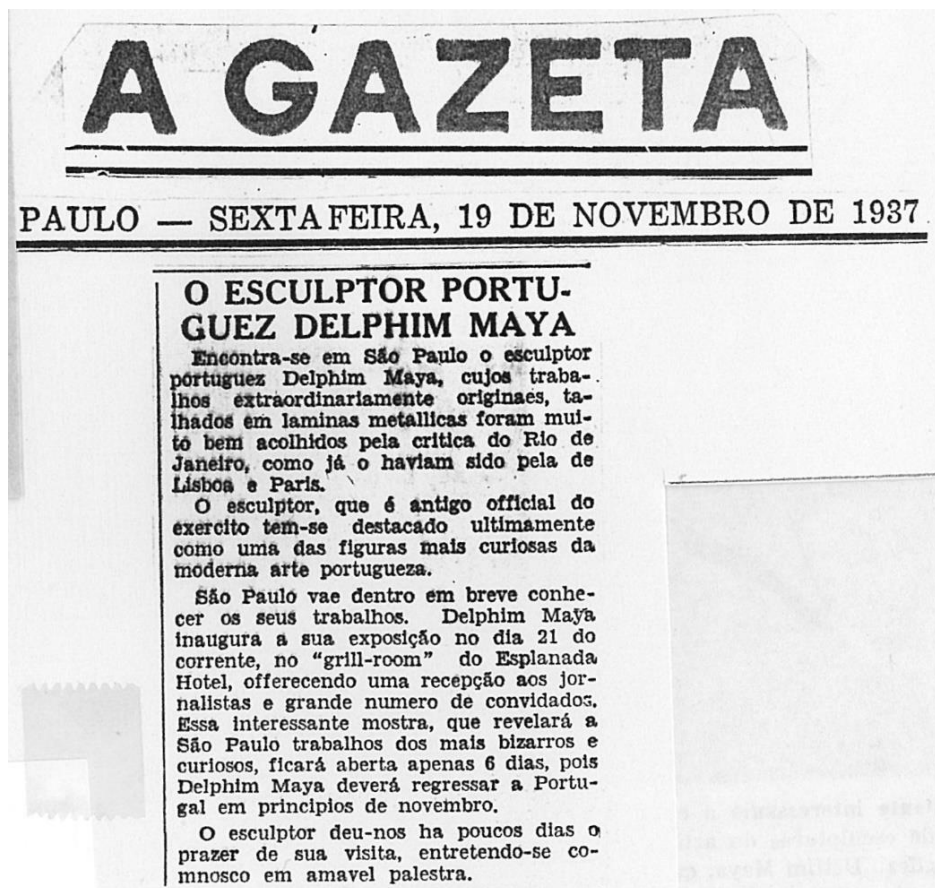
Egli, probabilmente, inaugurerà tra qualche giorno all'Esplanada Hotel la mostra dei suoi lavori fra i quali figurano ammirevoli tizzarrie artistiche dato che si tratta di concezioni plasmate in metallo riproducenti persone ed animali con sorprendente vivezza d'espressione.

encerrar sua mostra no Rio de Janeiro e em São Paulo procura um local em que possa exhibir seus trabalhos, devendo, dentro de dois dias, resolver definitivamente este assumpto. Depois de sua exposição, que durará pelo espaço de 10 dias, Delphim Maya deixará o Brasil de regresso ao seu país de origem, depois de uma au-

O processo de trabalhar de Delphim Maya vale como um privilegio e nessa singularidade reside grande parte da sedução de sua arte. Em vez de lidar a materia prima commum, elle prefere affillear laminas metallicas. Bem se comprehende a difficuldade, com essa materia prima, que tende para a ris-

nhcimentos de anatomia e de um golpe de vista firme, Delphim Maya consegue excellentes resultados plasticos e de animação das figuras. Os seus cavalleiros, cavallos e touros expostos na mostra que organizou no Rio de Janeiro, são exemplos de uma execução em que muitas vezes se sente uma bizarría incommum.

- 1937 (novembro 19). O escultor portuguez Delphim Maya. *A Gazeta*. São Paulo.



- 1937 (novembro, 24). A exposição Delphim Maya no Esplanada Hotel. *Diário da Noite*. São Paulo.



- 1937 (novembro, 26). A exposição do esculptor Delphim Maya. *A Gazeta*. São Paulo.
- 1937 (novembro, 26). Escultor Delphim Maya. *Folha da Noite*. São Paulo.



"Folha da Noite"
São Paulo 26/11/37

Lacero.

ESCUPTOR DELFIM MAYA

Encerra-se no proximo domingo, no "grill-room" do Esplanada Hotel, a interessante e original exposição de esculturas em fitas de ferro e prata, do artista portuguez Delfim Maya, que tem visto desfilar perante os seus trabalhos bizarros o que S. Paulo conta de melhor nos meios artisticos e sociaes.

Alguns dos trabalhos expostos, não só pela curiosidade que despertam, como tambem porque vieram revelar uma arte nova e das mais difficeis, já foram adquiridos por varios dos nossos colleccionadores, que, assim, enriqueceram as suas galerias com trabalhos de uma modalidade inédita, assignados por um nome novo, mas que logo se notabilizou.

Varios officiaes da marinha portugueza e guardas-marinha da corveta "Sagres" estiveram, hontem, visitando a exposição de Delfim Maya, que é, na sua terra, a par de artista illustre, antigo e distincto official do exercito e campeão de concursos hippicos, figura da alta sociedade de Lisboa.

- 1937 (novembro/dezembro). Delphim Maya e a sua bizarrria artística. São Paulo.



- 1937 (novembro 26). Delphim Maya, o artista portuguez creador de uma “arte singular e bizarra”. *Folha da Noite*. São Paulo.

Delphim Maya, o artista portuguez creador de uma «arte singular e bizarra»

Uma visita á “Folha da Noite” — Os motivos que levaram o campeão hippico a escolher laminas de metal para modelar seus animaes e suas silhuetas

Delphim Maya, nome consagrado na Europa como artista creador de um novo estylo escultorico, encontra-se em S. Paulo, desde a semana passada. E está expondo sua curiosa colleção de trabalhos, desde domingo, no “Grill-Room” do Esplanada Hotel, onde, diariamente, ha enorme affluencia de admiradores da arte moderna.

Delphim Maya visitou, hontem, a redacção da “Folha da Noite”. Veio acompanhado de José Paulo da Camara, jornalista portuguez

colhi, o certo é que me senti satisfeito ao ver terminadas algumas silhuetas em fitas de metal. O cortal-as, o alinh-al-as, o dar-lhes movimento, tudo, surgindo imprevisivelmente, apresentava-me, em pouco, uma nova agradável surpresa. Assim foi que resolvi continuar a trabalhar no genero.

Um particular que muitos notam ao verificarem meus trabalhos é a quantidade de animaes que confecciono. Tudo se justifica na vida. Isso tambem. Sou um grande en-

ram. A critica foi-me bastante favoravel. E o ambiente na metropole franceza, para o artista, é tão atrahente, que deliberára, mesmo, passar a residir ali. E, curioso: tal a certeza eu tinha que isso aconteceria que deixei grande quantidade de material para meu trabalho numa officina onde trabalhei algum tempo. Mas, infelizmente, não consegui, ainda, o meu desejo. Expuz, depois, já em 1935 em Madrid e Sevilha. Level para essas duas famosas cidades hespanholas



O escultor Delphim Maya, ao centro, vendo-se, tam em, o jornalista José Paulo da Camara e o redactor da “Folha da Noite”

e que militou, durante longo tempo, na imprensa brasileira. Em animada palestra com a nossa reportagem o artista visitante fez declarações interessantes.

AUSENCIA DE TRABALHO AGRONOMICO, INICIO DE ACTIVIDADE ARTISTICA

Contou-nos assim Delphim Maya como começou a trabalhar como escultor:

— “Isso fazem, já cinco annos. Havia em Portugal, escassez de trabalho para a minha profissão de agronomo. Os fazendeiros, elles mesmos mediam suas terras, dividiam-nas sozinhos. Procurei, então, novo ramo de actividade. E recorde-me que não me demorei muito em acha-la. Especularia a vida como artista. Já sentira, sensível, a vocação para a escultura. E o exito de algumas experiencias animaram-me a fixar-me nesse trabalho.

1 Talvez a carencia do material commum, talvez a facilidade de confeccionar nas especies que es-

thusiasta do hippismo. Como antigo official de cavallaria do Exercito portuguez, trago desde muito joven o interesse pela montaria. Como militar, fiz exercicios e provas de habilidade; como cavalleiro tenho-me divertido, montando constantemente em todos os lugares em que me tenho encontrado.

Assim, os cavallos, os cães e as feras são motivos como que permanentes para o meu trabalho artistico. Tenho esses animaes em todas as suas attitudes. Essa variedade é que me anima. Nem por isso, tenho deixado de compôr outras figuras, dentre as quaes bailarinas, toureiros, cavalleiros, etc. etc.

OS PRIMEIROS SUCCESOS ALCANÇADOS NA EUROPA

Interrogado si já fizera exposições fora de Portugal, Delphim Maya assim nos attendeu:

— “Sim. Logo em 1933, eu me encontrava em Paris, expondo minhas creações. Fiquei satisfeito com o interesse que ellas despertava-

trabalhos de grande effeito local. Consegui exito novamente.

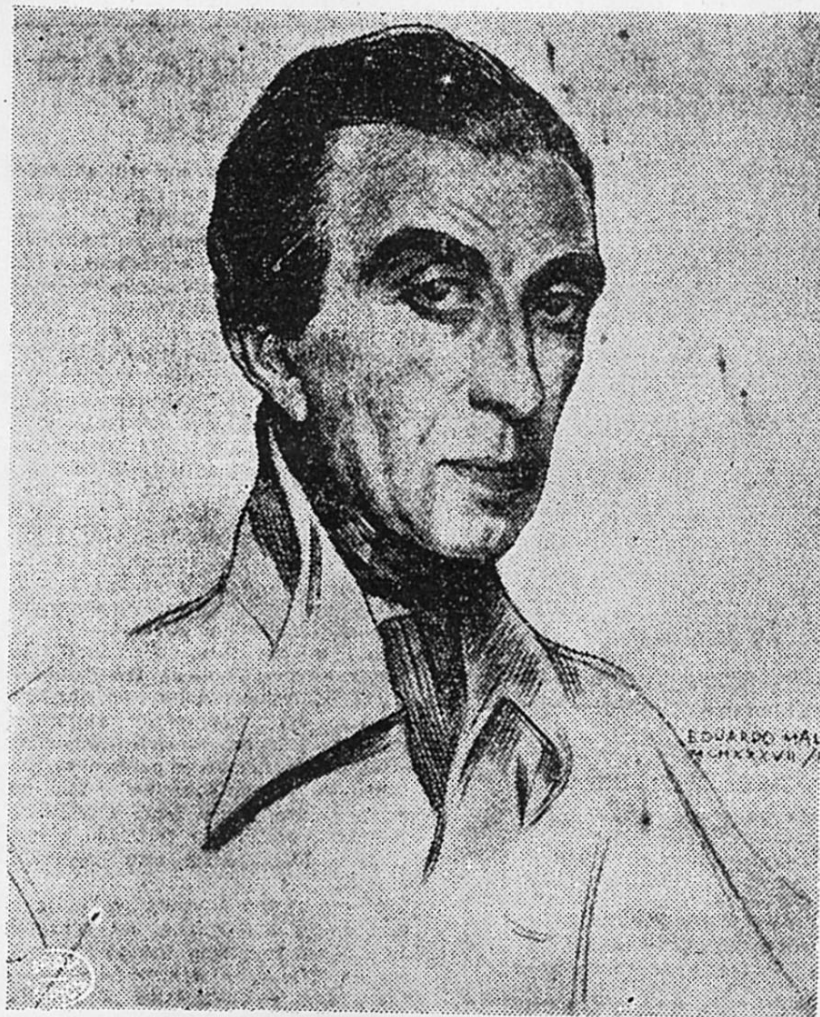
Ha pouco, julguei que não poderia deixar de visitar o Brasil, país querido, onde possuo muitos parentes. E aqui me encontro ha quasi dois mezes. Expuz no Rio de Janeiro, onde a sociedade e a imprensa me cumularam de gentilezas. E na Paulicéa, cidade que impressiona pela magnificencia de seu trabalho e o orgulho de sua tradição, tambem estou expondo. Espero poder agradar bastante aqui”.

- 1937 (novembro 26). A exposição de esculpturas de Delfim Maya, no Grill-Romm do Esplanada. *Diário da Noite*. São Paulo.

DIÁRIO DA NOITE — Sexta-feira, 26 de Novembro de 1937

NOTAS DE ARTE

A EXPOSIÇÃO DE ESCULPTURAS DE DELFIM MAYA, NO GRILL-ROOM DO ESPLANADA



É bastante interessante a exposição de esculpturas do artista português Delfim Maya, que ha dias se encontra em S. Paulo.

Esculpturas em chapa de ferro, em ouro e prata, realmente extraordinarias de expressão e movimento. Vale a pena ver essas impressões de toiradas na Hespanha, de combates de gal-

los, grupos em que se fixa o rythmo da dança andaluza e o "Gaúcho", o "Campino", o "Jockey" — a silhueta da "Varina" de Lisboa — e um "Crucifixo", que marcadamente se admira.

A exposição de Delfim Maya ficará aberta ao publico apenas até ao proximo domingo, podendo ser visitada das 14 ás 19 horas e das 20 ás 22.

- 1937 (novembro, 28). O mestre esculptor Delfim Maya. *Diário de S. Paulo.*

DIARIO DE S. PAULO — Domingo, 28 — 11 — 1937

O mestre esculptor Delfim Maya

Sarmento PIMENTEL

(PARA O "DIARIO DE S. PAULO")

Portugal mandou este anno a São Paulo alguns dos seus homens de real valor.

Henrique Medina, João de Barros, Mendes Corrêa, Corrêa de Oliveira estiveram aqui com suas artes e sciencias, prestando homenagens á capital bandeirante, movidos pela fama universal do seu progresso, do seu crescimento vertiginoso, usadas iniciativas, multiplas possibilidades.

Vieram com as credencias de seu saber, como convém aos embaixadores de Portugal contemporaneo neste intercambio das cousas da intelligencia e das idéas, para que melhor se conheçam, por seu escóli, os dois povos cuja responsabilidade no futuro da grez luso-brasileira lhes são honrosa pertença.

Iniciativa particular ou espontanea, e, por isso mesmo muito mais valiosa e significativa, pois que, liberta dos formalismos e medidas officiaes, traduz o desejo expresso duma aproximação emancipadora e fecunda, mostrando tambem o sentimento da sincera fraternidade que, e por esta maneira, se fortalece entre os legitimos representantes do pensamento universalista da superior cultura.

Encerra essa lista de visitantes illustres o mestre esculptor Delfim Maya.

E por ser o ultimo, muito a proposito nos apresenta trabalhos que nenhum outro artista havia imaginado — obras primas duma arte bizarra e genial executadas em laminas metallocas onde a graça, o movimento e a belleza nos dizem a vida esportiva e corajosa e sempre arriscada dos campos ribatejanos.

Porque é nesses modelos de touros bravos e aglissimos cavallos com seus valentes campinos, que o artista nos mostra toda a pujança duma mestria e duma technica impecaveis, ambas realidade, ambas vividas e praticadas antes da sua primorosa execução no atelier.

Aquellas attitudes, aquelles equilibrios, aquelles gestos, posições, arranços, paragens, foram outros tantos episodios duma lide que elle mesmo presenciou, tomando parte na separação dos curros que nuestros hermanos haviam de correr na praça de Sevilha.

Tinha de ser assim, por tradição e por saudosa recordação dos tempos heroicos, o motivo das creações artisticas de Delfim Maya.

E tinha de ser diferente de quantos no "ninho meu paterno" o precederam no seu mistér porque lhe está na alma de D. Magriço e na consciencia de muito senhor do seu talento não se subordinar ás regras e principios, feitos e processos de quem quer que seja, pois se habituou desde moço a triumphar pelo que de si proprio e por si mesmo entendia e devia praticar.

Já na carreira das armas, quando todos eramos cavalleiros, Delfim Maya rompe contra o classicismo francez de quem cavalgar nos campos de obstaculos, e apresenta-se sozinho em concursos internacionaes montando duma maneira nova, que depois chamaram "á italiana" o seu celebrado e victorioso cavallo arabe "Quo Vadis".

Foi uma revelação e uma revolução triumphante no hippismo. Logo começamos todos a encurtar os estribos tentando imitar a sua technica que, afinal, nenhum de nós igualou.

Depois o destino levou cada um por esse mundo fóra, mas ficou desde aquelle periodo de renovação a fama européa da Cavallaria Portugueza para a qual Delfim Maya tinha colhido os maiores louros.

Passam quasi vinte annos e volta a surgir o enovador com uns restos de atavismo de suas exclusivas apti-

ões adaptadas a outra arte que elle havia de revelar-nos nos moldes novos da sua imaginação e intelligencia, sem professores nem tratados, de sua propria intuição e vigoroso talento creador, manufactura e composição originaes.

Não utilizou Delfim Maya para as suas esculpturas a maleavel plastilina ou o barro docil aos dedos e á espátula dos outros esculptores que tantas vezes, por um trabalho torturante, attingem summa perfeição, graças a multiplas correções.

Mãos privilegiadas como as de Mestre Gil Vicente quando lavrava o curro vindo das Ethiopias, discípulo (que sei eu?) dos grandes que no ultimo quartel do seculo pasado foram os continuadores dos lavrantes e architectos da gloriosa época quinhentista, e que no marmore serão sempre Soares dos Reis e Teixeira Lopes, e no barro Raphael Bordalo Pinheiro, irmão gêmeo de Machado de Castro com a sucia jovial de gaiteros e pastores, santos e burricos, presepios e armidas, — as obras de Delfim Maya são elaboradas dum facto, sem trepidação nem desfalecimentos, perfeitias, acabadas, sem remendos e sem sobreposições, como as viu e sentiu na realidade, em pleno campo, pelas attitudes, os gestos, as defesas, a agilidade de campinos e toureiros, domando a força, dos touros bravos, colados á sela dum cavallo fugoso.

Delfim Maya triumphou no Salão de Paris, e em Madrid, Sevilha, Rio de Janeiro onde foi recebido com as honras e applausos dum grande e verdadeiro artista, o primeiro e unico na sua maneira de interpretar a arte que podemos agora admirar na exposição do Grill-Room do Esplanada.

Um sincero e justo louvor a Delfim Maya, portuguez esculptor do touros bravos e cavallos, mestre consumado, senhor e revelador duma arte tão pessoal e tão ousada, como o tinha sido naquella outra mestria de nobre e audacioso cavalleiro quando, vinte annos atrás, conquistou para a sua Arma os mais gloriosos trophéus.

- 1937 (novembro, 28). Encerra-se hoje a exposição do escultor portuguez Delphim Maya. *Folha da Manhã*. São Paulo.


FOLHA DA MANHÃ

S. Paulo — Domingo, 28 de Novembro de 1937

NOTAS DE ARTE

**ENCERRA-SE HOJE A EXPOSIÇÃO
DO ESCULTOR PORTUGUEZ
DELPHIM MAYA**

Depois de apenas uma semana, embora registrando enorme e selecta concorrencia diariamente, encerra-se hoje a exposição de esculpturas em laminas de metal, do já consagrado artista portuguez Delfim Maya, que visita o Brasil pela primeira vez, agora.



DELPHIM MAYA

A curiosa collecção de peças mereceu da critica e da parte dos colleccionadores desta capital as mais elogiosas referencias, motivo por que o successo da exposição foi absoluto, tendo Delfim Maya vendido a quasi totalidade de seus bizarros trabalhos.

Mais um dia, entretanto, têm aqueles que não puderam, ainda, visitar a exposição do "Grill-Room" do Esplanada Hotel. Hoje, das 14 ás 19 e das 20 ás 23 horas, Delfim Maya ali estará com a sua "arte nova e singular". Certamente, repetir-se-á a grande frequencia dos dias anteriores.



VENDAS:

RIO DE JANEIRO

DULCE - VARINA FERRO	900.
SOUZA BAPTISTA - CRUCIFIXO, PRATA.	500.
JOSE CORTÊZ - VEADO, PRATA.	400.
ALF. SEQUEIRA - ID., PRATA.	400.
DIAS GARCIA - TIGRE, FERRO	950.
EMBAIXADOR - PERU, PRATA.	850.
VILCO LIMA - FOX, PRATA	250.
REBORDÃO - ID., FERRO	200.
SAMVEDRA - BAILE ANDALUZ, FERRO	2.000.
CRUCIF. PLACA PRATA	

6.450.

SÃO PAULO

JOSE SIMPÃO MOREIRA - GAÚCHO	4.000.
DR. ROBERTO SIMONSEN - CRISTO DOURADO	950.
	- FOX, PRATA - 250.
D. FRANCISCA	- VARINA, FERRO - 600.
	- FOX, FERRO - 200.
SYLVIO SIMPÃO MOREIRA - JOCKEY, FERRO	1.750.
EMILIO BESSA - COMBATE GALLOS, FERRO.	500.
THEODORICO	- GALGO, FERRO.
FIZIMA	- FOX, PRATA.
JOSE PAULO	- PERU, FERRO

8.250.

TOTAL - 14.700

- 1938 (novembro 17). Uma curiosa exposição organizada pela revista "Defesa Militar" e inaugurada pelo Chefe de Estado. *Diário de Notícias*

DIÁRIO
DE NOTÍCIAS

ARTE E ARTISTAS

17/11/38

Uma curiosa exposição

organizada pela revista "Defesa Militar"
e inaugurada pelo Chefe do Estado



A maqueta da guerra na exposição da «Defesa Nacional»

O sr. Presidente da Republica inaugurou ontem, ás 16 horas, numa sala do Palácio de Exposições do Parque Eduardo VII, uma curiosa exposição de arte organizada pela revista «Defesa Nacional».

Esta revista, que o sr. 1.º tenente Soares de Oliveira, tão devotadamente dirige, procura obter, com parte do produto da venda dos trabalhos ali expostos, uma quantia destinada a um prémio especial,

iniciativa que reputamos digna de louvores. Será conferido esse prémio ao aluno de uma instituição de ensino militar, órfão de oficial ou sargento do Exército ou da Armada, que termine o seu curso com mais elevada classificação. Num primeiro ano foi ele formado pelo produto das vendas de obras literárias de autores militares. No segundo — ano de 1937 — resultou de percepções das vendas dos trabalhos

que figuraram no 2.º Salão de Artistas Militares e no 1.º Salão de Fotografia Militar, ambos organizados também pela mesma revista. Neste de agora, 1938, cabe a vez a artistas plásticos, militares e civis, que foram para isso convidados e cedem, com identica generosidade, identicas percentagens para o referido prémio.

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

ARTE E ARTISTAS

(CONTINUADO DA 1.ª PAGINA)

Não foram muitos — deve dizer-se — os artistas que a tal convite corresponderam. Mas se em quantidade a exposição não se avulta, em compensação prima pela qualidade, o que lhe fornece importância e valor. Depois, a circunstancia de se tratar quasi exclusivamente de assuntos militares e históricos empresta-lhe ainda um caracter muito especial.

Assim, no capítulo « pinturas » a óleo, dá-lhe realce a presença de três quadros das colecções da Câmara Municipal de Lisboa, dois firmados pelos nomes saudosos e gloriosos de João Vaz e Constantino Fernandes, e o terceiro, o cobertizo «viratiano» do pintor Pedro Guedes. Também ali figuram (sempre as mulheres, muito gentilmente colaboram nestas iniciativas, que são, ao mesmo tempo, de beleza e de amor) obras de duas senhoras que são duas pintoras notáveis. A primeira é a sr.ª D. Idalina Peniche, com três quadros de linda composição sobre três feitos heróicos da História de Portugal. A segunda é a primorosa artista D. Flomema de Freitas, ouseja, estimada colaboradora, que ali trouxe uma tela — «Pátria» — de impressionante simbolismo, factura perfeita e bela afirmação dos seus brilhantes dons artísticos.

Na secção de esquadras veem-se uns cartões, bem pintados, da sr.ª D. Luzia Carreira, uma colecção de assuntos navais, apontamentos de valor, do sr. comandante António Pinto Basto; o «Clam da Guarda Municipal», trabalho do mestre exímio que se chama Alfredo de Moraes; vinte e quatro originaes da conhecida colecção «Uniformes do Exército e da Armada», feitos pelo esquadrista Carlos Ribeiro, e mais duas outras produções — de Gabriel Constantino e de João Hermano Baptista — de superior qualidade.

Alinda merecem referencia dois esboços felizes de Pedro Guedes: um «apotele» e um cartão de José de Alvega Lopes; «Atividade da Grande Guerra», linda aguaforte do Mestre Sousa Lopes, e cinco desenhos a pena de Veríssimo de Britos.

Na secção de escultura», sóculo e bas-reliefe, dá-lhe realce a presença de três obras vigorosas, e entre ellas a composição de vulto «A caminhada da posição» «Foco atehadado mar» o seu talento excepcional e constitue um dos melhores, senão o maior atractivo desta exposição.

Com o sr. Presidente da Republica percorreram a sala onde os trabalhos se encontram os sr. ministro da Educação Nacional, subsecretario da Guerra, presidente da direcção da Sociedade de Geographia, general Victor da Rocha e Domingos de Oliveira; presidente da Liga dos C. G. G., representantes da «Legião Portuguesa» e muitos outros visitantes de categoria.

A exposição dura até ao fim deste mês. Pode ver-se das 9 ás 12.30 horas, nas quintas-feiras e domingos, e até ás 17 horas, nos outros dias.

A associação da «Academia da Evita»

- 1938 (novembro). Exposição da “Defesa Nacional. *Renascença*.
- 1938 (dezembro, 1). Missão Militar anglo-portuguesa. Os trabalhos artísticos de Delfim Maia admirados pelos oficiais ingleses. *Diário de Notícias*.
- 1938. A exposição da revista “Defesa Militar”

EXPOSIÇÃO DA «DEFESA NACIONAL»

Foi esta realização um curiosíssimo empreendimento coroado do melhor êxito. É regular em quantidade, e apreciável na qualidade, a contribuição prestada pelos expositores.

Nela avultaram alguns «quadros de composição» como o de Constantino Fernandes, e êsse que Mestre João Vaz intitulou de «Partida de Vasco da Gama para a Índia». Feliz, também, mesmo muito feliz, o trabalho de Gabriel Constante, «As muralhas de Obidos». Citemos, ainda, Pedro Guedes, que nos dá um testemunho brilhante das suas qualidades. Ficaram na nossa retina certos pormenores do seu trabalho. Propositadamente guardamos para o fim a *água-forte* de Sousa Lopes, que é uma impressionante demonstração de técnica e de sensibilidade. Na escultura Delfim Maia foi, mais uma vez, o mestre estranho e requintado que já conhecíamos.

ADELAIDE FELIX.

O ilustre Chefe do Estado e alguns membros do Governo apreciam um dos trabalhos artísticos da autoria de Delfim Maia na exposição da «Defesa Nacional».



3

renascença

Diário de Notícias, 1/12/1938

MISSÃO MILITAR anglo-portuguesa

Os trabalhos artísticos de Delfim Maia admirados pelos oficiais ingleses

Os srs. almirante Woodhouse e coronel Field, acompanhados do sr. tenente-coronel Antonio Maia, membros da missão militar anglo-portuguesa, visitaram ontem a Exposição de Trabalhos Histórico-Militares, organizada pela revista «Defesa Nacional», no Palácio do Parque Eduardo VII.

Receberam o distinto artista sr. Delfim Maia, antigo oficial do Exército.

Todos os trabalhos ali reunidos, deversas interessantes, mereceram a demorada atenção dos ilustres visitantes.

Mas o que mais despertou a sua curiosidade foram as obras de Delfim Maia, em gesso e em bronze, pelo realismo de que estão impregnadas. Principalmente o gesso do rebentamento de uma granada junto de uma peça de artilharia puxada a seis cavalos provocou hinos de louvor ao genial artista, tal a perfeição de movimentos e expressões.

De tal forma os oficiais ingleses ficaram maravilhados que classificaram de verdadeiras obras primas os trabalhos de Delfim Maia, artista de meritos extraordinarios.

A partida de Vasco da Gama para a Índia, de João Vaz; as aguarelas de Pinto Basto, a apresentação do clarim da G. N. R. foram outros tantos motivos que interessaram os visitantes.

Ao retirarem-se os srs. almirante Woodhouse e coronel Field felicitaram vivamente Delfim Maia pelos seus trabalhos e pelo êxito da exposição, louvável iniciativa da «Defesa Nacional».

ARTES PLÁSTICAS

Exposição Abel Salazar — Ainda hoje, á noite, se mantém patente ao publico, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição do pintor Abel Salazar, que tem constituido um verdadeiro êxito. A entrada é livre.

A exposição da revista «Defesa Nacional» — A interessante exposição promovida pela revista «Defesa Nacional», no Pavilhão do Parque Eduardo VII, tem atraído muitos visitantes, que não occultam a sua admiração, quer pelo empreendimento, quer pelos trabalhos ali reunidos, destacando, em especial, a inspirada e monumental escultura de Delfim Maia.

O distinto aguarelista Gabriel Constante, autor dum dos quadros mais apreciados neste certame — «Muralhas medievais» — comunicou á direcção da «Defesa Nacional» que oferecia integralmente a importancia da venda do seu trabalho para o prémio escolar instituido por aquela revista. O preço do referido quadro, foi fixado em 400\$00.

Tambem o consagrado escultor Delfim Maia destina para o mesmo fim 20 por cento da venda dos seus trabalhos «Oficial saltando» e «Depois do toque da ordem».

Para conveniencia do publico e por necessidade dos serviços do Pavilhão, foi estabelecido o seguinte horario: quintas e domingos, abertura ás 12 horas, encerramento ás 23; nos outros dias, abertura ás 10, encerramento ás 17.30.

- 1938 (novembro 30). Exposição de trabalhos de caracter histórico-militar. *Diário da Manhã*.

30 - XI - 1938

BELAS ARTES — MALAS ARTES

Exposição de trabalhos de caracter histórico-militar

Diário da Manhã

Através da arte, o passado revive magicamente, não diminuído mas agigantado pela própria distancia, tornado quanta vez mais belo e mais forte do que quando foi presente. E volta assim a ser presente e a alumiar o futuro, porque refloriu na alma dos artistas, porque nela encontrou novas primaveras.

Por isso, a Exposição de Trabalhos de Carácter Histórico-Militar, agora patente no Palácio de Exposições do Parque Eduardo VII, graças á feliz iniciativa da revista «Defesa Nacional», reúne ao seu merecimento artístico a faculdade de evocar, ao sol da beleza, alguns dos mais gloriosos passos da nossa Historia e de quebrar assim as fronteiras convencionais entre o passado e o presente, que no passado entronca e dele recebe o melhor da sua seiva.

E' nos também dado aqui rever algumas telas de grandes artistas de ontem que a morte ceifou, mas que continuam a viver nas suas obras sempre moças tão real e intensamente como outrora nos seus corpos mortais. De Constantino Fernandes, admirámos o quadro historico de composição máscua, harmoniosa e sábia, «O Rei de Castela levanta o cerco de Lisboa por motivo da peste»: em torno do soberano vencido, cabisbaixo, montado em seu corcel nervoso, de gualdrapa vermelha, aglomeram-se os homens de armas, de elmos e arnezes refulgentes e rosto ensombrado pelo amargor da derrota, enquanto, ao longe, lugubremmente, alastra um claro de incendio. Trabalho poderoso, que impressiona pela probidade dos processos, pela perfeição do acabamento e pelo real talento interpretativo, que, a despeito da extrema lucidez, nos faz saltar mais de cinco seculos sem nos dar a sensação de cair no vácuo. «A Partida de Vasco da Gama para a India», de João Vaz, faz-nos visionar esse grande momento historico de angustia e de esperança, em que se ia tentar erguer a realidade á altura do sonho e em que este seria afinal excedido e eclipsado: num cenário de águas calmas e plumbeas — o Tejo de madrugada — as caravelas perfilam-se majestosas, com seu velame branco, em que sangra a Cruz de Cristo, enquanto, no primeiro plano, num barquillo, seguem para bordo os capitães da pequena armada, entre os quais avulta a nobre figura de Vasco da Gama, de traje de veludo verde e de máscara voluntariosa emmolurada em longos cabelos negros. Neste quadro, a emoção mais humana casa-se bem com o sópro de heroica bravura que ilumina os rostos e faz estremecer as velas das naus de alto bordo — e impressiona o contraste entre a lírica doçura da paisagem ribeirinha e a antevisão das cóleras terríveis que o Mar Tenebroso reserva aos navegantes.

Dos mestres da actualidade, figura Sousa Lopes com «Motivo da Grande Guerra», tela vigorosa e evocativa, em que se revivem as horas negras da conflagração europeia: corpos de rastos sobre a lama, escondidos entre as pregas do manto da noite, procuram fugir á garra da morte matando, pagando-lhe o tributo de outras vidas.

Os quadros históricos de D. Idalina Soares Peniche são estilizações demasiado fáceis: de todos, preferimos «O grande feito de Duarte Pacheco Pereira no vau de Cambalão», em que evoca a epopeia assombrosa e quasi inverosímil da defesa de Cochim pelo grande capitão contra o mar de gente do Samorim.

Pedro Guedes, em «Viriatius», fixou na tela, em desenho correcto e sugestivo colorido, á hora sangrenta do crepusculo, uma crista da montanha, onde o leão do Herminio, rodeado dos seus pastores-guerreiros, espera com a serenidade dos fortes a investida temerosa das águias romanas. Do mesmo artista há ainda a notar um esboço de linhas vigorosas, «O soldado Milhões no 9 de Abril», cena tragica da guerra, em que sobre a terra esburacada pelos obuses, portugueses e alemães lutam bravamente e não tombando para sempre, com os corpos desmembrados. A monocromia dá mais intensidade ao drama.

A. A. Ferreira Pinto Basto apresenta uma série de aquarelas com cenas da historia contemporanea da nossa Marinha de Guerra. Apesar de bastante sumarias de feitura, interessam pelo seu significado histórico. O que nos agradou mais e melhores qualidades reúne intitula-se «Cruzadores Portugueses em Hong-Kong» (1910).

«Bordejando», de D. Luiza Carreira, é uma agradável marinha, que consegue dar-nos a sensação do movimento, da velocidade.

Gabriel Constante distingue-se com uma paisagem interpretada com sensibilidade, «Muralhas Me-

dievais» — robusta barbacã dentada de ameias, que, no alto dum morro, coroa o vale feracissimo estendido a seu pés e quebra, pelo contraste das suas pedras amarelas e antigas, a doce e languida sinfonia das verduras.

Carlos Ribeiro expõe uma serie de primorosos cartões aquarelados com os figurinos dos uniformes do nosso Exército e Armada respeitantes a todo o século XVIII e á primeira metade do século XIX.

Na escultura, surge um trabalho monumental de Delfim Maia, que empolga pela sua prodigiosa animação, pungente realismo e largo sentido dramático: «A Caminho da Posição». E' grande não apenas no tamanho mas tambem no mérito. Merecia figurar num museu. Eis a cena alucinante: uma força de artilharia de campanha, alvejada pelos fogos contrarios, corre a toda a brida: os cavalos, de nervos tensos, excitados pelo fragor do combate, galopam febrilmente, ou, já atingidos pela metralha, escabreiam e empinam-se em espasmos lancinantes; os homens, mais atentos ao perigo, procuram dominar o frenesi dos animais desarreados, mas alguns, com o pelo varado, mal se seguram aos cavalos e, já sem rédeas, arrastados na carreira doida, deixam prever a queda inevitavel e mortal. Cena vasta, de grande fôlego e de segura unidade, que resulta talvez menos dum plano preconcebido do que da emoção avassaladora e aglutinante, ela só por si justificaria a exposição do Parque Eduardo VII. «Oficial sallando», também de Delfim Maia, impõe-se pela aguda observação e pelo estilo vibrante.

Esta bela iniciativa da patriótica revista «Defesa Nacional», dirigida pelo sr. 1º tenente José Soares de Oliveira constitue relevante serviço á Arte e á Historia e justa homenagem ás armas portuguesas, aos nossos heróis famosos ou obscuros de ontem e de sempre

F. de P.

- 1938 (novembro). Exposições de arte. Trabalhos de carácter histórico-militar executados por artistas portugueses”. *Defesa Nacional*. N.º 55



Ex.ªs os Senhores Presidente da República, Ministro da Educação Nacional e Sub-Secretário de Estado da Guerra, acompanhados pelo Director da «Defesa Nacional», procedem à inauguração da Exposição de Arte Histórico-Militar promovida pela nossa Revista

EMPREEN- DIMENTOS DA “DEFESA NACIONAL”

EXPOSIÇÃO DE ARTE

(Trabalhos de carácter Histórico-Militar executados por artistas portugueses)

PARA quantos seria já certeza, a impossibilidade de levar a efeito no ano corrente, a Exposição de Arte que há longos meses vimos anunciando nas nossas páginas?

E é curioso notar que as apatias contribuíam para a versão! A falta de interesse de uma esmagadora maioria dos artistas convidados — uns alegando razões de ordem material, outros escassez de tempo, outros ainda susceptibilidades e melindres que o público não conhece, porque se ocultam nos bastidores da «arte» mas são causas de atrito, por vezes até de obstáculos intransponíveis; — juntavam-se dificuldades pesadas, ausência de recursos e de auxílios para empreendimento de tamanha envergadura. Adiantamentos sucessivos, impostos pelas circunstâncias, concorriam por seu turno para alastrar a descrença.

Mas no espírito dos organizadores, a fé não se apagava; crêmos até que se contagiou aos que mais se aproximaram, incutindo-lhes coragem e confiança no êxito da iniciativa.

Se uns se retraíram e outros abandonavam os trabalhos em curso, surgiram em compensação novas e preciosas devoções.

E, uma vez mais, «Defesa Nacional» cumpriu! Respeitou a promessa feita e a Exposição de Arte, embora não tivesse reunido grande número de trabalhos, nem conseguisse atrair alguns artistas de méritos provados, foi levada a efeito com o concurso desinteressado e brioso de apreciáveis virtudes substituindo-se o volume pela qualidade das obras, de tal forma que à observação pública se ofereceram produções dignas de admiração, executadas com esmero e inspiradas nos mais belos sentimentos patrióticos.

Sejam portanto, por incontestável direito, para esse grupo de valores que tão gentilmente acorreram ao nosso apêlo — e no qual figuram três senhoras que souberam imprimir a nota sempre agradável da gentileza e da sensibilidade da mulher portuguesa — o primeiro testemunho de reconhecimento e as homenagens de gratidão dos promotores do certame.

O acto de inauguração constituiu, sem sombra de exageros, um acontecimento que marcou na vida de Lisboa.

Honrado com a presença do Chefe do Estado, do Ministro da Educação Nacional,

do Sub-secretário da Guerra, dos chefes de gabinete dos Ministros dos Estrangeiros, das Obras Públicas, da Guerra e do Sub-secretário das Obras Públicas, generais Vieira da Rocha e Domingos Oliveira, Directores e chefes de Serviços da Câmara Municipal, Secretário Geral da Sociedade de Geografia, representantes do Governador Civil, do Presidente da Liga dos Combatentes da Guerra, da Brigada Naval da Legião Portuguesa e da Imprensa, além de numerosos convidados, a cerimónia, embora singela, revestiu-se de um significado e de um cunho de elegância que não são demais ençarecer e que foi devida e unanimemente afirmada pelos jornais da capital através das mais elogiosas referências.

Durante toda a quinzena da Exposição, a afluência de visitantes foi extraordinária.

Como tentativa para chamar os nossos artistas a uma modalidade de trabalho pouco cultivada — para não dizer muito desprezada — em Portugal, cuja história militar constitui no entanto um dos mais gloriosos pergaminhos da Nação e regista episódios capazes de inspirar verdadeiras obras primas, a Exposição levada a efeito pela «Defesa Nacional», cumpriu galhardamente e por isso é de esperar que, a re-

petir-se o empreendimento, obtenha colaboração mais vasta.

Todos os trabalhos expostos despertaram interesse e mereceram aplausos, mais numerosos sobre as obras dos mestres consagrados e as aguarelas de Pinto Bastos, de Gabriel Constante e de Alfredo de Moraes, mas, sem que a citação traduza desprezimento para os demais, impôs-se principalmente à admiração geral a escultura arrojada, cheia de realidade e de energia, executada, respeitando todos os detalhes técnicos, pela genial concepção e pelo vigoroso e inconfundível temperamento artístico de Delfim Maia sob o tema: «A caminho da posição. Peça alvejada».

Pertenceram-lhe com justiça as honras da Exposição, e os nossos votos sinceros, envolvendo os maiores agradecimentos a quantos nos trouxeram a generosidade simpática do seu valioso concurso, são para que essa obra monumental e invulgar fique para sempre, em Portugal e não vá enriquecer um museu de além-fronteiras.

S. O.

— N. R. — Por falta de espaço só no próximo número faremos referência aos outros «Empreendimentos da Defesa Nacional».



As altas entidades que honraram a inauguração contemplam, com visível interesse, a obra magistral do escultor Delfim Maia: «A caminho da posição — Peça alvejada»

- 1938 (novembro). A caminho da posição – peça alvejada. Escultura de Delfim Maia. *Revista de Artilharia*, N.º 161, pp. 175-177.

Revista de Artilharia

DIRECTOR Propriedade da arma de artilharia Composição e Impressão
J. DA SILVEIRA MALHEIRO Redacção e administração Calçada do Sacramento, 19
LISBOA Rua do Carmo, 43, 2.º LISBOA

N.º 161 NOVEMBRO DE 1938 Ano XXXV 2.ª série

Os autores dos artigos são os únicos responsáveis pela doutrina dos mesmos

“A CAMINHO DA POSIÇÃO – PEÇA ALVEJADA”
ESCULTURA DE DELFIM MAIA

Adorna-se este número da «Revista de Artilharia» com a publicação de dois aspectos desta obra de arte, que todos em Lisboa tiveram ocasião para admirar na exposição de trabalhos de carácter histórico-militar executados por artistas portugueses, levada a efeito por iniciativa da revista «Defesa Nacional».

A escultura de Delfim Maia sensibiliza particularmente os artilheiros pelo seu significado; mas impõe-se também à admiração dos militares em geral e de todas as pessoas que possuam gosto apurado.

É o autor personalidade distintíssima, pelo nome que usa de uma família ilustre de funda tradição militar, como pelo talento pessoal, que já no tempo das escolas brotava em excelentes desenhos e caricaturas felizes. Por inclinação tradicional foi militar, brilhante oficial de cavalaria e cavaleiro primoroso; por cultura e gosto, aplicou o seu decidido talento para as artes da forma à escultura de figuritas que não vão além do palmo, ou pouco adiante, e em cujas atitudes procura agudamente sugerir o movimento e a intenção; o que consegue com êxito perfeito, brindando-nos assim com grupos em que

a convergência e a coordenação induzem a compreender o significado e — mais do que isso — arrastam, por associação, ao vibrar de harmónicas, que intepretam a cena, quere no ponto de vista moral, quere no sentido puramente estético.

O amor à carreira militar e a sua qualidade de cavaleiro de primeira ordem explicam que as cenas que escolhe sejam de preferência militares e hípias. Quem observa o grupo «A caminho da posição — Peça alvejada» não pode deixar de considerar que é preciso conhecer o cavalo a fundo — ser, enfim, amigo pessoal do cavalo — para o representar no horror, na morte, no medo, no estacado, no arranque, como Delfim Maia o faz. O grupo das três parelhas de tiro da peça é inexoravelmente lógico. Na de sota-guia, o cavalo da mão levanta-se horrorizado; o da sela enovela-se fulminado; na de sota do meio, ao mesmo tempo que o cavalo da mão se encabrita numa upa de desespêro, o da sela, fazendo ainda esforço de puxar, olha com aflição (que diríamos humana) para o seu condutor que vai a cair varado. No tronco, o cavalo da mão estaca instintivamente para aguentar os esforços tremendos que naquela ocasião sente vir das contorções dos companheiros, dos tirantes e arreios que se esticam e partem, da lança que lhe bate na tábua esquerda e da peça, que quasi só ôle aguenta.

Falemos um pouco das figuras humanas.

É todo o espírito da Arma de Artilharia que está naquelas figuritas: levar, ou fazer servir, por todos os meios, o material onde é preciso!

Do grupo salta a convicção de que a peça vai ser levada a braço. O chefe da peça decididamente aponta para a frente como bom artilheiro, num galope da sua montada que diz o verbo quereer. O tronqueiro impele o seu cavalo e nos serventes há o impulso para apear dos

cofres; mas o que mais fortemente sugere esta decisão é a figura do marcador de alcances, de braço retezado em alavanca sôbre as costas do assento e a dar o sacão de rins, bem conhecido de todos os artilheiros, como o primeiro movimento para apear dos cofres em marcha. O marcador de alcances é um dos primores desta escultura de Delfim Maia.

Do material, magistralmente estudado, os efeitos de desencontro entre o armão e a peça dão-nos uma fortíssima impressão de destrôço trágico, que reforça ainda a que nos produzem as parelhas e as atitudes do pessoal.

A «Revista de Artilharia» cumprimenta calorosamente Delfim Maia pela beleza e excelência do seu trabalho e não pode deixar de lhe agradecer, com desvanecimento compreensível, o ter-se servido de um assunto da Arma para elemento e conduto de expressão.

Z.



- 1938 (novembro). Nas Belas Artes. Delfim Maia e as suas admiráveis sínteses dinâmicas. Os “découpés” em metal. *O Século Ilustrado*.

Nas Belas Artes
DELFIN MAIA
E AS SUAS ADMIRÁVEIS SÍNTESES DINÂMICAS
Os “découpages” em metal

mas da imaginária moderna. Eis aqui um grande artista que dá uma nota bem actual à sua arte. Por isso, o nosso jornal regista a sua galeria, actualmente em Exposição nas Belas Artes.

N. de B.

NENHUM artista português possui, como Delfim Maia, o condão de sintetizar, em planos recortados, o movimento de cenas da vida. A esta escultura chamaram os alemães «expressionista». De facto há o quer que seja de «síntese de fibras», de estiras médias, na orientação duns cortes e recortes sábia-mente adaptados uns aos outros. O criador desta arte foi um russo: Turjanski, irmão do célebre realizador, e decorador muito conhecido da publicidade parisiense. Esculpia em cartão, metal e papel metalizado. Foi para a América onde obteve triunfais êxitos. Mas Delfim Maia não é um repetidor e muito menos um imitador. A sua arte é bem pessoal e nacionalíssima. Os seus «découpages» são formidáveis de expressão, de personalidade e de carácter. Podem considerar-se obras primas não só do «bijelota» —

As gravuras representam: em cima — «Campino conduzindo um touro»; a esquerda — «Gaúcho» e «Uma Vará»; a direita — «Gaúcho atirando o laço» e «Baile Andaluz».

- 1939 (fevereiro). Notável trabalho de arte. *Defesa Nacional*. N.º 53, pp. 279-280.



"A Caminho da Posição - Peça Alvejada"

Escultura de DELFIM MAYA

REFERIMO-NOS no N.º 53 desta Revista, à necessidade de concluir o Monumento aos Mortos da Artilharia. Pouco tempo após, no Palácio do Parque Eduardo VII, realizava-se a «Exposição de Arte» promovida e patrocinada pela «Defesa Nacional», com a valiosa colaboração dos pintores, desenhadores e escultores portugueses.

Nela sobressaía, com invulgar pujança e beleza, o formidável — (passe o termo, porque é merecido) — trabalho de Delfim Maia, reproduzido nas fotogravuras que ilustram estas páginas.

É um trabalho primoroso, de inspiração felicíssima, de concepção arrojada e execução perfeita, respeitando fielmente os mais insignificantes pormenores, belo e grandioso no seu conjunto. Obra de verdadeiro artista que enfileira sem favor entre as melhores produções da Arte Nacional.

A ela se referiu nos seguintes termos a Imprensa de Lisboa:

Diário de Notícias (de 17-11-938) — «Na secção de escultura, sózinho e bastante, Delfim Maia, com três obras vigorosas, e entre elas a composição de vulto «A caminho da posição. Peça alvejada» marca o seu talento excepcional e constitui um dos maiores, senão o maior atractivo desta exposição.»

✓ *Diário de Notícias* (de 1-12-938) — Descrição da visita realizada à Exposição pelos oficiais da Missão Militar Britânica — «Todos os trabalhos ali reunidos, deveras interessantes, mereceram a demorada atenção dos ilustres visitantes.

Mas o que mais despertou a sua curiosidade foram as obras de Delfim Maia, em gesso e em bronze, pelo realismo de que estão impregnadas. Principalmente o gesso do rebentamento de uma granada junto de uma peça de artilharia puxada a seis cavalos provocou hinos de louvor ao genial artista, tal a perfeição de movimentos e expressões.

De tal forma os oficiais ingleses ficaram maravilhados que classificaram de verdadeiras obras primas os trabalhos de Delfim Maia, artista de méritos extraordinários.»

Diário da Manhã (de 17-11-938) — «A exposição, que visa o propósito de estimular os nossos artistas a manifestações inspiradas nos feitos gloriosos da história militar dos portugueses, é constituída por sessenta trabalhos, alguns dignos de muito apreço, como as esculturas de Delfim Maia. Este artista apresenta uma composição monumental «A caminho da posição. Peça alvejada». É um gesso estupendo de movimento e de expressão, que representa o «tiro» e a guarnição numa peça ligeira detida na sua marcha pelo fogo do inimigo. Os soldados que não foram atingidos lutam para dominar o terror dos animais do «tiro»; dois deles, feridos, vão a cair das selas e um oficial enérgico, esporeando a montada, comanda, firme, o avanço para a posição, debaixo das balas. O conjunto admirável tem muito de epopeia e as figuras foram modeladas sob uma ardente chama de heroísmo e amor pátrio. É um trabalho arrojado e belo, que bem merece ser vasado no bronze.»

✓ *Diário da Manhã* (de 30-11-938) — (Do crítico de arte Dr. Fernando Pamplona) — «Na escultura, surge um trabalho monumental de Delfim Maia, que empolga pela sua prodigiosa animação, pungente realismo e largo sentido dramático: «A caminho da posição». É grande, não apenas no tamanho mas também no mérito. Merecia figurar num Museu. Eis a cena alucinante: uma força de artilharia de campanha, alvejada pelos fogos contrários, corre a tóda a brida; os cavalos, de nervos tensos, excitados pelo fragor do combate, galopam febrilmente, ou, já atingidos pela metralha, escabreiam e empinam-se em espasmos lancinantes; os homens, mais atentos ao perigo, procuram dominar o frenesi dos animais desarvorados, mas alguns, com o peito varado, mal se seguram aos cavalos e, já sem rédeas, arrastados na carreira doída, deixam prever a queda inevitável e mortal. Cena vasta, de grande fôlego e de segura unidade, que resulta talvez menos dum plano

preconcebido do que da emoção avassaladora e aglutinante, ela só por si justificaria a Exposição do Parque Eduardo VII.»

A Voz (de 17-11-938) — «São sessenta os trabalhos expostos e deles se destaca uma escultura soberba de Delfim Maia, representando um peça atingida, em plena marcha, pelo fogo inimigo.»

O Século (de 17-11-938) — «Delfim Maia brilha na Exposição com os seus interessantes estudos de movimento. O seu «gesso» «Peça alvejada» é um belo trabalho.»

Novidades (de 17-11-938) — «O Sr. General Carmona, na companhia das entidades presentes e dos artistas expositores, percorreu a Sala da Exposição e elogiou os trabalhos apresentados e principalmente a escultura de Delfim Maia, «A caminho da posição. Peça alvejada», trabalho cheio de movimento e de arte.»

Revista de Artilharia (Novembro de 1938) — A escultura de Delfim Maia sensibiliza particularmente os artilheiros pelo seu significado; mas impõe-se também à admiração dos militares em geral e de todas as pessoas que possuam gosto apurado.

É o autor personalidade distintíssima, pelo nome que usa de uma família ilustre de funda tradição militar, como pelo talento pessoal, que já no tempo das escolas brotava em excelentes desenhos e caricaturas felizes. Por inclinação tradicional foi militar, brilhante oficial de cavalaria e cavaleiro primoroso; por cultura e gosto, aplicou o seu decidido talento para as artes da forma à escultura de figuritas que não vão além do palmo, ou pouco adiante, e em cujas atitudes procura agudamente sugerir o movimento e a intenção; o que consegue com êxito perfeito, brindando-nos assim com grupos em que a convergência e a coordenação induzem a compreender o significado e — mais do que isso — arrastam, por associação, ao vibrar de harmónicas, que interpretam a cena, quere no ponto de vista moral, quere no sentido puramente estético.

O amor à carreira militar e a sua qualidade de cavaleiro de primeira ordem explicam que as cenas que escolhe sejam de preferência militares e hípicas. Quem observa o grupo «A caminho da posição. Peça alvejada» não pode deixar de considerar que é preciso conhecer o cavalo a fundo — ser, enfim, amigo pessoal do cavalo — para o representar no horror, na morte, no medo, no estacado, no arranque, como Delfim Maia o faz. O grupo das três parelhas de tiro da peça é inexoravelmente lógico. Na de sota-guia, o cavalo da mão levanta-se horrorizado; o da sela enovelase fulminado; na de sota do meio, ao mesmo tempo que o cavalo da mão se encabrita numa upa de desespero, o da sela, fazendo ainda esforço de puxar, olha com aflição (que diríamos humana) para o seu condutor: que vai a cair varado. No tronco,

o cavalo da mão estaca instintivamente para aguentar os esforços tremendos que naquela ocasião sente vir das contorções dos companheiros, dos tirantes e arreios que se esticam e partem, da lança que lhe bate na tábua esquerda e da peça, que quasi só êle aguenta.

Falemos um pouco das figuras humanas.

É todo o espírito da Arma de Artilharia que está naquelas figuritas: levar, ou fazer servir, por todos os meios, o material onde é preciso!

Do grupo salta a convicção de que a peça vai ser levada a braço. O chefe da peça decididamente aponta para a frente como bom artilheiro, num galope da sua montada que diz o verbo quere. O tronqueiro impele o seu cavalo e nos serventes há o impulso para apear dos cofres; mas o que mais fortemente sugere esta decisão é a figura do marcador de alcances, de braço retezado em alavanca sobre as costas do assento e a dar o sacão de rins, bem conhecido de todos os artilheiros, como o primeiro movimento para apear dos cofres em marcha. O marcador de alcances é um dos primores desta escultura de Delfim Maia.

Do material, magistralmente estudado, os efeitos de desencontro entre o armão e a peça dão-nos uma fortíssima impressão de destrôço trágico, que reforça ainda a que nos produzem as parelhas e as atitudes do pessoal.

A «Revista de Artilharia» cumprimenta calorosamente Delfim Maia pela beleza e excelência do seu trabalho e não pode deixar de lhe agradecer, com desvanecimento compreensível, o ter-se servido de um assunto da Arma para elemento e conduto de expressão. — Z.»

Diário de Lisboa (de 23-1-939) — Depois de transcrever, em grande parte, as referências publicadas na «Revista de Artilharia», termina dizendo: «Fica no ar a interrogação acerca do futuro de tão bela obra de arte que bem poderia ser o Monumento da Arma de Artilharia, projectado, segundo cremos, para uma praça pública.»

E, na verdade, não sabemos que melhor oportunidade poderia encontrar-se para consagrar e apresentar em público tão vigorosa obra. Pois não parece estar perfeitamente indicado o seu destino? ! Que mais belo Monumento poderiam desejar os bravos Artilheiros Portugueses? !

Mas... se de todo fôr impossível erguê-lo, que ao menos o Museu Militar, amplie o seu tesouro, dando albergue condigno a este notável trabalho de Arte.



Pormenor da escultura

- 1939 (fevereiro 14). Lisboa el monumento al arma de artilleria. ABC. Sevilha.

SEVILLA 14 DE
FEBRERO DE 1939.
NUMERO SUELTO
15 CENTIMOS.

ABC

DIARIO ILUSTRADO.
AÑO TRIGESIMO QUINTO.
NUMERO 11.140

FUNDADO EL 1.º DE JUNIO DE 1905 POR D. TORCUATO LUCA DE TENA



LISBOA. EL MONUMENTO AL ARMA DE ARTILLERIA

Magüífica escultura debida al antiguo oficial portugués Delfin Maya, que probablemente va a ser aprovechada como monumento dedicado al Arma de Artillería lusitana. (Foto Corréia.)

• 1939 (abril). Delfim Maya. Escultor animalista. *Ocidente*.

(págs. 121, 122, 123)

OCIDENTE — VOL. V — n.º 12 — Abril 1939

NOTAS DE ARTE

DELFIM MAYA
ESCUPTOR ANIMALISTA

Várias ocasiões e a propósito de exposições onde este artista tem aparecido, tenho anotado o corajoso mérito dos seus trabalhos de particularíssima novidade entre nós, impressivos e expressivos nos movimentos, de incontestável saber quanto à especialidade a que se dedica, devendo ser considerado um animalista original no nosso meio. São rajadas de movimento e de audácia os belos esboços que nos tem mostrado. Ninguém por cá tem revelado intuições mais brilhantes, nem conhecimentos mais firmes no lançar anatómico dum cavalo ou na representação volumosa dum touro.

Entre nós o animalista propriamente dito não existia. O pintor Anunciação foi um amoroso inovador dessa especialidade, mas calmo de nervos e de visão quasi bucólica, que não criou discípulos nem entusiasmos para maior desenvolvimento daquela arte. O «prémio Anunciação» nunca passou dum estímulo escolar sem qualquer continuidade. De longe a longe os pintores arriscam-se às pitorescas reproduções de feiras, marcando então as suas ocasionais possibilidades de observadores, pintando bois mansos e cavalos em descanso. Às vezes, e raramente calha a maré de comporem grandes composições históricas, lá estudam cenas de cavalaria e de movimento. Sousa Lopes foi um dos últimos e mais brilhantes ensaístas do género. Dordio Gomes também adora pintar grupos de cavalos, mas num sentido de ritmos diferentes. O cavaleiro tauromáquico Simão da Veiga, dado às pinturas como amator dotado, igualmente se tem dedicado à retratação de cavalos e touros, em *poçadas* de efeito. Enfim, desde Silva Fôrto às provas escolares de alguns rapazes da E. N. de B. A., não se pode dizer que tenhamos uma escola de animalistas.

Na escultura só em casos excepcionais de monumentos equestres ou de pormenores decorativos de friso ou blocos alegóricos, podemos contar algumas peças de valor. Apaixonado, especializado e deveras conquistador duma personalidade no género, temos agora o primeiro artista e arrojado impressionista desta difícil criação: Delfim Maya. Antigo oficial de cavalaria, ficou-lhe no sangue a paixão pela acção e pela beleza dos animais, havendo-os estudado em todos os segredos da vida, e de aí se explica a segurança com que os modela em largos esboços de formas, experimentado no modo de dinamizar os gessos ou mesmos os latões decorativos, a exprimir agitações íntimas por meio de contrastes de linhas e planos. Não sei por que razão a obra de Delfim Maya me recorda a de Abel Salazar, quando este nunca foi animalista. Decerto é o mesmo sopro de vida, de nervosa acção plástica, o mesmo modo de indicar o suficiente para impressionar um tanto pelo mistério do indefinido, que me força a lembrá-los em paralela camaradagem. Foi um caso semelhante que irmanou a obra de Rodin à de Carriere.

Há um facto notável e lógico ocorrido com Delfim Maya: — passou a ser artista só quando deixou de ser militar. E, no entanto, parte da sua obra é inspirada em motivos militares, recordações de exercícios em parada e até de hipismo disciplinar. Dir-se-á que Delfim Maya passou a compreender melhor e a amar com mais entusiasmo a alma dos guerreiros e a única razão da sua beleza, que é, em camaradagem com os animais, lançar-se para a morte em conquista da vitória.


A sua última obra exposta — «A caminho da posição» — devia talvez chamar-se «A caminho da glória». Uma ou outra fuga de movimento e a franqueza como os grupos se atiram para a frente, quais composições gregas de corridas triunfantes, traduzidas para o nosso tempo, merecem a campanha dos seus admiradores que pensam erguê-la numa praça de Lisboa, como monumento aos bravos Artilheiros Portugueses.

Creio não ser suspeito ao apoiar tal projecto, lá porque o meu feito não seja dado às espampanâncias belicosas. Condeno a guerra, não por convicções políticas, mas sómente porque sou cristão e quero bem aos homens. Estou também convencido dos artistas não poderem produzir nada de grande, heróico e definitivo — esta obra de Delfim Maya é um exemplo — senão em completo sossêgo de espírito e num ambiente de paz. Aceito-a, todavia, pela força das circunstâncias que periodicamente forçam os homens a ser cruéis, e só deixarei de a guerrear quando dela resulte um bem de independência, grandeza e paz para a minha Pátria. Como artista, orgulhoso duma História para a qual nada contribuí, mas que também é minha por direitos de herança, desejo vê-la hoje engrandecer-se, sobretudo, pelo trabalho honrado e pela heroicidade do pensamento, exaltando pelo amor a bemvida *Revolução na Paz*.

• 1941. Exposição *Toiros e cavalos de Delfim Maya*.

Catálogo e preço

*Toiros e cavalos
de Delfim Maya*




1932 - 1941


13 — QUEDA A DESCOBERTO
14 — A PARTIDA
15 — SALTO DE SEBE

LISBOA-1940
16 — GAUCHO

LISBOA-1941
17 — A CAMINHO DA POSIÇÃO. PEÇA SURPREENDIDA
Exemplar único 230.000\$00



A caminho da posição — Peça surpreendida



FERRO LAMINADO


18 — «EL BAILLE»	250\$00
19 — NO MINUETE	250\$00
20 — GAUCHO ATIRANDO O LAÇO	2.000\$00
21 — O VEADO	
22 — VEADO COÇANDO-SE	
23 — NO TERCIO DE VARAS	2.500\$00
24 — O VENCEDOR — JOCKEY	1.900\$00
25 — COMBATE DE GALOS	1.000\$00
26 — BAILANDO	do Ex. ^{ma} Sr. D. João da Câmara
27 — A CORRIDA DE TOIROS	1.500\$00
28 — NA LIÇA	
29 — ESPADACHINS. O DUELO	750\$00
30 — AS ESBELTAS VARINAS	500\$00
31 — A MANTILHA DE RENDA	do Ex. ^{ma} Senhora D. Sofia Negra
32 — UM FERRO DE NÚNCIO	1.500\$00
33 — CÃES DE LUXO	CADA 250\$00

PRATA LAMINADA

34 — COMBATE DE GALOS	da Ex. ^{ma} Senhora D. Maria Cristina Maia da Câmara
35 — QUEDA AFARATOSA	
36 — O TIGRE	do Ex. ^{ma} Sr. Lopo da Câmara
37 — O FOX PELO D'ARAME	250\$00
38 — TCIRO NA PASTAGEM	800\$00

LATÃO CHROMADO

39 — VIVA SEVILLA!	300\$00
40 — O MINUETE	300\$00



Extra programa: AGUARELAS. ÓLEOS. APONTAMENTOS

- 1941 (julho, 6). Exposição de Delfim Maia e de Francisco Maia na galeria do Secretariado de Propaganda Nacional. *O Século*.
- 1941 (julho, 7). Esculturas de Delfim Maya. *República*.
- 1941 (julho, 12). Delfim e Francisco Maya. *Diário de Lisboa*.

2 O SEculo
Domingo, 6 de Julho de 1941

VIDA ARTISTICA

Exposição de Delfim Maia e de Francisco Maia
na galeria do Secretariado da Propaganda Nacional



Na inauguração da exposição do escultor Delfim Maia, no estúdio do S. P. N.

Dois artistas — pai e filho — Delfim Maia e Francisco Maia — expõem em conjunto, na galeria do Secretariado da Propaganda Nacional, os seus trabalhos de arte plástica. Delfim Maia — que nos lembra sempre Abel Salazar, na rajada de talento com que inicia a obra concebida, no vigor com que marca e define atitudes, no segredo de fixar movimentos — apresenta nesta exposição alguns antigos trabalhos como aquele admirável «A caminho da posição», e alguns trabalhos recentes em «cera perdida», em ferro e prata laminados e em latão cromado. Os touros e os cavalos, nas corridas de arena e nas corridas de pelouses, são os motivos preferidos. O arranque, o contacto, o encontro violento, o selar no galgar e no acometer, as atitudes de reparo e de espaço, retraído, depois o jeito do

homem para a defesa, para o ataque e para a condução do animal montado, todas essas atitudes e movimentos são observados exemplarmente e transmitidos na matéria escolhida com curiosa exacção.

Delfim Maia marca, nesta exposição, mais uma vez.

Francisco Maia — artista moço e tranquilo — pinta e desenha com serenidade, tentava ainda a pintura, ora procurando o retrato, ora a paisagem, ora a marinha, mas é nesta que nos parece mais forte. O seu quadrinho n.º 16, «No Tejo», está bem tocado. O seu «casario» da Lousã documenta também bom gosto, faculdades e certa graça de tocar a tela.

A exposição esteve muito concorrida.—M. S.

"República"

7/7/941

Artes plásticas

Esculturas, de Delfim Maia

No estúdio do Secretariado da Propaganda Nacional está patente uma interessante exposição de esculturas de Delfim Maia, denominada «Toiros e cavalos», em bronze (cera-perdida), ferro laminado, prata laminada e latão cromado. Alguns dos seus trabalhos são conhecidos. Nem por isso, contudo, o certame perde de valor, porque a linha de unidade estética é perfeita. Delfim Maia tem predilecção especial pelos motivos animalistas, particularmente as toiradas, corridas de cavalos e cargas de cavalaria. Ninguém, como ele, é capaz de modelar com tal dinamismo e ritmo movimentado. As suas esculturas tem «vida interior» e expressão plástica, «A caminho da posição», magnífico grupo escultórico, é uma demonstração dos seus extraordinários méritos. «Vera rija», «Belmonte», «Passe por alto», «Verónica» e «Toiro bravíssimo» são notáveis documentos de forte modelação da chamada festa brava. «Gaúcho», «No minuete», «Veado coçando-se», «Cães de luxo» e «Toiro na pastagem» são outras peças maravilhosas de um maravilhoso escultor. A arte de Delfim Maia é uma arte de movimento e de expressão, mas, também, uma arte genuinamente portuguesa pelos motivos que seduzem o artista.

Pintura e desenho de Francisco Maia

No mesmo estúdio, ao lado de seu pai, expõe Francisco Maia pintura e desenhos. Parece-nos ser a primeira vez que este moço vem a público. Tem de haver para ele certa generosidade. O moço, porém, merece ser saúdo. Os seus desenhos são a revelação de um mérito. Efectivamente, Francisco Maia acusa valor e pode ser considerado uma esperança. Alguns dos seus retratos são aceitáveis, particularmente o «Auto Retrato» e «Mário Monteiro» na pintura a óleo. Francisco Maia não tem a mesma firmeza, hesitando aqui e ali. Precisa continuar e criar uma forma sua, como seu pai, para alcançar a glória. No entanto, repetimos, Francisco Maia acusa méritos.

"Diário de Lisboa"

Vida artistica

Delfim e Francisco Maya

Delfim Maya, acompanhado de seu filho Francisco, também já conhecido das exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes, apresenta agora no estúdio do S. P. N. uma grande exposição de bronzes (cera perdida) em que aparecem os seus Jockey's e jogadores de Polo, os seus touros e os seus toureiros, de Belmonte i. Cañero, em «pases de muleta» e «verónicas» da melhor verdade tauromaquia, um Gaucho vibrante de movimento e uma verdadeiramente grande e notável peça única, «Peça surpreendida», exemplar único que honra o escultor e o militar, uma autentica peça de musca, de seu militar.

Em ferro laminado apresenta Delfim Maya flagrantes bailes classicos e flamencos, mais portadores da tauromaquia e animais, esbeltos como as esbeltas varinas que também se sabe surpreender, admiráveis de observação e de movimento exacto, movimentos técnicos, como os da esgrima, animalistas, como os dos cães e dos cavalos.

12/7/941

Em prata laminada dá-nos Delfim Maya um combate de galos, uma queda aparatosa, um tigre e um touro na passagem; e em latão cromado, um minuete e duas sevillanas bem bailadas, e extra-programa aguardas, ocos e apontamentos que completam as grandes possibilidades do artista.

Seu filho Francisco, intuição perfeita e técnica a caminho de sê-lo, quasi perfeita de academia mas já com notavel personalidade, apresenta uma boa serie de retratos e uma bela galeria de pintura a óleo, uma e outra a creditando os dotes que em seu pai se acusam de forma tão rara e sentida, rara pelos conhecimentos do animalista, sentida como militar e artista.

- 1941 (julho, 13). Escultura de Delfim Maia- Pintura e desenho de Francisco Maia. *Diário da Manhã*

DIÁRIO DA MANHÃ 13 - VII - 1941

BELAS ARTES — MALAS ARTES

Escultura de Delfim Maia — Pintura e Desenho de Francisco Maia

Delfim Maia é um caso raro, talvez único, dentro da arte portuguesa. Escultor animalista de observação aguda, de estilo nervoso e vibrátil, ele não se contenta com fixar mais ou menos fielmente as formas exteriores, as aparências: procura, para além delas, o próprio segredo da vida. É no jogo complexo das atitudes e dos movimentos das várias espécies zoológicas que esse segredo se surpreende e se conquista. Na maioria dos casos, o animal só vive para a acção, para o esforço, para a carreira, para a luta. Por isso, Delfim Maia é um escultor do movimento, que, por vezes, nas suas obras, atinge acuidade dramática. Os seus animais favoritos são os cavalos e os touros — coisa que não admira da parte dum garboso cavaleiro amigo de touradas e português da gema. Conhecedor a fundo, adivinha-lhes os impetos, os rasgos com intuição prodigiosa e dá-lhes não raro uma intensidade de vida que parece ultrapassar os limites do real. As suas obras tomam de preferência a forma de esboços. O artista, em geral, não diseca, não por memoriza, não se demora em modelações laboriosas e exaustivas: procura antes colher impressões globais e nelas vasar o frêmito da vida. Esses trabalhos fortemente impressionistas, que, por vezes, parecem inacabados, ganham por isso mesmo, paradoxalmente, em poder emotivo, pois representam impressões directas, despidas de artificios, em que se sente palpitar ainda o esforço criador. Ir mais além seria porventura roubar-lhes a sua picante espontaneidade, o seu estilo sacudido e ardente, que se não compadece com arrebiques de forma. Alheio a escolas mais ou menos caprichosas, a modas mais ou menos efêmeras, o artista faz mergulhar as raízes da sua arte no húmus rico da natureza e da vida, onde elas sugam o melhor da sua seiva pujante. E por isso é original sem esforço nem afectação e as suas obras se distinguem das mais logo ao primeiro relance de olhos, sem que, para tanto, Delfim Maia precise de nelas gravar o arabesco da sua assinatura. Eis o privilégio dos artistas de raça.

Na sua exposição de trabalhos, agora patente no estúdio do S. P. N., surge uma obra monumental, «A caminho da Posição», que já admiráramos quando exposta há anos, modelada em péso, e que, fundida agora em bronze, assume grandeza e dignidade maiores. É todo o drama pungente da guerra nas pinturas empapadas de lama, a carrreira doida sob o canhoneio, a asa negra da morte a pairar terrível sobre os combatentes, enquanto os cavalos, enjaneitados pelos estampidos ou pela febre da luta, arrastam após si a artilharia ou se empinam, ofegantes, a escurmar sangue, já atingidos por um estilhaço, no último arranco da vida que se esvai... Tudo aqui foi cuidado a primor, desde os pormenores, vincados, com intenção e justeza, até ao belo conjunto, percorrido por forte ritmo unitário. É uma autêntica peça de museu, que um museu só se honraria de incluir nas suas colecções. Esperemos que assim seja.

Citemos ainda outras obras de vulto. «Toiro bravíssimo» é emocionante cena de tourada, em que ressalta o admirável jogo das massas, alado ao calor e á beleza da luta entre a fera robusta e enebriada de sangue e o cavalo ferido, de ventre retalhado e de narinas palpitantes, doloridas, e de olhos esgaziados pela medonha angústia que prenuncia a morte. «Uma boa tura» compartilha das mesmas qualidades. Em «Passe por alto», imita com a elegância do toureiro, a brincar com a morte, «A partida» exprime jogosamente a arrancada dos cavalos de sangue para a corrida veloz. «Gaúcho» é um belo estudo de cavalo selvagem a escabrear, atezado pelas pernas de ferro do cavaleiro erímio. Soberbos de dinamismo e de audácia interpretativa «Jockey», «Luta final», «Clématite».

Delfim Maia apresenta ainda excelentes trabalhos de ferro laminado e de prata laminada, plenos de engenho e de poder sugestivo em sua estilização audaciosa, dos quais preferimos «Combate de galos», «Na lição» e «O fígure».

A arte de Delfim Maia tem beleza, emoção, alma, nervos.

*

Filho de peixe sabe nadar! O jovem Francisco Maia expõe pintura e desenho ao lado de seu pai. Esta primeira exposição de conjunto deixa uma ideia muito lisonjeira a respeito do moço artista. Ainda á procura dum caminho, duma orientação, dá mostras de invulgar sensibilidade e apresenta já obras que não deixam dúvidas sobre a sua vocação.

Na sua galeria de retratos, ao lado de tentativas ainda incertas, surgem trabalhos de mérito, como esse esplendido «Auto-retrato», denso de vida, energeticamente desenhado, ou «Menina Helena C. de Freitas», cabeceira voluntariosa, cheia de graça infantil, ou «Maria José», figura feminina, fixada com delicadeza, em que há uma leve nota de melancolia.

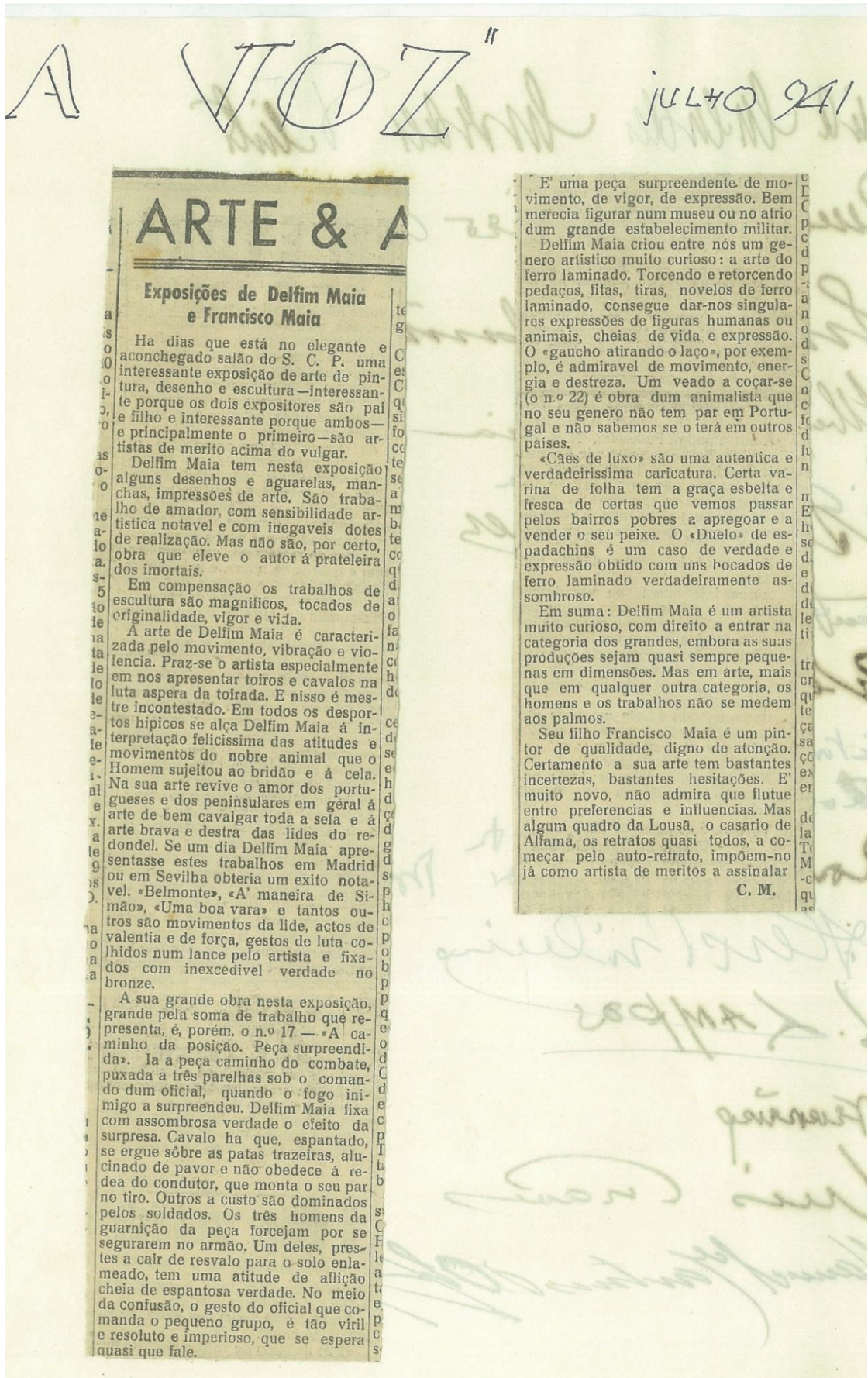
Nos óleos, convém salientar algumas manchas felizes, como «Aljamas», rica de cor local, e «Baroos no Tejo», de sôbrio cromatismo, que em si condensam a atmosfera do porto.

Francisco Maia promete. Esperemos que tais promessas se cumpram, para lhes saborearmos os frutos.

F. de P.

Fernando Samplora

• 1941 (julho). Exposição de Delfim Maia e Francisco Maia. *A Voz*.



ARTE & A

Exposições de Delfim Maia e Francisco Maia

Ha dias que está no elegante e aconchegado salão do S. C. P. uma interessante exposição de arte de pintura, desenho e escultura—interessante porque os dois expositores são pai e filho e interessante porque ambos—e principalmente o primeiro—são artistas de merito acima do vulgar.

Delfim Maia tem nesta exposição alguns desenhos e aguarelas, manchas, impressões de arte. São trabalho de amador, com sensibilidade artistica notavel e com inegaveis dotes de realização. Mas não são, por certo, obra que eleve o autor á prateleira dos imortais.

Em compensação os trabalhos de escultura são magníficos, tocados de originalidade, vigor e vida.

A arte de Delfim Maia é caracterizada pelo movimento, vibração e violencia. Praz-se o artista especialmente em nos apresentar toiros e cavalos na luta aspera da toirada. E nisso é mestre incontestado. Em todos os desportos hipicos se alça Delfim Maia á interpretação felicissima das atitudes e movimentos do nobre animal que o Homem sujeitou ao bridão e á cela. Na sua arte revive o amor dos portugueses e dos peninsulares em geral á arte de bem cavalgar toda a sela e á arte brava e destra das lides do rondel. Se um dia Delfim Maia apresentasse estes trabalhos em Madrid ou em Sevilha obteria um exito notavel. «Belmonte», «A' maneira de Simão», «Uma boa vara» e tantos outros são movimentos da lide, actos de valentia e de força, gestos de luta colhidos num lance pelo artista e fixados com inexcedivel verdade no bronze.

A sua grande obra nesta exposição, grande pela soma de trabalho que representa, é, porém, o n.º 17 — «A' caminho da posição. Peça surpreendida». Ia a peça caminho do combate, puxada a três parelhas sob o comando dum official, quando o fogo inimigo a surpreendeu. Delfim Maia fixa com assombrosa verdade o efeito da surpresa. Cavallo ha que, espantado, se ergue sobre as patas trazeiras, alucinado de pavor e não obedece á redea do condutor, que monta o seu par no tiro. Outros a custo são dominados pelos soldados. Os três homens da guarnição da peça forcejam por se segurarem no armão. Um deles, prestes a cair de resvalo para o solo enlameado, tem uma attitude de aflicção cheia de espantosa verdade. No meio da confusão, o gesto do official que comanda o pequeno grupo, é tão viril e resolute e imperioso, que se espera quasi que fale.

E' uma peça surpreendente de movimento, de vigor, de expressão. Bem merecia figurar num museu ou no atrio dum grande estabelecimento militar.

Delfim Maia criou entre nós um genero artistico muito curioso: a arte do ferro laminado. Torcendo e reforçando pedaços, fitas, tiras, novelos de ferro laminado, consegue dar-nos singulares expressões de figuras humanas ou animais, cheias de vida e expressão. O «gaucho atirando o laço», por exemplo, é admiravel de movimento, energia e destreza. Um veado a coçar-se (o n.º 22) é obra dum animalista que no seu genero não tem par em Portugal e não sabemos se o terá em outros países.

«Caes de luxo» são uma autentica e verdadeirissima caricatura. Certa varina de folha tem a graça esbelta e fresca de certas que vemos passar pelos bairros pobres a apregoar e a vender o seu peixe. O «Duelo» de espadachins é um caso de verdade e expressão obtido com uns bocados de ferro laminado verdadeiramente assombroso.

Em suma: Delfim Maia é um artista muito curioso, com direito a entrar na categoria dos grandes, embora as suas produções sejam quasi sempre pequenas em dimensões. Mas em arte, mais que em qualquer outra categoria, os homens e os trabalhos não se medem aos palmos.

Seu filho Francisco Maia é um pintor de qualidade, digno de attenção. Certamente a sua arte tem bastantes incertezas, bastantes hesitações. E' muito novo, não admira que flutue entre preferencias e influencias. Mas algum quadro da Lousã, o casario de Alfama, os retratos quasi todos, a começar pelo auto-retrato, impõem-no já como artista de meritos a assinalar

C. M.

• 1941 (agosto, 1). Exposição de Delfim e Francisco Maia. *Ocidente*.

N.º 40

OCIDENTE

VOL. XIV

FUNDADORES: ÁLVARO
PINTO e MANUEL MÚRIAS
DIRECTOR, GERENTE,
PROPRIETÁRIO E EDITOR:
ÁLVARO PINTO

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e OFFICINAS:
RUA DO SAITRE, 155, 1.º
TELEFONE 4 8276
LISBOA • PORTUGAL

SUMÁRIO DO N.º 40 ~ VOL. XIV ~ AGÓSTO DE 1941

NOTAS DE ARTE

EXPOSIÇÃO
DELFIN E
FRANCISCO MAIA

Já nestas *notas* nos temos referido com simpatia à obra original, fogosa e realista do escultor Delfim Maia, procurando comentá-la com a justiça que merece. Uma dessas *notas* teve a honra de ser transcrita noutros jornais. Pouco teremos a dizer hoje, que não seja a repetição daquelas palavras, aplaudindo o progresso nervoso e audaz do artista, que não abdica da sua maneira impressiva, às vezes imprecisa, sempre dinâmica e viva, no lançar do gesso em arriscados movimentos, no compor dos grupos com observações que só a prática dos motivos em que se inspira ensina, e na graça meramente plástica com que certos pormenores do bloco em fôlha tornam decorativos aquêles assuntos de real expressão. Claro está que Delfim Maia, como Troubetzkoy, por exemplo, será sempre um artista que reproduz em pequeno quanto vê e concebe em grande, um delicado arquitecto de estatuetas que a largueza da sua técnica poderia tornar monumentais, desde que a ampliação dos planos, o avolumar das massas, e o apuro de todos os desenhos não perdessem a certeza e o espírito dos seus esboços, e ganhassem em definição escultural tudo quanto êle sabe deixar em mistério, sumário e por vezes informe, para realçar da expressão total que teme o prejuízo duma clareza nas formas e em tudo mais que a sua arte difficil reclama para ser completa. Um caso extraordinário nos serve com a obra de Machado de Castro: tão grande e perfeito foi no seu estilo quando modelava as figuritas dos presépios, como quando executou as imagens colossais da fachada da basilica da Estrêla ou a estátua monumental do Terreiro do Paço. Esse segredo está à vista de todos. É um caso de desenvolvimento profissional, de esforço formal para definições concretas, de classicismo plástico, se assim quisermos chamar-lhe. Delfim Maia, temos a certeza, quando se resolver e as oportunidades o auxiliarem na empresa, a executar uma obra de mais volu-

moso vulto, construirá, marcará as formas, modelará e definirá todos os pormenores essenciais das suas figuras, com a mesma intuição, a mesma ciência de proporções, jogo de volumes e ritmo de movimentos, com a mesma expressão vital e de encantamento, que imprime hoje nas suas estatuetas, nos seus grupos equestres, nas suas composições de excepcional animalista. Há, pois, que encorajá-lo na experiência. Mas que ninguém lhe exija modificações no engenho, escravidões a processos de outrem, transigências na sua nítida personalidade, porque está provado ser o seu amor pelos animais, uma compensadora compreensão dos pecados dos homens.

Nos museus de arte moderna, em Itália, admirámos dois casos semelhantes de *escultura pictórica*, por mancha, por impressão, de acção de claro-escuro valorizada pela luz de volumes primários: — o de Grandi e o de Rosso. Firmadas as individualidades numa técnica sistematicamente esquemática, alcançaram a consagração. Em Delfim Maia o «Toiro bravíssimo» e «A Caminho da Posição» é mais de meio caminho andado.

De seu filho e discípulo em pintura, mas não no desenho, porque se lhe opõe no escalpo das formas características, ainda é cedo para longos comentários. Começa e procura-se. Estuda a gramática, ballucina em estilística, mas ainda é novo para ter uma linguagem própria. Sim! porque isto em arte o principal é ter que dizer e sabê-lo dizer bem duma maneira diferente da dos outros!

DIOGO DE MACEDO

• 1941 (agosto). Toiros e cavalos na escultura de Delfim Maia. *A Esfera*.

A Esfera - Agosto 1941
TOIROS E CAVAILOS
 NA ESCULTURA DE DELFIM MAIA

Por FERNANDO PAMPLONA

NA interpretação plástica do homem, interessa sobretudo a sua vida interior, que se reflete no rosto e também nas mãos. Com os outros animais, que apenas obedecem ao instinto, cuja vida é tóda exterior e portanto se traduz no jôgo dos músculos, das atitudes, dos movimentos, a interpretação do artista tem de fazer-se, não de dentro para fora, mas de fora para dentro. Os grandes animalistas são raros, porque o homem conhece-se melhor a si e ao seu semelhante do que às várias espécies da escala zoológica. Só uma vocação decidida e uma grande agudeza de visão podem desvendar ao artista, no estudo dum animal irracional, todos os segredos, que estão muito para além do mais profundo conhecimento anatómico.

A arte portuguesa contemporânea conta um prodigioso escultor animalista: Delfim Maia. Nos seus esbocetos impressionistas, feitos com a alma e com os versos, sente-se latejar a vida — uma vida pujante de seivas, pletórica de energias incontidas, que se traduz em acção e, muita vez, em drama. Como o flamengo Snyders foi em Seiscentos o pintor das caçadas, da arremetida furiosa da matilha, sedenta de sangue, contra o javali medonho, de olhos fâscentes e ameaçadores, disposto a vender cara a vida, Delfim Maia é, em nossos dias, o escultor dos toiros e cavalos, que nos seus gessos, nos seus bronzes, nos seus ferros laminados, tomam atitudes e expressões flagrantes de verdade. Dois ou três pormenores surpreendidos de relance, ricos de conteúdo, plenos de sugestões, podem originar uma síntese imprevista e impressionante, que nos deslumbra e subjuga como uma verdadeira descoberta. Eis o que sucede a cada passo na arte de Delfim Maia, escultor do movimento, da velocidade, da luta, que nos mostra quanta vez aquilo que entrevíamos fugazmente mas nos escapara, sumido na voragem do tempo: essa imagem ténue e esbatida renasce então, vitoriosa.

Delfim Maia vê no toiro bravo da lezíria a força poderosa e iracunda, mas leal, que não tolera afrontas, que tudo destroça e abate na sua frente como um furacão. Mas, sem dávida, prefere-lhe o cavalo, ser ágil e nervoso que tem a velocidade do raio e a elegância vibrátil da espada e que, como ela, se deixa manejar dócilmente pela mão do homem. Ambos êles animais de raça — a fera indomável, orgulhosa do seu poder, que prefere a morte à servidão, e o ginete finíssimo, cheio de nobreza em seus movimentos, que se afeiçoou ao homem e faz gala em lhe ser fiel. Opô-los um ao outro, colocar frente a frente o orgulho da eterna rebeldia e o orgulho da fidelidade perfeita é o maior prazer de Delfim Maia, que, plasma a primor o espectáculo violento da tourada — a viril e excitante festa brava das gentes ibéricas. Recordemos, por exemplo, o bronze «Toiro Bravíssimo», em que o animal enfurecido, com os membros grossos bem fincados na terra, ergue na cabeça possante, nas hastes aguçadas como punhais, o corpo esbelto do cavalo,

amarfanhando como um farrapo, de narinas palpitantes, doloridas, e de olhos alanceados pelo sofrimento, pobre vítima da sua obediência ao homem, que, escudado nele, vibra na fera um golpe terrível. Que sensibilidade, que vibração, que riqueza expressiva neste grupo dramático apontado apenas em suas linhas essenciais! Noutras obras, como em «A maneira de Simão»,



«Toiro bravissimo»

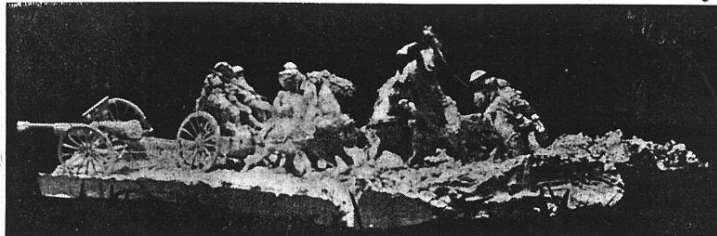
o cavalo, em belo galope, é protegido do assalto do toiro pela destreza e inteligência do homem e não sentirá por isso lacerar-lhe os flancos os chifres pontegudos que em si trazem a morte. Noutras ainda, como em «A Partida», apenas figuram os cavalos, que lutam entre si, de músculos tensos, de energias desencadeadas, de crinas ao vento, de olhar aceso pela febre da emulação — bela arrancada, em que o homem e o equídeo se fundem num só corpo, como os centauros da fábula. Delfim Maia deu-nos há pouco uma obra monumental, «A caminho da posição», cena de guerra animada por alto sôpro de epopeia, na qual há a admirar ao mesmo tempo a agudeza do pormenor que nos surpreende e o forte ritmo unitário que nos

empolga e arrasta: após a explosão duma granada, os cavalos, tomados de pânico, alucinados pela visão do fogo, lançam-se a tóda a brida ou empinam-se no ar, retidos em sua fuga por um pulso de ferro, enquanto os artilheiros, guiados pela espada do comandante, procuram dominar a situação com rapidez e pôr a salvo a peça de campanha entregue à sua guarda. É um extraordinário e terrível momento de tempestade, que abala e despedaça as coisas e os seres e só não atinge a alma intemerata dos soldados, mesmo quando os estilhaços de ferro lhes laceram as carnes. Só um soldado e um cavaleiro como Delfim Maia poderia sentir e apreender em tóda a sua plenitude a grandeza desta estrofe de bronze, em que splende o sol rubro dos combates e em que adeja, sinistra, a asa negra da morte.

Delfim Maia nasceu artista, porque o dom de criar não se compra: traz-se do berço. Mas — caso estranho! — durante largos anos, contentou-se em plasmar com os olhos as suas emoções estéticas: entretanto, as suas mãos nervosas permaneciam estêreis e o seu sonho não se condensava em formas vivas nem fazia palpitar a matéria inerte. Porquê? Impotência? Viu-se depois que não. Então? Mero acaso: a falta dum ensejo. Outro acaso o arrastou para as sendas da arte. Ele, que fôra oficial de cavalaria e não deixara nunca de ser entusiasta de touradas, lembrou-se, em certo momento crítico da sua vida, para dar emprego às suas energias desaproveitadas, de dar forma plástica aos toiros bravíssimos, aos cavalos fogosos que lhe povoavam a ideia. Tomou nas mãos um pedaço de barro informe e dos seus dedos ágeis e febris a visão da beleza começou a surgir, primeiro vaga e hesitante, depois definida, luminosa, forte. Quando isto sucedeu, por volta de 1931, já tinham soado os quarenta anos!

Delfim Maia não teve mestres. Visitou por vezes oficinas de escultores, como a de Anjos Teixeira, não para aprender, mas apenas para cavaquear. Ele considera aliás o ensino como forma de abreviar a aprendizagem e nada mais. O seu saber é de experiências feitas; a sua técnica de escultor, bem se pode dizer que a forjou à sua custa, através de laboriosas e torturadas tentativas, cada uma das quais lhe permitiu dar um passo em frente. Delfim Maia descobriu e desbravou o seu caminho sem ajuda de ninguém, pelos seus próprios meios. A sua técnica singela, directa, vibrante, despida de artificios pode testemunhá-lo.

O escultor dos cavalos e dos toiros, o vigoroso plasmador da festa brava das gentes peninsulares ufana-se de não ter tido mestres, mas, dentro do seu género, bem pode considerar-se um mestre. Talvez pouco ou nada tenha aprendido com os outros — mas os outros terão muito que aprender com êle, verdadeiro inovador, caso raro, talvez único, dentro da arte do nosso tempo.



«A caminho da posição»

- 1944. *Bronzes e ferros de Delfim Maya*. Exposição no S.N.I.C.



BRONZES
E
FERROS

DE

Delfim Maya

1 9 4 4
NOVEMBRO
S. N. I. C.

- 1944 (novembro, 27). Delfim Maia e Francisco Maia expõem no S.N.I.C.P. *Diário da Manhã*.

DIÁRIO DA MANHÃ

17 - XI - 1944

DELFIN MAIA E FRANCISCO MAIA expõem no S.N.I.C.P.

Delfim Maia e Francisco Maia, nossos olhos, levando-nos em rápida viagem peloitoral. Motivos mais portugueses não poderia encontrar nesta País de costa, neste ninho de marinheiros. Trata também outros assuntos, mas menos impressivamente, saliente alguns aspectos da Lisboa velha, em particular de Alfama, com suas lindas vermelhas e róseas desbotadas.

Francisco Maia prossegue pois em seu caminho. Não nos dá novidades, mas mantém com garhardia o seu lugar. E sena que não procure desenhá mais, aproveitando desse modo as suas impressões demasiado epidérmicas, embora por vezes graciosas e sugestivas. Só dessa maneira poderia avançar e subir, revelando mais amplamente as suas possibilidades.

Dentro do que expôs, agradaram-nos especialmente «Frogatas no Tejo», de boa simpatia, «Depois da pesca» (Nazare), em que, na praia, alastra um fogueiro humano multicolor, de formas indecisas, «Da Trajetória», «Panorama da Barra» (Figueira da Foz). Alguns aspectos de Cascais e da costa algarvia, a cores demasiado indistintas, descambam na cenografia.

F. P.

A Exposição de trabalhos do escultor Delfim Maia e do pintor Francisco Maia foi ontem á tarde, inaugurada na galeria do S. N. I. C. P. pelo sr. António Eça de Queiroz, sub-director do S. P. N.

Delfim Maia é um escultor vibrante, cheio de nervos e de alma, que prefere as cenas movimentadas e febris e os motivos animalistas. Não procura quasi nunca a perfeição da forma ou do acabamento; interessa-lhe antes o vigor e a agudeza da impressão. Neste domínio, o seu bronze «Ganchos», que já não é inédito mas tem sempre a novidade das coisas palpantes e vivas, exprime com espontânea acuidade a braveza e fúria do cavalo selvagem a escabrear dominado a custo pelas pernas rijas como tenazes do capelheiro da rampa, de largo chapéu de esquadro, que faz prodígios de equilíbrio para não cair. Apenas esboçadas, as duas cenas da festa brasileira «Assim se torceia» e «Uma verônica» possuem as mesmas qualidades de seta exuberante. Já em «Porto de Hides», de bela robustez, o artista mostra maior preocupação da forma, mais rigorosamente delimitada, sem prejuizo da expressão. O mesmo sucede com «Cadeya de puro sangue», análise nervosa, vibrátil, cheia de subtileza, dum admirável exemplar de cavalo de raça.

Os ferros laminados de Delfim Maia tratam-se de maneira sublimada e muito pessoal certas cenas de movimento endiabradas ou certas figuras de linhas gráteis. Citamos: «Combate de gatos», em que perpassa a crueldade e o frenesi da luta, ou «Torneio», de intenção semelhante, em que apenas os patos são substituídos por homens armados de lanças. Criativas as imagens fugidas de «Petrétras» ou de «Olé, Senilha». O artista teve ainda a audácia de ficar em ferros laminados algumas imagens religiosas, como uma «Crucificação» e uma «Senhora com o Menino», que vivem exclusivamente da atitude e da expressão dos corpos, mas que, a-pesar disso, não atraíam o fim visado.

Francisco Maia ama sobretudo os trechos ribeirnhos e a beira-mar, fixados em impressões rápidas e esbaltadas. Assim, a Lisboa marginal, Cascais, São João da Barra, Cascais, Praia da Rocha, Figueira da Foz, Nazare, Póvoa, Póvoa de Varzim desfilam ante

• **1946. Esculturas de Delfim Maya. Exposição na Casa da Fantasia.**

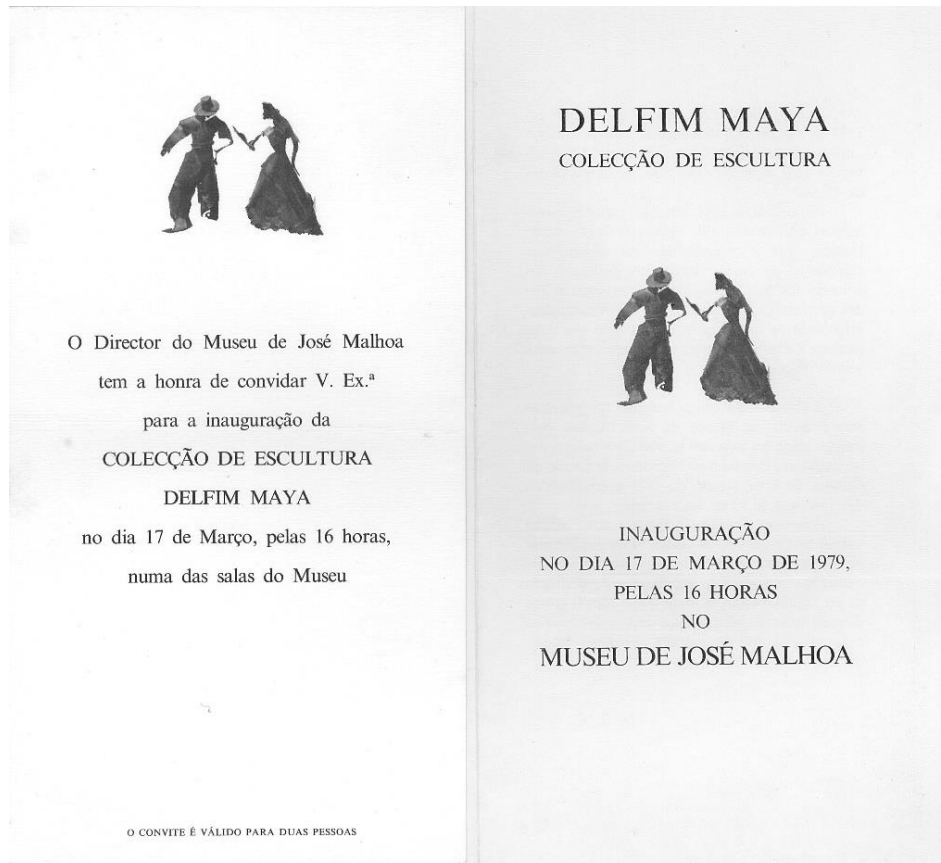
Preçário

ESCULTURAS DE	
DELFIN MAYA	
EM BRONZE	
CERA PERDIDA	
1 GAUCHO	12.500\$00
2 ASSIM SE TOUREIA	4.500\$00
3 À MANEIRA DE SIMÃO	20.000\$00
4 CONCHITA CINTRON ...	10.000\$00
5 VARINA	3.000\$00
EM LÂMINA DE FERRO	
6 CRUCIFIXO	
7 N. S. ^a DO ROSÁRIO	
8 TOUROS EM ESPANHA...	3.000\$00
9 BANDARILHAS: Citando	500\$00
10 Entrando na sorte	500\$00
11 Saída da Sorte...	750\$00
12 CONCHITA a Cavallo.....	1.500\$00
13 com o Capote ...	750\$00
14 com a Muleta ...	800\$00
15 VARINOS	800\$00
16 VARINAS	900\$00
17 ESPADACHINS	750\$00
EXPOSIÇÃO NA CASA «FANTASIA»	
216, R. DE S. ^{to} ANTÓNIO, 220	
DE 11 A 20 DE MARÇO	
1	9 4 6

- **1971. Exposição de Artes Plásticas de Temática Taurina. Galeria de Arte do Casino Estoril.**

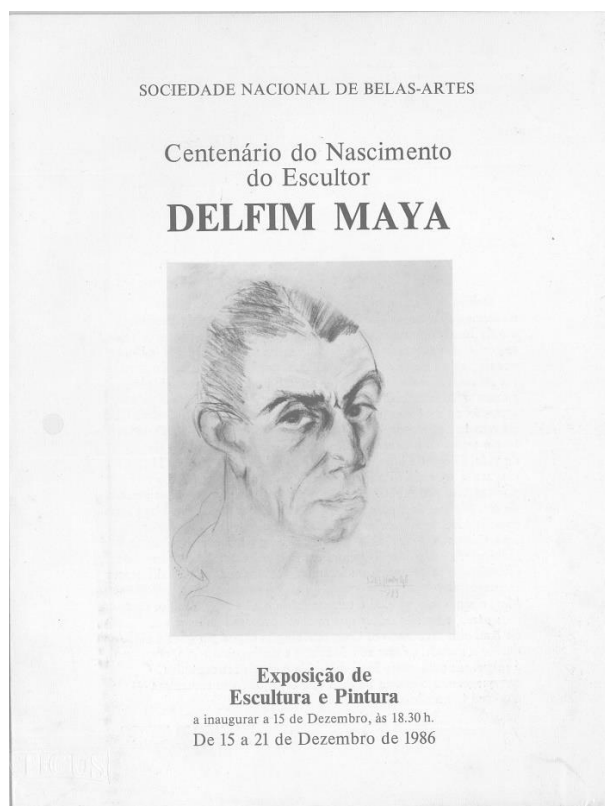


- **1979 (março). Delfim Maya. Coleção de escultura**
Catálogo



- **1986. (dezembro de 15 a 21). Exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes, comemorando o centenário do nascimento do escultor.**

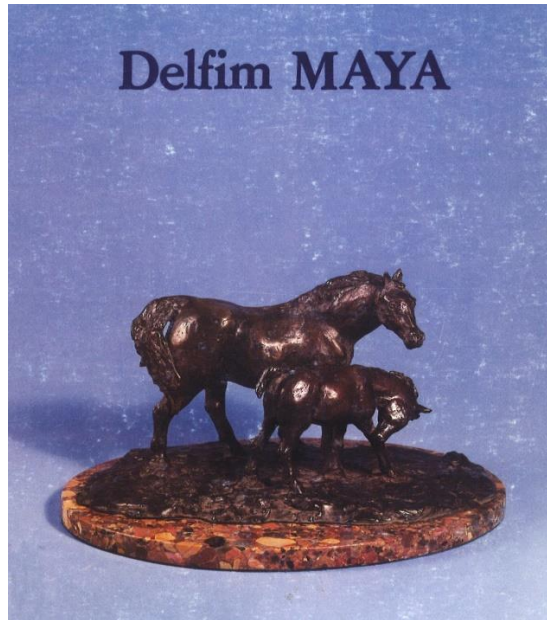
Catálogo



- **1986 (dezembro 13). Delfim Maya expõe nas Belas Artes. *Semanário*.**



- **1987. Exposição do Centenário do escultor Delfim Maya**
Celeiro da Patriarcal, Vila Franca de Xira
Museu José Malhoa, Caldas da Rainha
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa



- **1987 (junho, 27). Primeiro centenário do nascimento de Delfim Maya. *Semanário*.**
- **1987 (julho, 7) Escultor Delfim Maya em Vila Franca de Xira. *O Dia*.**

"SEMANÁRIO"
27 junho 1987

D E S T A Q U E
CULTURA E ROTEIRO

Primeiro centenário do nascimento de Delfim Maya

Integrada nas comemorações do 1.º centenário do nascimento do escultor Delfim Maya, a Fundação Calouste Gulbenkian vai promover uma série de exposições deste artista.

A primeira destas exposições será inaugurada hoje, no edifício da patriarcal, no Largo do Campino, em Vila Franca de Xira, e estará patente ao público até ao dia 12 de Julho.

Estão ainda previstas exposições no Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, e na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

Na que hoje se inaugura pode admirar-se uma vasta gama de obras de pintura, de desenho e de escultura deste artista autodidacta.

Correia Marques finalizou assim uma apreciação sobre este

Produções quase sempre pequenas em dimensões
 escultor: «Delfim Maya é um artista muito curioso, com direito a entrar na categoria dos grandes, embora as suas produções sejam quase sempre pequenas em dimensões.»

"O DIA" de 7 de julho de 1987

Exposição comemorativa

Escultor Delfim Maya em Vila Franca de Xira

Tem estado a ser apresentada em Vila Franca de Xira no Celeiro da Patriarcal pela Fundação Gulbenkian e apoio da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, a Exposição Comemorativa do Centenário do escultor Delfim Maya.

Esta exposição é composta de esculturas em bronze, chapa laminada, desenhos e pinturas num total de cerca de uma centena de obras.

A sua obra reflecte a coragem e dignidade com que lutou pelos seus ideais até à sua morte.

Foi monárquico convicto, mas tinha amizades e era respeitado por todos os republicanos.

Conheceu a prisão política e foi aí que ensaiou os primeiros desenhos, tendo sido obrigado a abandonar a carreira militar.

Como não podia deixar de ser, a sua obra inicial é influenciada pela cavalaria militar de que foi exímio praticante.

A sua obra evolui, porém, num sentido animalista, e os cavalos, os touros e os galgos passam a ser os seus temas principais. A anatomia e o movimento não têm para ele segredos, mas onde se vem a revelar um grande inovador não é na modelação em barro mas sim na folha metálica recortada, que projectada sabiamente o devia num lugar bem alto da escultura portuguesa. E como afirmava Diogo de Macedo «isto em arte o principal é ter que dizer e sabê-lo dizer bem, duma maneira diferente da dos outros».

- 1987 (setembro, 17). Caldas da Rainha recorda o escultor Delfim Maya. *Correio da Manhã*.

"Correio da Manhã" de 17/9/87

CALDAS DA RAINHA RECORDA O ESCULTOR DELFIM MAYA



A técnica dos laminados, uma inovação estética sem precedentes, que Delfim Maya introduziu na escultura

Numa das salas do Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, é inaugurada hoje, pelas 18 horas, uma exposição comemorativa do centenário do escultor Delfim Maya.

Mais de uma centena de peças de escultura, de laminados e ainda medalhas, pintura e desenho daquele artista, enquadram esta exposição organizada com o patrocínio da Fundação Gulbenkian que editou o catálogo profundamente ilustrado e documentado.

As peças expostas, provenientes na sua maioria de coleções públicas e particulares, vêm patentear ao público o maior conjunto já reunido na obra daquele escultor que ocupa um lugar de destaque no mundo das artes plásticas portuguesas.

Delfim Maya foi o estudioso incansável do movimento, dos gestos suspensos, do momento fugaz, do sopro vital dos homens e de animais, vasando-se na sua arte, nos traços, e volumes essenciais.

Ainda segundo a crítica, a par do raro entendimento destes valores, que o tornaram um sensível animalista, perfilou-se a inovação que Delfim Maya introduz na escultura, através de técnica dos laminados, numa estética sem precedentes, desenvolvendo-se em planos portadores de inesperados sentidos plásticos e iconográficos.

A figura do escultor é aliás merecidamente salientada no catálogo que acompanha esta exposição comemorativa, com apresentação do Arq. José Sommer Ribeiro e texto analítico introdutório da autoria da conservadora do Museu de

José Malhoa, Dr.ª Matilde Tomaz de Couto.

OUTRAS EXPOSIÇÕES

- Duas exposições de escultura e outra de fotografia serão hoje inauguradas pelas 21 e 30 na **Galeria Diferença** em Lisboa.
- O artista norte-americano, Steve Currie, apresentará trabalhos de pedra, enquanto Clara Azevedo apresentará na Sala Branca (1.º andar) uma exposição de fotografia intitulada "Deus, Pátria, Dollar" de Clara Azevedo.
- Ambas as exposições poderão ser apreciadas até ao dia 11 de Outubro de terça a sexta-feira das 15 às 20 horas e ao sábado e domingo das 16 às 19 horas.
- Vinte e oito trabalhos a óleo sobre papel constituem a primeira exposição individual que o jovem pintor galego Luis Lamela apresenta a partir de hoje às 18 horas, na Galeria Bertrand do Chiado.
- Licenciado em História de Arte pela Universidade de Santiago de Compostela e diplomado em Artes Gráficas pelo Instituto de Arte e Restauro de Florença, o artista vive e trabalha em Itália, desde 1982.
- Esta exposição estará patente ao público até ao dia 9 de Outubro durante o horário normal da livraria.
- Está patente ao público na Galeria do Restaurante Parlamento em Lisboa, uma exposição de pintura e desenho de Cristina Basto.
- A artista plástica apresenta quatro trabalhos de pintura mista sobre tela e acrílico sobre tela e dois de desenho (grafite sobre papel).

Uma das esculturas que Steve Currie apresenta agora na Galeria Diferença



- Fotografia da inauguração da Exposição do centenário do nascimento do escultor Delfim Maya nas Galerias Temporárias de Exposições da Fundação Calouste Gulbenkian. Na imagem o Diretor do CAM- Centro de Arte Moderna, Arq. Sommer Ribeiro, Vicente da Câmara e M.^a José Maya.



- 1987 (novembro, 12). Bernardo Marques e Delfim Maya: dois nomes a recordar. *Tempo*.

12.11.87 Tempo 43

Cultura

Artes plásticas

Bernardo Marques e Delfim Maya: dois nomes a recordar

Cristina Azevedo

PROVAVELMENTE ter-se-iam conhecido. Ambos nasceram no final do século passado. Bernardo Marques (1899 / 1962), pintor e caricaturista, desenhador excepcional e criador de uma visão pessoal e afectivamente romântica de Sintra. Cultor da Eugária, das paisagens de verdes e castanhos-amarelados de Colares e arredores, em pinceladas e traços enérgicos e sensíveis, Bernardo Marques é sem dúvida, dentro do nosso século o pintor que mais sensivelmente, dir-se-ia por dentro, entendeu a natureza de Sintra. Uma certa nostalgia se desprende das suas obras, que neste momento se encontram na Galeria de Colares.

Uma certa nostalgia se encontra também nas esculturas e desenhos de Delfim Maya. As razões serão talvez outras, mas apontam também para um Portugal que está a desaparecer lentamente. O Portugal das corridas de touros, dos cavaleiros, das tardes quentes do Ribatejo. Um Portugal que tão bem Delfim Maya marcou nos seus desenhos, e cartazes de corridas,

assim como traduziu nas pequenas esculturas de metal.

Delfim Maya (1886 / 1978) escultor autodidacta, não foi de facto um grande artista, no sentido da criação de uma obra de escultura monumental. Mesmo o conjunto de três ou quatro bustos que juntamente com as outras peças podemos ver na Fundação Calouste Gulbenkian, não constituem peças com uma grande qualidade plástica. O mesmo não acontece com o valioso conjunto de esculturas em chapa de ferro ou de prata que notavelmente distinguiram a sua produção desde os anos trinta. Antigo oficial do Exército na arma de Cavalaria e tendo muito cedo passado à reserva, Delfim Maya desenvolve a sua carreira artística sobretudo a partir dos anos trinta, conjugando com outras actividades ligadas ao hipismo e tauromaquia. A sua «paixão, pelos cavalos» será de facto uma constante da sua obra e também da sua vida.

Durante vários anos Delfim Maya participou nos salões da Sociedade Nacional de Belas-Artes, e nas Exposições de Arte Moderna do S.P./S.N.I. Esteve representado na 1.ª Bienal de S. Paulo e a sua última exposição individual data de 1964.

Para além de escultor e ilustrador, Delfim Maya foi ainda medalhista. Mas é sem dúvida como escultor nas peças de metal que Delfim Maya revela toda a capacidade criadora na constituição de um estilo próprio e inigualável na escultura portuguesa. Escultura de feição modernista mas de raiz académica, as diferentes peças onde em contraponto se situam cavaleiro e touro, o toureiro e o touro, os cavalos, o cavaleiro e a sua montada, ou figuras típicas como as varinas, picadores, ou gentes ligadas ao meio tauromáquico são únicas pela desenvoltura da linguagem apresentada. A chapa fragmentada tece no ar volumes e movimentos, onde as figuras em rodopio, celebram ainda hoje o momento da «fiesta».

O percurso de Bernardo Marques foi diferente. Pintor, desenhador e artista gráfico, homem de vasta cultura literária e de convívio algo mundano e afável, foi responsável pela criação de um estilo próprio ao nível da ilustração. Neste sentido Bernardo Marques assumiu a direcção gráfica de revistas importantes como a «Panoramia» (1941 / 50) e a «Colóquio» (1959 / 1962).

O sentido acutilante do seu desenho raiando a caricatura gostosa do meio lisboeta levou-o desde muito cedo à participação em inúmeros salões como o Salão dos Humoristas em 1920 ou o Salão dos Independentes em 1930. Em 1925 teria como Almada ou Eduardo Viana um quadro na Brasileira do Chiado.

Embora uma parte vastíssima da sua produção corresponda à realização de aguarelas, desenhos a tinta-da-china ou a car-

vão, a mostra agora patente em Colares curiosamente apresenta-nos um óleo sobre cartão, não assinado e não datado, intitulado «Praia» e que durante muitos anos permaneceu intocável no seu cavalete. Praticamente excepção em toda a sua obra como pintor, este óleo, um pouco enigmático na sua obra, porque se trata de uma espécie de

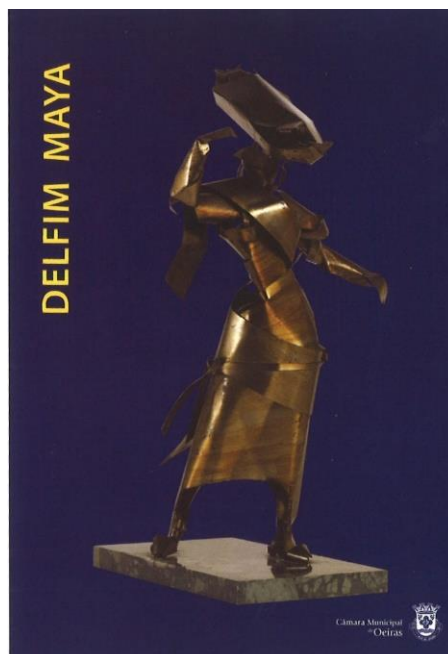
«marinha», a óleo, revela-nos sem qualquer dúvida o que ainda hoje Bernardo Marques teria para pintar e explorar, indefinidamente. Esta exposição mostra-nos, pois, uma bellissima série de desenhos, e pinturas sobretudo vocacionados para o entendimento popular e paisagístico de Sintra. Os valores tonais e os cambiantes do traço a pincel ou a caneta continuam a fascinar ainda quem se debruce sobre eles. A paisagem continua a manter a sua dimensão romântica e envolvente, e o retrato continua verdadeiro e acutilante.

Mas Bernardo Marques foi também um companheiro e mestre essencial para muitos artistas de gerações mais novas, porque verdadeiramente o seu olhar era de mágico e de pintor. Muito se aprendeu com ele não tanto pela palavra mas pelo trabalho no «atelier» da Eugária. Lugar que Bernardo transportou consigo sempre no coração.

Recordo-o quando muito pequeno. Alto, moreno, e de cara vincada. O restolhar das folhas, e o sol filtrado nas ramagens dos pinheiros. Os fins de tarde na quinta da Eugária, as conversas e o olhar acutilante. Uma amizade desde que nasci, curiosamente no mesmo dia que o pintor.



- 2005. Exposição na Galeria Municipal Verney, em Oeiras



- **2017. Comemoração dos 130 anos do nascimento do escultor Delfim Maya**

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Museu José Malhoa, Caldas da Rainha

Museu Militar de Lisboa

Catálogo



- **Carimbo dos CTT de Comemoração dos 130 anos do nascimento de Delfim Maya, lançado no Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha, no dia 18.05.2017.**

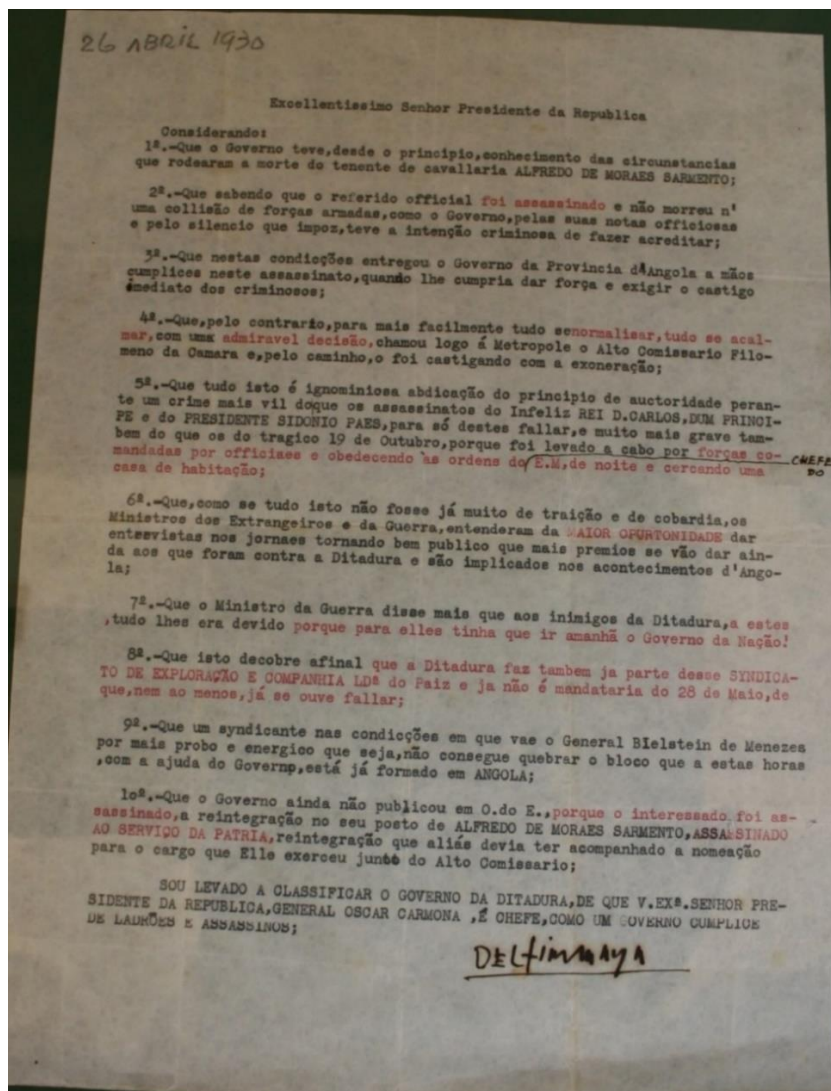


ANEXO 2.3

CARTAS⁶⁹

2.3.1. CARTAS DE DELFIM MAYA ⁷⁰

- 1930 (abril 26) – Carta ao Presidente da República, General Óscar Carmona, em que acusa o Governo que ele chefia de ser “cúmplice de ladrões e assassinos”, o que motivou ser preso e deportado para o Funchal e para a cidade da Horta, Açores.



⁶⁹ Todas as cartas são colocadas cronologicamente, por ano de envio.

⁷⁰ Delfim Maya costumava fazer cópias das cartas que escrevia. São estas cópias que existem no ADM-Arquivo Delfim Maya, uma vez que os originais foram expedidos. Só as cartas de Delfim Maya para Carlos Carneiro são os originais, uma vez que os filhos dos artistas decidiram trocar as cartas escritas pelos pais, ficando cada um com as cartas escritas pelo seu progenitor.

- 1930 (abril 30). Interrogatório na Polícia de Informações do Ministério do Interior a propósito da carta enviada ao Presidente da República, General Óscar Carmona.⁷¹

4

POLICIA DE INFORMACOES DO MINISTERIO DO INTERIOR

O Sr. Delfim Maia é acusado de ter escrito e mandado entregar a Sua Ex.^a o Presidente da Republica duas cartas cujas copias se juntam.

Pergunta-se:

1º - São da sua autoria as aludidas cartas?

2º - Mandou de facto entrega-las a Sua Ex.^a o Senhor Presidente da Republica?

Lisboa 30 de Abril de 1930

O Victor
Paulino

RESPOSTA:

1º — SÃO MINHAS AS CARTAS E TENHO MAIS UMA PROVA DE QUE O GOVERNO É CUMPLICE DE LADROES E ASSASSINOS: ESTOU PRESO PORQUE PROTESTEI E PROTESTO CONTRA O ASSASSINATO DO TENENTE MORAES SARMENTO.

2º — FUI EU PROPRIO ENTREGALAS AOS OFFICIAES DE SERVIÇO NA CIDADELLA DE CASIELS.

DELFINMAYN

• AINDA NÃO SABE O GOVERNO QUE FOI UM ASSASSINATO?
PORQUE NÃO SE REINTEGRA A DE MORAES SARMENTO?
PORQUE NÃO SE LAVA DA A PENSÃO DE SANGUE JA' A FAMILIA?
NÃO FOI MORTO AO SERVIÇO DA PÁTRIA E DA DITADURA? **DELFINMAYN**

NB. — DEPOIS DE ENTREGUE A PRIMEIRA CARTA FALLEI PESSOALMENTE COM S. EX.^a O SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA E COM O SENHOR PRESIDENTE DO MINISTERIO. DELFINMAYN

TOBRE TOMBO

⁷¹ Este documento encontra-se nos Arquivos da PIDE, na Torre do Tombo, em: Ca-Pt-TT-PIDE-SC-PC-4565. Embora este seja um Anexo de cartas, fez-nos sentido, na sequência da carta escrita por Delfim Maya ao Presidente da República, colocar em conjunto as informações e notícias que se lhe seguiram.

- 1932 (juilho 1). Carta para o secretário da Redação de *La Revue Moderne*, fazendo a sua apresentação como artista.

LISBONNE
T. d'Arrabida 2
1932
1er. Juillet

Mr. le Secrétaire de la Redaction
de La REVUE MODERNE
R. Saint Denis - 83
PARIS

Monsieur,

J'ai reçu votre aimable lettre du 25 Juin.
Je vous remercie.

Vous me demandez :
Ma carrière artistique ?
Mes tendances ?
Mes méthodes ?
Etc. ?

Je vous dirai :
J'ai été Officier de Cavallerie de l'Armée
Portugaise avec le grade de Capitaine.
En adorant le Sport - air libre et peril - le
cheval, qui était pour moi dans ma profession mon arme, fût ma grande
passion.
Les arts plastiques la grande necessité de mon
esprit.
Par sport, j'ai pris part aux concours hippiques,
aux courses à la chasse.
Comme Artiste, par sentiment intime, j'ai visi-
té toujours les expositions et les musées.
Éliminé de l'armée, comme royaliste, je m'exi-
lai en Espagne pendant deux années et demi .

- 1932 (outubro 31) – Carta a D. Olga de Moraes Sarmiento, apresentando-se e convidando-a para a sua exposição na Casa de Portugal, em Paris.

VIRGINIA HOTEL - 2
 QUARTIER D'ORLÉANS - R. DE LA VOIE VERTE 66
 PARIS (XIV) Ex.^{ma} SENHORA
 1932 D. OLGA DE MORAES SARMENTO
 OUTUBRO R. DESREMUDES 3 PARIS
 31

EX.^{ma} SENHORA
 ¿COMO SOUBÉMOS? QUEM NOS DEU
 A VOSSA MORADA?
 TODA A GENTE SÁBE AONDE ESTÁ O SOL:
 BASTA OLHAL-O.
 ¿QUEM SÔMOS?
 ELLA, É A COMPANHEIRA IGNORADA,
 MAS CONSTANTE, DEDICADA, CARAJOSA INCOMPARAVEL,
 DE TODAS AS HORAS D'UMA VIDA, QUE TEM SIDO UM
 MAR ALTO E É MÃE DE QUATRO FILHOS.
 ELLE, DEL'IM MAYA SENDO MUITO MENOS
 FOI O UNICO PORTUQUEZ QUE 'PROTESTOU BEM ALTO'
 CONTRA O VILISSIMO ASSASSINATO EM LOANDA
 DO MOÇO TENENTE ALFREDO DE MORAES SARMENTO
 VOSSO PRIMO, SEM LHE IMPORTAR ^{+SABER} QUEM ERA,
 INDIFFERENTE ÀS CONSEQUENCIAS E É
 DOS POUÇOS QUE O NÃO ESQUECE.
 ¿É POUCOCHINHO?
 ¿NADA VALE NO MERCADO D'HOJE?
 É O AR QUE RESPIRO.

- 1934 (abril 19). Carta a Manuel Múrias, Diretor do jornal “Revolução Nacional”, solicitando a suspensão do envio do jornal, porque ele, Delfim Maya, não era salazarista.

LISBOA
TRAVESSA DA ARRABIDA, 2
1934
A B R I L
17

Exmº. Senhor
Manuel Múrias
Diretor da "REVOLUÇÃO NACIONAL"
L I S B O A

Exmº. Amigo:
PORQUE LÁ DIZ O DICTADO:
MAIS VALE TARDE DO QUE NUNCA. escrevo-lhe para tornar definida a minha atitude, que uma injustificável preguiça - aliás tão explicável pelas nossas relações de simpatia - vinha fazendo indefinida e até inqualificável.

Eu peço-lhe, MANUEL MÚRIAS, para dar as suas ordens no sentido de não mais me mandarem a REVOLUÇÃO NACIONAL.

Devo confessar-lhe com lealdade e abertamente, numa quasi repetição do que digo acima, que só o seu nome, como Director, atirou para 2º. plano a natural antipatia, que, desde 1º. numero, o jornal me despertou.

Mas não continuará assim.

É que muito alta muito bem guardada está no meu peito a memoria desse belo Soldado, que foi ALFREDO DE MORAES SARMENTO, para poder, sem a afronta de que a minha preguiça me fazia cúmplice, continuar assignante do jornal, que tão profundamente é SALAZAR!

Eu não sou SALAZARISTA.

Fui militar, nunca fui politico, interessam-me DEMASIADAMENTE POUCO AS FINANÇAS e tenho, INSTINTIVO E INVENCIVEL em mim, o afastamento de todos aqueles que mais directamente intervieram na impunidade ignominiosa dos acontecimentos de ANGOLA.

De resto, além destas e d'outras razões, que não quero expôr, meu caro MANUEL MÚRIAS, a SALAZAR reconheço-lhe uma obra,

MEMORANDUM

TALVEZ ESPANTOSA, mas a CHEFIA não.
Chefes para mim, só são os que vão á frente dos movimentos, os que sabem comandar e da mesma auctoria são a pergunta, TÃO DE-SASTRADAMENTE INFELIZ, em S. Carlos:
OS ALUNOS ESTÃO AQUI: AONDE ESTÃO OS LENTES?...

Esta frase, ou parecida, na SALA DO RISCO" proferida:
"O POVO PORTUGUEZ ESTÁ SEMPRE DE COSTAS VOLTADAS OU DE RÓJO DEANTE DOS PODERES CONSTITUIDOS!"

Sente não poder ser-lhe agradável.

Delfim Maya

tor, atirou para 2º. plano a natural antipatia, que, desde 1º. numero, o jornal me despertou.

Mas não continuará assim.

É que muito alta muito bem guardada está no meu peito a memoria desse belo Soldado, que foi ALFREDO DE MORAES SARMENTO, para poder, sem a afronta de que a minha preguiça me fazia cúmplice, continuar assignante do jornal, que tão profundamente é SALAZAR!

Eu não sou SALAZARISTA.

Fui militar, nunca fui politico, interessam-me DEMASIADAMENTE POUCO AS FINANÇAS e tenho, INSTINTIVO E INVENCIVEL em mim, o afastamento de todos aqueles que mais directamente intervieram na impunidade ignominiosa dos acontecimentos de ANGOLA.

De resto, além destas e d'outras razões, que não quero expôr, meu caro MANUEL MÚRIAS, a SALAZAR reconheço-lhe uma obra,

- 1941 (março 12) Carta a Dr. Antero Carreiro de Freitas, agradecendo o empréstimo de dinheiro.

Lisboa
Casa de S. Isabel
R. D. Anzabida 7
1941
março
12

Eu - Senhor
Doutor ANTERO CARREIRO DE FREITAS

MEU Ex. Amigo

FIDELGAMENTE CUMPRIDA A
SUA PROMESSA VENHO DIZER-LHO E
TESTEMUNHAR-LHE UMA VEZ MAIS O MEU
AGRADECIMENTO IMMENSO.

EU CUMPREI TAMBEM O MEU
COMPROMISSO, MATERIALMENTE CONSTITUINDO
PELA MINHA DÍVIDA A SI DE OITENTA
CONTOS.

QUANTO A OUTRA ENORMISSIMA
PARTE, DEUS AJUDAR-ME HA A RECOMPENSAR-O
COM A REALISACAO DOS VOTOS QUE FAZEMOS
MINHA MULHER E EU, DE FELICIDADE
SUA E DOS SEUS.

PROFUNDAMENTE GRATO
O SEU AMIGO
D. E. J. A. L. M. J. M.

- 1943 (janeiro 4). Carta a Carlos Carneiro, tecendo considerações sobre uma exposição e facilitando-lhe o local de uma exposição em Lisboa.

Lisboa
Casa de S. Isabel
R. D. Anzabida 7
1943
janeiro
4

MEU CARO CARLOS CARNEIRO

É COMO V. DIJ FANTASTICA MAS
NATURAL O TEREM - LHE REJEITADO OS
TRABALHOS E SE O CARLOS CARNEIRO VISSA
O QUE POR LA ESTÁ DEPENDURADO NA
LHE TIVER SOMBRA DE MEM: REJEICAO
COM O TITULO DE LHE NAU FAZER COMENTARIA.

ATE O DARDIM GOMEZ, DE QUE EM GERAL
COSTO ME DESAGRADA!
MAS NAO HA QUE FAZER CONSIDERACOES:

É ASSIM.

DOIS OU 3 DIAS DEPOIS DE RECEBER A SUA
SUA CARTA FUI FALAR COM O FALSO DILDAR,
QUE COM MUITO CUSTO POE A GALERIA A SUA
DISPOSICAO. TEM MENOS QUE O NUNCA
COM UM CERTA ANTERCEDENCIA PARA NAO SE
DAR O CASO SE A TER OCUPIADA.

COMO LHE DISSE O LOCAL É OPTIMO E
CERTAMENTE SE FAZ LA BEM UMA EXHIBICAO
DOS SEUS BELLOS TRABALHOS.

O MEU RAPAZ SE GUE, NA S.P.N., A EXHIBICAO
DA PARTE MODERNA. CALCULO 16 OU 17 DE
MESES COMENTE.

VAMOS A VER.

OS SEUS RAPAZES?
TODOS OS SEUS?

- 1945 (dezembro 15). Carta a António Durão, agradecendo o empréstimo de 50 contos para custear a passagem a bronze da escultura *Macontene*.

LISBOA
 CASA DE S. ISABEL
 R. D'ARRABIDA 7
 1945
 DEZEMBRO
 15

Ex^{ma} Sr. ANTONIO DURÃO

meu Ex^{ma} Amigo

EM MEU PODER CINCOENTA CONTOS,
 QUE ME ENTREGOU PARA CUSTEAR A PASSAGEM
 AO BRONZE (CERA PERDIDA) DO GRUPO ESCULTÓRICO
 DA MINHA ALLEGORIA INTITULADO "MACONTENE"
 SOB COMPROMISSO DE OS RESCUIR COM OS JUROS
 BANCARIOS RESPECTIVOS E RELATIVOS AO PERIODO QUE
 DECORRER DE 26 DE NOVEMBRO P.P. ATE A LIQUIDAÇÃO
 DO CAPITAL A FAZER ACÇÃO CONTÍNUA A VENDA DA
 REFERIDA OBRA PASSADA AO BRONZE.

ESTE COMPROMISSO — ASSIM EXPRESSO, NÃO
 A TRANSFORMAR EM QUALQUER OUTRO DOCUMENTO,
 COM O MESMO SENTIDO E QUE FOR JULGADO CONVENIENTE —
 PODERÁ VIR A SER SUBSTITUÍDO TAMBÉM POR
 QUALQUER OUTRO CONTRATO, TOMADO DE COMUM
 ACÓRDO.

RENOVANDO OS MEUS AGRADECIMENTOS
 SOU MUITO OBRIGADO

DELIMONTE

- 1947 (fevereiro). Carta para o filho Victor, quando este foi para a tropa.

LISBOA
 "CASA DE S.^{ta} ISABEL"
 N.º R. D'ARRABIDA
 1947.
 FEVEREIRO

MEU QUERIDO VICTOR

ESTA É A MINHA PRIMEIRA CARTA PARA TI, PORQUE MOTIVOS NÃO TIVERAM ATÉ HOJE PARA OUTRA DEVER TER LIDO JÁ ESSA PRIMAZIA E SE ELA TE NÃO CHEGAR ÀS MÃOS ANTES DA TUA APRESENTAÇÃO — COMO É QUASI CERTO ACONTECER — TAMBÉM NÃO A RECEBERÁS MUITO DEPOIS DE TER PRINCIPADO A TUA VIDA PÚBLICA, N'ESTA NOVA FASE.

PORQUE ASSIM SERÁ, QUERO COMEÇAR POR DAR FÓRMA MATERIAL AO PENSAMENTO CONSTANTE DAS PAIS PARA COM OS FILHOS:

— DESEJAR-TE MUITA VENTURA!

DEPOIS DIZER-TE QUE CONFIO EM TI E QUE PORTANTO TENHO A CERTEZA DE QUE CUMPRIRÁS BEM.

PARA A REALIZAÇÃO D'ESTE FIM TU, VICTOR, NÃO PRECISAS DE BUSCAR COISAS FORA DE TI:

— SÉGUE O IMPERATIVO DA TUA, BEM FORMADA, CONSCIENCIA.

SE FÓRTE E CONTINUA A SER BOM!

EU, TO DESEJAR-TE MUITA FELICIDADE — TANTA, QUE É POSSIVEL QUE NÃO TENHAS QUANTA PARA TI AMBICIÓNO E TU MERECEES — SEI QUE NÃO FICAS IMAGINANDO QUE ESTOU DIZENDO QUE A VIDA TE PODERÁ SÊR PERTUMADO ROSEIRAL SEM ESPINHOS.

SIM! SERIAM PALAVRAS APENAS PORQUE TU ATÉ, JÁ SABES BEM QUE A VIDA É "LUCIA" TORMENTOSA, QUASI CONSTANTE, MAS,

• 1952 (fevereiro 2). Carta a Carlos Carneiro sobre a morte de Antônio Cañero

1952
fevereiro
2

Meu Querido CARLOS CARNEIRO

EU SABIA DE CERTÉM QUE NÃO DEBIA
DE ESCREVER-ME AO LÉO A TRISTÍSSIMA NOTÍCIA, QUE LE TRAZ
TODOS OS QUE O CONHECÍAM, A MORTE DO GRANDE
ANTÔNIO CAÑERO!

GRANDE AMIGO! POBRE AMIGO!
TEVE TODOS OS REQUISITOS PARA GOZAR A
VIDA E BEM CEDA FALTOU-LHE O PRINCIPAL:
A SAÚDE! LA' SE FOI!

DOLOROSÍSSIMOS FORAM PARA ELLE, QUE FOI UM
GRANDE CAVALLEIRO E UM GRANDE TOIREIRO, TODOS
ESTES ANOS, EM QUE DIA A DIA SENTIU ACCENTUAR-SE
N'ELLE QUE ERA BELLO E FORTE OS IMPLACAVEIS
SYMPTOMAS DE UMA INVALIDEZ PRÉCOCE!
DEVIA TER SIDO ATROZ!
SE ERA AMIGO D'ELLE!
CONHECIA-O HÁVA QUARENTA E DOIS ANOS E LONGE
COMO VIVAMOS UM AO OUTRO, SENTIA BEM O CALOR
DA SUA GRANDE AMIZADE, QUE NUNCA ME FALTOU!
INTELLIGENTE SIMPATIZÍSSIMO, ESTRELO E
DISTINGIDO ERA TÁLMENTE COMO DIZ, UM HOMEM
ENCANTADOR, MAS A MORTE? LEVAV-O DEIZANDO
TANTO FALSAPO HUMANO ATRASAR-SE? POR ESSE
MUNDO FOI, ANOS SEM FIM, DE AMARGURA
E DE INUTILIDADE!
A SUA CARTA CARLOS CARNEIRO ESPERAVA-A, E
FAZ-ME IA MUITA FALTA SE NÃO VIESSE E POR ISTO
MESMO, VEIU.

VOCÊ É O MEU AMIGO ESPIRITUAL, É...
MEU IRMÃO!
TENHO-O SEMPRE COMIGO, NÃO, MAS,
TEMOL-OS SEMPRE COMIGO!

Carta de Delfim Maya ao
seu amigo Carlos Carneiro,
a propósito da morte de
D. Antônio Cañero, 1952.

Saúde! Felicidade! Alegria!
POR ALEGRIA, VEM-ME A LEMBRANÇA
UMA COPLA que o ANTONIO CAÑERO,
TANTA VEZ CANTAVA:

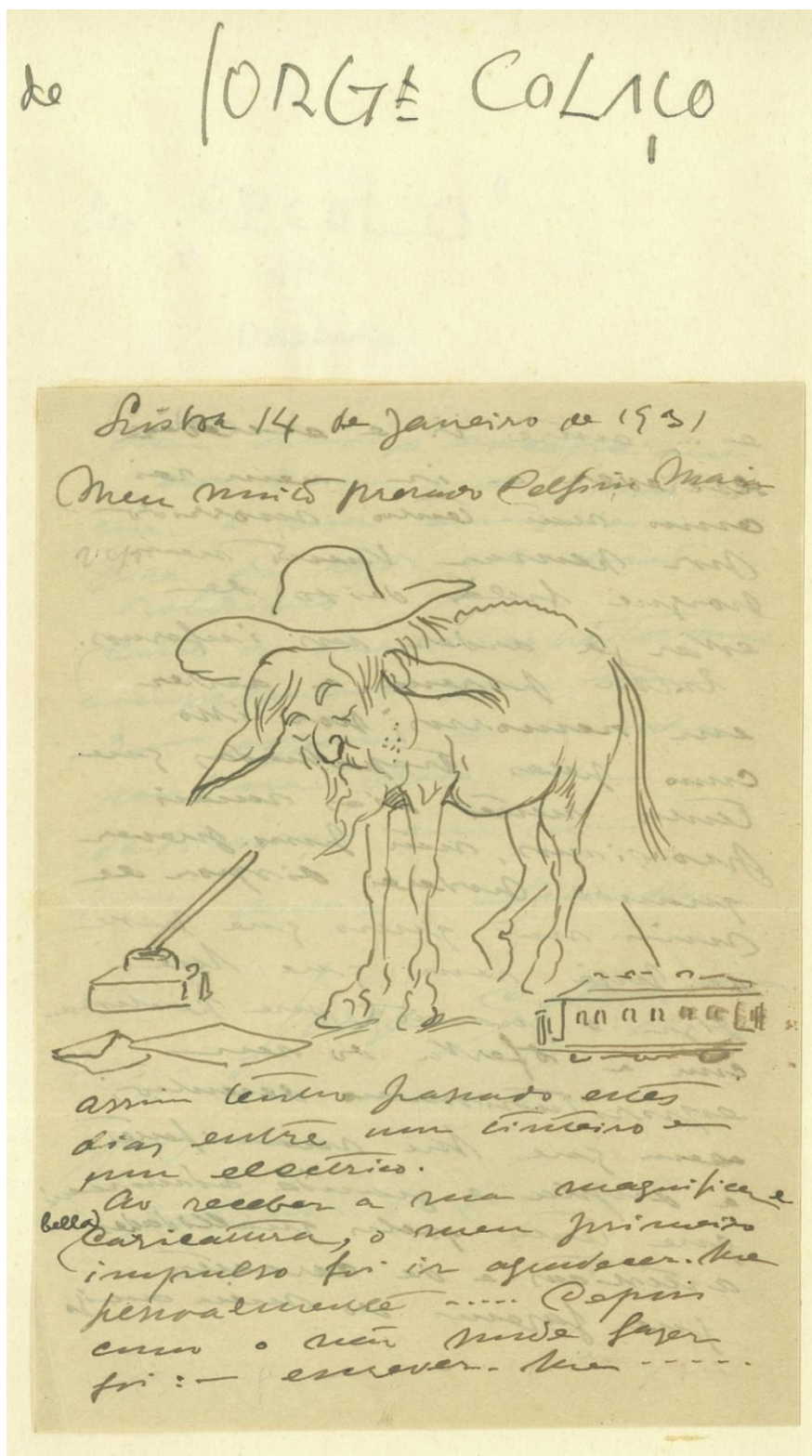
"NO ME DIGAS QUE NO DEBA,
DE JME QUE BEBA VINO,
PORQUE PUEDE SER QUE ALGUN DIA
QUIERA BEBER Y NO PUEDA
POR FALTARME LA ALEGRIA!"

POBRE AMIGO!

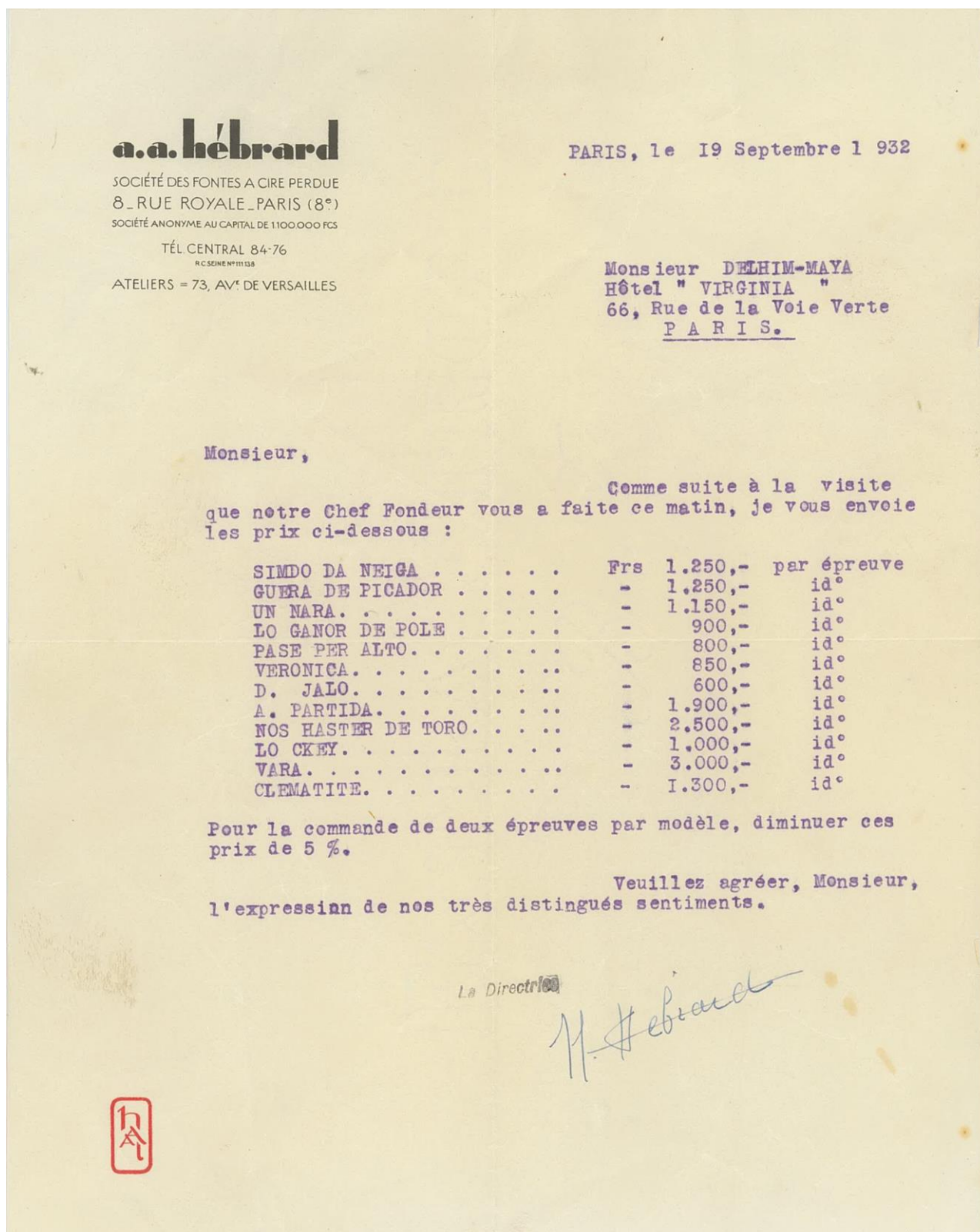
É CARLOS CARNEIRO PARA SI
— GRANDE ABRAÇO
Delfim Maya

2.3.2. CARTAS PARA DELFIM MAYA

- 1931 (janeiro 14). Carta de Jorge Colaço, com caricatura do próprio, agradecendo a caricatura realizada por Delfim Maya.



- 1932 (setembro 19). Carta da Fundação Hébrard com orçamento para passagem a bronze de diversos gessos.



- 1932 (novembro 9). Carta da Rainha D. Amélia, confirmando a doação de cinco mil francos para que Delfim Maya pudesse passar a bronze as obras em gesso que, depois da fundição, expôs na Casa de Portugal, em Paris.

90-IX-32
 CHATEAU DE BELLEVUE
 Rue du Plateau S'Antoine
 LE CHESNAY-VERSAILLES
 (S. M. O.)

T. VERSAILLES
 11-32

Ao Delfim Maya,

Estimo tanto poder contribuir
 para a fundição dos lindos bronzes,
 cujos modelos sahiram das suas
 duas mãos d'official tão heroicamente
 dedicadas!

Hoje é unicamente o peço para
 não fallar d'isto a ninguem;
 o contrario podia trazer-me
 difficuldades, e a tristiza de

impossibilidade de seguir o impulso
 do meu coração.

Podem ver que sinto gosto de
 os ver-hontem a' si e a' sua Mulher.

E com,

Sua afficada

Amelia

P. V. Junto com cheque sobre o
 Comptoir National d'Escompte de Paris
 de Cinco Mil Francos

- 1938 (maio 23). Carta de Anjos Teixeira (filho) agradecendo a Delfim Maya o empréstimo de dinheiro.

Amigo e Senhor Delfim Maya

Os meus cumprimentos.
 Não pude por só hoje lhe enviar
 o dinheiro que fez favor de me ceder.
 Só ha pouco recebi e afresse-me
 a enviar-lhe pois sei que elle tem
 feito transtorno. Muito e muito agradeço
 deito-lhe fico e creio mesmo ^{meu} Amigo
 go que terei muito prazer em o servir
 se alguma vez o meu caso puzer
 lhe prestar.

Desculpe não ir pessoalmente, mas como

não podia lá ir hoje não o quiz fazer
 esperar mais.

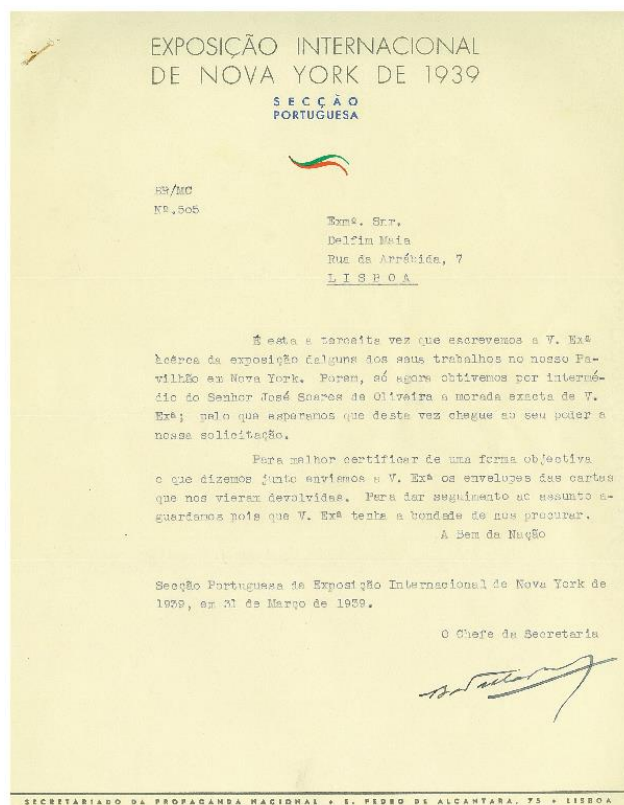
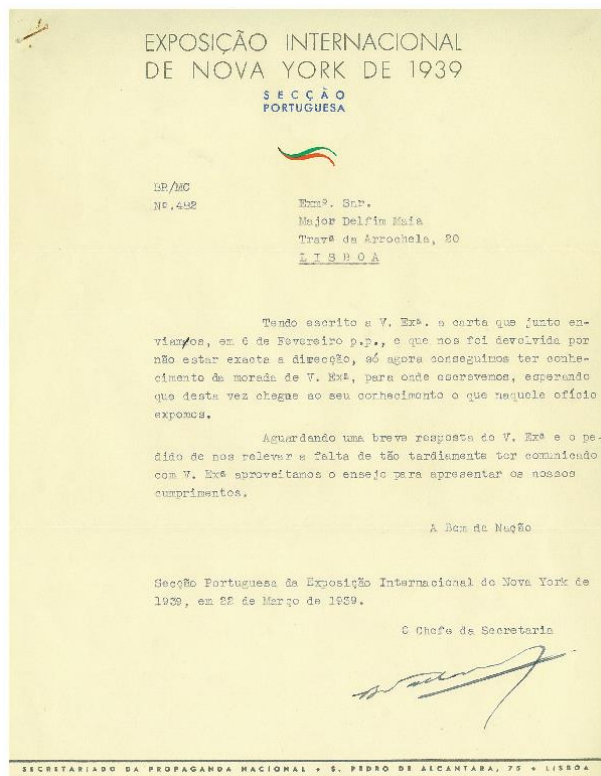
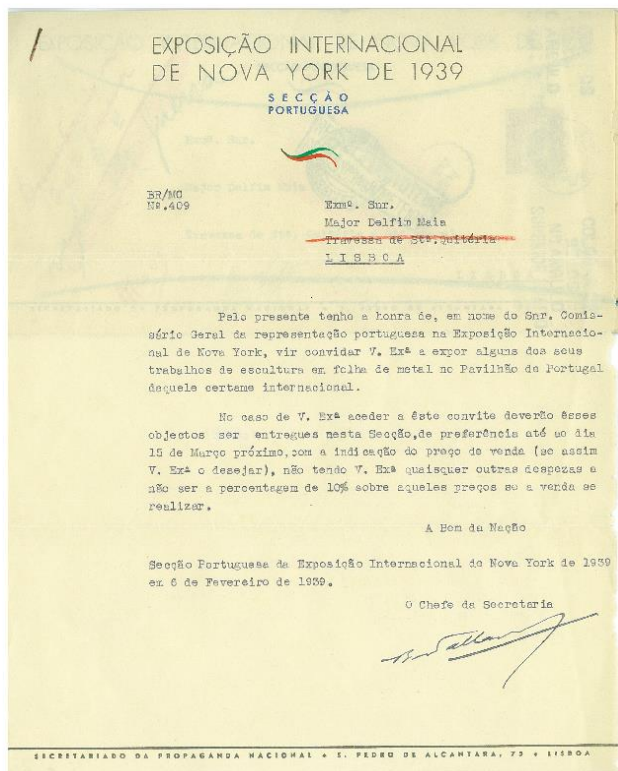
Pendeu-te-lo feito esperar tanto,
 contra minha vontade.

Creio-me Amigo, Admirador
 e Grato

S/. 23-V-1938

Anjos Teixeira (filho)

- 1939 (fevereiro 6 e março 23 e 31). Três cartas com o convite de António Ferro para que Delfim Maya participasse na Exposição Internacional de Nova Iorque, que se iniciou em finais de abril desse mesmo ano. As duas primeiras cartas têm a morada errada, o que constituiu um boicote da secretaria do SPN.



- 1945 (maio 15). Convite para um cocktail no British Council e recusa de Delfim Maya.

The Representative in Portugal of the British Council
 requests the pleasure of the company of *Er.^{mo} Senador*
Gaspar Delfim Maya
 at the British Institute, Rua de Luís Fernandes, 3, Lisbon,
 on Tuesday, 15th May, 1945, to meet Sir Eric R. Maclagan,
 C. B. E. Chairman of the Fine Arts Committee of the
 British Council.

Cocktails
 6-8

R. S. V. P.

LISBOA
 RUA DE S.^{MA} ISABEL
 R. D'ARRABIDA 7
 1945
 maio
 15

NÃO É AQUELE QUE SABE TIRAR UMA BELLA
 "HARMONIA D'UMA LYRA OU DE QUALQUER
 "OUTRO INSTRUMENTO, QUE DEVEMOS
 "CONSIDERAR VERDADEIRO MÚSICO,
 "MAS SIM AQUELE QUE SABE FAZÊR
 "DA SUA PRÓPRIA VIDA A MAIS BELLA
 "HARMONIA, ESTABELEENDO O ACCÓRDO
 "ENTRE AS SUAS PALAVRAS E OS SEUS ACTOS."

PLATÃO (427-347)

EX.^{MO} SENHOR

O VOSSO AMABILÍSSIMO CONVITE
 DEIXOU-ME COMPLETAMENTE EMBARACADO,
 PORQUE, TENDO SÓ UMA CARA,
 DÁ-SE A CIRCUNSTÂNCIA, INCOMMODA
 PARA MIM, DE NÃO GOSTAR DE "COCKTAILS"
 NÃO PODENDO PORTANTO ACEITÁ-LO.

DE V.É.CIA, DE TODA A MANEIRA,
 AGRACIADO O

Delfim Maya

- **1946 (junho 9). Transcrição de uma carta escrita por Carlos Carneiro a Delfim Maya**, quando o seu filho Nuno estava doente, referindo a sua oferta a Delfim de um quadro de seu pai, o pintor António Carneiro.

O Delfim Maya telefonou ao Nuno reconhecidíssimo com a lembrança que lhe mandei. Mandei-lhe o meu retrato pintado pelo Pai, quando eu tinha os meus 6 ou 7 anos. Fiz-lhe uma linda moldura, pus-lhe dois vidros e mandei-lho num pequeno caixote absolutamente de surpresa.

O que vale tudo isto diante de uma amizade como a dele?

É um ser espantoso e único. Nunca a Amizade, esse sentimento supremo de ternura compreensão, se realizou tanto como nessa alma extraordinária.

Conhecemo-nos em 1934, há doze anos, apresentados de chofre num passeio do Chiado, e imediatamente se realizou esse mistério de plena compreensão. Encontrámo-nos uns minutos e ficámos amigos para toda a vida.

Naquela aspereza de figura, diferente de todas as outras, há uns olhos que parecem feitos daquele coração em líquido. Fui a sua casa no dia a seguir, viu os meus desenhos, eu vi os seus toiros e cavalos de bronze e cada vez nos sentimos mais presos e mais abertos. Os dias passaram, os anos passaram e eu nunca julguei poder existir em carne um Amigo como eu sonhava. Está sempre a meu lado esteja a que distância estiver e sempre mais perto quando a minha vida piora. E com os anos vai-se-me revelando aquela nobreza singular de carácter, aquela inteligência cheia de lucidez. Viveu sempre a direito e morrerá a direito. Nunca se desviou do seu caminho, ainda que tudo se desfizesse à sua volta, porque o seu caminho é um só e único.

Um dia, há onze anos, quando expunha a sua obra no meu pequeno atelier, tendo adivinhado as minhas dificuldades materiais, levou-me ao grande salão para me dizer: “Sei que você tem a sua vida difícil. Eu pensava realizar maior número de vendas que perfizessem uma determinada soma. Vendi um bronze. Esse dinheiro é para si, porque a mim de nada serve e a si servir-lhe-á”. Conhecíamos-nos há meses e tínhamos estado juntos poucas horas, mas o seu gesto era decisivo, como são todas as atitudes da sua vida. Fiquei comovido e tive de me servir duma grande habilidade para me libertar da imposição da sua oferta, mas do que nunca mais me libertei foi da grandeza rara desse gesto, não uma atitude, mas um movimento espontâneo e sincero do seu nobre coração.

Os anos passaram. Fomo-nos escrevendo, eu mais amiudadamente porque escrevo habitualmente; ele, raramente, porque isso nada significa para si. Encontrámo-nos e fui a sua casa onde estive um mês, quando duma Exposição minha e do casamento da sua primeira filha, isto em 1936. Desde aí a sua casa é a minha casa e a minha casa é a sua casa. Não esqueço os dias “completos” que me tem dado quando está comigo e quando ele parte esta casa é maior e parece que às nossas vozes responde um eco, como nos vales solitários.

Agora, desde que o meu filho adoeceu, as suas palavras têm-me acompanhado dia a dia e o seu sofrimento tem sido quase igual ao meu, Ele que raramente escrevia, escreve-me quase diariamente! As suas palavras vêm cheias de angústia e não descansa na sua preocupação de que o Nuno se trate. Queria que o mandasse para Lisboa, que se tratasse num dos hospitais de lá, que iria para sua casa e que não me preocupasse com o que gastaria, porque ele o conseguiria! Ele que tem também uma vida incerta como a de todos os Artistas, mas que o conseguiria porque é “meu Amigo”, porque é meu verdadeiro irmão! O que é que lhe dei senão uma migalha da minha infinita gratidão?

No *Diário* de Katherine Mansfield leio estas palavras, perfeitas como verdadeira expressão de amizade.

“Há duas categorias de pessoas: os que são “meus” e os outros.”

Este amigo é “meu” pela compreensão perfeita entre as nossas almas”

Carlos Carneiro

- 1952 (agosto, 18). Carta do General Júlio Oliveira felicitando Delfim Maya pelo “brilhante talento artístico” e considerando que, em parte por culpa do artista, o seu valor não era reconhecido no país.

Lisboa 18-VIII-952
 Meu caro Delfim Maya
 Muito e muito obrigado
 pelo teu amavel convite para ver
 os teus ultimos trabalhos de es-
 cultura e as minhas mais sin-
 ceras e efusivas felicitações por
 mais este testemunho do teu
 brilhante talento artistico.
 Embora eu não posua a
 mais ligeira categoria tecnica
 para que a minha apreciação
 possa ter qualquer valor, os
 meus conhecimentos de equi-

tação são suficientes para poder
 afirmar em voz bem alta que
 ninguém, como tu, é capaz de
 reproduzir com tanta verdade, e
 dar vida e movimento as belas
 atitudes de cavalos e cavaleiros,
 touros e toureiros.
 Pena é que, talvez em parte
 por culpa tua, o teu valor artis-
 tico não tenha no país aquela
 popularidade a que tem justo
 direito. Mas tu nunca tiveste
 jeito para estar de cócoras, co-
 mo agora é moda, de forma
 que os triunfos são arrancados
 a ferros. Não tinas os grandes
 prêmios dos academáticos
 mas tens a satisfação de auron
 proprio dos homens activos.
 Renovo os meus apodermamentos.
 Com um bom abraço de paiz.
 Bem do
 Cav.º e admirador
 Júlio de Oliveira

• 1956 (agosto 28). "Gesto brilhante" em Concurso hípico

Lx^a 28-8-1956.

Ex^{mo} L. Capitão Delfino Braga, meu Sr. Amigo

Depois do seu gesto brilhante, que demonstra bem o carácter e a valentia de que V. Ex^a é possuidor e que já bastantes provas tem dado, não quero deixar de lhe escrever, para lhe render a minha homenagem e admiração.

Um cavalo desconfiado que atira de má maneira o cavaleiro 2 ou 3 vezes foi-a.

Uma tribuna cheia de gente e com alguns rapazes de 20 e tantos anos.

É foi V. Ex^a com os seus 70 anos,

70 anos ésses bem cheios de juventude, que ao meu apelo, depois de ter visto a scena e me ter prostrado a prestar o cavalo à guia, foi V. Ex^a que quis vir montar o cavalo.

Infelizmente, hoje é muito raro encontrar pessoas dotadas da valentia, do carácter e do arrojio de V. Ex^a.

É o verdadeiro espírito da Catalúnia, espírito nobre e elevado, que V. Ex^a possui em alto grau, pois foi educado e criado numa época em que a honra, a valentia e o carácter eram ^{cultivados} ~~educados~~ no mais alto grau.

Aqui, pois lhe sendo a minha modesta mas sincera homenagem.

Com toda a consideração sou de V. Ex^a

Dist. at. V. e at. de

V. Ex^a

• !970. Carta de Johanne Morin a Delfin Maya.



Un lundi ensoleillé à Paris!


Très cher Delfin,

J'ai attendu que le soleil soit de la partie pour répondre à votre lettre, qui m'a à la fois chagriné et fait plaisir...! Cette presque totale conviction que nous ne nous reverrons plus, que je n'aurai pas cette merveilleuse occasion de vous connaître chez-vous, où tout ce qui est vous, tout ce qui vous est ou a été cher vous entoure....je ne la partage pas, je sais et sens que nous nous reverrons. Ce rayon de soleil qu'est votre sagesse toute en sensibilités et ce que vous appelé ma "fémininité" doivent se retrouver....Et Puis! Je rougis de mes élans spontanés ce manque d'inhibition qui fait que "l'on rencontre l'ETRE" celui qui porte vraiment le Beau qualificatif d'"HUMAIN"..! Il n'est vraiment pas impossible qu'en juillet nous prenions la route du Portugal, ce pays que l'on voudrait mieux connaître, ce pays tout en nuances et contrastes...avec ces hommes d'une qualité humaine "magistrale"...done, vous voyez que je vous reverrai, et vous m'enseignerez, le temps d'une visite ce que j'ai deviné le temps d'une rencontre. Je vous quitte et vous embrasse affectueusement, mon mari vous "aurevoire" tout en vous présentant son amitié sincère.

Johanne

P.S. Je vous écrirai nos projets de vacances... Portugal...?

1976 (julho, 19). Ofício do Diretor do Museu José Malhoa sobre a intenção de Delfim Maya de doar algumas esculturas a esse Museu.

S.  R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Secretaria de Estado dos Assuntos
Culturais e Investigação Científica
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais
MUSEU DE JOSÉ MALHOA
—
CALDAS DA RAÍNHÁ - PORTUGAL

Of. n.º 1259
Ext.º 13

Exmo. Senhor
Escultor Delfim Maya.

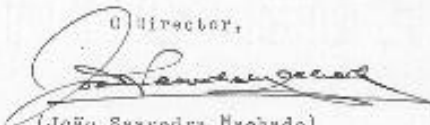
Fazio a honra de oferecer a V. Exa. um bem modesto álbum com as fotografias das esculturas que deseja oferecer a este Museu, belas obras de arte que muito vêm enriquecer esta pinacoteca.

Cumpra-se informar V. Exa. que nesta data segue para o Ministério o pedido deste Museu para que seja concedida, por despacho, a autorização para tal obra de entrada neste estabelecimento público.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exa. os protestos da mais elevada consideração *respeito*.

A honra da República


Caldas da Rainha e Museu de José Malhoa, em 15 de Julho de 1976

O Director,

(João Sáavedra Machado)

SM/MM

- **1978 (julho 12). Protocolo da doação de 11 esculturas de Delfim Maya, assinado pela sua viúva e filhos e pelo Diretor do Museu José Malhoa. Nele ficou exarado que as obras ficarão em exposição no Museu.**

Maria Cristina


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 Secretaria de Estado da Cultura
 Direcção-Geral do Património Cultural
MUSEU DE JOSÉ MALHOA
 CALDAS DA RAINHA, PORTUGAL


Of. n.º _____
Proc. n.º _____

Coleção Delfim Maya
 Obras Doadas pelo próprio Escultor

A Oferta da coleção Delfim Maya ao Museu de José Malhoa deu entrada neste estabelecimento cultural no dia 12 de Julho de 1978, tendo sido autorizada por despacho do Secretário de Estado da Cultura de 2 de Agosto de 1976 e do Ministro das Finanças de 12 do mesmo mês.

Esta coleção é constituída pelas seguintes peças:

1. UM PIROPO
Folha de prata
2. PASSO DE MINUETE
Folha de prata
3. PASSE POR ALTO
Folha de ferro
4. UMA FARPA
Folha de ferro
5. UMA VARA
Folha de ferro
6. D. ANTONIO CAÑERO
Folha de ferro
7. VARINOS NA RIBEIRA
Folha de ferro


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 Secretaria de Estado da Cultura
 Direcção-Geral do Património Cultural
MUSEU DE JOSÉ MALHOA
 CALDAS DA RAINHA, PORTUGAL

Of. n.º _____
Proc. n.º _____

8. LUTA DE GALOS
Folha de ferro
9. KÉRIA
Gesso
10. MUNO DE OLIVEIRA
Gesso
11. O PICADOR
Gesso

Atendendo à última vontade daquele Mestre Escultor, aqui se deixa exarado que em caso algum esta coleção deve ser exposta noutro local que não o próprio Museu de José Malhoa, onde figurará na sala de Eduardo Malta.

Caldas da Rainha e Museu de José Malhoa, em 12 de Julho de 1978

Augusta Gustava Peiluda Costa Maya
(D. Augusta Gustava Peiluda Costa Maya)
- Viúva de Delfim Maya -

Maria Cristina Maya da Costa
(D. Maria Cristina Maya da Costa)
- Filha de Delfim Maya -

Maria Luiza Maya Gomes Andrade
(D. Maria Luiza Maya Gomes Andrade)
- Filha de Delfim Maya -


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 Secretaria de Estado da Cultura
 Direcção-Geral do Património Cultural
MUSEU DE JOSÉ MALHOA
 CALDAS DA RAINHA, PORTUGAL

Of. n.º _____
Proc. n.º _____

Francisco Maya
(Francisco Maya)
- Filho de Delfim Maya -

Witor Mayo
(Witor Mayo)
- Filho de Delfim Maya -

João Gustavo Machado
(João Gustavo Machado)
- Director do Museu de José Malhoa -

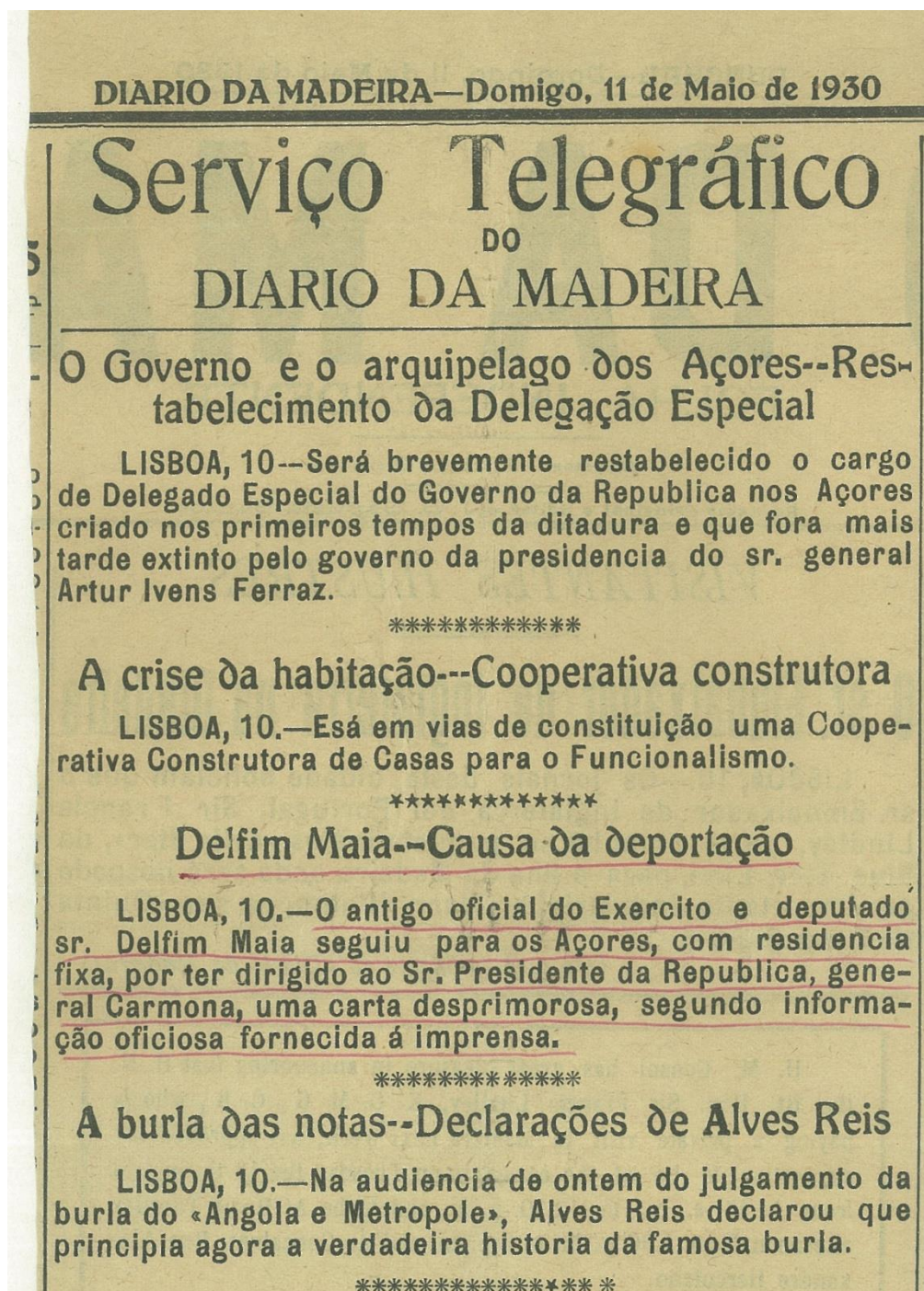
ANEXO 2. 4.

DOCUMENTAÇÃO DIVERSA.

- 1919 (abril 14). Em S. Julião da Barra. A fuga do ex-capitão Delfim Maya.



- 1919 (maio 11). Delfim Maia – causa da deportação.



• 1930 (agosto 16). Violento incêndio. *O Telégrafo*. Horta, Açores.

Relata um violento incêndio e a intervenção de Delfim Maya, de que não vem o nome, por ter pedido o anonimato.



Condições de assinatura
Portugal \$4750 cada mês
Estrangeiro, semeste porto
N.º avulso, 375
Anuncios, contrato especial
End. tel. *Telegrafo-Horta*

O TELEGRAFO

Este numero
foi visado pela
comissão de
censura

folha noticiosa mais antiga e de maior circulação no Distrito
Editor-Manuél Dmygdio Gonçalves-R. Cons.º Medeiros, 30

ANO 37.º HORTA - Sabado, 16 de Agosto de 1930 - AÇORES N.º 9 435

Violento incendio

A nossa ultima noticia escrita debaixo ainda da impressão desgostosa que nos causou a perda de dois edificios dos mais importantes desta cidade, não teve o condão de agradar a todos satisfazendo a alguns que compreendendo a verdade nela contida a souberam compreender pelo desgosto que a dictou e muito principalmente pelo natural direito que nos assiste de criticar como sabemos e como entendemos. Não teve qualquer pretensão de melindre para quem quer que seja e muito antes cia se pode considerar um queixume e nunca o firme proposito de ferir ou desgustar. Renegamos em absoluto isso, e, se fielmente não podemos confessar-nos tal qual o somos, só nos resta o silencio para que não se vá cair na adulação tão pouco propria a usar por quem deseja ser firme e correcto nas suas apreciações. E... embora apreciar seja difficil nós bem julgamos a nossa apreciação sendo benevolos e até generosos.

Que em toda a noticia haja falta de verdade, pouca atenção, rudeza de ataque etc. etc. como nos accusam, nós a isso só temos a dizer que fomos, sinceros, correctos e sempre benevolentes. E tenham paciencia os nossos acerrimos criticos, mas pen-em e verão que no fundo do nosso artigo se encontra, como a logica o indica, como o raciocinio o aceita, a mais pura das verdades.

E... saiba-se criticar com senso, e se errarmos seremos nós os primeiros a dar a mão à palmatoria.

Como é afinal sempre nova a veia frase:
«Errare humanum est».

Merece o nosso artigo alguns esclarecimentos que o pouco tempo que dispomos em escrevê-lo nos não permitiu fazer.

O incêndio de que damos noticia ainda hoje não se sabe a que attribua-se, podendo-se todavia afirmar que seguramente o seu incremento se deve ao facto de ele ter penetrado na garagem do rezado-chão onde alguma abundancia de oleos e gazolins permitiu se alastrarem com desmedida rapidez, e daí o tomarem completamente impossível proceder-se ao salvamento de quaisquer valores ou documentos existentes nas repartições do estado. Sabemos que na tesouraria de finanças existiam valores sellados na importancia de cerca de um milhão de escudos mais valores que na realidade constituem para o Estado um prejuizo de algumas centenas de escudos. Na repartição de finanças todo o arquivio desapareceu doravante pelas chamas mas penos o prejuizo material resultante para o Estado que nos consta ser apenas do cerca de vinte a trinta mil escudos em contribuições em todos os serviços será bem evidente, mas arredamos que a boa vontade de todos os funcionarios e competentes directores, dentro em breve, poderá normalisar os seus serviços o que bastante nos agrada já va-

mos. Onde os prejuizos foram mais avultados foi na «Sociedade Autor da Fábria» calculando-se em cerca de um milhão e quinhentos mil escudos os prejuizos soffridos em parte cobertos nas companhias de seguro «A Mundial» e «Fidelidade». Estamos certos que estas companhias para mantermos os seus reconhecidos e creditos não deixam dentro em breve de proceder ao pagamento do seguro realizado o que é de esperar suoceda para inteira satisfação de todos aquelles que tem os seus haveres confiados à sua garantia a Direcção desta «Sociedade» trabalha ativamente para a reconstrução da mesma mercetado por isso os nossos melhores elogios. Não desejando mesmo privar os seus associados do recreio que ambientam, está resolvida a alugar a casa no importante capitalista senhor Vasco Bonandê na qual provisoriamente se instalará. E de esperar que isto o senhor não regretará a sua oedencia, tendo em attenção o fim a que se destinou, tanto mais que no contrato a fazer se ressalvára os direitos do posse sempre tantos por quem cedo o que é ser.

Dada esta noticia pela qual bem se pode avaliar o interesse da Direcção actual da «Sociedade Autor da Fábria» em se tornar util, nós não devemos nem podemos deixar de lhe apresentar os nossos melhores desejos para que prossiga porque assim se imporia a consideração geral de todos os favelenses.

Na garagem do rés do chão da casa onde se encontravam as repartições publicas, encontravam-se recolhidos quatro automoveis, dois portonenses ao sr. Antão Baptista, um ao sr. Guilhermo da Silveira e outro aos herdeiros de Luis Gonçar da Silva também proprietarios de casa.

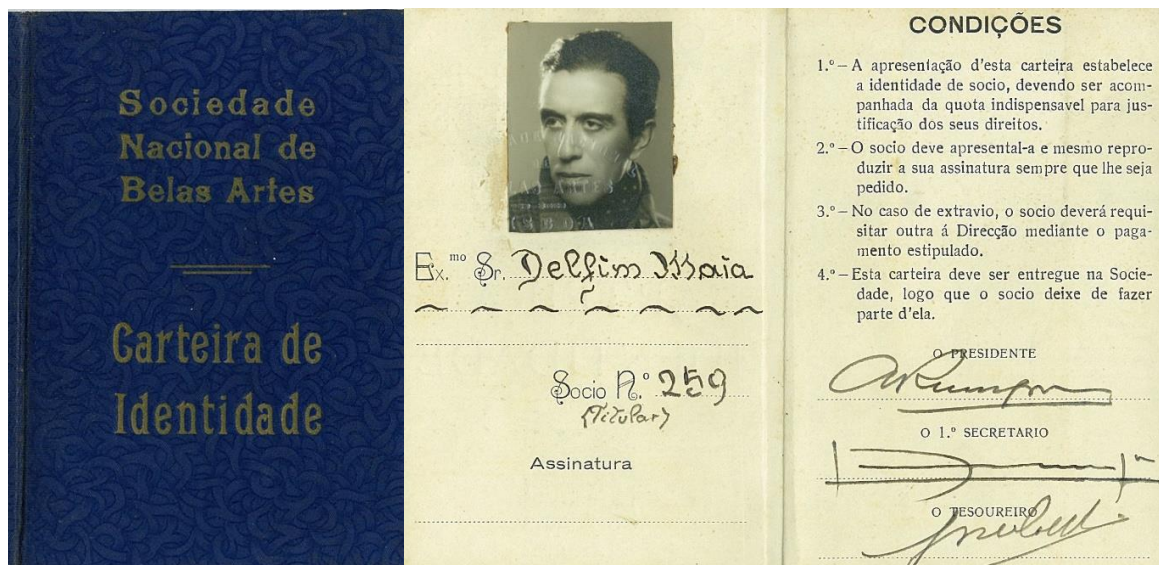
Todos estes automoveis foram totalmente destruidos.

Durante o incendio foi-nos agradável vermos os auxilios prestados pelo povo que incansavelmente procedeu ao resguardo das coisas fronteiriças em perigo permanente, e sobretudo a nota firsante de verdadeira abnegação dada pelos soldados do batalhão de infantaria n.º 47 que, expondo-se nas maiores contingencias de perigo e affrontando com verdadeira heróicidade, procuraram incessantemente tornar-se úteis salvando o que podiam e auxiliando mais tarde os bombeiros na sua árdua tarefa. E bem reconheceu o seu feito o dignissimo comandante do seu batalhão ex.º tenente-coronel Alvaro da Mela louvando-os em ordem, o que constitue sempre motivo de incitamento, do qual certamente prescindem, mas todavia certo motivo de satisfação que se acaba aqui agrado.

Entre os populares foi notavel o trabalho de alguns que nos pede para conservarmos o anucltato, espirito culto do artista que tornando-se dum abnegação que por vezes não tinha instabilidade se expunha constantemente, demonstrando assim o seu maior desprezo pela vida, e a quem não ficaria mal a recompensa superior que o seu feito mereca.

Porém dos Santos também, que apenas conhecemos dessa noite fogueiros brado na memoria porque no seu corpo delgado se alberga um pouco daquello senso que o perigo faz perder, e que é apreciavel para se aproveitar para o futuro, tornando-o o que meir que digo, a oratoria que o enaltecimento do momento. A ele e a Zulmar Bastos, representante duma importante casa comercial do Favelo, antigo bombeiro voluntario daquela cidade, se deve ainda o pouco do muito que se fez. Para eles, que hoje bem nos recordamos da sua benéfica soçor, e nosso mais intenso lavour e que as entidades superiores os não esqueçam no relatório a fazer. E, se um máse de justiça nos encontramos recordemos

- 1932. Cartão de associado da Sociedade Nacional de Belas Artes.



- 1934 (abril 27). Poema *Os Bêbedos* de Branca de Gonta Colaço, que Delfim Maya mandou dactilografar, imprimir e transformou em *happening* poético-artístico, lançando-o de uma avioneta sobre o povo das Caldas da Rainha.

27-ABRIL-1934

Homenagem a Malhã, originada na certeza de se ir encontrar, subindo para Deus, a ideia linda, da Senhora Dona Branca de Gonta Colaço, de espalhar versos. pelo povo.

Os Bêbedos

É no casébre do compadre João,
em Figueiró.

O Ferrador, enorme,
estiraçado sôbre a meza, dorme,
entre os outros borrachos que lá estão.

Vinho novo! Quem ha que se conforme
a não matar a sede?

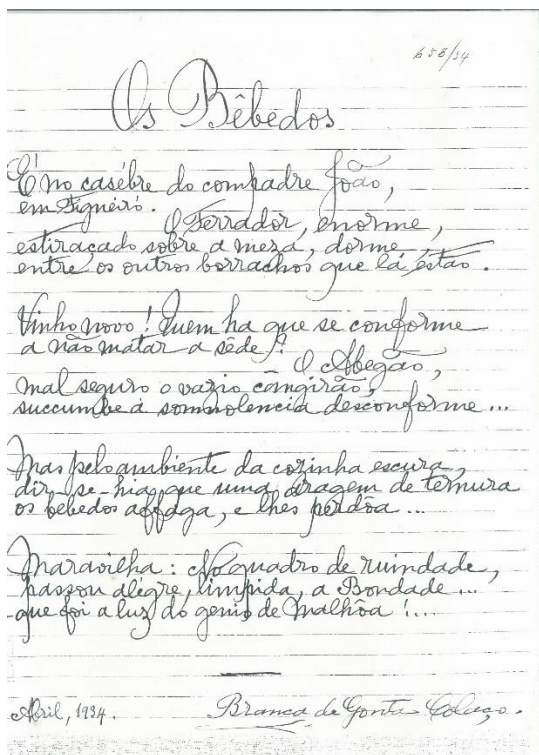
— O Abegão,
Mal seguro o vazio cangirão,
succumbe á somnolência desconforme...

Mas pelo ambiente da cozinha escura,
dir-se-hia que uma aragem de ternura
os bêbedos affaga, e lhes perdôa...

Maravilha: No quadro de ruindade,
passou alegre, limpida, a Bondade...
que foi a luz do genio de Malhã!...

Abril, 1934

Branca de Gonta Colaço



- 1934 – Galgos em prata. Oferta aos Esquadrões 1 e 43 do Royal Flying corps.
- 1934 (novembro 23). Aviação de caça. *Diário de Lisboa*
- 1934 (novembro 23). Aviação. *Diário de Notícias*.
- 1934 (novembro). Grupo de aviação de caça.

"Diário de Lisboa"

23/11/934

Aviação de caça

O sr. tenente-coronel Antonio Maia, comandante da esquadrilha de caça de Tancos, acompanhado pelo director da Aeronautica Militar, sr. brigadeiro Silveira e Castro, e pelos oficiais da sua unidade, esteve no ministerio da Guerra a fazer entrega ao sr. coronel Passos e Sousa de dois emblemas de prata—dois galgos simbolicos feitos por Delfim Maia—pedindo-lhe que os envie aos esquadrões 1 e 43 do *Royal Flying Corps*. Os emblemas—que assentam numa base de marmore—têm a seguinte dedicatória: «Ao Squadron do *Royal Flying Corps*, oferece o Grupo de Aviação de Caça «Fury» de Tancos, como recordação da sua visita a Pangenere.

"Diário de Notícias"

23/11/934

AVIAÇÃO

O sr. tenente-coronel Antonio Maia, comandante da esquadrilha de caça de Tancos, acompanhado pelo director da Aeronautica Militar, sr. brigadeiro Silveira e Castro, e pelos oficiais da sua unidade, esteve no Ministerio da Guerra a fazer entrega ao sr. coronel Passos e Sousa de dois emblemas de prata—dois galgos simbolicos feitos por Delfim Maia—pedindo-lhe que os envie aos esquadrões 1 e 43 do «*Royal Flying Corps*». Os emblemas—que assentam numa base de marmore—têm a seguinte dedicatória: «Ao Squadron do *Royal Flying Corps* oferece o Grupo de Aviação de Caça «Fury» de Tancos, como recordação da sua visita a Pangenere.

Grupo de Aviação de Caça

Nas montras da Joalharia Leitão encontram-se expostos dois galgos em prata, admiravel trabalho de Delfim Maya, os quais representam o distintivo do Grupo Independente de Aviação de Protecção e Combate, de Tancos, e se destinam a ofertas aos «Squadron» n.ºs 1 e 43, do «*Royal Flying Corps*», que nos seus aerodromos receberam cavalheirescamente os nossos aviadores, quando da sua recente estada em Inglaterra.

• 1934 (novembro 24). Henrique Samorano. *Diário de Lisboa*

Participação de Delfim Maya na angariação de dinheiro para a viúva do jornalista Henrique Samorano, doando uma Varina em folha de prata, para ser leiloadada.

Henrique Samorano

Quamos a receber derivativos dos Contil de Henrique Samorano e destinados à mãe e esposa do desditoso rapaz:

Transporte	100\$00
«Joãozinho»	10\$00
«Um anonimo de Belem»	5\$00
Maria Amalia	50\$00
Total	165\$00

Do sr. Delfim Maya recebemos a seguinte carta: «Não sei quem era Henrique Samorano senão por ouvir o meu pequeno falar nele e agora pelo seu lindo conto para meninos. Conseguiu enternecer o meu empedernido coração.

Jamais me comoveram essas coisas. E' verdade! Sempre com as algibeiras abarrotadas de ouro nunca me lembrara que havia gente a lutar com enormissimas dificuldades e que era possivel haver «Henrique Samoranos» a cairem exaustos na luta.

O ouro, o meu ouro, é só para mim, mas vou pedir aos joalheiros Leitão & Irmão o favor especialissimo de me deixarem ter uns dias nas suas acreditadas montras o meu trabalho «A Varina», em prata, e o que der o «A quem der mais» fica á sua disposição para essa cruzada.

E desde já, aos que entrarem neste leilão, á casa Leitão & Irmão, e tambem a si, fica agradecido o Delfim Maya.»

HENRIQUE SAMORANO

Para a mãe e viuva do desditoso Henrique Samorano recebemos algumas amaveis ofertas de «Eterna Desconhecida», que ao mesmo tempo ofereceu cento e cinquenta escudos pela estatuetta em prata «A Varina», de Delfim Maya, a qual já tem outro lance de duzentos escudos.

- 1936 (maio 12). Poema *Ser cavaleiro*, de Lourenço Casal Ribeiro, dedicado a Delfim Maya, que emoldurou o poema e o colocou na parede, como se fosse um quadro.

Ser cavaleiro

Evocando os grandes cavaleiros
Carlos Veloso e Silveira Ramos,
dedico este soneto a Delfim Maya,
cavaleiro de raça e artista singular.

Ser Cavaleiro é ter dentro do peito
um generoso e aberto coração,
incapaz de maldade ou de traição
e que olha a Deus de frente e com respeito.

Jámais um cavaleiro terá feito
obra de intriga ou torpe e vil acção.
O ouro não o tenta e a ambição
maior que tem é vir a ser perfeito

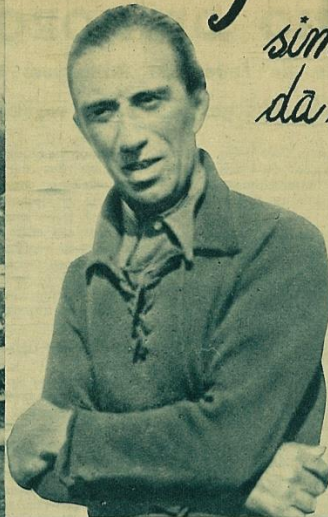
O mulher, o Perigo e a Verdade
são a sua Santíssima Trindade,
a Dama por quem trava dura lida

sinda que ali fique exausto e exangue,
sinda que ali perca todo o sangue,
sinda que lhe custe a própria vida.

Lisbôa, aos 12 de maio
de 1936

Lourenço Casal
Ribeiro

- 1943 (janeiro 27). Delfim Maia, símbolo da ligação da arte com o desporto. *Stadium. Jorge Monteiro*



Delfim Maia

simbolo de ligação da arte com o desporto

A arte e o desporto têm afinidades. São duas manifestações de vida que andam ligadas por natureza e cuja idéia se completa. E pela mesma razão que não é desportista — na acepção pura do termo — quem quer, também não é artista um qualquer! É preciso, realmente, «viverem-se» todas as «nuances» da emoção para «criar» motivos de arte; e é igualmente necessário possuir características especiais, ter «temperamento» para chegar-se a merecer o título de desportista. Arte e desporto são duas palavras comuns, com sentido afim e que na essência se completam. O desporto, mesmo, é arte — é arte pura, quando cultivado como deve ser, com regra e fervor. E nas atitudes dos atletas — seja qual for o género praticado — encontra-se beleza e plasticidade, motivos artísticos que os pagãos ignoram e não sabem distinguir...

Delfim Maia — figura do desporto — é um dos raros eleitos que compreenderam e interpretaram da melhor forma o «sentido» das suas actividades! É desportista. E é ao mesmo tempo Artista — com um poder de «expressão» nas suas criações que só o culto das duas modalidades daria. E na sua duplicidade pode considerar-se privilegiado. Foi distinto oficial do exército — que abandonou, porém, a carreira em 1920. E nessa qualidade era também dos nossos melhores concursistas hípicas — tendo até representado o país, por diferentes vezes, no estrangeiro. Em França e em Espanha. O seu nome anda ligado às representações da cavalaria desportiva portuguesa em Nice e em Madrid. E mais tarde, como civil — Delfim Maia não abandonou o seu desporto predilecto; ainda há dois anos tomou parte no concurso internacional da Marinha, em Cascais...

A casa de Delfim Maia é verdadeira mansão de arte! É ali, no silêncio do seu «atelier», que o artista cria e desenvolve as suas obras. Todas elas com «movimento», com animação que parece vida! E na difícil faceta que escolheu — a escultura, principalmente em bronze e em gesso — é um mestre: um Mestre com maiúscula!

Vistámos, há dias, a sua galeria — por gentil deferência do dono daquele verdadeiro santuário... e no cumprimento da nossa missão de «reporter» ávido de sensações. A impressão colhida foi de encantamento. Que pena Delfim Maia ter um temperamento reservado — «metido consigo»! É um artista que desdenha da crítica e da publicidade, que tem por hábito meter-se no seu «cantinho»! E não frequenta tertúlias... Contudo, que belas obras se escondem ali, no palacete da rua da Arrábida — todas elas merecedoras da consagração pública, de serem vistas e admiradas.

Porque Delfim Maia — a pesar de esconder-se na sua esquisita modéstia e na sua quíetude tímida — é um artista em todo o sentido da expressão! Que adora a arte — e a compreende, e a interpreta, como poucos! É escultor — mas nós vimos-lhe outros trabalhos: de pintura e aguarela, «esbocetos» que são outros tantos motivos de arte! Mas é na escultura que Delfim Maia se nos mostra, sempre, «tal-qual-é»...

As suas figuras (todas elas!) têm expressão e têm movimento; parecem irradiar vida! Têm cambiantes de beleza e de «realidade» invulgares. Têm, sobretudo, uma «animação» que nos dá a quasi certeza de estarmos em presença da própria vida! E são disso testemunho, para melhor afirmação, as gravuras que ilustram a reportagem.

(Continua na página 14)



Delfim Maia

(Conclusão da página 4)

O artista não é um nome ignorado da escultura. Fêz já diversas exposições. A primeira em Lisboa — vai para treze anos, no «stand» de Sebastião Teles, na avenida da Liberdade. Chamava-se Do movimento no barro. E foi um êxito! Depois: em Paris. Com a honra de admissão — honra que é orgulho legítimo de artistas... — no «salon»! E outra ainda em Paris: na Casa de Portugal. Mais: na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa; no Rio de Janeiro e em S. Paulo; em Madrid e em Sevilha. E quâsi sempre isolado! — especialmente no Brasil e em Espanha, na sua estreia, e na Casa de Portugal em Paris...

Os êxitos não o desvaneceram. E este artista — que podia ter sido grande em qualquer parte do mundo... — voltou a Portugal. E ao isolamento do seu «atelier», ao aconchêgo do lar, da casa que é uma verdadeira galeria de arte! Que belo exemplo...

São assim os desportistas — que aprenderam na escola do desporto a temperar os nervos e a não profanar as virtudes que dêle são apanágio! E Delfim Maia é desportista. E artista. «Stadium» saúda-o, festejando-lhe os êxitos e ansiando por maiores triunfos. Por muitos anos — para honra e glória da arte e do desporto.

JORGE MONTEIRO

- 1946 (novembro). Capa do livro *No ano de Manolete e Arruza*, de Saraiva Lima, ilustrada com fotografias de esculturas de Delfim Maya.



- 1955 (fevereiro 8). O casamento da princesa. *Diário de Lisboa e Diário Popular*.

Notícia de que Delfim Maya fez uma escultura em folha de prata para o Conde da Ponte oferecer à Princesa D. Maria Pia de Saboia, como prenda de casamento.



• 1970 (janeiro 24). Escultor Delfim Maya. *Vida Ribatejana*. Afonso Serrão Gomes

Vida Ribatejana 24 de janeiro de 1970
Galeria de Honra
ESCULTOR DELFIM MAYA

Com o objectivo de registar os, na Galeria de Honra, o documento do nosso querido amigo assinante de «Vida Ribatejana», sr. Delfim Maya, escultor de grandes recursos e de invulgar inspiração, deslocámo-nos à sua residência e atelier em Santa Isabel, Lisboa, transformados em museu. Ali nos recebeu, com simpatia e franqueza, qualidades de, aliás, são apanágio do Mestre que parece estar cada vez mais rejuvenescido, apesar de se aproximar do 84.º aniversário.

A nossa conversa, como é natural, versou sobretudo Arte, nomeadamente a sua Obra, dispersa

— Desde muito novo que me senti atraído pela Arte, mas só em 1930, data em que fui deportado para o Funchal, na prisão da Fortaleza de S. Tiago, frente ao mar, de onde apenas divisava o movimento dos barcos, comecei a pintar a aguarela. Escusado será dizer que, como fonte de inspiração, todo aquele movimento e colorido que oferecia o porto do Funchal. Dos vários barcos que pintei, apenas possuo na minha colecção o «Carvalho Araújo», e um paquete inglês, por sinal muito interessante e cujo nome não me ocorre de momento, que fazia a carreira rápida Inglaterra-África do Sul (cidade do Cabo). Quando regresssei ao continente, dediquei-me profundamente à escultura.

— Quais os motivos que criou na escultura?

— Como oficial do Exército da arma de Cavalaria, os temas da minha predilecção teriam de ser, naturalmente, os cavalos e tudo o que se relacionava com os seus belos movimentos. Também os temas militares me apaixonaram sempre.

— Das suas obras, qual a que considera a sua coroa de glória?

— Pessoalmente, aquela de que mais gosto é a que se intitula «A Caminho da Posição. Peça Alvejada». Encontra-se no famoso Museu Militar de Lisboa.

Além desta obra, tenho outras, de assuntos hípicas, em diversas colecções particulares, no País e no estrangeiro, nomeadamente os cavaleiros olímpicos D. Rodrigo Castro Pereira, Marquês de Funchal e a distinta desportista sr.ª D. Ana Maria Ribeiro Ferreira.

Esculpi também motivos tauromáquicos, principalmente para

(Continua na 4.ª página)



ESCULTOR DELFIM MAYA

por museus e colecções particulares, quer no País quer no estrangeiro.

Também Vila Franca de Xira tem a honra de possuir bronzes do exímio escultor, expostos na Biblioteca-Museu Municipal.

Na sua casa-museu tivemos oportunidade de admirar, mais uma vez, as suas criações, que se encontram em seis salas do 1.º andar. E ficámos novamente extasiados, não só com os temas, que são belíssimos, como também com o seu característico movimento e colorido!

Delfim Maya, descendente de homens de armas, foi também um distinto oficial do nosso Exército, não obstante ter visto interrompida, muito cedo, a sua carreira militar, pois sofreu as amarguras do exílio quando da implantação da República.

Pertence ao número dos sócios da Casa do Ribatejo, onde tem participado nos salões de arte de motivos ribatejanos, alcançando posição destacada com os seus bronzes, aos quais a Imprensa tem dado o devido relevo.

— Diga-nos, sr. Delfim Maya, como se iniciou nas artes plásticas?

«VIDA RIBATEJANA»

24/jan-1970

Vida Ribatejana 24 de janeiro de 1970
Galeria de Honra
ESCULTOR DELFIM MAYA

(Continuação da 1.ª página)

D. António Cafero, antigo oficial do Exército espanhol, mais tarde figura proeminente do toureio a cavalo em Espanha. Conheci-o em 1910, nos concursos hípicas de Valência e Barcelona e ficámos amigos durante os dois anos e meio do meu exílio em Madrid.

— Tem o sr. Delfim Maya participado em muitas exposições?

— Durante o tempo em que se realizaram as exposições denominadas «salões oficiais», nas Be-

las-Artes, em Lisboa, concorri sempre com obras de escultura. Expuz, ainda, no Estoril, em Paris, Sevilha, Rio de Janeiro, S. Paulo e nos salões de arte da Casa do Ribatejo.

— Já viu muitas vezes os seus trabalhos premiados?

Sorrindo, disse-nos: — Obtive o 1.º prémio de escultura do salão do Estoril, várias medalhas e taças, e a medalha de ouro da Casa do Ribatejo.

— Dos vários gessos que tem actualmente, qual o que gostaria, em primeiro lugar, de ver passado ao bronze?

— Sinceramente, gostaria de ver um trabalho que realizei há cinco anos, representando a condução, por campos, de um toiro entre cabrestos. Acho que ficaria muito bem, como monumento, numa localidade do Ribatejo, principalmente em Vila Franca de Xira.

Nós, como ribatejanos que somos, gostaríamos também que se realizasse esta justa aspiração do ilustre escultor Delfim Maya. Seria, sem dúvida, no nosso entender, uma significativa homenagem ao homem da lezíria — o campino. Colocado numa praça ou num jardim público, que belo monumento não seria?!

Aliás, este desejo já foi excelentemente ventilado, nas nossas colunas, pela pena autorizada do nosso querido amigo e colaborador, sr. José Van-Zeller Pereira Palha.

Afonso Serrão Gomes

1977. Sobre os Prémios ganhos por Delfim Maya em provas de equitação. In 50 anos da Federação Equestre Portuguesa (1927-1977). (1977). Boletim da Federação Equestre Portuguesa, n.º 16.

-VIII-

DELFIN MARIA DE SOUSA MAYA

A sua actividade em Provas Hípicas abrange o período de 1909 a 1924, sem embargo de, em 1944, ter tomado parte numa prova a Velha-Guarda, na qual se classificou.

A equitação de exterior e a de obstáculos foram aquelas a que mais se dedicou, tendo ainda participado em corridas.

Das diversas classificações obtidas salientam-se um 4.º e um 5.º lugares no Campeonato de Cavalos de Guerra; em Obstáculos, ganhou 3 Grandes Prémios, sendo um o de LISBOA em 1918; 12 vitórias, entre 1921 a 1924 nas Corridas da MARINHA.

No estrangeiro toma parte nos Concursos de VALENCIA, BARCELONA e MADRID.

Entre os seus cavalos distinguiram-se: QUO-VADIS, HOURVARI, VÁTUA e MUFILO.

Classificações conhecidas:

P R O V A S		VIT.	CLASSIF.	TOTAIS
Internacionais	No Estrangeiro	-	14	14
	No País	2	25	27
Nacionais		8	52	60
Soma		10	91	101

- 1978 (agosto 26). Homenagem póstuma a Delfim Maya. *A nossa terra*. Cascais.

"A Nossa Terra" - Cascais, Sábado, 26/Ago/1978

Homenagem póstuma a Delfim Maya

Delfim Maya, falecido há pouco, é um dos grandes nomes do hipismo português.

Num curto espaço de tempo, de 1909 a 1924, obteve três grandes prémios, 20 vitórias e 67 classificações. Para além deste brilhante palmarés, Delfim Maya sobressaiu pelos seus dotes de composição, cortezia e desportivismo que sempre demonstrou.

Abandona praticamente as competições quando afastado do Exército, dedicando-se à escultura, onde se revela artista exímio.

Foi justamente como es-



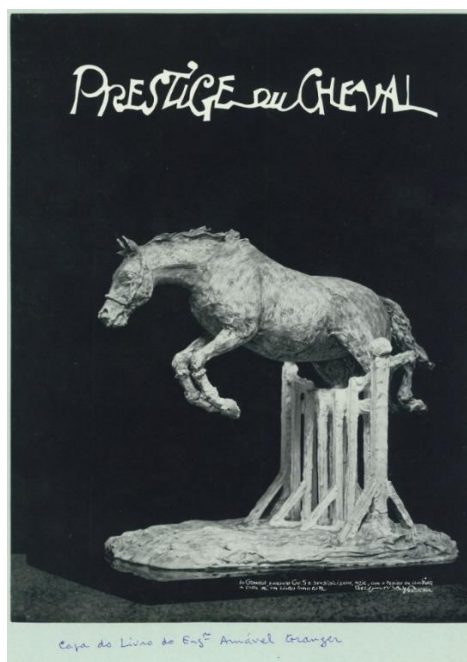
cultor que acabou por exteriorizar com força e verdade os profundos conhecimentos e o extraordinário amor que dedicava ao cavalo e à arte equestre. O seu «campino a passo», «cavalo solto saltando», «o grupo de éguas no campo» etc., são exemplos dessa verdade. O movimento expressado nas suas obras fizeram dele um dos maiores animalistas portugueses.

Delfim Maya morreu, mas os seus cavalos continuam andando, pastando e saltando. A sua obra é, toda ela, um autêntico

monumento à arte equestre e ao cavalo.

Parabéns à Sociedade de Propaganda de Cascais ao dar o nome de Delfim Maya à última taça a disputar, no hipódromo Manuel Possollo. Uma homenagem póstuma àquele que foi um grande cavaleiro e artista.

- S d. Capa do livro *Prestige du cheval*, da autoria do Eng. Amável Granger, ilustrada com a fotografia da escultura *Kátia*, de Delfim Maya.



ANEXO 2.5

QUADRO 1

Exposições coletivas em que Delfim Maya participou. 1932 – 1997

Ano	Exposição	Obras	Notas
1932	29º Salão da Primavera ⁷² . SNBA, Lisboa. Abril	<i>Nas hastes do touro</i>	Bronze
	<i>Salon d'Automne</i> . Grand Palais, Paris. 1/11 a 11/12.	<i>Jockey</i>	Bronze, cera perdida.
1933	36ª Exposition Annuelle au Concours Hipique. Grand Palais, Paris. 21/3 a 13/4.	<i>Une arrivée</i>	Pintura. Não encontrei catálogo
	30º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril	<i>Vara Rija</i>	Sem referência a material. 3.500\$
		<i>Uma Verónica</i>	Sem referência a material. 3.500\$
		<i>Passe por alto</i>	Sem referência a material. 1.500\$
1934	31º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril	<i>Salto d'obstáculo</i>	Sem referência a material
		<i>Partida difícil</i>	Sem referência a material
		<i>Uma vara</i>	Sem referência a material (bronze). Foto no Catálogo.
	<i>Exposição Provisória dos trabalhos oferecidos ao Museu José Malhoa</i> . Caldas da Rainha.		
1935	32º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril	<i>Apontamentos de toirada</i>	Gesso e terra
		<i>Apontamentos de corridas de cavalos. Depois da vitória</i>	Gesso
	<i>Exposição de Motivos de Lisboa</i> . SNBA, Lisboa. Junho	<i>A Varina</i>	Folha de ferro. 5.000\$

⁷² Para simplificar, daremos a todas as exposições da SNBA realizadas na Primavera o nome de *Salão da Primavera*, que algumas efetivamente tiveram e como eram conhecidas. Na Bibliografia, virá o nome que está no Catálogo, que, neste caso é: “29ª Exposição de Pintura, Escultura, Arquitetura, Pastel, Desenho, Gravura e Miniatura”.

1936	<i>33º Salão da Primavera</i> . SNBA, Lisboa. Abril	<i>Amazona (apontamento)</i>	Sem referência a material
1937	<i>I Exposição de Arte Retrospectiva (1980-1933)</i> . SNBA, Lisboa. Janeiro.	<i>Vara rija</i>	Trabalho exposto em 1933, na 30ª Exposição da SNBA
		<i>Verónica</i>	Trabalho exposto em 1933, na 30ª Exposição da SNBA
	<i>34º Salão da Primavera</i> . SNBA, Lisboa. Abril	<i>Ribatejo</i>	Bronze, cera perdida. 80.000\$
		<i>Nos últimos cem metros</i>	Bronze, cera perdida. 18.000\$
		<i>Varina</i>	Bronze, cera perdida. 5.000\$. Foto no catálogo.
	Exposição em Lourenço Marques ⁷³		
1938	<i>35º Salão da Primavera</i> . SNBA, Lisboa. Abril	<i>Montando “chucros”</i> ⁷⁴	Sem referência a material. 8.000\$
		<i>Montando “chucros”</i>	Sem referência a material. 2.500\$
		<i>Atirando o laço</i>	Sem referência a material. 3.500\$ 3º Prémio de Escultura
	<i>II Salão de Arte Moderna</i> . SNBA, Lisboa. Outubro	<i>Uma queda a descoberto</i>	Folha de prata. 3.500\$
		<i>Lau Deo (Cruxifixo)</i>	Cristo em folha de prata, cruz em pau santo. 500\$
		<i>O Vencedor</i>	Ferro laminado. 2000\$
		<i>Baila Andaluz</i>	Ferro laminado. 1.800\$
		<i>Campino conduzindo um touro</i>	Ferro laminado. 2.000\$
		<i>Uma vara</i>	Ferro laminado. 2000\$
		<i>Gaúcho</i>	Ferro laminado. 1500\$
	<i>Exposição Histórico-militar</i> . Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII, Lisboa. 16 a 30/11	<i>A caminho da posição – peça alvejada.</i>	Gesso

⁷³ Encontrámos referência a esta exposição em Tannock (1978), p. 98.

⁷⁴ “Chucos” são animais bravios

1939	<i>36º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril</i>	<i>Mouzinho</i>	
		<i>Lanceiros em continência</i>	Bronze, cera perdida. 15.000\$
		<i>A venda do cavalo</i>	Bronze, cera perdida. 5.000\$
1940	<i>37º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril</i>	<i>Gaúcho</i>	Bronze, cera perdida. 12.000\$
		<i>Assim se toureia</i>	Gesso, em bronze, cera perdida. 5.000\$
		<i>“Peteneras”⁷⁵</i>	Ferro laminado. 2.000\$
	<i>VI Salão do Estoril. Galeria de Arte do Casino do Estoril. Estoril.</i>	<i>Acabando de laçar Gaúcho atirando o laço</i>	Ferros laminados. 2ª Medalha de Escultura.
1941	<i>38º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Maio</i>	<i>Macontene. Cavalaria para a frente</i>	Esboçeto direto no gesso Fotografia no catálogo
1942	<i>39º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril</i>	<i>Na lezíria</i>	Sem referência a material
		<i>Cavaleiro em praça</i>	Sem referência a material
		<i>Poldro cabriolando</i>	Sem referência a material
	<i>VIII Salão do Estoril. Estoril.</i>	<i>Baile Andaluz- Olé Sevilha</i>	Sem referência a material falta dinheiro
		<i>Varina</i>	Sem referência a material
1943	<i>40º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril</i>	<i>Minuete e bailado espanhol. Apontamentos</i>	Bronze, cera perdida
		<i>Esboçeto</i>	Bronze, cera perdida
		<i>Varina</i>	Gesso

⁷⁵ “Peteneras” é um nome do baile andaluz.

1944	<i>41º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Maio</i>	<i>Assim se toureia</i>	Bronze, cera perdida. 5.500\$
		<i>Varina</i>	Bronze, cera perdida. 3.500\$
	<i>8ª Exposição de Arte Moderna. SPN. Lisboa. Junho</i>	<i>Toureiro a cavalo</i>	Ferro laminado. 1.000\$
	<i>X Salão do Estoril, Galeria de Arte do Casino do Estoril. Estoril.</i>	<i>Toiro de lide</i>	Bronze, cera perdida. 5.000\$
1945	<i>42º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril</i>	<i>Toureiro a cavalo. Um ferro curto</i>	Bronze, cera perdida. 30.000\$
		<i>Conchita Cintron</i>	Bronze, cera perdida. 12.500\$
		<i>Corridas de cavalos. Depois da corrida</i>	Bronze, cera perdida. 8.000\$
1946	<i>10ª Exposição de Arte Moderna. SNI, Lisboa. Janeiro</i>	<i>Conchita toureando (apontamento)</i>	Sem referência a material. 4.000\$
	<i>43ª Exposição de Pintura e Escultura. SNBA, Lisboa. Abril</i>	<i>Ex.mo Senhor D. José Maria Mascarenhas, 11º Conde da Torre</i>	Bronze, cera perdida.
		<i>Ex.mo Senhor Marquês do Funchal, montado em Merle Blanc, na Prova de Barras em Nice</i>	Bronze, cera perdida.
1947	<i>44º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril</i>	<i>O campino</i>	Bronze, cera perdida. 16.000\$
		<i>Égua com cria</i>	Bronze, cera perdida. 8.000\$
		<i>Poldros</i>	Bronze, cera perdida. 6.000\$
	<i>XIII Salão do Estoril. Galeria de Arte do Casino do Estoril. Estoril.</i>	<i>Égua afilhada</i>	Bronze, cera perdida. 8.000\$
		<i>Poldro coçando-se</i>	Bronze, cera perdida. 2.500\$
	<i>I Exposição dos Ourives de Lisboa. Palácio da Independência, Lisboa. 6 a 21/12</i>		
1948	<i>45º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Junho</i>	<i>Macontene</i>	Bronze, cera perdida. 250.000\$
	<i>XIV Salão do Estoril. Galeria de Arte do Casino do Estoril.</i>		Não encontrei catálogo
1949	<i>XV Salão do Estoril. Galeria de Arte do Casino do Estoril.</i>	<i>Esboçeto</i>	
1951	<i>I Bienal de S. Paulo. Museu de Arte Moderna, S. Paulo, Brasil.</i>	<i>Na Lezíria</i>	Bronze

1952	VII Exposição “A Imagem da Flor”, Palácio Galveias. Lisboa. Junho	<i>Rosinhas de Orleães (trazidas as primeiras para o Sanatório do Outão pela Rainha Senhora D. Amélia)</i>	Folha de prata. Alfinete decorativo.
	<i>Exposições de Artes Plásticas integrada nos Jogos Olímpicos de 1952. Helsínquia, Finlândia.</i>	<i>Discóbolo</i>	Folha de Flandres
1953	49º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Maio	<i>Sua Majestade o Rei D. Carlos</i>	Bronze, cera perdida. Fotografia no catálogo. 50.000\$ 2ª Medalha em escultura
		<i>O Decano dos cavaleiros em pista – Eng.º D. Rodrigo de Castro Pereira</i>	Bronze, cera perdida. 40.000\$
1954	50º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril	<i>Éguas no campo</i>	Sem referência a material
		<i>Poldros ao sol</i>	Sem referência a material
1957	53º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril	<i>Henrique Calado, o grande triunfador</i>	Bronze, cera perdida
		<i>Nuno d’Oliveira no “Listão” executando pirueta a galope sobre a direita</i>	Sem referência a material (Gesso)
	<i>1ª Exposição de Escultores e Desenho de Escultores. SNBA. Lisboa. Julho</i>	<i>Nas hastes do toiro</i>	Bronze, cera perdida
		<i>Kátia transpondo cancela curva</i>	Sem referência a material (Gesso)
		<i>Uma vara</i>	Ferro laminado
		<i>Desenho</i>	
		<i>Desenho</i>	
1958	54º Salão da Primavera. SNBA, Lisboa. Abril	<i>Jara de Carvalho - Homenagem</i>	Bronze, cera perdida Fotografia no catálogo
	<i>Salão de Inverno. SNBA, Lisboa.</i>	<i>Um trecho do Porto do Funchal</i>	Aquarela
1960	<i>Exposição d’Arte. Casa do Ribatejo, Lisboa.</i>		
1962	<i>Exposição d’Arte. Casa do Ribatejo, Lisboa.</i>		
1964	<i>Exposição da Chancelaria da Embaixada de Espanha. Lisboa.</i>		

1966	<i>Exposição de Pintura, Escultura e Desenho de Motivos Ribatejanos.</i> Casa do Ribatejo, Lisboa.		Recebeu a Medalha de Ouro de Escultura.
	<i>Exposição da Coleção do SNI.</i> Lisboa.		
1967	Exposição d'Arte, Casa do Ribatejo, Lx.		
1968	<i>V Salão de Arte de Motivos Ribatejanos.</i> Casa do Ribatejo, Lisboa.		
1969	VI Salão de Arte de Motivos Ribatejanos, Casa do Ribatejo, Lx.		
1970	<i>VII Salão da Casa do Ribatejo.</i> Lisboa.		
1971	<i>Exposição de Artes Plásticas de Tema Taurino.</i> Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Lisboa.		
1972	<i>Iº Salão de Artes Plásticas de Motivos Hipo-Taurinos.</i> Santarém		
	Póstumas		
1982	<i>Os Anos 40 na Arte Portuguesa.</i> Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.	<i>O Picador</i>	Folha de ferro recortada. Col. MNAC/MC.
1986	<i>Representação do Animal na Arte Portuguesa Contemporânea,</i> Edifício da Patriarcal, Vila Franca de Xira		
1989	<i>I Salão de Artes Plásticas de Motivos Taurinos.</i> Rádio Renascença, Lisboa.		
1997	<i>250 Obras de Arte Contemporânea. Coleção da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.</i> Museu Municipal Vila Franca de Xira.		
	V Mostra Artes Plásticas. Motivos Taurinos e paisagem ribatejana. Câmara Municipal de Salvaterra de Magos.		

QUADRO 2

Exposições individuais de Delfim Maya. 1931 – 2017

Anos	Exposições	Conteúdo
1931	<i>Do movimento no barro</i> . Stand da Sociedade Portuguesa de Automóveis. Lisboa, 21 a 31/12.	Caricaturas, retratos, aguarelas e barros.
1932	<i>Do movimento</i> . Salão Bobone. Lisboa, 9 maio	Esculturas em bronze, cera perdida
	<i>Sculptures, dessins, aquareles de Delfim Maya</i> . Casa de Portugal, Paris. 28/11 a 13/12	Esculturas em bronze, cera perdida
1934	<i>Esculturas de Delfim Maya</i> . Casa de Santa Isabel, Lisboa. Janeiro	Esculturas em folha de prata. Exposição em que D. Maya apresentou pela primeira vez este tipo de escultura.
	<i>Exposição de Esculturas em lâmina</i> . Joalheria Leitão, Lisboa. Janeiro	Esculturas em folha de prata. Exposição em que D. Maya apresentou pela primeira vez este tipo de escultura.
	<i>Do movimento. Apontamentos de Delfim Maya</i> . Atelier do pintor Carlos Carneiro, Porto. 10 a 17/12.	Esculturas em folha de prata. Exposição em que D. Maya apresentou pela primeira vez este tipo de escultura.
1935	<i>Apuntes de Delfim Maya</i> . Ateneu, Sevilha. 1 a 10/5	Esculturas em folha de ferro.
	<i>Exposição de Esculturas de Delfim Maya</i> . Circulo de Belas Artes. Madrid. 28/5 a 7/6.	Esculturas em folha de ferro.
	<i>Exposição de Esculturas de Delfim Maya</i> . SNBA, Lisboa.	Esculturas em folha de ferro.
1936	<i>Esculturas de Delfim Maya</i> . Casa de Santa Isabel, Lisboa. Julho	
	<i>Delfim Maya. Pintura, escultura e arte aplicada</i> . SNBA, Lisboa. 20 a 30/7	
	<i>Delfim Maya e Francisco Maya</i> . SNBA, Lisboa	
1937	<i>Esculturas de Delfim Maya</i> . Palace Hotel, Rio de Janeiro. 16 a 30/10	Esculturas em folha de ferro.
	<i>Esculturas de Delfim Maya</i> . Esplanada Hotel, S. Paulo. 22 a 28/11	Esculturas em folha de ferro.
1938	Exposição na SNBA, Lisboa. Novembro.	Esculturas em folha de ferro.
1941	<i>Toiros e Cavalos de Delfim Maya</i> . SPN, Lisboa. Julho	

1944	<i>Bronzes e ferros de Delfim Maya</i> . SNIC, Lisboa. Novembro	
1946	<i>Esculturas de Delfim Maya</i> . Casa “Fantasia”, Porto. 11 a 20/3	
1964	<i>Delfim Maya e Francisco Maya</i> . SNBA, Lisboa. 20 a 30/6	
	Póstumas	
1986	<i>Exposição comemorativa do Centenário do escultor Delfim Maya</i> . SNBA, Lisboa.	Esculturas em folha de ferro, em bronze, desenhos e aguarelas.
1987	<i>Exposição comemorativa do Centenário do escultor Delfim Maya</i> . Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Outubro/novembro Itinerante: Museu José Malhoa, Caldas da Rainha. Setembro Celeiro da Patriarcal, Vila Franca de Xira. Juho/julho	Esculturas em folha de ferro, folha de prata e folha de flandres, em bronze, em gesso, em <i>biscuit</i> , azulejos, desenhos, aguarelas, caricaturas e retratos. Algum espólio documental.
2005	<i>Delfim Maya e Neves e Sousa</i> . Galeria Verney/Tagus Park, Oeiras	
2017	<i>Delfim Maya. Escultor do Movimento. Exposição comemorativa dos 130 anos do nascimento de Delfim Maya</i> . Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Março 2017 a março de 2018.	Esculturas em folha de ferro, folha de prata e folha de flandres, planificação de uma escultura em folha, esculturas em bronze, em gesso, desenhos, aguarelas, caricaturas e retratos. Algum espólio documental.
	<i>Delfim Maya. Escultor modernista. Exposição comemorativa dos 130 anos do nascimento de Delfim Maya</i> . Museu José Malhoa, Caldas da Rainha. Abril	Esculturas em folha de ferro, folha de prata e folha de flandres, planificação de uma escultura em folha, esculturas em bronze, em gesso, caricaturas e retratos. Algum espólio documental.
	<i>Delfim Maya. Escultor Ibérico. Exposição comemorativa dos 130 anos do nascimento de Delfim Maya</i> . Museu Militar de Lisboa. maio a outubro.	Esculturas em folha de ferro, folha de prata e folha de flandres, planificação de uma escultura em folha, esculturas em bronze, em gesso, desenhos, aguarelas, óleos, caricaturas e retratos. Algum espólio documental.

QUADRO 3

Artistas portugueses no *Salon d'Automne*

Delfim Maya pertence ao pequeno número de artistas plásticos portugueses – apenas 16, entre os quais 7 escultores – que participou no *Salon d'Automne* entre 1903 (início do *Salon*) e 1935⁷⁶.

Artista	Anos	Obra
Francisco da Silva Gouveia	1905	<i>Escultura</i>
Amadeu de Sousa Cardoso	1912	Pintura
Ernesto do Canto ou Ernesto Canto da Maia ⁷⁷	1920, 1922, 1923, 1924, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1938.	<i>Escultura</i>
Francis Smith ⁷⁸	1920, 1921, 1922, 1923, 1927, 1928, 1929, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1938	Pintura
Francisco Franco de Sousa ⁷⁹	1921, 1922, 1928, 1929	<i>Escultura</i>
Matilde do Canto	1922	Cerâmica
António da Costa	1922	<i>Escultura</i>
Henrique Franco de Sousa	1922, 1924	Pintura
Dórdio Gomes	1922	Pintura
Milly Possoz ⁸⁰	1922, 1928	Gravura
Manuel Gonçalves Bentes	1926	Pintura
Sarah Affonso	1928	Pintura
Ana de Gonta Colaço	1929	<i>Escultura</i>
Álvaro de Brée	1930	<i>Escultura</i>
M. ^a Helena Vieira da Silva Srenes ⁸¹	1930	Pintura
Delfim Maya⁸²	1932	<i>Escultura</i> . Obteve uma Medalha. ⁸³

⁷⁶ O *Salon d'Automne* não existiu entre 1914 e 1918, devido à I Guerra Mundial, nem em 1939 devido à 2ª Guerra Mundial. A partir de 1936 foi difícil e/ou impossível aos artistas residentes em Portugal participar no *Salon d'Automne* devido à Guerra civil de Espanha (1936-1939) e à II Guerra Mundial (1939-1945).

Lucienne Lehmkuhl menciona os artistas portugueses que participaram no *Salon d'Automne* de forma incompleta e com algumas datas incorretas – não menciona Delfim Maya, nem Francisco da Silva Gouveia, nem Francis Smith, nem Matilde do Canto, nem Manuel Gonçalves Bentes, nem Ana de Gonta Colaço. Lehmkuhl, L. (2014). *Artistas Brasileiros e Portugueses em Paris no Entreguerras*. In Valle, A., Dazzi, C. e Portella, I. (2014). *Oitocentos. Tomo III. Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal*. 2ª ed., p. 288. Rio de Janeiro: CEFET/RJ. Disponível em:

http://www.dezenovevinte.net/800/tomo3/index_arquivos/Oitocentos%20Tomo%203%20-%202021.pdf Consultado em 18 de maio de 2020.

⁷⁷ O catálogo apresenta os artistas por ordem alfabética do apelido, com áreas artísticas misturadas. Canto da Maia aparece na letra C como Ernesto do Canto ou na letra M, como Canto da Maia.

⁷⁸ Vivendo há largos anos em Paris, Francis Smith mudou a nacionalidade para francesa em 1930.

⁷⁹ Mais conhecido como Francisco Franco, tal como o seu irmão Henrique Franco.

⁸⁰ Aparece no catálogo do *Salon d'Automne* com nacionalidade belga.

⁸¹ Aparece no catálogo do *Salon d'Automne* com nacionalidade húngara.

⁸² Aparece no catálogo com o nome trocado, como se Delfim fosse o apelido e Maya o nome próprio.

⁸³ Mencionada na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e em Tannock (1978), p. 98.

Não investigámos se outros artistas portugueses teriam ganho algum prémio no *Salon d'Automne*.

QUADRO 4

Escultores dos Salões da Primavera da SNBA. 1901-1958

Dos 136 artistas que apresentaram escultura nos Salões da Primavera entre 1901 e 1954, apenas 63 se apresentaram a mais de três Salões da Primavera da SNBA. Este número desce para 16 escultores, se considerarmos aqueles que participaram em mais de 10 Salões.

Constatamos que entre estes 136 artistas encontramos 24 mulheres. Todavia, apenas quatro mostraram obra(s) sua(s) em mais de três exposições.

Foram 33 os escultores que se apresentaram em mais de três Salões da Primavera e expuseram conjuntamente com Delfim Maya. Destacamos em itálico e negrito o nome destes escultores.

Há artistas de que não referimos as datas de nascimento e morte porque não conseguimos encontrá-las – em grande parte são artistas que apenas participaram num ou em dois Salões.

Escultores	Salões da Primavera
<i>José Simões de Almeida (sobrinho)</i> (1880-1950)	1901, 1903, 1904, 1906, 1909, 1910, 1911, 1913, 1914, 1915, 1918, 1920, 1922, 1925, 1930, <i>1932, 1934, 1938.</i>
António Augusto da Costa Mota (1862-1930)	1901, 1902, 1904, 1906, 1909, 1910, 1911, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1925, 1926, 1927, 1929.
António Augusto da Costa Mota (Sobrinho) (1877-1956)	1901, 1902, 1903, 1906, 1914, 1916, 1917, 1918, 1919, 1921,
Rose Francesca Hendricks	1901
Maria Luísa de Sousa Holstein, Duquesa de Palmela (1841- 1909)	1901
José Moreira Rato Júnior (1860-1937)	1901, 1913, 1917
Francisco dos Santos (1878-1930)	1901, 1902, 1910, 1911, 1913, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1926.

José Isidoro Neto (1875-1960)	1902, 1913, 1914, 1915, 1920, 1922, 1930, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944.
António Alves Pinto	1902
António Fernandes de Sá (1874-1959)	1902, 1904, 1905, 1906, 1909.
Pedro Cartoccio	1903
António Teixeira Lopes (1866-1942)	1903, 1904, 1917
Jorge Pereira	1903, 1904
Joseph Fuller (1861-1927)	1904
José da Maya Romão Júnior (1878-1949)	1904
João da Silva (1880-1960)	1905, 1906, 1909, 1910, 1911, 1913, 1917, 1919, 1920, 1921, 1923, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1932, 1933, 1935, 1936, 1937, 1939, 1942, 1943, 1946, 1948, 1949, 1950, 1951.
Tomás Costa (1861-1932)	1906, 1913.
José Paes da Costa Mota	1906, 1909.
Júlio Vaz Júnior (1877-1963)	1906, 1909, 1910, 1911, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1953.
D. Fernando de Almeida	1909.
Ada Cunha (1886-?)	1910, 1914.
Cristina Vilarinho	1911.
Maximiano Alves (1888-1954)	1913, 1915, 1916, 1917, 1919, 1930.
Rodrigo Faria de Castro	1913, 1917, 1943, 1944, 1946, 1947, 1949, 1950, 1953.

Celeste M. Mendes	1913.
João Baptista Vaz Pacheco Canto e Castro	1914, 1916, 1920, 1937,
Ernesto Canto da Maia (1890-1981)	1914, 1915, 1916, 1919, 1931, 1932, 1938, 1940.
Henrique Moreira (1890-1979)	1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1926, 1927, 1930, 1931, 1935, 1937, 1938, 1939, 1940, 1943, 1944.
Artur Pratt	1914, 1915.
Margarida d'Alcântara	1915.
Artur Anjos Teixeira (1880-1935)	1915, 1919, 1926, 1931, 1933, 1934, 1935.
José Sousa Caldas (1894-1965)	1915, 1916, 1918, 1927, 1930, 1931, 1941, 1943.
Maria Glória Ribeiro da Cruz (1891-?)	1915, 1916, 1917, 1918, 1919.
Diogo de Macedo (1889-1959)	1915, 1916, 1917, 1918, 1929, 1930, 1932, 1933, 1934.
José Pereira	1915, 1917, 1918, 1925, 1926, 1932, 1939.
Severo Portela Filho (1898-1985)	1915, 1916, 1917, 1918, 1919.
Raul Maria Xavier (1894-1964)	1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1922, 1927, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944.
Norberto Correia	1916.
Martinho Gomes da Fonseca (1890 -1972)	1916.
Carlos de Sousa Pinto 02/10/1889 17/10/1890???? (1856-1939)	1916, 1917, 1918.
Leopoldo de Almeida (1898-1975)	1918, 1919, 1929, 1930, 1934, 1938, 1940, 1949.
António da Costa (1899-1970)	1918, 1919, 1920, 1924, 1926, 1928, 1929, 1935.

Julieta Bárbara Ferrão (1899-1974)	1918.
António Azevedo (1889 -1968)	1918
Lima Machado Ferreira (António Joaquim Fernandes Lima) (1877-1974)	1918, 1921.
José Oliveira Ferreira (1883-1942)	1919, 1929, 1930, 1932, 1940.
Alice Azevedo Ribeiro (1887-?)	1919.
Maurício Almeida (1897 – 1923)	1921.
Ruy Cordeiro Bastos	1921.
Rogério Ferreira de Andrade	1921, 1922, 1924.
Ana de Gonta Colaço (1903-1954)	1923, 1927, 1931, 1939, 1940, 1944, 1947.
Francisco Franco de Sousa (1885-1955)	1923, 1929, 1930.
Maria Isabel Gentil Berger (1904- ?)	1924, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1948, 1949, 1953.
Luís Esteves de Carvalho	1925, 1926.
Alexandre da Silva	1925.
César Barreiros	1926, 1927, 1928, 1929, 1930.
João José Gomes (1896-1996)	1926, 1927, 1931, 1932
Susane Laurens	1926.
Armando de Carvalho Mesquita (1907-1982)	1928, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1950, 1951, 1953.
Mª Helena Vieira da Silva (1908-1992)	1929.

Salvador Batata Feyo (1899-1990)	1929, 1932, 1936.
Ruy Roque Gameiro (1906-1935)	1929.
Abel Manta (1888 -1982)	1929.
Alexandre Silva	1929, 1930.
Cecile Brito	1930.
José Maria Sá Lemos (1892-1971)	1930, 1939, 1940.
Marcelino Norte de Almeida (1906-1995)	1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1937, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1947, 1951, 1953.
Júlio Sousa	1930, 1931.
Alberto Morais Vale (1901 – 1955)	1930, 1938, 1939, 1940, 1941.
Dias da Câmara	1931.
José Albino Dias	1931.
José da Fonseca (1884-1956)	1931, 1932, 1934, 1936, 1937, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1943, 1944, 1945, 1946, 1951.
Delfim Maya (1886-1978)	1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1947, 1948, 1953, 1954, 1957, 1958
Alberto Bettencourt (1905-1939)	1933.
Manuel Oliveira	1934, 1936, 1937, 1938.
Joaquim Martins Correia (1910-1999)	1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1953.
Celestino Tocha (1932-2015),	1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940.
João Fragoso (1913-2000)	1935, 1936, 1938, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1947.

Pedro Anjos Teixeira (Filho) (1908-1997)	1935, 1936, 1937, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1946, 1949, 1951, 1953.
Paulo Bensliman	1936.
Francisco Xavier Viveiros Costa	1936.
Irene Silva Pereira	1936.
Jorge Silva Pinto	1936, 1937.
João Gomes Rebelo Júnior	1936, 1937, 1940.
Álvaro de Brée (1903-1962)	1937.
António Duarte (1912-1998)	1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1944, 1945, 1953.
Maria Amália Füller (1906-?)	1937, 1939, 1941.
António Sampaio e Melo (1908-1946)	1937, 1940, 1941, 1942.
António dos Santos (1912-1998)	1937, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1953.
António da Rocha Correia (1918-1996)	1937, 1943, 1945.
Irene Lima Pereira	1937.
Fernando Ponte de Sousa	1938.
Hugo (Sacramento)	1939.
Úrsula Leiro Montês (1897-1975)	1939, 1941, 1942, 1943.
X. Costa	1939
Francisco Henrique Ferreira Botelho	1942.
Maria Celeste Gallis da Ponte	1942, 1944.
Euclides Vaz (1916-1991)	1942, 1943, 1944, 1946, 1948, 1949, 1951.
Vasco Pereira da Conceição (1914-1992)	1943, 1944, 1946, 1950, 1951, 1953.

Joaquim Emídio de Oliveira Correia (1920-2013)	1943, 1944, 1945, 1946.
Macário Mendes Rocha Dinis	1943, 1947.
José Farinha (1912-1979)	1943, 1944, 1946, 1947, 1950, 1951, 1953.
Inácio Vitorino Perdigão	1943, 1944.
Joaquim Valente	1943, 1944.
Armando Luís Andrade	1944.
Numídico Bessone (1913-1985)	1944.
Maria de Lourdes S. Pinto	1944.
José Joaquim Ramos	1944.
Manuel Santana (1907-1985)	1944, 1945, 1947, 1951.
Eugénio Ferreira Silva	1943, 1944.
António Correia	1944.
Armindo Almeida Lopes Ribeiro (1916-2004)	1946, 1948, 1953.
Jorge Vieira (1922-1998)	1946, 1948, 1949, 1950.
José António Dias Coelho (1923-1961)	1946, 1950, 1953
António da Rocha	1946, 1947, 1949, 1950
Branca Alarcão (1892-1985)	1947
Maria Barreira (1914-2010)	1948, 1949, 1950, 1951, 1953.
Fernando Louro de Almeida	1948, 1950, 1951, 1953
Juan Avalos (1911-2006)	1948, 1949

Afonso Alexandre Duarte Angélico (1914-1977)	1949
António Augusto Lagoa Henriques (1923-2009)	1950, 1951, 1953
Domingos Soares Branco (1925-2013)	1950, 1951
Júlio Pomar (1926-2018)	1950, 1951
Margarida Schimmelpfennig	1951, 1953
Maurício Meireles Penha (1913-1996)	1953
Mara Alcina Ferreira Mariau	1953
Hélder Baptista (1932 – 2015)	1953
Amélia Graça	1953
Artur José Belo de Carvalho Rosa	1953
Carlos Veloso Costa	1953.
Gustavo Besto	1953

QUADRO 5.

Temas das esculturas expostas nos Salões da Primavera da SNBA até 1960

Tipo/Anos ⁸⁴	1901	1902	1903	1904	1905	1906	1909	1910	1911	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919	1920
Bustos ⁸⁵	10	3	4	10	5	6	7	7	7	12	10	4	9	10	7	3	5
Figuras ⁸⁶	1	1	9	10	–	4	3	2	5	9	13	15	15	21	32	17	7
Histórico ⁸⁷	–	2	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–
Religioso ⁸⁸	–	–	2	–	–	–	1	1	–	–	–	1	1	1	–	3	1
Animal ⁸⁹	–	1	–	–	–	–	–	–	1	–	1	1	1	5	–	–	–
Desporto ⁹⁰	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–
Natureza ⁹¹	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	2	1	–
Alegoria ⁹²	–	–	–	–	–	1	–	–	1	1	8	1	–	3	–	2	1
Mitologia ⁹³	–	1	–	–	–	1	–	–	–	2	–	–	–	1	–	2	1
Maquete ⁹⁴	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	1	2	1	–	1	3	–
Medalha ⁹⁵	–	–	1	1	–	2	6	1	4	–	–	–	–	–	–	–	–
Não óbvio ⁹⁶	1	3	3	2	–	3	3	3	2	1	–	4	4	6	6	6	1
Total	12	11	20	23	5	18	20	14	20	25	33	29	32	47	48	38	16

⁸⁴ Não existiu Salão da Primavera da SNBA nos anos de 1907, 1908, 1912 e 1952.

⁸⁵ Obras que vêm referidas como busto, retrato ou cabeça.

⁸⁶ Obras que vêm referidas como estatueta, esboço, que referem peixeiros, ceifeiras, ou que referem apenas nomes de pessoas. Não existindo fotografias das esculturas, este estudo é aproximado, pois não podemos ter absoluta certeza do tema da escultura: por exemplo, a obra apresentada por Delfim Maya em 1958, “Kátia”, refere-se a uma égua e não a uma pessoa.

⁸⁷ Obras que têm o nome de personagens históricas ou cenas históricas e ainda esculturas de índole militar.

⁸⁸ Obras que têm como referente Jesus, a Virgem, os santos, ou atitudes religiosas.

⁸⁹ Obras de animais, obras de tauromaquia.

⁹⁰ Obras que referem desportos. As obras que são simultaneamente de temática animalista e desportista (desporto equestre) são consideradas nesta categoria.

⁹¹ Obras que têm como referente a natureza, como por exemplo, “Flores” ou “Vinhas”

⁹² Obras que referem “A República”, “A Justiça”, ou sentimentos como “Saudade”, “Tristeza”, “Meditação”, “Sonhando” ou “Riso”

⁹³ Obras que têm como referente seres mitológicos ou fantásticos, como deuses, sereias ou o “Adamastor”.

⁹⁴ Maquetes de monumentos, ou escultura para monumentos, se não estiver especificado o seu carácter histórico.

⁹⁵ Obras que são referidas como medalhas ou medalhões.

⁹⁶ Obras que não é óbvio enquadrar em nenhum dos *items* anteriores, como “Baixo relevo decorativo” ou “Outros tempos”.

Tipo/Anos	1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939
Bustos	4	3	–	4	2	14	6	7	10	19	8	13	12	16	11	15	16	5	16
Figuras	18	5	2	4	1	10	12	5	15	7	10	4	6	8	17	10	1*+10	14	9
Histórico	1	1	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–	–	1	–	1	–	1	2*
Religioso	1	–	–	–	2	2	–	–	1	2	–	1	–	2	2	–	4	1	1
Animal	–	–	–	–	–	1	1	2	1	3	–	1*97+ 2	3*+2	1*	1*	2	1*+2	1	1*
Desporto	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	1	–	–	2*	1*	1*	1*+1	3*	–
Natureza	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–
Alegoria	–	1	–	–	1	1	1	–	–	–	–	–	1	1	–	2	–	4	4
Mitologia	1	1	2	–	–	–	–	–	3	–	–	–	–	–	–	–	1	1	1
Maquete	1	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	1
Medalha	–	–	–	–	–	1	–	–	–	2	–	–	–	–	–	–	–	1	–
Não óbvio	–	1	1	–	–	–	–	1	2	2	5	1	1	4	–	4	3	–	–
Total	26	13	7	9	6	29	26	15	34	36	24	23	25	36	32	35	40	31	36

Tipo/Anos	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	1951	1953	1954	1955	1956	1957	1958
Bustos	10	13	11	23	24	5	8	5	6	8	8	9	19	15	10		5	5
Figuras	1*+12	7	9	2*+7	1*+10	3	1*+11	7	5	5	11	9	10	12	15		5	8
Histórico	1	1*+1	1	–	1	–	1	–	1*	–	–	–	1*	–	–		–	1
Religioso	3	–	–	2	2	1	1	–	–	–	2	4	5	2	–		–	–
Animal	1*	–	3*+3	2	1*+2	2*+1	2	3*	–	2	3	–	1	2*+2	–		2	3
Desporto	1*	–	–	1	–	1*	1*	–	–	–	–	–	1*	–	–		2*	1*
Natureza	2	–	–	1	–	–	1	–	–	1	–	–	–	–	–		–	–
Alegoria	1	3	–	1	1	–	–	1	–	–	–	–	–	1	–		–	–
Mitologia	1	–	1	1	–	–	1	–	–	–	1	1	–	–	–		–	–
Maquete	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	3	–		1	–
Medalha	1	–	–	–	2	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–		–	–
Não óbvio	6	3	2	1*+1	5	3	1	1	2	10	7	3	5	9	–		1	1
Total	40	28	27	42	49	17	28	17	14	27	33	26	42	46	25		16	19

⁹⁷ Todas as obras de Delfim Maya são assinaladas com *

